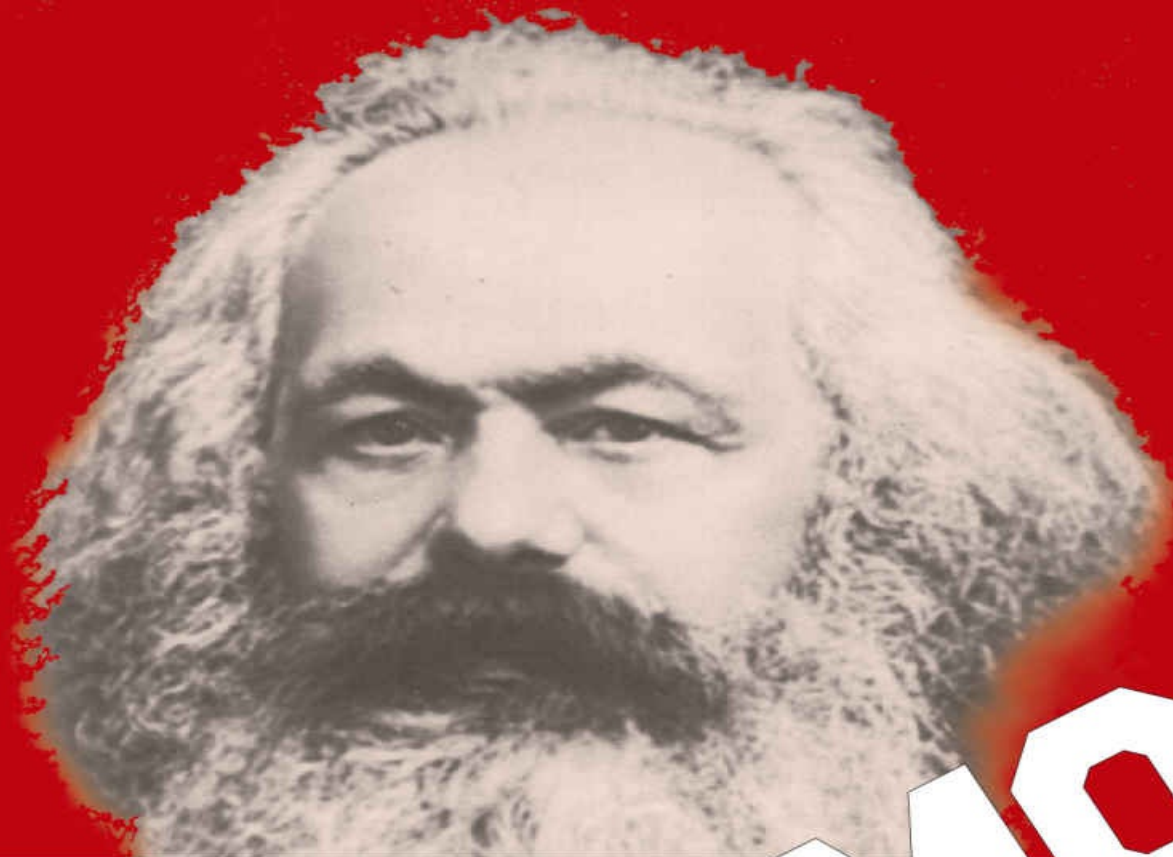




МАРЯЖИЗМО

O ÓPIO DOS INTELECTOIDES
LATINOAMERICANOS

JORGE BESSA



MARXISMO:
O ÓPIO DOS INTELECTOIDES
LATINO-AMERICANOS

A queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética foram eventos importantes que puseram fim a um período de graves experiências sociais e econômicas que marcaram indelévelmente a história do século XX. Hoje, muitos se esquecem, ou preferem não lembrar, do desafio que o comunismo representava, exatamente por ser uma promessa sedutora, uma ideia que atraiu grande parte dos intelectuais do mundo ocidental, que acreditaram na inevitabilidade de que o socialismo, como etapa para o comunismo, instalar-se-ia em todas as sociedades do mundo, como profetizavam Marx e Lênin.

Com o fracasso do sonho comunista, uma das maiores derrotas políticas da humanidade e que ceifou, em sua ambição de dominação, a vida de milhões de pessoas – mais do que todos os mortos de Adolf Hitler –, esperava-se que a esquerda internacional realizasse uma avaliação crítica sobre se ainda valia a pena acreditar no comunismo como um sistema que serviria para melhorar a vida da sociedade planetária. Mas, ao contrário, seus ideólogos recuperaram o fôlego e ei-los novamente, prontos para enganar e iludir, principalmente as classes menos avisadas, prometendo o paraíso na Terra e promovendo o terrorismo intelectual contra seus desafetos.

Segundo Jean Seville, o terrorismo intelectual inicialmente procura transformar a vítima a ser abatida em um arquétipo do mal que pode ser chamado de fascista, capitalista, imperialista, colonialista, xenófobo, racista e moralista. Todo oponente pode ser atacado não só pelo que ele pensa, mas pelas ideias que lhe são atribuídas. Não se trata de convencer, mas de intimidar, de acusar, de desqualificar.

Em mais essa obra, seu autor, Jorge Bessa, um experiente analista

com mais de trinta anos dedicado à atividade de Inteligência, especialmente voltada para a realidade comunista que vigorou nos países do Leste Europeu, analisa a atual realidade política do Brasil, destacando os esforços de um grupo de intelectuais marxistas, que ele chama de intelectóides, em implantar no continente latino-americano, por meio do Foro de São Paulo e de Fidel Castro, esse regime falido e rejeitado em todos os países onde se instalou. Por essa obra, ele certamente será um alvo fácil para os “Terroristas Intelectuais”.

INTRODUÇÃO

A queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética foram eventos importantes que puseram fim a um período de graves experiências sociais e econômicas que marcaram indelevelmente a história do século XX. De um momento para o outro, pareciam ruir as crenças e os sonho de milhões de pessoas no mundo que acreditaram que a chamada *utopia comunista* redimiria a história e realizaria, sem o concurso de nenhuma religião, a implantação do “reino de Deus” sobre a Terra. Nobres sentimentos; utópicos, como dizem os pensadores, mas pouco realísticos, haja vista que a evolução ética e moral do homem não pode ser obtida por revoluções armadas, decretos imperiais ou a simples substituição do Deus judaico-cristão pelo novo deus Karl Marx, que queria criar o novo homem em um novo paraíso.

O fracasso do socialismo real, que prometia, por meio de utópicas revoluções a *manu militari*, destruir o velho mundo corrompido e construir um novo paraíso terrestre, para que nele habitasse o novo homem – o *Homo Soviéticus* –, deixou essa nova criatura, que era produto do brilho intelectual do homem terrestre, como o velho Adão no Paraíso: nu e tendo que enfrentar todas as dificuldades da Terra. A diferença é que, nessa nova Gênese, a culpa pelos pecados não era do novo Adão, mas sim dos seus criadores, os líderes comunistas que conseguiram convencer proletários e camponeses de suas “boas” intenções para depois jogá-los no inferno das prisões arbitrárias, dos campos de trabalhos forçados ou nas covas coletivas depois de assassinados pelo regime no qual acreditaram.

Venho acompanhando, nos últimos anos, a verdadeira guerra política que vem sendo travada em nosso país, onde vejo velhos bolchevistas que se apresentam sob nova roupagem, mas ainda se utilizando da mentira, da

enganação, da desinformação e de todas as armas, éticas, ou não, morais, ou não, para destruir o que eles consideram seu inimigo principal: os valores judaico-cristãos e a democracia do tipo capitalista do Ocidente. Decidi que nessa guerra não posso bancar o covarde, mas sim seguir o conselho de São Francisco de Assis, que dizia: “A esperança tem duas filhas lindas: a indignação e a coragem; a indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem, a mudá-las.”

Essa guerra eu já conheço. Como já expliquei em outras obras, fui um combatente da Guerra Fria, uma guerra ideológica em que os dirigentes de diversos países, conhecedores dos resultados de se provar dos frutos da “Árvore da Ciência do Bem e do Mal”, preferiram evitar essa nova “queda do homem” e se juntaram a combater esse mal, a doutrina marxista-leninista que emanava da então poderosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que se autointitulava “A Pátria Mãe do Comunismo” e que se arvorou em ser a condutora de revoluções comunistas por todo o mundo.

Não se sabe ao certo se o colapso do regime soviético se deu pela eficácia dos Serviços de Inteligência do Ocidente, pela debacle econômica ou pelo processo de autofagia interna que consumia a liderança daquele país. Aliás, justiça seja feita: os comunistas não devoram criancinhas; eles se devoram uns aos outros. O certo é que, ao final de 46 anos de Guerra Fria, os países capitalistas saíram vencedores, e parecia que o comunismo havia sido mortalmente ferido e perdido essa guerra.

Depois de mais de oito décadas em que, verdade se diga, ocorreram avanços em alguns setores, o dito socialismo real perde força e cede o espaço político para seus dois arqui-inimigos principais: a democracia liberal e o capitalismo. A liberdade individual venceu o coletivismo. Seguindo a esteira do esfacelamento do império soviético, a Alemanha inicia um processo de

reunificação, e os demais países socialistas do Leste Europeu que viviam sob o tacão de Moscou abandonam o comunismo e se jogam de braços abertos ao capitalismo internacional. O modelo capitalista, a democracia e o liberalismo econômico venceram.

Muitos hoje se esquecem, ou preferem não lembrar, do desafio que o comunismo representava, exatamente por ser uma promessa sedutora, uma ideia que atraiu grande parte dos intelectuais do mundo ocidental, que acreditaram na inevitabilidade de que o socialismo, como etapa para o comunismo, instalar-se-ia em todas as sociedades do mundo, como profetizavam Marx e Lênin. Hoje muitos desses intelectuais já caíram na realidade e se desvaneceram do sonho, embora somente alguns poucos confessem publicamente seu engano.

Com o fracasso do sonho comunista, uma das maiores derrotas políticas da humanidade e que ceifou, em sua ambição de dominação, a vida de milhões de pessoas – mais do que todos os mortos de Adolf Hitler –, esperava-se que a esquerda internacional realizasse uma avaliação crítica sobre se ainda valia a pena acreditar no comunismo como um sistema que serviria para melhorar a vida da sociedade planetária. Ao invés disso, depois de vaguear pelo ringue das lutas políticas, atarantados pelo rude golpe que receberam com a queda do muro de Berlim e com o fim da União Soviética, seus ideólogos recuperaram o fôlego e justificativas para continuar com suas ilusões, e ei-los novamente, prontos para enganar e iludir, principalmente as classes menos avisadas, porque, como diriam católicos e evangélicos: “O próprio Satanás se disfarça de anjo de luz.” [\[1\]](#)

Dizia o famoso filósofo e militar chinês Sun-Tzu, autor de “A Arte da Guerra”, o mais importante e popular clássico militar da China antiga e que há mais de 2.700 anos influencia o pensamento de militares e estadistas:

“para vencer o inimigo é preciso primeiro conhecê-lo”. Portanto, faz-se necessário que estudemos o que alguns analistas chamam hoje de *neocomunismo*, remontando desde a sua origem na Revolução Francesa, passando pela Revolução Comunista na Rússia e atravessando o período da Guerra Fria, até chegar à época atual com o Foro de São Paulo, organização que pretende realizar na América Latina aquilo que fracassou no Leste Europeu: o comunismo transvestido em socialismo do século XXI, socialismo bolivarianista, socialismo moreno, neocomunismo ou simplesmente socialismo petista.

A exemplo da fênix grega, que ressurgia das próprias cinzas, ou da conhecida “besta” do apocalipse, que teve sua cabeça decepada e logo restaurada, o comunismo – que muito de seus defensores envergonhadamente preferem chamar simplesmente de socialismo, para se confundirem com os setores do socialismo não comunista revolucionário conhecido como Socialismo Fabiano – não morreu, como muitos pensam, e fincou suas garras em vários países, principalmente na América do Sul, onde seus adeptos modificam conceitos e ocultam intenções pouco democráticas para enganar os desavisados, utilizando-se, para isso, das armas que conhecem muito bem: a mentira, a hipocrisia, a subversão cultural, a distorção da realidade, tudo isso ampliado pelo poder hipnótico do marketing político, o ilusionismo que, sabiamente utilizado pelo magos da mentira, transformam mitômanos contumazes em gênios políticos, intoxicando o pensamento da nação e conquistando multidões de fanáticos.

Em minha avaliação, um preocupante, abominável e pretencioso processo de dominação política estava em curso, tendo por alvo nada menos que todo o continente latino-americano. Urdido nos subterrâneos do Foro de São Paulo, do anonimato e da desfaçatez, esse plano maquiavélico de dominação do continente vinha sendo realizado por meio da infiltração de

uma ideologia que foi varrida da história nos vários países onde ela foi implantada, à força, contando com o suporte de intelectuais, artistas, cientistas políticos, especialistas em manipulação da opinião pública e em psicologia de massas, para convencer uma população inocente e desinformada sobre as sutilezas dessa guerra, executadas pelos agentes das sombras que representam o que existe de pior na política.

Abraham Lincoln, o grande presidente dos Estados Unidos, dizia: “Pecar pelo silêncio, quando se deveria protestar, transforma homens em covardes.” Nesse momento de grande gravidade na política de nosso país, em que a esquerda procura dividir a sociedade, assim como fizeram os marxistas na União Soviética, instilando o ódio entre ricos e pobres – ou trabalhadores contra a burguesia, conforme os cânones marxistas –, creio que é minha obrigação protestar e opinar sobre esse assunto, para não ser um dos covardes aos quais se referia o ex-presidente americano.

Por ter sido um analista de Inteligência que estudou por mais de 30 anos a realidade comunista e por ter sentido na pele o que é viver em um Estado comunista totalitário, creio ter condições de alertar as pessoas menos avisadas e que não têm tempo para estudar essas questões que envolvem as origens, táticas e métodos utilizados por grande parte dos militantes da chamada *esquerda internacional* e particularmente a do Brasil, para conquistar e manter o poder. Mostrar que o “anjo de luz” é Satanás disfarçado; que aqueles que são acusados de serem retrógrados podem muito bem ser verdadeiramente os que desejam e trabalham pelo progresso, bem-estar e pela paz social.

A história me parece o movimento de uma grande espiral que sempre retorna ao mesmo ponto, mas sempre em um nível superior, o que também se aplica no processo de evolução da humanidade. Vemos isso acontecer em

várias áreas do conhecimento: na Medicina, as modernas cápsulas de remédios substituem os antigos chás; na Astronomia, os novos telescópios aumentam o céu que Galileu perscrutou com seu simples telescópio; mas, para muitos grupos da esquerda, o pensamento e as ações políticas ainda estão focados em ensinamentos, teorias e práxis políticas do final do século XIX e início do século XX, e que se mostraram um verdadeiro desastre para as sociedades que lhes foram vítimas, como o marxismo-leninismo, o trotskismo e o maoísmo, principalmente.

Embora torça pela paz, os fatos me levam a considerar que o general alemão Erich Ludendorff tinha razão quando afirmava que a paz é tão somente um intervalo entre as guerras. No momento em que ideólogos de partidos políticos ainda defendem a luta armada como instrumento para a conquista do poder, dizendo que estamos em tempo de guerra, lembro-me do conselho de antigos comandantes militares no passado, que diziam: “o preço da liberdade é a eterna vigilância”.

Na história das guerras vamos encontrar sempre a presença de um elemento atávico para muitos homens: a busca pelo poder, seja ele o poder político ou o poder econômico. Se no passado as guerras eram resolvidas por quem possuía o melhor aço nas espadas ou nas lanças, além de uma coragem a toda prova, hoje esses objetos foram substituídos por algo mais sutil: a força dos braços foi substituída pela força do cérebro, e as armas evoluíram do machado de pedra, passando pela espada e lanças, chegando às armas nucleares e à guerra cibernética que se desenrola no ciberespaço.

Mas existe um tipo de guerra silenciosa que pode apresentar excelentes resultados sem que precisemos recorrer às balas, canhões, foguetes ou disparos a laser: a guerra política. Sun-Tzu dizia que “a suprema arte da guerra é subjugar o inimigo sem lutar”. Aqui temos uma diferença importante

entre a guerra tradicional, que é atribuição dos militares e que tem por objetivo destruir totalmente o inimigo, e a guerra política, na qual os adversários, tratados apenas como opositores, não precisam ser eliminados fisicamente, mas podem sofrer algo pior: a destruição moral.

Nossa sociedade ainda é imatura em relação às investidas dos salvadores da pátria, dos “democratas” mascarados, dos mortos-vivos do marxismo, dos sedentos de poder da guerra ideológica. Por ter aprendido o que é a guerra política e quais são as estratégias marxistas de dominação, sinto-me na obrigação de alertar como é que um grupo pequeno, mas bem estruturado, pode destruir os valores morais e espirituais de uma sociedade para implantar os seus.

Muitos intelectuais, ou pseudointelectuais a quem denomino de *intelectides*,^[2] em seus sonhos e devaneios, alguns até movidos por bons e sinceros desejos de melhoria para a sociedade, estão sempre dispostos a seguir líderes espertalhões, egoístas e sedentos de poder, que prometem que finalmente vão executar suas velhas, surradas e já derrotadas utopias, pois a coisa mais fácil é manipular gente sonhadora, mas sem os pés fincados na realidade, e a quem o líder comunista Vladimir Lenin chamava de “Idiotas Úteis”.

Para esses, a utopia, para ser realizada, deve primeiramente transformar a realidade, não interessa a que preço, seja em vidas humanas ou os valores éticos e morais da sociedade; talvez por isso as utopias sempre desaguam em violência e morte. Infelizmente a grande massa da sociedade não sabe como é fácil empregar a hipnose coletiva, que hoje é realizada através da televisão e das redes sociais, e por meio dela conseguir dominá-la. Hitler fez isso com facilidade na Alemanha e levou seu país e seus compatriotas à destruição. Não sabe, também, como é fácil corromper a

consciência e a alma dos políticos: o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e seu ministro José Dirceu fizeram isso com grande maestria.

Como disse, o nosso país atravessa, de uma forma quase imperceptível, uma guerra política, uma guerra de valores, uma guerra de visão de mundo que os brasileiros precisam conhecer, pois, novamente citando o grande Sun-Tzu: “Se você conhece o inimigo e a si mesmo, você não precisa temer o resultado de cem batalhas.” Mas não adianta apenas o general saber, toda a sociedade deve saber. Os militares de 1964 sabiam, mas não souberam esclarecer a população e até hoje sofrem o efeito desse erro, pois os revolucionários que outrora queriam transformar o Brasil em mais um curral do comunismo hoje se autointilulam verdadeiros democratas e os acusam implacavelmente de terem sido torturadores, ditadores e antidemocratas. Para esses bolchevistas de mente fechada, a única ditadura que vale e a única “democracia” que aceitam é a comunista, basta ver o apoio que o PT dá ao ditador da Venezuela Nicolás Maduro, o mesmo que dava a Fidel Castro.

Quando estive à frente do Departamento de Contraineligência do órgão que hoje é a Agência Brasileira de Inteligência, a Abin, propus ao então ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, o General Alberto Cardoso, que abrissemos os arquivos do extinto Serviço Nacional de Informações aos historiadores, para mostrar à sociedade brasileira o que fazíamos, contra quem lutávamos e por que lutávamos. O objetivo principal era apresentar, sem máscaras, como pensavam e o que fizeram esses pretensos “novos democratas”. Infelizmente me aposentei antes de realizar esse projeto, que mais tarde a lei tornaria obrigatório.

Hannah Arendt, filósofa política alemã considerada uma das mais

influentes do século XX, dizia que é preciso julgar sempre, e com rigor, os personagens históricos. Em relação ao tema deste livro, é muito difícil deixar de julgar, embora exatamente por isso serei julgado, mas prefiro correr o risco do erro do que a tranquilidade da omissão pois, como já dizia Martin Luther King, “Para criar inimigos não é necessário declarar guerra, basta dizer o que pensa”.

Muitos intelectuais e intelectóides juravam – e ainda hoje muitos juram – lealdade ao comunismo e se calavam em relação aos *apparatchiks* do Partido, a “nova classe privilegiada” que sucedeu a nobreza russa. Calaram-se também em relação à corrupção e à podridão que se espalhava desde o mais alto nível do poder até os mais baixos; calaram-se – e ainda se calam – em relação aos crimes de Vladimir Lênin, aos grandes e criminosos expurgos de Josef Stalin - um dos piores assassinos da história - que se baseavam em declarações falsas obtidas por meio de tortura, e sobre os julgamentos e execuções de ex-membros poderosos do próprio Partido.

Também se calaram em relação ao assassinato e a condenação à morte, pela fome, de camponeses que tiveram suas colheitas roubadas para alimentar os *apparatchiks*, a nova nobreza que não podia passar fome; calaram-se em relação aos trabalhadores das cidades, que eram presos por discordar do regime, embora se dissesse que a revolução fora feita para eles; calaram-se em relação à perseguição movida contra todas as outras forças políticas do país, especialmente contra os partidos socialdemocratas; calaram-se diante do traiçoeiro pacto realizado entre Hitler-Stalin de 1939, para dividir entre si a Europa; e calaram-se em relação aos *Gulags*, os campos de trabalhos forçados soviéticos.

Disse o escritor Rodrigo Constantino em um artigo em que abordava o centenário da Revolução Russa:

Neste circo repulsivo, assistir a banda comunista passar de punhos cerrados comemorando aquilo que foi o maior genocídio em massa da história humana é simplesmente criminoso, simplesmente repugnante. Quando um povo não conhece a história que permeia suas ideias políticas, quando uma nação se priva dos fatos e acontecimentos vexatórios da humanidade, essa mesma nação está fadada a repetir os erros do passado. A única coisa boa que a revolução russa nos deixou foi a prova cabal de que o comunismo não funciona; e se o caso for a disputa ideológica com o nazismo, podem ficar tranquilos, pois, em questão de terror, mau funcionamento estatal e genocídios, vocês comunistas nada devem aos nazistas.

Qualquer pessoa que tenha estudado minimamente as ações do Movimento Comunista Internacional ou acompanhado o seu desenvolvimento, forçosamente vai concordar com Constantino. Por isso é difícil ficar calado ao ver a desfaçatez com que muitos órfãos daquele regime vêm tentando iludir a sociedade brasileira, com discursos sedutores baseados em conceitos político-ideológicos há muito fracassados. Denunciar essas práticas, o engodo, a mentira, a desonestidade intelectual, enfim, todas as práticas utilizadas pelos marxistas é um dos objetivos deste livro.

É possível que alguém venha a pensar que se trata de mais uma teoria da conspiração criada por um saudosista da Guerra Fria que continua a ver comunista em todo lugar. Não. Trata-se de uma preocupação legítima que devemos conhecer em profundidade; uma ameaça que já está em curso em todo o continente latino-americano e que é revelada, de forma disfarçada,

pelos próprios ideólogos desse novo Comintern, o Foro de São Paulo.

Tudo que escrevi são fatos, está na história, nos jornais, nas revistas, nos livros acadêmicos, nas telas das televisões e dos aparelhos celulares. Não é produto de novas teorias da conspiração, mas sim o produto de anos de estudos, pesquisas e vivência em países comunistas como URSS, Nicarágua, RDA, China, entre outros. É também resultado de conversas com pessoas que fugiram de países sob regime comunista e que dividiram comigo suas angústias, tristezas, decepções e às vezes muito ódio, por não poderem gritar abertamente toda a sua revolta. Afinal, a censura, os campos de trabalhos forçados, os paredões de fuzilamento, as prisões arbitrárias existem para evitar esses sentimentos libertários.

Edmund Burke dizia que: “A única coisa necessária para o triunfo do mal é que homens bons não façam nada.” Decidi fazer alguma coisa, e as observações que faço são no sentido de que a realidade não seja modificada pelas eternas desculpas das esquerdas, que jamais admitem os erros e falácias de sua ideologia, mas, ao contrário, garantem que agora tudo vai funcionar como deve, e finalmente o homem será catapultado ao “paraíso”, seja ele Cuba ou Venezuela, monstros pré-históricos do Jurassic Park comunista e que pretendem ser modelos para toda a América Latina.

Em sua Carta ao rei de Portugal relatando a descoberta do Brasil, Pero Vaz de Caminha assim se expressou: “Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.” Da mesma forma, nesta obra, coloquei apenas aquilo que vivenciei ou estudei. Minha esperança é que esta obra possa servir para que as pessoas de bem despertem para essa realidade. Se assim acontecer sentir-me-ei recompensado.

PARTE I

Esquerda – A herança do autoritarismo bolchevique

Capítulo 1

Existe uma frase atribuída a um certo Mr.Hendrickson e que tem muito a ver com o que vamos tratar neste livro. A frase diz o seguinte: Dizem que a ignorância é uma bênção e que a verdade é libertadora. Mas não podemos exigir das pessoas mais do que elas podem ou estão dispostas a saber. A verdade nem sempre é agradável aos olhos mais sensíveis.

Como vamos tratar de uma guerra que em sua gênese era apenas ideológica, devemos conhecer o terreno sobre o qual essa guerra vem se desenvolvendo e que envolve os conceitos de **comunismo** e **socialismo**, em contraposição ao **capitalismo**. Assim, torna-se necessário abordar, de forma bastante simplificada, alguns conceitos da teoria marxista e um pouco da história das tentativas de implantação do socialismo em todo o mundo, situando nossa análise a partir da Revolução Francesa, inegavelmente um dos maiores eventos da história, pelas transformações positivas que causou, não deixando de anotar, no entanto, o preço em sangue e cabeças que isso custou; passamos depois pela Revolução Bolchevista de 1917, na Rússia, que inaugurou o Estado comunista, até chegarmos ao Foro de São Paulo, a tentativa de reviver o marxismo em terras latino-americanas.

O líder comunista Vladimir Lênin, meditando sobre os feitos que os revolucionários bolchevistas haviam conquistado, fez a seguinte declaração,

na qual deixa claro considerar sua revolução como o coroamento de processos revolucionários anteriores. Disse ele:

O proletariado da Rússia atingiu uma altitude gigantesca em sua revolução, não só em comparação com 1789 [tomada da Bastilha] e 1793 [execução de Luís XVI, proclamação da República e Período de Terror], mas também com 1871 [Comuna de Paris]. Precisamos avaliar o que fizemos e deixamos de fazer, da maneira mais desapaixorada, clara e concreta possível. Se o fizermos, conseguiremos conservar a lucidez. Não sofreremos de náusea, ilusões ou desânimo. De fato, foi uma longa caminhada.

Mas por que Lenin assim pensava em relação àquela revolução? Vejamos em rápidas pinceladas.

A Revolução Francesa

A Revolução Francesa, que se estendeu por um período que vai de 1789 a 1799, sofreu uma grande influência das ideias iluministas e provocou um momento de grande agitação política e social na França, causado, principalmente, pela imensa insatisfação popular que levou o povo às ruas e à “Queda da Bastilha”, a prisão que se tornou símbolo da Revolução. Esse processo revolucionário derrubou a monarquia do rei Luís XVI e acabou com os privilégios da nobreza. O lema dos revolucionários – “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” – seria adotado por outros movimentos revolucionários no século seguinte.

O Iluminismo ensinava que não se devia confiar na autoridade e em tudo que se ouvisse; as pessoas deveriam desenvolver o pensamento crítico e passar a experimentar as coisas de forma individualizada, ao contrário do que era ensinado até então, em que as decisões e a forma de pensar eram ditadas

pelos governantes e pela Igreja Católica.

A Revolução Francesa seguia seu curso até que, como sempre acontece, não demoraram a acontecer conflitos entre as duas correntes revolucionárias: os Girondinos, representantes da alta burguesia francesa e que defendiam a instalação de uma monarquia constitucional após a queda do absolutismo; e os Jacobinos, que representavam a baixa burguesia e defendiam uma maior participação popular no governo. Os jacobinos eram radicais e queriam também profundas mudanças na sociedade que beneficiassem os mais pobres.

Em razão da localização dos assentos que esses dois grupos ocupavam no salão da Assembleia Nacional, surgiram os termos “direita” e “esquerda”, tão usados nos dias de hoje, pois os liberais Girondinos sentavam à direita do salão, enquanto os radicais Jacobinos sentavam-se à esquerda. Os liberais Girondinos defendiam uma revolução liberal, a abolição dos privilégios da nobreza e estabeleceram o direito de igualdade perante a lei; os extremistas esquerdistas também defendiam o fim dos privilégios para nobreza e clero, mas eram favoráveis a um regime centralizador. Embora inicialmente não fossem radicais, os Girondinos reagiram com violência ao radicalismo crescente dos Jacobinos.

Maximilien de Robespierre, o líder dos Jacobinos, que havia se transformado em ditador e tirano sanguinário, liderou um período de perseguições políticas e assassinatos de desafetos políticos conhecido como Período do Terror, inclusive autorizando a morte de seu antigo companheiro de ideias e grande líder da Revolução, Georges Danton, que foi guilhotinado.

Calcula-se em milhares o número de pessoas que foram executadas na guilhotina nesse período, mas, com o fim do período do terror, o poder retornou às mãos dos Girondinos, que, em 1795, instalam um governo

burguês garantido na nova Constituição, que ampliava os seus direitos políticos e econômicos. Esse foi um período de grande instabilidade interna e externa na França, e abriu caminho para a ascensão do general francês Napoleão Bonaparte, que foi nomeado para controlar a convulsão social que o país atravessava, mas acabou assumindo o cargo de Primeiro-cônsul e depois imperador da França. Napoleão nomeou seus parentes para reinarem em outras cortes e acabou instalando, ao longo do processo, uma outra ditadura, ou seja, depois de milhares de mortos tudo voltou a ser como antes na França imperial. Esse processo vai também se repetir na Revolução Russa.

Apesar de sua importância para a história, por ter decretado o fim do sistema absolutista e dos privilégios da nobreza, e de ter estabelecido as bases para uma sociedade burguesa e capitalista, a Revolução Francesa é um exemplo de como boas ideias e boas intenções podem descambar para o caos, para a perseguição e assassinato de desafetos políticos e para a implantação de regimes ditatoriais que contrariavam tudo aquilo que os dirigentes desses movimentos prometiam. As disputas pela hegemonia entre as diferentes correntes dentro do movimento revolucionário francês iriam se fazer presentes nas revoluções de outros países: na França, entre Girondinos e Jacobinos; na Rússia, entre Mencheviques e Bolcheviques, e assim por diante.

No ensaio *“Reflections On the Revolution In France”*, publicado em 1790, o filósofo irlandês Edmund Burke, considerado um dos pais do conservadorismo político moderno, fez acerbadas críticas à Revolução Francesa, considerando que ela foi muito mais que uma revolução política, mas sim um rompimento brusco e violento com os antigos valores do país, e que sua feição radical acabaria por causar violência maior, o que acabou acontecendo durante o “regime de terror” de Robespierre. Para Burke, os revolucionários franceses deformaram o que ele chamou de imaginação

moral, que fundava a consciência prática que capacita o ser humano ao juízo e à intuição do que é razoável. Antevendo o que iria acontecer anos depois, disse:

É impossível estimar a perda que resulta da supressão dos antigos costumes e regras de vida. A partir desse momento não há bússola que nos guie, nem temos meios de saber a qual porto nos dirigimos. A Europa, considerada em seu conjunto, estava sem dúvida em uma situação florescente quando a Revolução Francesa foi consumada. Quanto daquela prosperidade não se deveu ao espírito de nossos costumes e opiniões antigas não é fácil dizer.

A Revolução Francesa serviu de inspiração para outros movimentos revolucionários, levando à criação da primeira organização comunista internacional do proletariado, fundada em 1847, em Londres, por Karl Marx e Friedrich Engels, que criaram um modelo de socialismo dito científico – para se diferenciar do socialismo utópico – que ficou conhecida como marxismo, uma proposta revolucionária de implantação de uma sociedade socialista por meio da “ditadura do proletariado”, cuja fase última seria o comunismo. O lema da Liga dos Comunistas era: “Proletários de todos os países, uni-vos!”. Tinham um programa bem definido, expresso no “Manifesto do Partido Comunista”.

A Revolução Francesa teve o mérito de retirar os últimos entraves ao desenvolvimento do capitalismo e do liberalismo, o que beneficiou a classe burguesa, que já controlava o capital e os meios de produção, por isso ela se tornou um dos inimigos principais dos socialistas. Ela mostrou também que a história tem o seu próprio tempo e que toda tentativa de mudanças radicais como as desejadas por Danton e Robespierre desaguam em violência,

opressão, dor e sofrimento, como a história nos comprova. Por outro lado, alguns historiadores localizam nos ideais de “liberdade, igualdade e fraternidade” da Revolução Francesa a origem do liberalismo e do socialismo no século XIX.

O socialismo

O socialismo seria um tipo de organização social e econômica no qual os meios de produção não são de propriedade privada, mas pertencem a toda comunidade, para que todos possam compartilhar, mais justamente, a riqueza produzida. Além do controle social sobre os meios de produção, o socialismo abrange uma preocupação geral com a questão da igualdade de direitos entre as pessoas e em relação a várias algumas questões básicas – saúde, educação etc. –, tentando limitar as desigualdades resultantes da riqueza e do poder produzidas pelas forças do mercado.

As origens desse movimento podem ser encontradas nas ideias iluministas de Jean-Jacques Rousseau, importante escritor e filósofo francês que, em meados do século XVIII, em suas obras *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* e *Do Contrato Social*, publicado em 1762, sustentava que “o homem nasce bom e a sociedade o corrompe”. A partir dessa preocupação social, Rousseau procurava caminhos para a construção de uma sociedade ideal em que a desigualdade entre os homens deixasse de existir.

Em sua fase inicial, o socialismo era apenas um sonho utópico voltado para pequenas comunidades que enfatizava uma abordagem social, ao contrário do individualismo, especialmente em relação à organização econômica, em que se pensava mudar a sociedade por meio do estabelecimento de comunidades experimentais em que a propriedade fosse comum a todos, e a atividade social e econômica seria organizada sob a

forma de cooperativas. Neste sentido Platão pode ser considerado um dos primeiros socialistas da história.

A questão da desigualdade social é muito antiga, e vamos encontrar na Bíblia um registro relativo ao profeta Isaías, a quem poderíamos considerar como um dos primeiros socialistas, que teria vivido entre 765 e 681 a.C., onde ele denunciava os que viviam da exploração do próximo e acumulando riquezas. Dizia o profeta: “Ai dos que ajuntam casas e mais casas, dos que acrescentam um campo a outro, até que não haja mais onde alguém possa erguer sua casa, e eles se tornem os senhores absolutos da terra!”. Contra esses, abater-se-ia a ira divina, na concepção de Isaías.

O socialismo foi transformando-se em uma doutrina política a partir dos anos 1850, principalmente em razão dos trabalhos teóricos dos pensadores alemães Karl Marx e Friedrich Engels. De acordo com as ideias desses dois pensadores a história é uma sucessão de lutas entre as classes trabalhadoras, que, por sua natureza, são desprovidas de recursos, e as classes exploradoras, que não trabalham ou trabalham pouco, mas que são as proprietárias dos meios de produção. O socialismo seria o resultado da luta revolucionária entre as classes trabalhadoras e os donos dos meios de produção, chamados capitalistas, e que Vladimir Lênin, o criador do Estado soviético, chamou de comunismo, como forma de distingui-la do socialismo utópico, que não cogitava realizar uma revolução armada contra os capitalistas.

Com as revoluções ocorridas no ano de 1848, o socialismo tornou-se uma importante doutrina política na Europa. Karl Marx expressava a sua crença de que o socialismo só poderia ser alcançado por meio da luta de classes, o que mais tarde foi confirmado por Leon Trotsky, que anos mais tarde, afirmou, em sua obra *Los problemas de la guerra civil*: “Quem não vê

que a luta de classes conduz inevitavelmente a um conflito armado, é um cego.” ^[3] Estava lançado o germe dos conflitos que iriam atormentar a humanidade no século seguinte, sem, no entanto resolver o problema da desigualdade social.

Diz o historiador Carlos I. S. Azambuja que as ideias de Marx foram baseadas em três correntes de pensamento da intelectualidade europeia do século passado: o socialismo francês e inglês (representado por Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen); a economia política inglesa – cujo expoente principal é Adam Smith; e a filosofia clássica alemã, representada pelo sistema dialético de Hegel e pelo materialismo do filósofo Ludwig Feuerbach. Esses pensadores foram chamados de socialistas utópicos, pois não pretendiam realizar modificações na sociedade por meio de uma revolução ou pela ação de uma determinada classe social, conforme Marx preconizava.

O comunismo

As origens do comunismo podem ser encontradas na França, no final do século XIX, de onde os termos “comunismo” e “comunista” espalharam-se pelos Estados alemães e pela Suíça, graças a um livro de Lorenz von Stein, publicado em 1842, em Leipzig, sob o título *Socialismo e Comunismo na França*. Aos poucos, o termo “comunismo” foi substituindo o termo “socialismo” ou confundindo-se com ele. Karl Marx e Friedrich Engels adotaram o termo “comunista”, e não “socialista”, tanto na denominação da Liga que fundaram em 1847, quanto no histórico documento que publicaram no ano seguinte: o Manifesto Comunista.

De acordo com a Enciclopédia Britânica, comunismo é uma doutrina política e econômica que visa substituir a propriedade privada e a economia baseada no lucro, em uma propriedade pública que exercesse o controle

comunitário sobre os principais meios de produção (por exemplo, minas, usinas e fábricas) e sobre os recursos naturais de uma sociedade; na concepção de seus criadores, o comunismo seria uma forma superior e mais avançada de socialismo, ou seja, o comunismo seria a fase final a ser alcançada pelo socialismo, pondo fim nas diferenças de classe e na propriedade privada, uma espécie de “O Fim da História”. Felizmente ocorreu o contrário, e, como dizia o cientista político Francis Fukuyama, a história terminou com a queda do Muro de Berlim e com a vitória do capitalismo.

Fukuyama apresentou, em seu livro *O Fim da História e o Último Homem*, a sua famosa tese de que o liberalismo político e econômico saiu vitorioso na batalha contra o socialismo e o comunismo. Escrito na década de 1990, uma época em que o comunismo, ou socialismo real, agonizava, Fukuyama, a exemplo de Marx, também realizou a sua análise histórica e econômica da sociedade concluindo que o liberalismo econômico seria o ápice da evolução econômica da sociedade contemporânea e por meio do qual chegaríamos à plena democracia e à igualdade de oportunidade, e todos estariam livres para realizar seus objetivos. Ele alertava, no entanto, que os países pobres e “atrasados” estariam vulneráveis aos regimes totalitários e ao socialismo.

Segundo a lógica que permeava as ideias de Marx, a burguesia, que sucedera a nobreza, passou a dominar os meios de produção, em uma situação em que os trabalhadores, chamados proletários, não possuindo os meios de produção, apenas podiam vender a sua força de trabalho, vivendo apenas de salários que o proprietário lhes pagaria pelo seu trabalho. Na visão de Marx, a exploração da mão de obra alheia pelos donos do capital, os capitalistas, era uma grave injustiça para a classe trabalhadora. Portanto, o capitalismo, por meio da propriedade privada e das diferenças de classe, era o

responsável pelas injustiças que prejudicavam o bem-estar dos trabalhadores e por isso deveria ser eliminado.

Marx postulou que o comunismo seria a fase final do desenvolvimento da sociedade humana, mas, para isso, seria necessária a realização de uma revolução proletária encabeçada pelos trabalhadores das cidades e do campo, a quem caberia destruir o sistema capitalista para estabelecer em seu lugar uma sociedade livre, sem classes. Assim, em 1848, ele e Friedrich Engels apresentaram “O Manifesto Comunista”, um dos textos mais importantes do século XIX e que iria influenciar a vida de muitas gerações, em diferentes países, e deixaria um rastro de sangue na história da humanidade, apesar do seu objetivo utópico de acabar com as injustiças e as diferenciações entre os seres humanos provocadas pela divisão de classes.

A diferença entre comunismo e socialismo tem sido uma questão de muitos debates, mas a distinção principal prende-se à adesão dos comunistas ao socialismo revolucionário de Karl Marx chamado *socialismo científico* ou *marxismo*. Marx costumava usar os termos *comunismo* e *socialismo* de forma intercambiável. Na verdade, o ideário de Marx assemelha-se em vários aspectos com o Estado perfeito de Platão e contém os mesmos elementos da doutrina pregada por Jesus na Palestina há mais de dois mil anos, mas, diferentemente da paz e fraternidade pregada pelo Rabi de Nazaré, Marx incitava o ódio e a guerra entre classes sociais.

O comunismo de Marx pregava a abolição da propriedade privada, a luta de classes e a construção de um regime político e econômico que possibilitasse o estabelecimento da igualdade e justiça social entre os homens, e que se processaria em duas etapas, depois da destruição do capitalismo: a primeira seria um sistema de transição no qual a classe trabalhadora controlaria o governo e a economia; na segunda, o comunismo

estaria plenamente realizado, com uma sociedade sem divisões de classe ou governo, em que a produção e a distribuição de bens seriam baseadas no princípio “De cada um segundo a sua habilidade, para cada um de acordo com suas necessidades”.

Quando Vladimir Lenin assumiu o poder, em 1917, a ala bolchevista do Partido Operário Socialdemocrata Russo transformou-se no Partido Comunista Russo e desde então o comunismo passou a ser a forma de organização política e econômica implantada na União Soviética e, mais tarde, adotada na República Popular da China e em outros países regidos por partidos comunistas.

Dizem Terence Ball e Richard Dagger, que escreveram o artigo sobre comunismo para a Enciclopédia Britânica, que durante grande parte do século XX um terço da população mundial viveu sob regimes comunistas e que tinham como características principais: o sistema de partido único, não admitindo oposição ou discordância, e a substituição da economia capitalista, na qual existe a competição entre os indivíduos, por uma economia planificada em que a propriedade dos meios de produção é controlada pelo Estado e em que seus burocratas determinam salários, preços e metas de produção. A ineficiência desse tipo de economia foi a responsável, em grande parte, pelo colapso da União Soviética em 1991.

Com o passar do tempo, foram surgindo interpretações diferentes para os ensinamentos de Marx, sendo a principal corrente a do marxismo-leninismo que foi aplicado por Vladimir Lenin, a partir da Terceira Internacional, a todos os partidos comunistas. Alguns socialistas preferiram adaptar sua interpretação do marxismo à situação de cada país, resultando daí o chamado marxismo ocidental, do qual o Eurocomunismo é um bom exemplo. Também de importância, e que será analisado mais adiante, é o

marxismo desenvolvido pelo comunista italiano Antonio Gramsci, que vai exercer grande influência em diversos países, inclusive no Brasil, a partir dos anos 60/70.

Em *The Red Flag: A History of Communism*, o professor de história moderna em Oxford David Priest confirma essas transformações, apresentando o comunismo como uma ideologia que assumiu formas diferentes (românticas, radicais, modernistas) dependendo do contexto local e histórico. Esse autor explica as transformações que a ideia de comunismo sofreu ao longo do tempo, mostrando que os Jacobinos da Revolução Francesa plantaram as sementes do comunismo moderno, afirmando estarem construindo um Estado moderno baseado nos princípios de igualdade verdadeira e universal. Já àquela altura, ele mostra, os que discordavam eram tratados como inimigos da igualdade. Referindo-se à Revolução Russa de 1917, afirma que, apesar de sua retórica universalista, o comunismo soviético tornou-se nacionalista e tecnocrático, violando os princípios marxistas.

A Liga dos Comunistas foi a primeira organização proletária que atuou com base nos princípios do chamado *comunismo científico* e foi a predecessora da Primeira Internacional, mas, por dissensões internas, a Liga dissolveu-se em 1852. Em seguida, temos o surgimento da Comuna de Paris, a primeira experiência de implantação de um governo revolucionário socialista, ocorrida como decorrência da guerra Franco-Prussiana.

A falácia do socialismo

A aplicação prática do socialismo é considerada por muitos filósofos e historiadores como o experimento mais trágico na história humana, pois resultou em incalculável perda de vidas humanas e na destruição de economias ricas, afetando gravemente a vida e o bem-estar de muitas gerações. O pior de tudo isso é que esses resultados já haviam sido previstos

ainda em 1920, bem no início do comunismo na União Soviética, por um dos grandes nomes da economia mundial: Ludwig von Mises. Assim como ainda acontece hoje, suas advertências foram ignoradas, uma vez que o entusiasmo pelo socialismo era tão forte que não se admitia qualquer possibilidade de que essa ideologia pudesse estar errada.

Hoje, quando podemos analisar e comprovar esses erros e as consequências desastrosas de sua aplicação sobre as populações infelizes que viveram em países onde a utopia comunista se instalou, temos que zelar para que o povo de nosso país não venha a ceder ao canto de sereia dos comunistas de hoje, que acabaram com a próspera economia de países como Cuba e Venezuela, daí a necessidade de entendermos o que efetivamente é o socialismo, ou comunismo, para que, por meio do conhecimento consciente, possamos repudiá-lo. Mais importante ainda é entendê-los nos dias de hoje, quando aparece com novas roupagens e novos atrativos, mas mantendo a mesma pequenez de outrora, como bem observou o filósofo Olavo de Carvalho, quando disse:

A experiência dos milênios, no entanto, pode ser obscurecida até tornar-se invisível e inconcebível. Basta que um povo de mentalidade estreita seja confirmado na sua ilusão materialista por uma filosofia mesquinha que tudo explique pelas causas econômicas. Acreditando que precisa resolver seus problemas materiais antes de cuidar do espírito, esse povo permanecerá espiritualmente rasteiro e nunca se tornará inteligente o bastante para acumular o capital cultural necessário à solução daqueles problemas. O pragmatismo grosso, a superficialidade da experiência religiosa, o desprezo pelo conhecimento, a redução das atividades do espírito ao mínimo necessário para a conquista

do emprego (inclusive universitário), a subordinação da inteligência aos interesses partidários, tais são as causas estruturais e constantes do fracasso desse povo.

Todas as demais explicações alegadas – a exploração estrangeira, a composição racial da população, o latifúndio, a índole autoritária ou rebelde dos brasileiros, os impostos ou a sonegação deles, a corrupção e mil e um erros que as oposições imputam aos governos presentes e estes aos governos passados – são apenas subterfúgios com que uma intelectualidade provinciana e acanalhada foge a um confronto com a sua própria parcela de culpa no estado de coisas e evita dizer a um povo pueril a verdade que o tornaria adulto: que a língua, a religião e a alta cultura vêm primeiro, a prosperidade depois.

Existe uma definição de socialismo cunhada pelo ex-primeiro-ministro inglês Winston Churchill que expressa bem a marca do que o socialismo deixou pelo mundo. Dizia ele: “O socialismo é a filosofia do fracasso, a crença na ignorância, a pregação da inveja. Seu defeito inerente é a distribuição igualitária da miséria”, ou, dito de outro modo, “O socialismo é o evangelho da inveja, o credo da ignorância, e a filosofia do fracasso”, ao que eu acrescentaria: “... e dos fracassados”.

A Comuna de Paris

As transformações políticas ocorridas na França desenvolveram-se de uma forma radical e conturbada: a Revolução de 1792, as guerras napoleônicas, as Revoluções de 1830 e 1848 foram movimentos que contaram com a participação das classes trabalhadoras. Mas todo esse processo acabou desembocando na ditadura do imperador Napoleão III, que,

em 1870, envolve-se em uma guerra desastrosa com a Alemanha. Assim como havia acontecido na Revolução Francesa, com o exército alemão ameaçando Paris, novamente os operários da cidade armam-se para defendê-la. O governo capitula e assina um armistício com a Alemanha.

Os historiadores afirmam que a Comuna de Paris foi o resultado da derrota da França na Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871. A derrota francesa, em setembro de 1870, causou a queda do imperador Napoleão III e a criação, em janeiro de 1871, de um governo republicano presidido por Adolphe Thiers. Foi convocada uma eleição para a Assembleia Nacional, cuja maioria dos deputados eleitos pertencia a ala conservadora e eram ligados aos proprietários rurais.

Em março de 1871, uma insurreição popular derrubou o governo republicano, em Paris, e instalou um novo governo chamado de Comuna de Paris, de duração efêmera, que pretendia realizar melhorias nas condições de vida e trabalho dos operários e trabalhadores de baixa renda. Entre essas medidas, destacam-se o ensino gratuito e obrigatório, o controle dos preços dos alimentos e a igualdade civil entre homens e mulheres.

A Comuna foi abolida menos de três meses depois, como resultado da reação da burguesia francesa e de dissensões internas ocorridas entre as diversas correntes políticas como os anarquistas e os marxistas. No entanto ficou na memória histórica do movimento operário como o primeiro governo efetivamente dos trabalhadores. Calcula-se em cerca de 35.000 o número de *comunards* (como eram conhecidos os membros da Comuna) mortos em combate ou execuções; 7.500 foram deportados; e outros 15 mil foram presos. Acabava, assim, a primeira tentativa de um poder político dos trabalhadores que durou apenas 74 dias. Thiers, o líder da burguesia francesa, comemorou: "Agora o comunismo está morto para sempre!". Errou

redondamente! Apesar da sua vida curta, a Comuna de Paris serviu de inspiração para vários movimentos revolucionários posteriores, como a Revolução Russa de 1917 e a Revolução Alemã de 1918-1919.

No início do século XIX, os termos *comunismo* e *socialismo* eram usados com o mesmo sentido e se referiam aos abusos causados pelo capitalismo e pelo liberalismo econômico no princípio da Revolução Industrial, que causou grandes transformações na economia e na indústria, com trabalhadores sendo explorados até a medula, provocando grande descontentamento. O comunismo prometia restabelecer aquele “estado natural” do homem preconizado por Rousseau, por meio de um sistema em que todos teriam o mesmo direito a tudo mediante a abolição da propriedade privada. O socialismo era apenas uma etapa para se chegar ao comunismo, a etapa superior da evolução humana, em que as diferenças entre classes sociais seriam eliminadas e o “Estado opressor” seria extinto. Por isso Marx dizia que: “O proletariado é o coveiro da burguesia.”

O Manifesto Comunista

Em seus estudos teóricos apresentados no Manifesto Comunista, os fundadores do chamado *comunismo científico*, o filósofo e revolucionário socialista Karl Marx e Friedrich Engels, um dos principais teóricos revolucionários alemães, afirmavam que a história é uma sucessão de lutas entre as classes trabalhadoras, que somente dispunham da sua força de trabalho, e as classes ricas, que, por disporem dos meios materiais de produção, exploravam os trabalhadores. Por meio dessa luta permanente, a classe escravagista dera lugar à sociedade feudal, que, por sua vez, seria substituída pela sociedade burguesa. Esse processo seria encerrado quando a classe proletária forçasse a sociedade burguesa a ceder seu lugar à sociedade socialista, ou comunista, por meio de lutas revolucionárias, o que culminaria

no ponto mais alto da evolução dos trabalhadores.

Aos trabalhadores, portanto, cabia libertarem-se dos grilhões da exploração capitalista, mas já no Manifesto Comunista, Marx advertia que essa luta não seria fácil, pois jamais a burguesia iria abrir mão de seus privilégios, os quais teriam que ser arrancados por meio de uma luta sem tréguas contra o opressor capitalista. Para isso era necessário a derrubada violenta de toda a ordem social vigente, e as classes dominantes deveriam tremer à ideia de uma revolução comunista.

Marx preconizava que os proletários nada tinham a perder com a revolução comunista - a não ser as suas algemas - e acreditava na necessidade da união de todos os trabalhadores do mundo, já que o capitalismo não tinha fronteiras, e a burguesia exploradora estava espalhada por todos os países. Por isso conclamava: “Proletários de todos os países, uni-vos!”, o que significava que a solidariedade entre os trabalhadores deveria ser superior à lealdade à sua nação; o movimento comunista operário só poderia vencer se fosse um movimento internacional, o que era uma condição indispensável para a vitória da revolução comunista. Essa é a razão da ambição permanente de dominação mundial por parte dos marxistas.

Marx escreveu, no Manifesto Comunista, que “Os operários não têm pátria”, explicando que, sob o domínio capitalista, o Estado nada mais é que um instrumento para a opressão e a repressão da classe operária. Portanto, o dever do proletariado seria destruir o Estado da burguesia, e nunca o defender; o proletariado só teria pátria quando tivesse conquistado o poder do Estado e se tornado senhor do país. A ideia de que a revolução comunista só poderia vencer se ocorresse em escala mundial, com a derrocada total do capitalismo, foi um dos principais fatores para que os países capitalistas iniciassem uma cruzada mundial anticomunista como medida defensiva, já

que não pretendiam se deixar imolar no altar do comunismo idealizado por Marx e Engels.

O comunismo recebeu algumas denominações especiais para se diferenciar de outros tipos de socialismo que grassavam então. Ficou mais conhecido para o mundo como *marxismo*, enquanto na União Soviética recebeu o nome de *marxismo-leninismo*, para que o nome de Lenin se ombreasse ao do criador desse sistema. Como dissemos, existem algumas diferenças entre comunismo e Socialismo Fabiano, pois, enquanto esse último previa uma mudança gradual da sociedade por meio de uma domesticação do capitalismo, o comunismo preconizava uma transformação brusca e violenta por meio de revoluções armadas.

O Comunismo na URSS – Gênese e Ocaso

Em outubro de 2018, a Revolução Bolchevique completou cem anos, desde que foi implantada na Rússia, em 1917. Essa revolução, que introduziu o regime marxista naquele país – que depois se transformou em União Soviética –, mostra como um grupo de intelectuais frustrados e vingativos, os bolchevistas, acabou por assassinar, em seu nascedouro, o projeto de uma democracia que vinha sendo tentado desde a queda do Tzar^[4] Nicolau II, em fevereiro daquele ano, por um grupo de revolucionários menos radicais, os mencheviques, liderados por Alexandre Kerensky, os que verdadeiramente fizeram a revolução.

A Rússia Tzarista^[5] no final do século XIX era um dos países mais atrasados da Europa, com quase a totalidade de sua população vivendo em uma situação de miséria, analfabetismo, e praticamente em um regime de trabalho escravo. Havia um grande distanciamento entre o czar e a população, que era explorada pelos grandes proprietários de terra.

Kerensky não era um revolucionário radical, mas governou sem atender às principais reivindicações da sociedade, principalmente a saída da Rússia da guerra, nem conseguiu resolver a difícil situação de fome e miséria que grassava no país, agravados pela guerra. Aproveitando a baixa popularidade do governo e sua crescente impopularidade, o partido bolchevique organizou os *soviets* (Conselhos de operários, camponeses e soldados) para derrubar os mencheviques do poder, um conflito que acabou em outubro de 1917, com a derrota de Kerensky e a ascensão ao poder do revolucionário bolchevista Vladimir Lenin por meio da conhecida Revolução Socialista de Outubro, na Rússia.

Foi surpreendente que a tentativa de maior sucesso de implantação do socialismo viria a ocorrer na Rússia czarista, que à época era um dos países mais atrasados da Europa e onde a população passava por grandes dificuldades, o que foi aproveitado pelos movimentos revolucionários como combustível para deflagrar sua revolução. Por um desses acasos da história, a proposta comunista realizou-se pela primeira vez na Rússia, exatamente o país que, segundo Marx, não tinha as condições necessárias para que a revolução se realizasse por ainda se encontrar em um estágio essencialmente agrário, sem um proletariado desenvolvido, diferentemente de países como Alemanha, Inglaterra e EUA, onde Marx acreditava já haver condições para uma revolução socialista.

Seu líder principal foi Vladimir Lênin, que se encontrava exilado na Suíça, longe, portanto dos acontecimentos, mas que acabou se transformando em líder da revolução. Foi a partir dela, e do intento de seus dirigentes em liderar revoluções socialistas por todo o mundo e como forma de se distinguir dos sociais-democratas, que os radicais consideravam traidores do socialismo, que o termo *comunismo* ganhou força. De um modo muito simplificado, as coisas se passaram da seguinte forma:

Em 1914, com o assassinato do herdeiro do trono austríaco, a Rússia entra na Primeira Guerra Mundial completamente desarmada e sem condições. Os socialistas revolucionários vislumbraram, como sempre acontece, que o fim do capitalismo estava próximo e que deveriam acelerar a sua morte. Mas, para a decepção dos revolucionários marxistas e contrariando todas as expectativas, soldados e trabalhadores russos não se revoltaram contra o czar e contra a nobreza, mas, ao contrário, se uniram alegremente ao grande esforço de defender a Mãe Rússia. Os revolucionários que conclamavam o povo à insurreição eram linchados ante o fervor nacionalista dos trabalhadores.

No entanto, com o decorrer da guerra, os péssimos resultados conseguidos pelo exército imperial aos poucos foi arrefecendo esse ímpeto nacionalista e, à medida que chegavam notícias sobre os camponeses que morriam aos milhares no *front* de guerra, e se agravava o quadro de fome que grassava no país – toda a produção estava voltada para o esforço de guerra, situação agravada por um dos piores invernos que prejudicou a produção agrícola –, surgia o cenário propício para uma insurreição, que finalmente irrompeu em fevereiro de 1917. Os intelectuais clamavam pelo fim do absolutismo do czar e por reformas democráticas.

Os protestos, que tinham fundamento na caótica situação do país, eram aproveitados pelos revolucionários bolchevistas que haviam sido treinados por Lenin em uma escola por ele criada na Suíça para criar especialistas em incitar greves, realizar protesto de massas e rebelião na tropa. Os protestos cresceram até que, em fevereiro de 1917, uma revolução popular derrubou o czar. Instalou-se um governo provisório republicano formado por liberais e progressistas que constituíam as bases do partido menchevique; o governo foi assumido pelo socialista moderado Alexander Kerensky, que tinha por objetivo transformar a Rússia em uma República

parlamentarista democrática.

Os bolchevistas revolucionários radicais discordavam das ideias de Kerensky em relação à criação de uma república democrática e principalmente das opiniões teóricas dos mencheviques sobre a necessidade de que a Rússia primeiro deveria desenvolver-se industrial e economicamente como uma etapa necessária para se atingir finalmente o socialismo pleno.

Os bolcheviques, que eram na verdade minoritários, tiveram um reforço em sua ânsia de tomar o poder, com o retorno de Lenin e de vários revolucionários que vieram do exílio com o auxílio da Alemanha, que via nele uma solução para pôr fim à guerra com a Rússia – Lenin acenava com uma paz em separado com a Alemanha –, para então se dedicar a somente uma frente de guerra.

Saudado triunfalmente em seu retorno, Lenin apresentou as suas chamadas Teses de Abril, segundo as quais a etapa de uma revolução democrático-burguesa estava realizada e, a partir daí, deveriam passar para a etapa seguinte da revolução socialista para assumirem o poder total, com as palavras de ordem: "Todo o poder aos soviets" e "Paz, pão e terra", uma vez que a população passava fome e muitas vezes seu único alimento era o pão, que escasseava. Lenin oferecia o que a população mais desejava.

Seguiram-se dias de intensas lutas internas entre os socialdemocratas de Alexandre Kerensky e os radicais bolchevistas de Lênin. Os moderados, sem a experiência dos revolucionários profissionais de Lenin e sem os milhões de rublos enviados pela Alemanha para serem utilizados na agitação política para a tomada do poder e assim acabar com a guerra, foram derrotados. Em sete de novembro de 1917 (25 de outubro no antigo calendário russo), houve um golpe dentro da revolução, em que os bolcheviques de Lenin tomaram, sem resistência, o Palácio de Inverno, onde

funcionava a sede do governo. Lenin finalmente assume o poder que tanto ambicionava. Em seus primeiros atos no poder, Lenin faz a paz com o grande inimigo da Rússia, a Alemanha, e promove a reforma agrária.

Mas logo surge uma ameaça ao novo governo. Inconformados com a deposição e posterior assassinato do czar Nicolau II e de toda a família imperial, uma parte do exército chefiada pelo general czarista Lavr Kornilov, comandante do exército, inicia uma guerra civil contra os comunistas apoiados por países estrangeiros, o que só serviu para exaurir ainda mais os recursos do país e prejudicar a vida da população. De forma semelhante ao que ocorreu na Revolução Francesa, temos agora, na Rússia, bolcheviques contra mencheviques, russos brancos, monarquistas, contra os russos vermelhos, comunistas; monarquia parlamentarista contra a ditadura de um partido único.

Em relação a essa contrarrevolução, Lenin declarou o que deveriam fazer: “Ao terror branco dos inimigos do governo operário e camponês, os operários e camponeses responderão com o terror vermelho massivo, contra a burguesia e seus agentes.” [\[6\]](#)

Dentro de pouco tempo a diretriz de Lenin de eliminar qualquer oposição, viesse de onde viesse, passou a ser cumprida. No final de 1918 e início de 1919, ocorreram várias grandes greves de trabalhadores, muitas vezes acompanhadas de motins em unidades do Exército Vermelho, causadas pela deterioração das condições de vida e pela prisão de trabalhadores mencheviques ou socialistas-revolucionários, as quais foram severamente reprimidas por unidades especiais da Tcheka ou Cheka (em russo: Tcheka, ЧК - чрезвычайная комиссия, transliterado Tchresvitcháinaia Komíssia; em português: "Comitê de Emergência" ou "Comissão Extraordinária"), a primeira das organizações de polícia secreta da União Soviética, criada em 20

de dezembro de 1917, por Vladimir Lenin, e que realizou execuções sumárias de trabalhadores grevistas.

Repressões violentas com o massacre de manifestantes e execuções em massa de grevistas eram mais inclementes em cidades que foram reconquistadas dos Russos Brancos ou dos opositores socialistas durante a guerra civil, na qual os trabalhadores apoiaram as forças antibolcheviques como aconteceu nos Urais.

A situação se deteriorou de vez quando a greve degenerou em distúrbios, e os militares recusaram-se a atirar contra os trabalhadores que desfilavam no centro da cidade e acabaram por se juntar a eles, saqueando a sede do partido Bolchevique e matando vários líderes. As unidades de Tcheka foram enviadas para esmagar a greve e o motim, e calcula-se que entre 12 a 14 de março, de dois a quatro mil amotinados foram executados ou afogados, depois de serem jogados de barcas no meio do rio Volga com uma pedra no pescoço.

Lenin defendia publicamente as ações violentas da Tcheka, afirmando:

A ditadura revolucionária do proletariado é um poder conquistado e mantido pela violência do proletariado sobre a burguesia, um poder que não está amarrado por nenhuma lei [...] esta violência torna-se particularmente necessária, como muito pormenorizadamente e muitas vezes explicaram Marx e Engels [...] pela existência da camarilha militarista e da burocracia.^[7]

Lenin esqueceu de dizer que a violência foi usada muitas vezes contra os operários e camponeses, em nome de quem se realizou a revolução.

Após três anos de lutas e cansaço de guerra, os bolchevistas venceram e instauraram o que eles chamavam de “A Ditadura do Proletariado”, na qual o povo continuou oprimido, mudando apenas o opressor. A Rússia estava destinada a ser a sede de um experimento dos mais danosos para a sociedade, o comunismo, que custou mais de 70 anos de dor, fome, deslocamento forçado de populações inteiras, a escravidão nos campos de trabalho forçado chamados Gulag,^[8] ateísmo, sofrimentos físicos e psicológicos, e mais de 100 milhões de mortos, segundo as pesquisas de mais de dez historiadores do comunismo, liderados por Stéphane Courtois, contidas no *Livro Negro do Comunismo*, o *best-seller* que abriu para o mundo, dessa vez pelas mãos dos próprios comunistas e ex-comunistas, o legado desse regime ao longo de 70 anos de terror.

A revolução socialista na Rússia constituiu-se na maior experiência política e social do século XX, e foi um evento tão importante quanto a Revolução Francesa, com a diferença de que esta trouxe mais benefícios para a sociedade e foi menos sanguinária do que aquela, se bem que de menor duração. A possibilidade de poder se construir uma sociedade sem exploradores e explorados, uma sociedade completamente igualitária feita pelos trabalhadores, seria a realização dos ideais pregados por Jesus há mais de dois mil anos nas terras da Palestina, com a diferença de que ela não seria feita pela transformação do homem por meio do amor, mas sim pelo triunfo do orgulho, da vaidade, do ódio e da perseguição implacável a quem se opusesse ao novo regime.

Em janeiro de 1849, na revista *Neue Rheinische Zeitung*, fundada por Marx e Engels, esse último já deixava claro seu desprezo por outros povos, por ele considerados como as sociedades primitivas da Europa (Bascos, Bretões, Sérvios e Escoceses), dizendo que, caso não estivessem em

condições de fazer a revolução pelo seu atraso econômico, deveriam ser destruídos, pois se constituíam em “Lixo racial”. Constatase, assim, que Hitler teve em quem se inspirar.

De acordo com George Watson, historiador da Universidade de Cambridge, Marx foi o predecessor do genocídio político moderno, já que afirmava que “as classes e as raças muito fracas para enfrentar as novas condições de vida devem se retirar”. Com uma franqueza digna do chanceler alemão do Terceiro Reich, ele decreta: “Elas devem perecer no Holocausto revolucionário.”

Esse genocídio foi empregado de forma diferente por nazistas e comunistas: a eliminação do homem, para os primeiros, deveria ser baseada na sua nacionalidade; para os segundos, a seleção deveria ser baseada na classe social a que pertencia. Lenin, o criador do primeiro Estado marxista da história, como um apaixonado aficionado por Marx e Engels, tratou de seguir à risca as instruções dos mestres, como veremos. A diferença, se é que podemos assim dizer, é que Hitler pelo menos assassinou pessoas de outros países; Lenin e Stalin assassinaram seu próprio povo.

Mas existe um momento em que Hitler e Stalin atuaram juntos para eliminar um povo: foi na invasão da Polônia, episódio que acabou dando início à Segunda Guerra Mundial. Os comunistas de Stalin e que diziam ser amantes da paz e repudiar ferozmente qualquer guerra expansionista, juntaram-se aos nazistas de Hitler por meio do protocolo secreto conhecido como Pacto Ribbentrop-Molotov, assinado uma semana antes, e invadiram aquele país. Por meio desse pacto, Stalin autorizou Hitler a se apropriar de uma parte da Europa, enquanto os soviéticos ficariam com o resto.

Em 1º de setembro de 1939, as tropas de Hitler invadiram a Polônia pelo Oeste; os soviéticos, dezesseis dias depois, pelo Leste, encontrando-se as

duas tropas no centro da Polônia e dividindo o país entre eles, assim como deveria ser feito com toda a Europa. O motivo alegado, como até hoje vem sendo usado pelos comunistas, foi “combater o fascismo polonês”. Meses depois, o mesmo argumento seria utilizado contra a Finlândia, bombardeada pelas tropas soviéticas.

Os marxistas não mentiram, pois desde o início declararam publicamente serem a favor do genocídio revolucionário, mas grande parte daqueles que se dizem marxistas fingem que não sabiam disso.

No entanto, enquanto os governos ocidentais liberais e conservadores conseguiram absorver e transformar os ideais marxistas por meios democráticos com liberdade para os seus cidadãos, o regime comunista implementou-os por meio da força e da supressão da liberdade. Lenin, em particular, e os revolucionários marxistas, em geral, tinham a concepção de que as pessoas não sabem o que é bom para elas, daí a necessidade de se ter um partido em que as decisões estariam centralizadas em uma elite de revolucionários profissionais que sabiam, por meio de um método pseudamente científico, o que seria melhor para o trabalhador inculto. Em relação a isso, é celebre a seguinte afirmação do revolucionário argentino Ernesto Che Guevara: "Nós, socialistas, somos mais livres porque somos mais perfeitos; somos mais perfeitos porque somos mais livres."

Em 26 de dezembro de 1991, a União Soviética implodiu, pondo fim a 74 anos de um regime que dizia estar construindo o paraíso na Terra, o que se tornou uma das grandes falácias daquele século, haja vista que, de repente, o mundo toma conhecimento que a tão propalada superpotência mundial estava reduzida à insignificância política e só voltaria a ter alguma projeção anos mais tarde e sem comunismo, por intermédio de Vladimir Putin. A desintegração das chamadas "democracias populares", no final da década de

1990, marcou o fracasso final do modelo estatista-revolucionário, que entrou pela primeira vez na cena com os Jacobinos da Revolução Francesa.

Mas como foi que uma ideia revolucionária e que fascinou e enganou tanta gente, incluindo centenas de intelectuais, acabou de repente e de forma tão inglória? Como foi que uma superpotência mundial, a URSS, que em 1981 aparentemente encontrava-se no auge do seu poder econômico e militar, e disputava com os EUA o domínio mundial, pôde ruir no prazo de dez anos? Como foi que em 1991 Moscou deixou de ser o centro mundial de irradiação do comunismo para se tornar a capital de um país pobre e endividado e para o qual restaram apenas as armas nucleares como fator de respeito em todo o mundo? Mais importante ainda é tentar entender por que, depois de tantos fracassos, desrespeito aos direitos humanos, repressão brutal, fome e assassinatos, e quando as próprias autoridades do país denunciaram os crimes praticados por seus principais líderes, muitas pessoas em todo o mundo continuam acreditando nas falácias comunistas.

O sucesso inicial do comunista na Rússia se deveu ao cansaço e perdas russas na guerra e pela miséria social em que vivia a maior parte da população, que não era atendida pelo tzar. Em segundo lugar, esse “sucesso” foi obtido pela imposição da força, da violência, pela cassação das liberdades individuais, e também pelo trabalho escravo dos milhões de trabalhadores presos em campos de trabalho forçado que serviriam de modelo para Adolf Hitler, anos mais tarde.

Por esse *modus operandi*, a União Soviética se tornou um Estado totalitário, segundo a definição do falecido cientista social norte-americano Carlton Hayes, que definiu o totalitarismo a partir das seguintes características, que bem definem o que foi o caráter do regime comunista imposto na URSS. Segundo ele, o totalitarismo:

Monopoliza todo o poder, se sustenta nas massas, lança mão de novos meios de propaganda, exerce uma grande força de fascinação através de sua fé missionária, tem desenvolvido um sistema moderno de métodos e técnicas, utiliza o poder não apenas como meio para se alcançar os fins, e representa uma revolta contra a cultura histórica do Ocidente.

Também o teórico alemão Carl Joachim Friedrich, professor da *Harvard University*, junto a Zbigniew Brzezinski, na obra *Totalitarian Dictatorship and Autocracy*, lançada em 1956, apontava as seguintes características de um Estado totalitário: (1) uma ideologia direcionada para se atingir um estado final futuro; (2) um único partido de massa; (3) um sistema de terror baseado no controle da polícia secreta; (4) um monopólio dos meios de comunicação de massa, (5) um monopólio de armas; e (6) uma economia dirigida de modo centralizado. Todas elas se encaixam perfeitamente ao sistema que foi montado na Rússia pela revolução bolchevista.

Hoje resta a dúvida se o fim da URSS também significava o fim do comunismo; alguns acreditam que sim, como o falecido autor do livro *The Grand Failure: The Birth and Death of Communism in the Twentieth Century* (*A grande falha: o nascimento e a morte do comunismo no século XX*, em tradução livre do inglês), lançado em 1989, antes do fim da União Soviética. Assim como Zbigniew Brzezinski, um refinado analista político que também desempenhou as funções de assessor de segurança nacional dos Estados Unidos durante a presidência de Jimmy Carter, entre 1977 e 1981. Brzezinski afirmou: “A noção de se criar uma sociedade perfeita, ao ir contra a natureza humana, está morta, porque o erro básico do comunismo foi simplesmente não compreender a natureza humana.”

Brzezinski manifestava, naquela obra, com grande acerto, que o

comunismo estava com os seus dias contados, antevendo que a ideologia e o sistema comunista encontravam-se em um rápido e inexorável declínio, como um fenômeno mundial importante. Em seu diagnóstico ele ainda antecipava que “o encontro catastrófico da humanidade com o comunismo, durante o século XX, proporcionou uma visão dolorosa, mas criticamente importante: o planejamento social utópico está fundamentalmente em conflito com a complexidade da condição humana e a criatividade social floresce melhor quando o poder político não é restringido. Essa lição básica é que torna mais provável que a democracia – e não o comunismo – irá dominar o século XXI.”

Obviamente essa afirmação é negada peremptoriamente pelos adeptos do pensamento Leninista-Stalinista, que a cada abalo da economia mundial alegram-se, na antiga crença que desta vez o capitalismo foi ferido de morte e vai desaparecer. Seria enfadonho relatar quantas vezes os comunistas ficaram frustrados por não verem seu antigo sonho se realizar, pois o capitalismo insiste em não ser destruído e sempre reaparece cada vez mais forte.

Mas não são somente os analistas ocidentais que previam o fim do comunismo. No lado oriental, também temos escritores que viveram sob o regime comunista e que não têm mais fé em seus postulados. Esse é o caso do romeno Vladimir Tismaneanu, historiador do comunismo e autor de *O Diabo na História - Comunismo, Fascismo e Algumas Lições do Século XX*, em que ele analisa o que foi o comunismo e as semelhanças que existem entre as tiranias totalitárias do século XX. Aborda a fundo os males que as ideologias políticas podem fazer à sociedade, e como elas manipulam seus seguidores por meio de um fanatismo religioso que pode levá-los a morrer pelo partido que escolheram. Esse fanatismo fica bem representado nas seguintes palavras do iconoclasta Che Guevara: “Na verdade, se o próprio Cristo estivesse no meu caminho eu, como Nietzsche, não hesitaria em esmagá-lo como um

verme.”

A grande dúvida é se a utópica ideia da criação de um paraíso na Terra e da construção de uma sociedade superior justificaria todas as atrocidades praticadas por Lenin, Stalin e outros ditadores malucos da história do comunismo. Para Tismaneanu, os esforços para um retorno a Marx e Lenin no sentido de apresentar o marxismo com uma feição mais humana, reformá-lo sem mudanças básicas no sistema de partido único, são esforços condenados à frustração e ao fracasso.

Aliás, no momento em que escrevo essas linhas, dia 9 de novembro de 2017, ocorreu-me que há exatamente 26 anos caía o Muro de Berlim, o odioso símbolo físico de um sistema que, a pretexto de estar salvaguardando a liberdade do seu povo - o governo chamava de "muralha de proteção antifascista" - tornara esse povo prisioneiro do totalitarismo e da insânia comunista. O exemplo da Alemanha Oriental, de Cuba e de outros países, são exemplos bem conhecidos dos métodos do totalitarismo: controle da população, doutrinação, fronteiras fechadas, polícias secretas, informantes por todos os lados e o sufocamento de qualquer anseio por liberdade; exemplos legados por essas utopias fracassadas.

A Terceira Internacional

Em 1919, quando já se sentia fortalecido no poder, Lenin criou na Rússia – posteriormente transformada em União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – a chamada Terceira Internacional, ou Internacional Comunista,^[9] que serviu de braço para a condução do Movimento Comunista Internacional. Dessa forma, a URSS transformou-se na Meca da luta revolucionária comunista. O desafio proposto no primeiro congresso da Internacional, realizado em plena guerra civil, entre dois e seis de março de 1919, foi a criação de um organismo encarregado de coordenar e dirigir o

movimento da Internacional Comunista e de realizar a subordinação dos interesses dos movimentos de diferentes países aos interesses gerais da revolução internacional, isto é, aos interesses da União Soviética.

A Terceira Internacional, que reunia os Partidos Comunistas de diversos países, funcionou de 1919 até 1943, sucedendo as duas Internacionais Comunista anteriores. Liderada por Lênin, essa organização funcionaria como uma espécie de comando unificado para todo o movimento revolucionário do proletariado, encarregado pela formação de quadros dirigentes para os Partidos Comunistas e a sua transformação em partidos revolucionários de massas. Essa Internacional Comunista foi dissolvida em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, por pressão dos aliados da URSS, principalmente os Estados Unidos e a Inglaterra.

Um revolucionário e teórico marxista russo chamado George Valentinovitch Plekhanov, considerado o fundador do marxismo russo e tido por muitos como seu líder exponencial, trabalhou pela causa, no início do movimento revolucionário na Rússia, em colaboração com Lênin, de quem acabou afastando-se por divergências ideológicas. Ele vislumbrou, com muita clareza, o aspecto autofágico e destruidor dos movimentos revolucionários, perseguindo e destruindo lideranças que se tornam desafetos políticos.

Quando ainda escrevia no jornal *Iskra*, Plekhanov profetizou que o século XX veria o triunfo do socialismo, entretanto antevia uma enorme cisão e uma luta encarniçada entre os socialistas; da mesma forma como ocorrera com a Revolução Francesa, entre Girondinos e Jacobinos. Plekhanov previa que, durante as lutas pela implantação do comunismo, muitos líderes digladiar-se-iam e afastar-se-iam, o que em muito prejudicaria o movimento. Sua previsão cumpriu-se logo com a sua própria separação de Lenin e se reproduziria mais tarde com Josef Stalin, que perseguiu e mandou assassinar

Leon Trotsky, o outro teórico comunista e amigo íntimo de Lênin, que se encontrava no México fugindo da perseguição movida por ele, Stalin.

O que se viu nos diferentes congressos da Terceira Internacional foram brigas, dissensões, acusações de traição por qualquer discordância, expulsões do Partido e perseguições políticas, uma maldição que parece estar presente na própria gênese dos movimentos revolucionários, pois desde que assumiu o poder, Lenin deixou claro que jamais iria admitir discordância e dissensões na condução do Movimento Comunista internacional. Cada liderança acredita que só ela entende as reivindicações concretas das massas e que seus opositores não conseguem compreender os verdadeiros fundamentos para a ação revolucionária, e embora falem em unidade, dividem-se ao primeiro sinal de discordância. Lenin sabia disso e por isso exigia fidelidade canina: a ditadura leninista, não a do proletariado.

Isso fica bem caracterizado nas afirmativas de duas lideranças e teóricos marxistas: Nikolai Bukharine e Evgueni Preobrazhensky, que no livro *ABC do Comunismo* afirmam:

Os antigos partidos socialistas dividiram-se, em quase todos os países, em três correntes: os social-patriotas, traidores confessos e cínicos; os traidores dissimulados e hesitantes, chamados centristas; e, enfim, aqueles que ficaram fiéis ao socialismo e em torno dos quais se organizaram, mais tarde, os partidos comunistas.

Esse pensamento messiânico que se observa nas lideranças do Movimento Comunista Internacional, principalmente nos congressos chamados de Internacionais Socialistas, esconde, na verdade, um ego avantajado que traduz orgulho e vaidade, que dominavam essas lideranças. Embora em seus discursos só falem em povo e massas, seus líderes eram

intelectuais que não eram dados ao trabalho, não conheciam o povo e nunca estiveram com as massas, a não ser aquelas da cozinha italiana, e apenas pretendiam demonstrar que as suas concepções revolucionárias eram superiores às dos outros.

Como um bom conhecedor da psicologia humana e referindo-se à Revolução Francesa, que ele conhecera muito bem, Napoleão Bonaparte já advertia: “A vaidade fez a revolução, a liberdade foi apenas o pretexto.”

Assim como foi na França, na União Soviética, na Itália etc., é essa mesma tendência à separação que se verá acontecer em Cuba e na maioria dos movimentos revolucionários de cunho marxista na América do Sul, em especial no Brasil, e que deu origem a uma profusão de lendas revolucionárias durante o regime militar, o que só serviu para enfraquecê-los e facilitar o trabalho da repressão política de aniquilá-los.

Em artigo no qual aborda o centenário da Revolução Bolchevista de 1917,^[10] Joaquina Pires, editora da revista *PortVitoria*, cita uma passagem escrita pelo historiador britânico Robert Service, segundo ela um dos maiores especialistas da história da União Soviética e autor de extensas biografias de Vladimir Lenin, Joseph Stalin e Leon Trotsky, que resumem perfeitamente a essência dos líderes comunistas revolucionários e os reformistas. Escreve ela:

Dentro da característica humana de ‘querer melhorar o mundo’ há duas distintas predisposições, uma revolucionária e outra reformista. A predisposição revolucionária difere da predisposição reformista pelo fato de aceitar a violência como meio de se chegar ao fim desejado, e inclui valores totalmente alheios ao humanitarismo. Tal comprometimento cego com o fim faz da predisposição revolucionária um distúrbio de

personalidade. Como mostra a psicologia, os distúrbios de personalidade são invariavelmente complexos, isto é, tendem a vir acompanhados de outros distúrbios.

A predisposição revolucionária era denominador comum de Lênin, Stalin e Trotsky. Esta foi alimentada pelo Marxismo, doutrina que passou a dominar no meio intelectual da Rússia desde a década de 1890, apesar de que a Rússia daquela época, e mesmo a das duas primeiras décadas do início do século vinte, tinha uma economia medieval, bem diferente do sistema capitalista que segundo Marx incitaria a revolução dos trabalhadores. As três biografias estão lotadas de exemplos de comportamentos que evidenciam valores marginais e distúrbios psicológicos.

Por essa razão, Joaquina Pires acredita que o centenário da Revolução Bolchevique seja uma lição negativa de história para todos os que dão valor à democracia e à liberdade. Mesmo o atual líder Vladimir Putin, que governa a Rússia com mão de ferro, ignorou solenemente essa data, que antigamente reunia milhares de pessoas na Praça Vermelha, não promovendo nenhuma comemoração especial que aticasse o saudosismo de algum sonhador soviético; Putin preferiu, estrategicamente, manter-se afastado de questionamentos que pudessem fazê-lo perder votos nas eleições presidenciais de 2018. Quem viveu sob um regime comunista, quando consegue livrar-se dele, jamais admite a ele retornar, à exceção dos teóricos socialistas que pululam nas universidades e sindicatos.

A história da Revolução Russa foi contada e recontada várias vezes, de forma a elevar o ego do líder comunista de plantão no momento: Lenin, ao contrário do que se dizia na era soviética, não esteve à frente da revolução,

uma vez que ele se encontrava exilado na Suíça e só chegou ao centro dos acontecimentos em abril, dois meses depois que o povo explodiu em fúria pelas ruas de São Petersburgo, em 23 de fevereiro de 1917. Também não foram os bolcheviques que derrubaram a monarquia russa, e sim um grupo de reformistas que incluía liberais e mencheviques. Embora o novo regime tenha demonizado o Tzar Nicolau II como o maior de todos os tiranos, ele entregou o poder sem luta, renunciando ao trono, enquanto um novo regime igualmente tirânico e injusto derrubou o Governo Provisório do então primeiro-ministro Alexander Fyodorovich Kerensky, prometendo criar o paraíso na Terra para os pobres, mas só lhes trazendo dor e sofrimento.

No livro *A revolução traída*, de Leon Trotsky, escrito na década de 30, o teórico marxista que foi íntimo colaborador de Lênin, líder exilado perseguido e assassinado por Josef Stalin, analisa que o regime soviético desviou-se da rota imaginada por Lenin desde os primeiros anos após a tomada do poder. Para ele, Stalin fomentou uma crescente burocracia estatal, a qual passou a usufruir de privilégios semelhantes aos da antiga burguesia capitalista. Além disso, o sistema de partido único, a falta de uma voz discordante e a impossibilidade de qualquer avaliação crítica foram fatais para o país e para o comunismo.

Mas se o regime comunista foi um fracasso em termos de liberdade, igualdade e fraternidade, como preconizavam os ideais da Revolução Francesa, é preciso reconhecer que houve avanços em algumas áreas. Segundo Andy Willimott, em seu livro *Living the Revolution: Urban Communes & Soviet Socialism* (*Vivendo a Revolução: Comunas Urbanas e Socialismo Soviético*, em tradução livre), a revolução abriu alguma possibilidade de melhoria nas condições de vida da população: foram criadas leis trabalhistas, creches e cantinas coletivas; os sindicatos passam a ser oficialmente reconhecidos; a homossexualidade deixou de ser crime até que

Stalin voltasse a criminalizá-la etc. Também foram criadas algumas políticas de proteção às mulheres, como a criminalização do abuso sexual e a legalização do aborto, que também seria retirado por Stalin. No entanto o fracasso na área econômica foi fatal.

No prefácio do ensaio “O cálculo econômico sob o socialismo”, do notável economista Ludwig von Mises, o professor de economia Yuri N. Maltsev, que ocupou vários cargos no governo e nas áreas de pesquisa, em Moscou, antes de desertar para os EUA em 1989, observa que, naquele ensaio, Mises, examinando as alegações mais fundamentais do marxismo, expõe o socialismo como sendo um esquema que, além de utópico, é ilógico, antieconômico e impraticável em sua essência. Era um experimento que estava destinado ao fracasso, como de fato viria a acontecer, porque era desprovido da fundamentação lógica da economia.

Além de negar toda a lógica e fundamentação das leis econômicas, e para quem o direito de propriedade não passava de preconceito burguês, “O socialismo não fornece meio algum para se fazer qualquer cálculo econômico objetivo – o que, por conseguinte, impede que os recursos sejam alocados em suas aplicações mais produtivas”, criticava Maltsev. No entanto, segundo ele, em 1920, época em que a obra foi lançada, “o entusiasmo pelo socialismo era tão forte, principalmente entre os intelectuais ocidentais, que esta pequena e perspicaz obra-prima de Mises não apenas não foi compreendida, como também foi deliberadamente distorcida pelos seus críticos”.

Sendo conhecedor da história em seu país e criticando o planejamento econômico centralizado, Maltsev acrescenta: “a efetiva implementação do socialismo mostrou a total validade da análise de Mises. O socialismo tentou substituir bilhões de decisões individuais feitas por consumidores soberanos no mercado por um ‘planejamento econômico racional’ feito por uma

comissão de iluminados investida do poder de determinar tudo o que seria produzido e consumido, e quando, como e por quem se daria a produção e o consumo. Isso gerou escassez generalizada, fome e frustração em massa.” Isso é o que a história nos mostrou na implantação do comunismo na URSS e na China. Mises demonstrou ser melhor profeta do que Marx.

Tão ou mais sangüinário do que a implantação do comunismo na Rússia foi o que aconteceu na China depois da derrota das forças de Chiang Kai-Shek para os comunistas de Mao Tsé Tung (Mao Zédong), entre os anos de 1949 e 1976, período em que foi implantada a ditadura comunista na China. O número de chineses que morreram executados, de fome, pelos trabalhos forçados e por todas as atrocidades que só comunistas fervorosos sabem executar, aumenta à medida que mais documentos são liberados e mais sobreviventes dão o seu testemunho. O certo é que as cifras mais conservadoras falam em cerca de 40 milhões (Atenção! Não são milhares; são milhões!), e outros cálculos chegam a 100 milhões de chineses mortos em decorrência dos experimentos realizados pelos novos deuses na criação do paraíso chinês e do novo homem do comunismo.^[11]

Os mesmos desastres que aconteceram na implantação do regime comunista na URSS repetiram-se com mais crueza na China. Somente durante o Grande Salto para Frente,^[12] um programa econômico e sociopolítico implantado por Mao, entre 1958 e 1960, e que visava transformar a China, de um país agrário e atrasado, em um país industrial avançado, estima-se que o número de mortos varia entre 20 milhões e 75 milhões.^[13]

No livro *Hungry Ghosts: Mao's Secret Famine*, seu autor, o jornalista Jasper Becker, apresenta um terrível relato de histórias de terrorismo, canibalismo, tortura e assassinato patrocinados pelo Estado. Enquanto a

propaganda oficial e a liderança comunista da China anunciavam a realização de colheitas recordes e recusava as importações e a assistência internacional, sua população realizava canibalismo para tentar sobreviver à fome, da mesma forma que se comprovou ter acontecido nos anos iniciais do comunismo na URSS.

Durante toda a sua existência, o comunismo foi incapaz de criar algo que pudesse evitar os desequilíbrios e as injustiças do mercado. A China de Mao só conseguiu o êxito que hoje causa espanto ao mundo quando abandonou os fundamentos do marxismo e mergulhou de cabeça no capitalismo, orgulhando-se de que hoje existem mais de 200 bilionários no país e que a classe de pessoas muito ricas é de mais de um milhão de pessoas. Somente a classe média é igual à população do Brasil: cerca de 208 milhões de chineses, segundo dados da consultoria Bain & Company em parceria com o China Merchant Bank.

Aliás, um dado interessante é que um em cada quatro chineses que fazem parte da lista das cem pessoas mais ricas da China é filiado ao Partido Comunista, exatamente o partido que agrupava os comunistas que prometeram acabar com os capitalistas e com as diferenças entre classes sociais, enviando para campos de trabalhos forçados qualquer um que se atrevesse a externar ideias capitalistas.

No prefácio que preparou para *O Livro Negro do Comunismo*, o organizador do livro, Stéphane Courtois, diz que os elementos encontrados por sua equipe comprovam que a violência é um elemento intrínseco à ideologia e à práxis comunista, comparando "o genocídio da raça" (o Holocausto dos judeus) executado pelos nazistas ao "genocídio de classe" realizado pelos comunistas em relação à classe anterior dos que produziam, substituída pelos tecnocratas do Partido Comunista, a nova Nomenclatura.^[14]

O paraíso prometido pela revolução comunista chinesa de 1949, e que mandou para campos de reeducação capitalistas trabalhadores e intelectuais, somente veio a melhorar a situação de sua população em 1978, com as reformas de Deng Xiaoping, que deram início ao processo de abertura econômica do país, levando à explosão de capitalismo e ao crescimento econômico de hoje, que criam bilionários e ricos a cada mês, muito embora o país venha enfrentando o aumento da miséria e da desigualdade social, um mal do capitalismo que o comunismo também não conseguiu acabar.

O modelo de comunismo chinês deve ser condenado pelos socialistas revolucionários, pois, para eles, qualquer tentativa de reformulação ou domesticação do capitalismo fracassaria, uma vez que os reformadores seriam fatalmente corrompidos, e eles próprios transformar-se-iam em capitalistas. Esse modelo procura promover ao máximo o capitalismo, ao mesmo tempo em que trata, com mão de ferro, qualquer exigência de liberdade política, como ficou bem demonstrado pelos dez mil mortos, cadáveres esmagados por veículos blindados e manifestantes perfurados por baionetas pelo Exército Chinês, conhecido como “O Massacre na Praça da Paz Celestial”, em junho de 1989, de acordo com documentos dos Arquivos Nacionais Britânicos.

Esse foi o saldo dos sangrentos massacres que o Partido Comunista Chinês conseguiu, depois de ordenar que os tanques do exército reprimissem os protestos pró-democracia na Praça Tiananmen. Não esqueçamos que Karl Marx, criador do materialismo histórico, afirmava que a violência é a parteira da história, e o ódio, o móvel das classes em luta pelo poder, por isso, no Brasil, as esquerdas justificam a violência dos chamados *Black Blocs*.

Também os fatos mostraram o equívoco de Lenin e sua crença de que a revolução comunista iria desenvolver-se em nível mundial, sendo ela

substituída pela ideia de "socialismo em um só país", tese desenvolvida por Nikolai Bukharin em 1925 e adotada por Josef Stalin, e segundo a qual a União Soviética deveria renunciar temporariamente à revolução mundial, e em lugar disso reforçar-se internamente, construindo a sólida base industrial e um poder militar respeitável antes de exportar a revolução para o resto do mundo. Essa tese foi contestada por Leon Trotsky, que defendia a tese da Revolução Permanente, o que acabou por selar o seu destino, pois Stalin nunca o perdoou por essa e outras discordâncias.

A Revolução Bolchevista guarda muitas similitudes com o aspecto autofágico da Revolução Francesa, pois durante o governo de Lênin, mas principalmente no período de Josef Stalin, o regime assassinou seguidamente antigos líderes revolucionários que trabalharam para o êxito da Revolução, como Nikolai Bukharin, considerado por Lenin como “um valioso e grande teórico da revolução” e seu virtual sucessor, depois de Trotsky. De forma semelhante ao Período de Terror instaurado por Robespierre, e que foi um precursor do conceito de Terrorismo de Estado, Stalin também comandou o período chamado de Grande Terror Stalinista nos anos de 1936 e 1939, que resultou em perseguições, prisões e execuções de milhares de pessoas.

Assim como os jacobinos da Revolução Francesa, desde cedo os comunistas russos utilizaram-se da violência contra a população, principalmente a campesina, assassinando os proprietários de terras e roubando a produção agrícola de todo pequeno proprietário para alimentar a nova burocracia e as tropas do Exército Vermelho criado por Leon Trotsky, assassinando todos aqueles que se levantassem contra a revolução.

O Terror Vermelho e a Tcheka

Marx dizia que: “Há apenas um meio de cercear, simplificar e localizar a agonia sangrenta da velha sociedade e as sangrentas dores do parto

da nova, apenas um meio: o terror revolucionário.” [\[15\]](#)

As manifestações de desagrado com os rumos que a Revolução de outubro estava tomando começaram a se transformar em ações efetivas em meados de 1918, quase um ano depois de sua vitória, com uma sucessão de fatos inquietantes: em 20 de junho ocorreu o assassinato do Comissário de Informação Soviético, Moises V. Volodarsky, do chefe da Tcheka em Petrogrado, Moisei Uritsky, dirigente do Partido Bolchevique naquela cidade, e, o mais grave deles, a tentativa de assassinato de Vladimir Lenin, em 30 de agosto, por Fanny Kaplanque, que atirou nele ferindo-o sem muita gravidade, mas abalando a sua saúde de forma permanente.

O “Terror Vermelho”, a resposta do governo a esses atentados, veio por meio de uma ordem do Comissário do Povo para o Interior, Gregory Petrovsky, de três de setembro de 1918, na qual ele decretava o fim de qualquer leniência com os dissidentes, a prisão dos socialistas-revolucionários, a apreensão de reféns entre os burgueses e oficiais, além de autorizar os fuzilamentos sumários. Essa medida foi o início de uma política de terror em massa, executada, em vários graus de intensidade, durante toda a guerra civil, que terminou em 1922 e causou a morte de milhares de pessoas. O "Terror Vermelho" ajudou a fortalecer o regime bolchevique por meio de uma violência nunca antes vista na Europa. No entanto isso seria apenas o começo do regime terrorista soviético.

Para cumprir esse objetivo, Lenin havia criado a sua polícia secreta, a Tcheka, organização de polícia secreta da União Soviética que substituiu a Okhrana czarista, e tinha por função "reprimir e liquidar" qualquer ato que fosse considerado "contrarrevolucionário". Seu mandato compreendia também liquidar todos os chamados “inimigos do regime” – nome pelo qual Robespierre chamava seus opositores durante os anos de terror da Revolução

Francesa – e incluía os sabotadores, agentes inimigos e especuladores. A Tcheka seria “a espada e o escudo da Revolução” - símbolos que foram mantidos no escudo do KGB, órgão que a substituiu – e realizou milhares de assassinatos, que posteriormente seriam executados pelo KGB, a mais famosa organização de espionagem e de repressão interna do regime soviético.

Para alimentar as tropas do recém-criado Exército Vermelho, organizado por Leon Trotsky, o intelectual marxista e revolucionário bolchevique, a Tcheka invadiu aldeias para realizar requisições forçadas (roubos) de grãos, muitas vezes matando aqueles que se opusessem e deixando os camponeses produtores sem seu alimento. Nas cidades, aquela organização foi encarregada de acabar com as greves de trabalhadores nas fábricas, que no passado Lenin tanto incentivara, prendendo muitas lideranças dos trabalhadores e as enviando aos campos de trabalhos forçados. A greve, que seria um direito sagrado dos trabalhadores, foi abolida.

Apesar disso, inúmeras greves ocorreram em 1919, em diversas cidades da Rússia, pois os trabalhadores famintos procuravam ter os mesmos direitos de receber as rações alimentícias que os soldados do Exército Vermelho recebiam. Eles também exigiam a eliminação de privilégios para os novos donos do poder, a liberdade de imprensa e eleições livres, conforme os bolcheviques haviam prometido. No caso particular de uma greve de trabalhadores da fábrica Putilov, em 16 de março de 1919, a Tcheka invadiu aquela fábrica prendendo mais de 900 grevistas, e 65 deles foram executados sem julgamento. Todas as greves foram reprimidas com violência, e muitos trabalhadores foram executados, deportados ou enviados para os campos de trabalhos forçados.

O slogan “Paz, Pão e Terra” utilizado por Lenin para seduzir e aliciar trabalhadores rurais e urbanos era somente um engodo para obter o apoio

deles para a tomada do poder e depois expropriá-los e matá-los. Esse exemplo seria seguido décadas depois, no Brasil, pela organização criminosa PCC, que, segundo escrevem o procurador de Justiça do Ministério Público paulista Márcio Sérgio Christino e o jornalista Claudio Tognolli, no livro *Laços de Sangue*, usou o slogan "Paz, Justiça e Liberdade" para tentar legitimar a sua atuação como representante da massa carcerária, aparecendo como uma entidade antiopressão.

Segundo a dupla de escritores, a violência, o assassinato e a opressão contra os companheiros de detenção foram fundamentais para a tomada e consolidação do poder daquela facção criminosa nos presídios; a organização que dizia lutar por “Paz, Justiça e Liberdade”, hoje, pratica “Guerra, Morte e Dominação” de seus desafetos. A reivindicação de melhorias nas instalações carcerárias nos presídios do país era apenas uma estratégia para cooptar seguidores, da mesma forma que Lenin fez na Rússia em 1917.

Acredita-se que entre seis mil e oito mil pessoas foram mortas, e quase 90 mil foram presas pela Tcheka até a primeira metade de 1919.^[16] Os dirigentes soviéticos, também a exemplo do revolucionário francês Robespierre, pareciam acreditar que qualquer volume do sangue de seus compatriotas deveria jorrar, desde que a revolução “salvadora” não sofresse retrocessos, portanto eles não hesitaram em usar a violência desde o início. A medida que o repúdio ao novo e brutal regime crescia em 1918, a Tcheka também cresceu, passando de uma pequena agência de algumas centenas de funcionários para uma formidável organização de 100 mil agentes em todo o país, operando completamente livre de injunções legais. Para chefiá-la, Lenin escolheu um homem de sua inteira confiança e que entraria para a história como um dos mais brutais assassinos do seu próprio povo: o implacável Felix Dzerzhinsky.

Por decreto de Lênin, a Tcheka ficava praticamente fora de qualquer controle do judiciário, e dessa forma seus agentes podiam operar como investigadores, realizar detenções e execuções sem julgamento dos acusados, já que apenas a opinião do tchekista encarregado do caso era suficiente, pois não havia a supervisão legal de suas operações. Sua única obrigação era informar suas ações, *a posteriori*, ao Conselho dos Comissários do Povo e ao poderoso Comitê Executivo Central da Rússia. Os métodos de tortura da Tcheka só perdem para aqueles empregados pela dita “Santa” Inquisição e não vale a pena descrevê-los.

Um exemplo da brutalidade com que Lenin combatia os *kulaks*, os pequenos empresários agrícolas, quando realizou a chamada *prodrazvyorstka*, a política bolchevique de confisco de grãos e outros produtos agrícolas dos camponeses, uma requisição forçada, que, como o próprio nome diz, autorizava as autoridades a tirar dos trabalhadores todo o fruto do seu trabalho, sendo expressa em uma ordem, datada de 11 de agosto de 1918, por ele assinada e enviada aos comissários da localidade de Penza, próxima de Moscou, onde aquele genocida revolucionário ordenava:

Camaradas! A revolta dos *kulaks* de cinco *volost* [região administrativa rural da Rússia] deve ser suprimida sem piedade. O interesse de toda a revolução exige isso, porque já temos diante de nós a nossa batalha decisiva final com os *kulaks*.

Precisamos dar um exemplo. Você precisa pendurar – pendurar sem falhar, e fazê-lo para que o público veja – pelo menos 100 *kulaks* notórios, os ricos e os sanguessugas. Publique seus nomes. Retire todo o seu grão. Execute os reféns – de acordo com o telegrama de ontem.

Isso precisa ser realizado de tal forma que as pessoas por centenas de quilômetros ao redor vejam, tremam, conheçam e gritem: vamos sufocar e estrangular aqueles kulaks sugadores de sangue. Telegrafe-nos reconhecendo o recebimento e a execução deste.

Lenin

P.S.: Use as pessoas mais brutais para isso.

Aproximadamente uma semana depois, Lenin enviou outro telegrama, cobrando o cumprimento das providências às ordens dadas, dizendo:

Estou extremamente indignado por não ter havido nada de definitivo sobre que medidas sérias foram finalmente realizadas por você para a supressão implacável dos *kulaks* das cinco *volost* e o confisco de seus grãos. Sua inatividade é criminosa. Todos os esforços devem ser concentrados em uma única *volost* que deve ser varrido de todos os excedentes de grãos. Cumprimento do telégrafo.

Lenin

Essa era a ordem do homem que conseguiu inspirar e cooptar milhares de camponeses russos prometendo “Pão, Paz e Terra” para que se juntassem a ele e ao seu projeto revolucionário. É a ordem de retirar dos pobres o alimento que era fruto do seu trabalho, ordem que nem mesmo o czar jamais teve coragem de realizar. Era o punho de ferro do comunismo que mostrava sua força àqueles inocentes que acreditaram que a camarilha comunista poderia construir o “Reino de Deus sobre a Terra”; Lenin de fato construiu um reino, mas para ele, explorando a terra e o trabalho alheios.

O método de supressão da oposição política pelo "Terror de Massa"

tornou-se um sistema padrão do governo soviético e ficou conhecido também como “Terror Vermelho”, talvez para lembrar o período sangrento de perseguições e decapitações comandado por Robespierre sob o argumento de salvar a Revolução Francesa de seus inimigos e que só terminou com a sua própria execução na guilhotina, para onde havia mandado milhares de seus inimigos e até mesmo amigos. Apesar de geralmente se referir às execuções em massa realizadas pelas tropas da Tcheka, por ordem de Lênin, nos primeiros anos da revolução, o terror voltará anos mais tarde, dessa vez sob a chancela do sanguinário ditador genocida soviético Josef Stalin.

O crescimento do “Terror de Massa” não tardou a despertar críticas até mesmo dentro do Partido. Respondendo a essas críticas, Lenin afirmou, em uma conferência dos representantes de Tcheka, realizada em novembro de 1918, que, apesar da presença de “elementos estranhos” em suas fileiras, a Tcheka estava **“colocando em prática a ditadura do proletariado e, a este respeito, seu papel é inestimável, não há outro caminho para a libertação das massas do que a supressão dos exploradores pela força”**.

Na década de 1920, o governo de Leningrado tomou medidas para acabar com todos os sindicatos, círculos e sociedades que não estivessem subordinadas ao governo, e a Tcheka estava envolvida nisso também, prestando o seu serviço ao proletariado. Isso significava que, sob a justificativa de atuar “no interesse da revolução”, os membros daquela organização estavam livres para acusar, condenar e aplicar qualquer penalidade a quem quer que fosse. Essa era a Ditadura do Proletariado sonhada por Karl Marx e executada por Vladimir Lenin. O termo que melhor se encaixaria às suas ações seria “A Ditadura Contra o Proletariado”.

Em três de setembro, o jornal *Izvestia*, que era uma espécie de *Diário Oficial na União Soviética*, publicou o seu primeiro artigo sobre o Terror

Vermelho,^[17] em que os bolcheviques apelavam para que a "classe trabalhadora" contribuísse para a destruição de seus inimigos por meio do terror. Esse fervor quase religioso pela violência desenfreada, no qual a simples referência à classe social à qual uma pessoa pertencia poderia decretar a sua morte, pode ser constatado na seguinte declaração de Martin Latsis, chefe da Tcheka ucraniana:

Não olhe no arquivo de evidências incriminatórias para ver se o acusado se levantou contra os soviéticos com armas ou palavras. Pergunte-lhe, em vez disso, a qual classe ele pertence, qual é o seu passado, a educação, a profissão, perguntas que determinarão o destino do acusado. Esse é o significado e a essência do Terror Vermelho.

Essa conclamação à destruição total dos inimigos reais ou imaginários dos bolchevistas também foi repetida por Grigory Zinoviev, um opositor de Lenin, que declarou, em meados de setembro 1918: “Para vencer os nossos inimigos, devemos ter o nosso próprio militarismo socialista. Temos de carregar conosco 90 milhões dos atuais 100 milhões da população da Rússia Soviética. Quanto ao resto, não temos nada a dizer a eles. Eles devem ser aniquilados.”

Mesmo tendo indicado Stalin para a Secretária-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 1922, no XI Congresso do Partido, e depois de ter presidido o Comintern de 1919 a 1926, Zinoviev foi expulso do Partido e acabou sendo executado em 1936, após divergência com Stalin: a mesma espada que usava contra os opositores do regime acabou por atingi-lo.

Segundo artigo intitulado “*Crimes et violences de masse des guerres civiles russes (1918-1921)*”, publicado na *Encyclopédie des violences de*

masse, Lenin já vinha desenvolvendo a teoria de “Terror de Massa” desde 1905, pois, segundo sua convicção, o proletariado e os camponeses deveriam recorrer ao “terrorismo de massa” contra a violência do regime czarista. O “Terror de Massa” aparece, com toda a plenitude, com a tomada do poder pelos bolcheviques, em outubro de 1917, data a partir da qual o governo incentivou todas as formas de violência social. O essencial, para Lenin, era captar toda essa violência e dirigi-la contra os chamados "inimigos de classe", ou seja, todos aqueles que atravessassem seu caminho.

A Violência contra a Igreja

A violência não se abateu somente sobre os camponeses e operários. Lenin ordenou, secretamente, a expropriação dos bens das igrejas, e membros do clero foram submetidos a violências. Em 23 de janeiro de 1918, Lenin publicou um decreto que encerrava todas as ligações entre a Igreja Ortodoxa e o Estado. Os bens da Igreja foram desapropriados, o ensino de religião nas escolas públicas foi proibido, e somente foi permitida à Igreja Ortodoxa a liberdade de culto, desde que não perturbasse a ordem pública e que os fiéis não deixassem de cumprir seus deveres cívicos.

Durante a vigência do comunismo na extinta União Soviética, as autoridades daquele país perseguiram as religiões, principalmente a outrora influente e poderosa Igreja Ortodoxa Russa, em diferentes graus, dependendo do interesse do governante do momento. O marxismo-leninismo preconizava o ateísmo e defendia o controle, a supressão e a eliminação das crenças religiosas. Como consequência, fechou igrejas, prendeu ou assassinou seus líderes, e promoveu o ensino do ateísmo, segundo preconizava Max.

Em um golpe traiçoeiro contra a fé do povo russo, em 19 de março de 1922, Lenin enviou aos membros do Politburo uma mensagem ultrassecreta, na qual recomendava a desapropriação dos imóveis e terrenos da Igreja, seus

templos e prédios, que foram incluídos no rol do patrimônio do povo, uma vez que os bolchevistas precisavam de dinheiro.^[18] Dizia Lenin naquele documento, aproveitando-se da fome e da caótica situação que reinava no país após a revolução:

Agora e só agora, quando as pessoas são comidas em áreas famintas, e centenas, senão milhares, de cadáveres estão nas estradas, podemos (e, portanto, devemos) perseguir a remoção da propriedade da igreja com a energia mais frenética e implacável e não hesite em deixar a menor oposição. Agora e só agora, a grande maioria dos camponeses estará no nosso lado ou, pelo menos, não estará em condições de apoiar de forma decisiva este punhado de clérigos das Nozes e da pequena burguesia urbana reacionária, que estão dispostos e capazes de tentar opor-se a este decreto soviético com uma política de força.

Devemos perseguir a remoção da propriedade da Igreja por qualquer meio necessário para garantir um fundo de várias centenas de milhões de rublos de ouro (não se esqueça da imensa riqueza de alguns mosteiros e lauras). Sem este fundo, nenhum governo trabalha; qualquer acumulação econômica em particular, e qualquer sustentação de princípios soviéticos em Gênova, especialmente, é completamente impensável. Para obter esses fundos de várias centenas de milhões de rublos de ouro (ou talvez até várias centenas de bilhões), devemos fazer o que for necessário.

Em outro trecho de sua mensagem, e referindo-se a uma reunião para

discutir o assunto, Lenin diz:

Nesta reunião, [deve-se] aprovar uma resolução secreta do congresso, de que a expropriação dos bens de valor, especialmente dos lauras, mosteiros e igrejas mais ricas, deve ser realizada com uma decisão implacável, não deixando nada em dúvida e no mais curto espaço de tempo. Quanto maior o número de representantes do clero reacionário e da burguesia reacionária conseguirmos eliminar nessa ocasião, melhor, porque esse ‘público’ precisa receber uma lição de tal forma que jamais se atrevem a pensar em qualquer resistência por várias décadas.

Segundo Alexander N. Yakovlev, que discorreu sobre os males que o comunismo causou ao seu país, no livro *A century of violence in Soviet Russia*, um poderoso libelo acusatório contra o sistema soviético foi o fato de que, padres, monges e freiras foram crucificados, jogados em caldeirões de piche fervente, escarpelados, estrangulados e afogados em buracos no gelo.

Yakovlev sabe o que está dizendo, uma vez que teve acesso privilegiado aos arquivos do Estado e do Partido; foi presidente da Fundação Internacional da Democracia em Moscou e da Comissão Presidencial da Rússia para a Reabilitação das Vítimas de Repressão Política. Durante os anos 1980, ele foi membro do Secretariado do Comitê Central e do Politburo do Partido Comunista da União Soviética – PCUS - e embaixador soviético no Canadá de 1973 a 1983. Depois retornou à União Soviética para se tornar um dos principais conselheiros de Mikhail Gorbachev, sendo considerado o arquiteto da *glasnost* e da *perestroika*. Com todos esses atributos, suas afirmações no livro recebem uma poderosa dose de credibilidade em relação

àqueles que acusam como invencionices quaisquer acusações sobre os crimes do comunismo.

Adriano Roccucci, professor de História Contemporânea na Universidade Roma e autor de *Stalin e o Patriarca: a Igreja Ortodoxa e o Poder Soviético*, explica que a perseguição à Igreja diminuiu durante a invasão alemã, na Segunda Guerra, graças ao apoio que essa instituição deu aos fiéis, no sentido de defenderem o país. Além disso, Stalin queria mostrar aos países aliados na guerra que seu país respeitava a liberdade religiosa.

De acordo com Roccucci, a Igreja Greco-Católica sofreu uma grande repressão na União Soviética: foram presos e enviados para os campos de concentração todos os bispos, e alguns foram mortos; esse destino foi seguido por muitos sacerdotes e fiéis leigos. As estruturas da Igreja Greco-Católica foram incorporadas à Igreja Ortodoxa por meio de um “sínodo” realizado em Lviv, na Ucrânia, em 1946, considerado canonicamente inválido porque dele não participou nenhum bispo greco-católico. Essa incorporação, que foi uma anomalia, queria conter o mundo greco-católico, nacionalmente avesso a Moscou e considerado potencialmente subversivo. O Estado estava comprometido com a destruição da religião.

Não podemos omitir que o uso do terror era comum na Idade Média e em todo processo revolucionário como um instrumento de guerra política, como se pôde verificar na revolução bolchevista e em outras revoluções como na Revolução Puritana na Inglaterra e mesmo na Revolução norte-americana. Dizia o anarquista revolucionário Victor Serge que:

Jamais houve guerra, jamais houve revolução sem terror [...] Em resumidas contas, o problema que se coloca para vencer a guerra civil é o mesmo que se coloca para vencer uma guerra entre Estados. Trata-se de aniquilar a uma parte

– a melhor – das forças vivas do adversário e de desmoralizar e desarmar aos restantes.^[19]

Em 21 de janeiro de 1924, Lenin morre, encerrando o primeiro capítulo da ópera comunista. Novo ato prepara-se com a substituição de líder bolchevista: por meio de mentiras e trapaças, Josef Stalin assume o poder, em lugar daquele que era dado como praticamente certo, Leon Trotsky. Começa outro capítulo sangrento na história do comunismo. No primeiro ato Lenin teria a atenuante de que enfrentava a guerra civil e a escassez de alimentos; no segundo, Stalin aproveitará a estrutura de repressão e terror deixada por ele e executará as suas terríveis perseguições políticas de 1932 a 1939, massacrando qualquer tentativa de mudar o comunismo.

Poder-se-ia escrever centenas ou milhares de páginas mostrando os crimes praticados pelos revolucionários russos, principalmente seus líderes Lenin, Trotsky e Stalin, mas isso estaria fora dos objetivos propostos para este livro. Essas breves menções são feitas apenas para lembrar aos leitores mais jovens, e que muitas vezes, por desconhecerem o passado e a história, ainda se encantam com teorias ideológicas que comprovadamente se mostraram falhas e cruéis para a sociedade.

Comunismo – O ópio dos intelectoides

Vimos, anteriormente, uma fração mínima de alguns dos crimes praticados por Lenin e sua horda revolucionária de assassinos e doentes mentais. E depois de tudo isso, um fator me intriga: saber por que, apesar de tudo que se descobriu e publicou a respeito de seus crimes, o socialismo, ou o comunismo, a sua degeneração mais clássica, e seus líderes maiores continuam a exercer um fascínio tão grande sobre a intelectualidade do primeiro ao terceiro mundo.

Em *The Opium of the Intellectuals*, lançado em 1955, seu autor, o sociólogo e comentarista político liberal francês Raymond Aron, um dos mais importantes filósofos do século XX, analisa a cultura intelectual francesa das décadas de 1940 e 1950, procurando entender a propensão dos intelectuais para o utopismo irracional. No livro, Aron procura entender por que o marxismo voltou à moda na França, um país aonde a evolução econômica vinha desmentindo as previsões marxistas. Segundo Aron, nenhuma outra doutrina criou no homem uma “ilusão da onipotência” como o marxismo, uma ideologia que ele considerava “o ópio dos intelectuais”. Ele também considerava o comunismo uma versão aviltada da mensagem cristã, entendendo que “o cristão nunca poderá ser um autêntico comunista, do mesmo modo que o comunista não pode crer em Deus, porque a religião secular, animada por um ateísmo fundamental, declara que o destino do homem se cumpre todo nesta terra”.

Aron era um crítico das ideologias da esquerda e por isso era detestado pela esquerda intelectual na era da hegemonia cultural do comunismo. Seu livro é da maior importância não somente pelo brilho intelectual do autor, mas também pela reflexão que faz sobre as loucuras e inconsistências do pensamento marxista, mostrando como ideias nobres podem engendrar tiranias e totalitarismo e denunciando a subserviência dos intelectuais em relação à União Soviética.

Nos anos 1970, muitos desses intelectuais passaram a lhe dar razão. Sobre Aron, Patrick Jarreau escreveu no diário *Le Monde*: “Consegui finalmente desintoxicar os intelectuais que se tinham tornado dependentes do ópio marxista-leninista”, um feito marcante que poucos conseguiram. Talvez ele tenha conseguido redimir alguns intelectuais, mas não os intelectóides.

Outra obra importante sobre o tema que estamos abordando é o livro

The God That Failed, de David Engerman e Richard H. S. Crossman, uma antologia de ensaios de seis importantes escritores (Arthur Koestler, Ignazio Silone e Andre Gide, todos romancistas e ensaístas), um escritor inglês (Stephen Spender, poeta) e dois escritores americanos (Richard Wright, romancista, e Louis Fischer, jornalista político). Todos eles pertenceram ao Partido Comunista e trabalharam em seu nome, e foram considerados intelectuais estrangeiros de prestígio pelo regime soviético. Em 1948, ao constatarem a podridão que se escondia por detrás do mito da “ditadura do proletariado”, todos eles rejeitaram seus compromissos intelectuais e emocionais anteriores ao Partido e ao comunismo.

Todos eles confessam que se uniram ao Partido Comunista baseados em seus objetivos utópicos em relação à justiça social. Como muitos outros intelectuais, pretendiam promover a reforma do homem e da sociedade, oferecendo aos seres humanos um sonho político e ideológico de um mundo onde o Estado seria extinto, por já não ser mais necessário, onde a exploração econômica desapareceria e todos os homens e mulheres teriam liberdade, a grande promessa do comunismo que apaixonou muitos intelectuais em todo o mundo. Seus autores descrevem como ocorreu sua conversão e subsequente desilusão com o comunismo, bem como a agonia pessoal que os fizeram rejeitar essa promessa utópica.

Eles mostram também que a maioria dos intelectuais que defendem o marxismo o entende mais como uma fé do que como um conjunto de proposições discursivas sobre o homem e a sociedade, e que poderiam ser contraditadas pela realidade e pelo argumento racional. O marxismo apresentava-se com um apelo "científico", enquanto na verdade era simplesmente pseudocientífico, uma vez que não estava aberto à validação ou à prova do contrário. Tratava-se de uma nova fé, uma nova crença por meio da qual as pessoas faziam questão de se iludir.

Os intelectuais estavam todos conscientes das inconsistências entre os ideais do comunismo e sua prática quando se juntaram ao Partido Comunista, mas preferiram acreditar que esses problemas eram devido a imperfeições humanas ou pelas circunstâncias históricas desfavoráveis. Todos esses fracassos e reveses, causados pelas incongruências de origem do comunismo e que feriam os princípios da economia, eram justificados pelo “Pai dos Povos”, Josef Stalin, como sendo resultado de sabotagem, traição e resistência tenaz dos capitalistas burgueses e seus asseclas estrangeiros, desculpa que era difundida para todos os intelectuais do mundo. Note-se que é o mesmo discurso que os ditadores de Cuba e da Venezuela utilizam para encobrir a falência de seus regimes.

No Brasil são poucos os intelectuais comunistas que admitiram rever suas crenças comunistas. Na verdade, parece que existe uma espécie de conflito psicológico e egoico em alguém ter que admitir que se enganou, que cometeu um erro de avaliação. Os ex-comunistas parecem temer também as patrulhas ideológicas, o desprezo por parte dos ex-companheiros e da mídia, ou simplesmente continuam acreditando na sua fé anterior por teimosia, burrice, por interesses econômicos, ou para “ficar bem na foto”, pois, afinal, os comunistas nunca podem se enganar.

Na União Soviética, por mais de 70 anos, a exemplo de outras ideologias surgidas na segunda metade de século XIX, o comunismo prometeu criar um “novo homem”, o “*Homo Sovieticus*”, acreditando nas “certezas científicas” dos novos gurus revolucionários, Marx e Engels, promessa que encantou milhares de jovens românticos pelo mundo todo. A queda inglória do antigo império da União Soviética, o caos que se seguiu na Rússia a esse evento e a liberação de documentos que eram guardados a sete chaves pelos chefões do governo e do Partido, só vieram comprovar que, enquanto para alguns o comunismo era um sonho, para outros, que sentiram

na pele os seus efeitos, foi um pesadelo bem real.

A falácia muito difundida de que o comunismo seria a “ditadura do proletariado” é rebatida pelo professor Paulo Afonso Carvalho, da Universidade de Brasília (UnB), para quem a elite aristocrata, empresarial, banqueira e intelectual da Rússia, que não conseguiu deixar o país, foi assassinada, dando lugar a uma nova elite, à nova nobreza bolchevique. Para ele, “a ditadura do proletariado na verdade nunca existiu; era a ditadura de um partido só, que agia em nome do proletariado”. Lenin e Stalin foram autocratas, cada um à sua maneira e a maioria das decisões que tomavam era de cunho pessoal, obedecendo às suas concepções pessoais sobre a revolução, sem estarem jamais preocupados com o proletariado, que, à menor discordância, sofria na pele pela audácia da rebeldia.

O comunismo de Lenin também é fascista, se levarmos em consideração o pensamento do escritor e teórico marxista panamenho Nils Castro, que na atualidade faz a seguinte acusação à direita:

Busca manejar a seu favor as decepções e inconformidades sociais existentes, e seduzir muitos dos seres humanos lançados na marginalidade, na ignorância e no desespero, para tentar fazer deles uma força de choque selvagem contra os cidadãos conscientes, e não apenas no plano eleitoral. Esta convocação à coação e à violência é um dos traços do fascismo como instrumentos político da estratégia da contrarrevolução preventiva. A contracultura popular deve impulsionar cada trabalhador – e cada marginalizado – a reagir como cidadãos conscientes de seus direitos e de seus deveres de solidariedade.

Nils parece não ter lido nenhuma obra de Lenin, pois em seus livros e

em suas ações o líder comunista preconizou exatamente isso: captar a inconformidade social e canalizá-la para a revolução. Em seus discursos ou nos seus documentos secretos que enviava aos seus comandados, sua palavra de ordem contra os adversários e contra os operários e camponeses que não aceitaram a truculência da revolução era “Matar! Eliminar! Destruir!”. Tudo isso foi executado durante o “Terror Vermelho” pela esquerda, pelos comunistas.

Os males praticados pelo império soviético nas últimas sete décadas estão bem documentados, embora autores revisionistas tentem modificar a história, afirmando que os crimes atribuídos a Josef Stalin – e sobre os quais nem tratamos em profundidade – foram uma grande mentira para macular a sua imagem.

Em *Utopia in Power: The History of the Soviet Union from 1917 to the Present* (*Utopia no poder: a história da União Soviética de 1917 até o presente*, em tradução livre do inglês), seus autores Mikhail Heller e Aleksandr Nekrich, destacam que, além do parentesco ideológico existente entre comunismo e nazismo, Lenin foi o primeiro a descobrir o segredo de misturar "espírito e força bruta", o uso prático da força para realizar um programa utópico e o uso de um programa utópico como camuflagem para a força bruta. Mas de nada valeram os milhões de mortos, de torturados, de perseguidos e humilhados; ao final, tudo ruiu: tudo era podre, tudo era mentira.

De acordo com estatística não oficial apresentada em *O Livro Negro do Comunismo*, o total de mortes de responsabilidade daquele regime atinge a inacreditável soma de 94 milhões de mortos em diversos países: 25 milhões na antiga União Soviética durante as eras bolcheviques e estalinistas; 65 milhões na China, 1,7 milhões no Camboja, e assim por diante. Na primeira

edição desse livro ocorrida na França em 1997, o editor-chefe Stéphane Courtois afirma que o comunismo, em todas as suas muitas formas, não era moralmente melhor do que o nazismo e que os dois sistemas totalitários eram muito melhores em matar do que em governar.

Cresce o número de publicações que mostram que comunismo e nazismo eram faces da mesma moeda, que ambos foram tiranias políticas que marcaram o século XX e que tomaram para si o monopólio da virtude e da verdade, da mesma forma que Robespierre matava invocando a virtude. Ambos tinham o monopólio da verdade; ambos queriam desconstruir Deus e construir um “novo homem”; ambos queriam criar um sistema político perfeito. Deixo, no entanto, de analisar o nazismo, por fugir à concepção desta obra, mas podemos dizer que esse sistema seguramente matou um número muito inferior de pessoas, mesmo se considerando os mortos na Segunda Guerra Mundial. Além disso, Hitler promoveu o genocídio de outros povos, enquanto Lênin e Stalin assassinaram o seu próprio povo.

Hoje parece não haver dúvidas de que onde quer que tenha se instalado a ideologia comunista, esta sobreviveu graças ao crime, ao terror sanguinário e à repressão feroz aos seus opositores. Além dos mortos da União Soviética e da China, milhões também foram sacrificados na África, Europa Oriental, América Latina, Coreia do Norte, Vietnã e Camboja. Para Courtois, essa preferência pela violência e pelo crime não foi um acidente, mas um traço integral dessa filosofia e uma prática política que prometeu o paraíso sobre a Terra, mas acabou por escravizar o ser humano.

O sonho acabou e só restaram os pesadelos, mas, como sempre acontece, para muitos intelectuais e políticos que jamais admitem terem se enganado e embarcado em uma canoa furada, o sonho continua vivo; para eles o que ocorreu foram “desvios” dos incompetentes que não tinham a

verdadeira visão do processo civilizatório do comunismo ou não souberam interpretar corretamente o pensamento dos líderes. Talvez seja por isso que o revolucionário assassino Ernesto Che Guevara dizia: “Não quero nunca renunciar à liberdade deliciosa de me enganar.” Ao que eu acrescentaria: **Nem que milhares ou milhões de seres humanos paguem por esse engano!**

Mas para que ninguém mais se engane, alegue ignorância ou apresente desculpas esfarrapadas, vale a pena transcrever um inflamado discurso pronunciado no Parlamento da Federação Russa – a Duma – em nove de abril de 2013, pelo controverso líder do Partido Liberal-Democrata da Rússia, Vladimir Zhirinovsky. A importância desse depoimento para a história é que ele é um verdadeiro libelo acusatório sobre os crimes do comunismo naquele país, só superado pelo discurso de Nikita Krushev durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) realizado de 14 a 25 de fevereiro de 1956, em que ele denunciou os crimes praticados por Josef Stalin, após a sua morte, abalando, assim, a credibilidade do regime soviético e do comunismo no mundo, pelo menos para quem é dotado de raciocínio e de um caráter não assassino.

Embora seja considerado por seus opositores políticos como um demagogo e seus discursos sejam apaixonados, o que Zhirinovsky diz sobre os crimes do bolchevismo não é exagero, pois foi denunciado pelos próprios comunistas e constam em inúmeros livros dos próprios historiadores e pesquisadores russos independentes. Zhirinovsky foi testemunha ocular de muitos dos fatos que narra, participou da história que conta sobre a carnificina cometida durante o “Terror Vermelho” e suas amargas consequências sobre a população russa durante os regimes de Lenin e Stalin, os dois maiores assassinos da história, e que comunistas e socialistas fingem desconhecer. Perdoe-me o leitor, mas embora longa, creio ser importante a

transcrição desse discurso, para que o leitor perceba a loucura que dominou a mente desses homens e que muitos procuram ocultar. Disse Zhirinovsky:^[20]

Se vocês [dirigindo-se aos representantes do Partido Comunista presentes no Parlamento] não querem que toquemos em Lenin visitem a Rua Myasnitskaya, deputados, eu vos imploro! Aproveitem o intervalo! Passem por lá e comprem os livros sobre o Terror Vermelho! Consultem os arquivos. Verifiquem os números. 24 milhões de pessoas sepultadas pelos bolcheviques durante a guerra civil. Conseguem imaginar isso? E outros 30 milhões durante a Grande Guerra Patriótica [nome que os russos dão à Segunda Guerra Mundial].

Ao longo de cem anos – pois isso ainda continua – esses elementos ligados ao governo soviético enterraram cem milhões de pessoas! Cem milhões de pessoas mandadas para a sepultura. E não é só isso. Os bolcheviques exterminaram toda a elite, os melhores supervisores, cientistas. Oficiais, policiais, detetives, o que havia de melhor, enviados para o Gulag na Sibéria, ou simplesmente executados com um tiro.

Leiam as obras do vosso santo Lênin. Em cada página está escrito: “Fuzilar, Fuzilar!” Leiam, são 55 volumes. Nem vocês, comunistas, leem as obras de Lênin? Leiam! Em cada página: “Fuzilar!” Esse homem só sabia conjugar um único verbo. Pode ser que fosse inteligente; ninguém está dizendo que ele era um idiota, mas estamos falando das consequências. O Comitê Central dos bolcheviques era contra a revolução de outubro. Apenas três a desejavam:

Lênin, Trotsky e Sverdlov! Eles a fizeram e a lideraram. E de onde veio o dinheiro para a revolução? Do irmão de Sverdlov, um banqueiro americano! Dos Estados Unidos! Eis a vossa quinta coluna sentada no Kremlin já no segundo dia após a revolução.

Hoje todos sabem, é do conhecimento público! Quando Sverdlov morreu, encontraram seu cofre cheio de moeda estrangeira e joias de ouro. Onde estão as reservas de ouro da Rússia? As joias? Tudo que os tzares e o povo russo acumularam em mil anos eles enviaram para o exterior! Sim, eles construíram fábricas, mas roubaram o país! Sim eles construíram fábricas, por meio dos Gulags [campos de trabalhos forçados], com aqueles trabalhadores formidáveis, pessoas condenadas à morte!

Quem reintroduziu o trabalho forçado? O tzar havia abolido isso. Os bolcheviques o reintroduziram em 1943! Em 1943, o vosso Stalin reintroduziu o trabalho forçado! Já não bastavam as prisões? Os campos de concentração? Não bastava a tortura? A multidão de órfãos? Como se não bastasse vieram com o trabalho forçado. E vejam só o que acontece em nosso país atualmente. Um camarada discursa e diz: ‘Todos os kolkhozes [fazendas coletivas] serão fechados. ’ Claro! Ninguém nunca quis ir a um *kolkhoz*! Eles forçaram as pessoas.

Em 1929 o país estava destruído! Então Lênin, o vosso Lenin ordenou: ‘Voltemos ao capitalismo imediatamente!’ Ele estava desmoralizado. Então inventaram a ‘Nova

Política Econômica’. Traduzindo: ‘De volta ao capitalismo!’ Não conseguimos fazer nada. Comunismo militarizado é morte para o povo. E o que os bolcheviques haviam inaugurado após tomar o poder? Comunismo militarizado! Sim dois conceitos: expropriar e distribuir. Como eles diziam? Não precisamos de dinheiro! “Dá para imaginar uma besteira dessas”? ‘Só precisamos de produtos! ‘ ‘O camponês faz pão. Pegue o pão e dê ao operário! ’ Tome o produto feito pelo operário e dê ao camponês! ‘Dinheiro, para quê? Dinheiro, para quê? Esse era o desejo deles, mas nunca funcionou. Lenin acabou admitindo que o comunismo militarizado falhou miseravelmente e inaugurou a ‘Nova Política Econômica. ’

Stalin, por sua vez, era um completo boçal e decidiu seguir adiante com o modelo fracassado porque entendeu que se a Nova Política Econômica continuasse os bolcheviques seriam derrubados. Os camponeses se rebelariam novamente, pois teriam pão novamente. Seriam proprietários, e como donos decidiriam vender ou não vender. Stalin pensou: ‘Por que comprar pão de ti, camponês? Nós vamos é tomar esse pão de ti!’ E tomaremos o pão pela força, de todos os camponeses. Os camponeses foram eliminados! Eliminados!

Meu padrasto, um oficial do Comitê de Emergência, levou camponeses russos para a Sibéria. Ao voltar ele vomitava pela casa e dizia: “Homens russos saudáveis e fortes”! Fomos a Sibéria, abrimos os vagões aquecidos e os largamos na taiga, na neve! E os que conseguiam pegar em

um machado construíram refúgios. Esses sobreviveram; todos os outros morreram. Mulheres, crianças e idosos – todos morreram! Os adultos mais fortes naqueles vagões, com suas próprias unhas construíram seus abrigos – os que conseguiram obter um machado. Eu fui testemunha de tudo isso. Meu padrasto chegou a atirar na minha mãe. Ele atirou; ele não podia disparar em casa. Ele a colocou contra o muro, não conseguiu matá-la, mas chegou a atirar. Até mesmo os oficiais do Comitê de Emergência enlouqueceram com o Terror Vermelho que vocês [os comunistas] cometeram!

E então, o que o vosso amado Stalin fez? Mandou exterminar todo o partido de Lênin! Todos os que ele havia eliminado até 1940, todos eles, todos eram da elite comunista. Todos! Todos! Ele mandou matar todos do primeiro governo soviético! Matou todos, toda estrutura de comando soviética que havia sido construída: 30.000 oficiais e generais. Mandou matar todo mundo! Tenentes tiveram que comandar divisões inteiras. Que diabo foi isso? No dia 22 de junho eles diziam: ‘A guerra começa amanhã’, mas ele hesitava. Só às 3 da madrugada enviou um telegrama às zonas de combate ordenando que as tropas se preparassem para a guerra, mas cadê munição? Só a retaguarda tinha balas, as novas fronteiras não tinham sido definidas, e as velhas tinham sido destruídas.

Foi assim que Stalin nos preparou para a guerra! Ficou desmoralizado. Por dez dias ele não teve a coragem de falar ao povo. Estava desmoralizado, quando minou os

fundamentos do regime soviético e do comunismo no mundo. Molenkov, Koganovitch e Molotov, foram à sua casa de campo em Kuntsevo, em 28 de julho, [Stalin] pensou que tinham ido prendê-lo. Ele ergueu as mãos! Assim! Deveria ter sido preso e fuzilado lá mesmo, em Kuntsevo. Mas não! Foram se prostrar aos pés dele e ver o que fazer dali em diante. Aí ele tomou coragem e discursou em três de julho, quando milhões de soldados já haviam sido capturados; milhões executados; toda a aviação destruída! A artilharia carregada a cavalo, sem munição alguma. Dá para imaginar? O sujeito levou tudo menos a munição. Até uma criança entende uma coisa dessas. Artilharia sem munição não é artilharia! Blindados sem combustível, aviões sem combustível, não servem para nada.

Foi por isso, crime após crime, erro sobre erro, que Stalin, o vosso Stalin, proibiu desfiles militares! Ele, o vosso Stalin, estava desmoralizado! Ele sabia que não era o vencedor! Os vencedores foram o povo russo. Em 1945, ele mandou prender todos os russos prisioneiros de guerra – os que retornaram dos campos da Alemanha. No ocidente eles ganharam medalhas! Todo soldado capturado pelos alemães, Ingleses, Americanos, Franceses, Holandeses. Só os russos ao invés de ganhar medalhas, foram para os campos de concentração, e só foram soltos em 1955. Por dez anos os soldados russos estiveram ou nas prisões alemãs ou nas prisões soviéticas! Como não começar a beber? Obviamente o alcoolismo se espalhou pelo país, depois de

todo esse terror, dessa crueldade, dessa violência, dessa pilhéria sobre o país.

E em cada cidade há um monumento a esse homem! Ele é o pior criminoso de toda a humanidade, o vosso Lênin, o pior de todos! Cometeu insurgência política, atrocidades que os bolcheviques celebraram por dez anos. Eles estavam bem conscientes disso. Conspiravam à mão armada, se rebelavam na calada da noite. Hoje isso é um crime, as pessoas são presas por isso, e sentenciados à pena de morte. Todos os rebeldes que participam dessas insurgências. Por isso, o primeiro slogan leninista foi: ‘Façamos da guerra anti-imperialista uma guerra civil.’

Esse crime começou a ser praticado em 1916 e continua até hoje! Os comunistas atacam a Presidente do Banco Central – a Sra. Nabiulina – porque não estão de acordo com o seu programa. Esqueceram que o partido de vocês não manda mais aqui, por que diabos ministros e oficiais federais devem comparar seus programas com o programa de um partido? Que coisa horrível! Horrível! Em nenhum lugar do mundo há um partido com esse histórico, nem nos Estados Unidos, nem na Europa. Apenas vocês. Vocês ainda são bolcheviques! Ainda são!’

Esse discurso é a síntese das atrocidades cometidas por quem prometia um governo de paz e progresso para o povo.

A falência do modelo comunista na União Soviética, onde não se conseguiu conciliar democracia e justiça social, levou muitos partidos socialistas no mundo a tentarem reinventar a socialdemocracia, que no

passado havia sido demonizada pelos bolchevistas, sendo seus ativistas acusados de serem traidores da causa socialista. Hoje, atuando dentro do marco legal e substituindo a ideia de revoluções salvadoras pela estratégia de evolução política da sociedade, esses partidos tentam fazer o que é possível em termos de reformas sociais dentro de um modelo capitalista, como o Partido Trabalhista britânico e o Partido Socialdemocrata da Alemanha.

A exportação da revolução bolchevista de 1917, por meio do Comintern, iria servir de modelo e inspiração para jovens revolucionários em diferentes países, com um pequeno intervalo durante a Segunda Guerra Mundial, quando os trabalhos de difusão e apoio revolucionário da União Soviética aos movimentos revolucionários foram suspensos por exigência dos países aliados da URSS, que lutavam contra as potências do Eixo comandadas por Adolf Hitler. Cessada a guerra, os soviéticos dominam grande parte dos países do Leste Europeu, impondo o seu modelo de comunismo, ao mesmo tempo em que voltaram a fomentar revoluções em todos os continentes, dando início à Guerra Fria.

Capítulo 2

A Terceira Internacional e o Comintern

“Proletários de todo o Mundo, uni-vos!” Essa conclamação de Karl Marx pela união dos trabalhadores em todo o mundo, em seu Manifesto Comunista de 1848, foi ouvida nos sindicatos de trabalhadores dos principais países europeus que passaram a promover os Congressos Internacionais de Trabalhadores, conhecidos inicialmente como “Internacionais” e mais tarde como “Internacionais Comunistas”, e que ficariam responsáveis pela coordenação do Movimento Comunista Internacional.

O primeiro, realizado em 28 de setembro de 1864, ocorreu em Londres e nele foi fundada a Associação Internacional dos Trabalhadores (mais tarde conhecida como Primeira Internacional), em que foram apresentadas as propostas de Karl Marx sobre a necessidade da tomada do poder político pelos trabalhadores, por meio da fundação de um partido proletário independente, além da necessária união entre os operários dos diferentes países. A Primeira Internacional deixou de existir em 1876.

Em 1889, surgiu a Segunda Internacional (Internacional Operária e Socialista), ocorrida em Paris, na qual os congressistas já se encontravam divididos, congregando os partidos socialdemocratas e trabalhistas, sendo integrada tanto por elementos revolucionários quanto por reformistas. Nesse encontro foram defendidos o pacifismo e o antimilitarismo, pois as guerras eram contrárias aos interesses dos trabalhadores, além de pleitearem a jornada de oito horas de trabalho diário.

Para Marx, o nome de *social-democrata* era inadequado ao partido do proletariado revolucionário, pois o termo “democrata” estaria relacionado a uma forma de Estado, o qual deixaria de existir na futura sociedade

comunista. Engels advogava, no prefácio do Manifesto Comunista, que a palavra *socialista* se aplicava ao movimento dos intelectuais, enquanto o comunismo era um movimento puramente operário. A conclusão era que, enquanto os comunistas se apoiam na classe operária, os sociais-democratas sustentavam-se na pequena burguesia.

Em 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, muitos revolucionários socialistas abandonaram as promessas de união internacional e fidelidade eterna entre os proletários do mundo todo e passaram a defender as bandeiras de seus países. Proletários pegaram em armas contra outros proletários, o que foi considerado pelos puristas ideológicos uma alta traição ao princípio da solidariedade internacional entre o proletariado e que só servia para fortalecer os interesses e a força dos capitalistas. Entre eles, estava Vladimir Lenin, líder do Partido Trabalhista Social-Democrata da Rússia (POSDR), que era contrário à entrada da Rússia na guerra, mas defendia o uso da violência e da luta armada como forma de implantar o socialismo na Rússia.

Em setembro de 1915, realizou-se a chamada “Conferência Socialista Internacional”, que ficou conhecida como Conferência de Zimmerwald, realizada na cidade do mesmo nome, na Suíça, onde foi tentada a adoção de uma posição comum em relação às pretensas traições e defecções ocorridas em razão da Primeira Guerra. A conferência de Zimmerwald serviu como uma semente para o desenvolvimento da Terceira Internacional. Um interregno crítico até o próximo encontro internacional dos comunistas.

Vencida a Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, com a ascensão dos bolcheviques e o estabelecimento do poder dos soviets, a Rússia tornou-se o centro principal para o movimento internacional. Em março de 1919, em São Petersburgo, menos de dois anos depois de assumir completamente o

poder na Rússia, Vladimir Lenin realizou um dos empreendimentos políticos mais importantes para a difusão e implementação do comunismo em outras plagas: o congresso da Terceira Internacional Comunista, cuja principal e pouco modesta missão, de acordo com seu criador, seria a de “lutar por todos os meios disponíveis”, incluindo a força armada, para a derrubada da burguesia internacional e pela criação de uma República Soviética internacional, com a abolição completa do Estado burguês.

Nesse evento, foi criado um Comitê Executivo – Comintern – para dirigir a luta internacional, e foi nele que Lenin anunciou que, a partir daquele momento, todo socialista autodenominar-se-ia de *comunista*, para se diferenciar dos sociais-democratas. Disse Lenin: **“Agora, os trabalhadores que tiverem sido fiéis à causa de se livrar do jugo do capitalismo assumiriam o nome de comunistas.”** Portanto, os dirigentes ou militantes de partidos que hoje seguem a linha marxista-leninista, e que preferem se autodenominar como socialistas, fazem-no por ignorância, por covardia ou por esperteza, para ocultar sua verdadeira face comunista.

Com a criação do Comintern, Lenin pretendia dar asas à sua vaidade e ambição de dirigir o movimento comunista mundial, passando a enviar seus agentes para vários países com a missão de criar novos partidos comunistas seguindo o modelo soviético, ou cooptar os já existentes para que ficassem sob o controle absoluto do Partido Comunista da União Soviética – PCUS. Como bom marxista, Lenin acreditava que o sucesso do marxismo exigia revoluções por todo o mundo e estava claro que os comunistas não respeitariam as soberanias de qualquer país, o que obviamente não seria tolerado pelos países capitalistas.

O Comintern estabeleceu-se em todo o mundo por meio da sua coordenação em Moscou, que funcionava como uma espécie de Estado-

Maior político-ideológico do movimento revolucionário, seguindo as prescrições de Marx para a derrubada violenta do regime capitalista. Ele tinha também a responsabilidade pela formação de quadros para dirigirem os diferentes Partidos Comunistas que estavam se formando e por transformá-los em partidos revolucionários de massa.

Essa política exigia uma férrea disciplina, imposta pelo PCUS aos seus seguidores em outros países, que agiam como colaboradores dos soviéticos na execução de suas políticas e que estavam expressas nas 21 condições impostas para a filiação dos partidos comunistas dos diversos países à Internacional Comunista. Essas condições, estabelecidas no II Congresso da Internacional Comunista realizado em julho e agosto de 1920, representa a total abdicação dos valores e do nacionalismo pátrios em favor de um partido e de uma potência estrangeira. Eram as seguintes:

1. Toda agitação e propaganda devem ter caráter essencialmente comunista e adaptar-se às decisões e ao programa do Comintern. Toda a imprensa do partido deve ser editada por comunistas de confiança que tenham aprovado a sua lealdade revolucionária;
2. Todos os reformistas e adeptos de ideias “centristas” devem ser afastados das posições de responsabilidade do movimento e substituídos por comunistas convictos;
3. Nos países burgueses, os comunistas não podem confiar nas leis nacionais. Devem criar uma aparelhagem ilegal paralela capaz de, no momento decisivo, cumprir o seu dever para com o Partido.
4. Devem ser executadas propagandas e agitações constantes e persistentes em todas as organizações militares, legal ou ilegalmente, e a recusa de proceder a essas agitações é considerada como traição ao Partido.
5. É necessária, para a vitória do proletariado, uma propaganda sistemática e

regular nos distritos rurais e nos campos. Renunciar a esse trabalho é renunciar à revolução.

6. Todos os Partidos Comunistas devem renunciar, não somente ao patriotismo, como também ao pacifismo social e demonstrar sistematicamente aos proletários que sem a derrubada revolucionária do capitalismo não haverá desarmamento e paz mundial.

7. Os Partidos Comunistas devem romper completa e absolutamente com o reformismo e a política dos “centristas”.

8. Todos os Partidos Comunistas em países coloniais devem denunciar seus próprios imperialistas e dar amparo concreto ao movimento de libertação das colônias.

9. Os Partidos Comunistas devem executar um trabalho comunista sistemático e persistente nos sindicatos, cooperativas e outras organizações trabalhistas de massas.

10. Deve ser efetuada uma luta sem tréguas contra a Internacional de Amsterdã.

11. Deverão ser investigados os membros parlamentares e eliminados os indesejáveis, para que tais funções fiquem integralmente subordinadas aos comitês centrais dos Partidos.

12. Todos os Partidos devem funcionar à base do centralismo democrático.

13. Todos os Partidos Comunistas devem efetuar triagens periódicas para a expulsão de pequenos burgueses que tenham se infiltrado na organização.

14. Nos países onde os partidos comunistas são legais, eles são obrigados a prestar toda a assistência às Repúblicas Soviéticas na sua luta contra as forças antirrevolucionárias.

15. Todos os Partidos Comunistas que tenham adotado programas antigos

devem reformulá-los, de acordo com os princípios da “Internacional Comunista”.

16. Todas as resoluções dos Congressos da Internacional Comunista e do Comitê Executivo são obrigatórias para os Partidos Comunistas.

17. Todos os Partidos Comunistas deverão denominar-se Partido Comunista de tal país, Seção da Internacional Comunista.

18. Todos os órgãos da imprensa partidária deverão publicar os mais importantes documentos do Comitê Executivo e da Internacional Comunista.

19. Todos os Partidos deverão discutir as presentes condições em Congresso Extraordinário, dentro de quatro meses.

20. Todos os Partidos que ainda não modificaram radicalmente as suas táticas deverão providenciar para que os seus comitês e instituições centrais sejam compostos com nunca menos de dois terços de camaradas que tenham declarado aberta e inequivocamente o desejo de filiação ao Comintern.

21. Todos os membros que rejeitarem as conclusões e teses do Comintern deverão ser expulsos do Partido.

Essas regras deram rígido centralismo e disciplina à organização e às atividades dos partidos comunistas em todo o mundo, transformando-os em um gigantesco instrumento de controle e dominação pela URSS. O movimento comunista mundial, a partir de então, tornou-se um poderoso auxiliar na execução da política soviética, atuando em todas as áreas e defendendo os interesses soviéticos, mesmo quando eram contrários aos objetivos nacionais dos diversos países. O Comintern passou a desenvolver uma intensa ação de propaganda, infiltração e agitações, apoiadas na disciplina e no fanatismo ideológico. Revoluções e violências passaram a ser insufladas em todo o mundo.

Em 1956, Nikita Khrushchev denunciou os crimes de Stalin e, para agradar ao Ocidente, propôs a tese da Coexistência Pacífica entre capitalistas e comunistas. Mesmo assim, durante o período de abrandamento das tensões entre a URSS e os EUA, as 21 recomendações do Comintern continuavam em vigor e, conforme a conferência dos Partidos Comunistas realizada em Moscou, em 1960, esclarecia:

A coexistência pacífica dos Estados não implica em renúncia à luta de classes. Não significa conciliação das ideologias comunista e burguesa. Pelo contrário, implica na intensificação da luta da classe trabalhadora de todos os partidos comunistas, pelo triunfo das ideias comunistas.

No que diz respeito às atividades do Comintern na América Latina, observa Jo Pires-O'Brien, editora da revista eletrônica *PortVitoria* e pesquisadora atenta da história do marxismo-leninismo, em artigo publicado em sete de janeiro de 2013, que muito embora nosso continente tivesse um movimento sindical ainda incipiente, a atuação do Comintern na região foi dificultada pelo fato de que a maioria dos trabalhadores era composta de católicos praticantes que não aceitavam o ateísmo contido no Marxismo. A Argentina e o Chile, por serem os países mais adiantados da América Latina, foram os primeiros a receberem a atenção do Comintern. O Partido Comunista do Brasil (PCB) só foi fundado em 1922, bem depois dos PCs do Chile e da Argentina.

A orientação de fomentar revoluções em todo o mundo foi suspensa após a morte de Lênin, em 1924, pois seu sucessor, Josef Stalin, que era contrário a essa ideia, decidiu primeiro fortalecer o comunismo em seu próprio país para depois se preocupar com a revolução mundial. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e decidido os destinos do mundo pelas potências

vencedoras, a União Soviética não tardou a mostrar suas reais intenções geopolíticas, abocanhando quase todo o Leste Europeu, onde implantou seu sistema político.

Em um artigo de Kurt Gossweiler, sobre a dissolução do Comintern, publicado no site do Partido Comunista,^[21] é mostrada a posição de Stalin em relação a como cada partido comunista deveria se portar, independentemente das ordens de Moscou, o que aparentemente punha fim ao Comintern. Disse Stalin:

Na casa de Dimitrov, no Comintern, os partidos se retiram (alusão ao PC americano). Isso não é ruim. Ao contrário, se deveria criar partidos comunistas totalmente independentes, no lugar de seções da I. C. [Internacional Comunista]. Eles devem converter-se em partidos comunistas nacionais, com diferentes nomes: partido trabalhista, partido marxista, etc. O nome não é importante. O que é importante é que estejam arraigados entre seu povo e se concentrem em suas próprias tarefas específicas. Eles devem ter um programa comunista, devem se apoiar em uma análise marxista, não dependendo sempre de Moscou, mas resolvendo independentemente, no país respectivo, as tarefas concretas pendentes... já que a situação e as tarefas são completamente diferentes nos distintos países... então, se os partidos comunistas se fortalecem desta maneira poderão reconstruir sua organização internacional.

A desculpa de Stalin era de que, nas circunstâncias da época, a permanência dos partidos comunistas no Comintern facilitaria a sua perseguição pela burguesia e favoreceria seu plano de isolá-los das massas

em seus próprios países. Assim, os partidos comunistas estariam impedidos de se desenvolverem de maneira autônoma e resolverem suas tarefas como partidos nacionais.

Essa abertura foi que favoreceu que partidos ou outras organizações comunistas em todo o mundo pudessem apresentar-se sem o título de comunista, levando ao engano muitos desavisados, pouco atentos às sutilezas dos dirigentes comunistas. Assim, um partido de trabalhadores poderia muito bem ser de orientação comunistas sem necessidade de ostentar aquele título. Essa situação hoje pode ser encontrada quando examinamos os documentos internos de alguns partidos brasileiros que não se apresentam como comunistas, mas que atuam de acordo com os princípios marxista-leninistas sem que muitos se deem conta. É só analisar os documentos básicos e as ações do Partido dos Trabalhadores, o PT, e confrontá-los com os 21 princípios dos comunistas acima apresentados.

Mesmo com a desativação oficial do Comintern, a ambição expansionista de Stalin não cessou e foi uma das principais causas da Guerra Fria, termo criado por George Orwell em 1945, para se referir ao estado permanente de guerra não declarada da URSS contra seus vizinhos europeus e contra os EUA, e ao espírito belicista e expansionista que predominava na cúpula do Kremlin, o que levou a uma série de conflitos localizados que causaram um estado de instabilidade permanente e o receio de que uma confrontação nuclear entre as duas superpotências destruísse boa parte da humanidade.

A Guerra Fria durou de 1947 a 1991 e terminou com o desmoronamento da União Soviética. Durante esse período, a competição ideológica entre as duas superpotências da época, a União Soviética e os Estados Unidos da América, dividiu o mundo entre capitalistas e comunistas,

ou seja, os partidários dos EUA e da URSS, respectivamente. De uma forma ou de outra, quase todos os países do mundo foram forçados a se aliar a uma ou a outra superpotência, que tentavam permanentemente conseguir ganhos políticos e estratégicos sobre a outra.

O maior ganho dos soviéticos no continente latino-americano foi em Cuba, por meio da revolução comandada por Fidel Castro e um punhado de jovens idealistas que acabaram seduzidos pelo marxismo-leninismo e que transformaram a ilha caribenha em uma ponta-de-lança da União Soviética no continente, fomentando revoluções armadas nos países da região. Foi dessa forma que a América Latina entrou nessa competição ideológica lutando contra o Movimento Comunista Internacional e instalando regimes autoritários ou ditatoriais em diversos países, já que a maioria dos militares era de formação anticomunista e haviam estudado em escolas militares dos Estados Unidos.

Milhares de militantes de organizações marxista-leninistas decidem pegar em armas e enfrentar militarmente as ditaduras anticomunistas, de direita, que governavam a maioria dos países da região, com o objetivo de derrubá-las e instalar outra ditadura, a ditadura do proletariado, muito embora muitos deles aleguem cinicamente que lutavam pelo retorno da democracia. Felizmente alguns desses militantes comunistas mais honestos desmentem essa inverdade e assumem que seu objetivo era instalar um regime comunistas sob orientação da URSS, da China ou de Cuba, de acordo com a organização a que pertenciam.

Existe um grande engodo por parte de muitos comunistas que, com receio ou vergonha do passado assassino de sua ideologia, apesar de defenderem o marxismo-leninismo, apresentam-se como se fossem socialistas fabianos, que parece ser mais palatável. Esquecem-se eles de que,

em seu discurso, por ocasião da criação da Terceira Internacional, em 1919, na qual condenava os socialistas como traidores da causa operária, seu líder Vladimir Lenin foi bem claro quando disse: **“Atualmente os trabalhadores que permaneceram fiéis à tarefa de derrubar o jugo do capital chamam-se a si mesmos de comunistas!”**.

A política soviética em relação ao Terceiro Mundo

Conforme apresentei no livro *A Contra-Espionagem Brasileira na Guerra Fria*,^[22] o envolvimento soviético em países do terceiro Mundo foi uma das causas da deterioração das relações URSS-USA. Por essa razão, a nova liderança soviética de Mikhail Gorbachev concluiu que os custos da aventura soviética no Terceiro Mundo eram muito altos em relação aos ganhos obtidos, já que o Terceiro Mundo não parecia favorável à URSS. As ideias de Josef Stalin e de Nikita Khrushchev em relação aos custos e os benefícios de uma expansão soviética naquela região mostraram-se falhas e praticamente inaplicáveis à realidade internacional daquele momento.

O governo de Gorbachev não abandonou de todo as oportunidades de poder influenciar na América Latina, no entanto, não se arriscaria mais a iniciar nenhuma aventura militar na área, decidindo reduzir suas atividades na região. Isso se deu porque os soviéticos entenderam a firme política de Washington de defender, a qualquer preço, os interesses que considerassem vitais, principalmente em sua área de influência, dando suporte aos movimentos armados contrários aos regimes simpáticos a Moscou, como foi o caso da Nicarágua. Essa política servia para mostrar aos soviéticos que não valia a pena criar uma confrontação com os Estados Unidos em áreas distantes e com pouco ganho político. Gorbachev parecia estar convencido de que era difícil a eclosão de revoluções comunistas que permitissem a expansão da influência soviética em região tão próxima dos Estados Unidos.

Moscou adotou uma política cautelosa, procurando atenuar os receios dos governos latino-americanos, apresentando uma imagem de moderação da URSS e tentando estabelecer relações mais definidas com cada país da região. Por outro lado, vários países da região passavam por processo de redemocratização e procuravam desenvolver uma postura mais independente em termos de política externa, procurando atenuar a influência política e econômica dos Estados Unidos.

Com o fim da Guerra Fria e com o retorno da normalidade democrática em quase todos os países da região, os militantes de organizações marxista-leninistas que se encontravam exilados em Cuba e em outros países retornam a seus países e ingressam no processo político, passando a atuar dentro do contexto democrático. Por outro lado, o regime Soviético estava chegando à exaustão, assistindo à queda do Muro de Berlim e, anos depois, ao próprio esfacelamento do Império Soviético; um fim inglório ao que se convencionou chamar de “socialismo real”.

Mas, como sempre acontece, alguns saudosistas cabeças-duras não aceitaram a triste realidade dos fatos e logo procuraram um culpado para essa debacle, cujo mal, segundo eles, não estava na gênese perversa do comunismo, mas na gestão incompetente de alguma liderança que anteriormente elas haviam aplaudido e consagrado como grandes líderes do comunismo. Outros vislumbraram nessa situação uma outra oportunidade de dar vazão às suas ilusões e vaidades, e logo tentavam ressuscitar o morto e fazê-lo novamente florescer, dessa feita no Cone Sul, por meio da criação do Foro de São Paulo. Esses neocomunistas não aceitam que aquele regime foi a grande fraude, a grande mentira do século passado, no qual tudo valia para alimentar o ego degenerado dos ditadores buscando saciar suas vaidades.

Na edição 1963 (on-line) do *Jornal Opção*, de 17 a 23 de fevereiro de

2013, Euler de França Belém apresenta uma interessante análise do húngaro Arthur Koestler, o escritor que revelou no seu romance *O Zero e o Infinito* como o comunismo entorpece a mente de seus seguidores. Esse livro, considerado por muitos críticos como um dos clássicos do século XX, e que muito contribuiu para a demolição do mito soviético, mostra que o comunismo era uma espécie de “religião dos ateus”. Koestler era um homem de esquerda que, ao perceber os horrores do stalinismo e do pós-stalinismo, trocou a esquerda pelo anticomunismo, sofrendo por isso uma severa campanha por parte do Partido Comunista Francês e dos intelectuais de esquerda de Paris.^[23]

Euler refere-se também ao crítico literário neotrotskista Irving Howe que, referindo-se ao romance de Koestler, disse que “Era uma descrição aterradora e incontestável dos mecanismos da mente comunista” e levanta as seguintes questões:

Por que os crimes da esquerda são em geral ‘perdoados’? Porque a esquerda diz, com rara mestria, que faz o mal, matando inocentes (democratas ou pessoas comuns, apartidárias), para conquistar o bem (a sociedade igualitária). Sacrifica-se o presente, dando ao indivíduo uma vida sem liberdade e, às vezes, sem pão, por um futuro (talvez o céu) que, garantem os comunistas, será muito melhor. Isto é, como anotou Koestler, uma nova religião.

Outros intelectuais também tiveram a lucidez de abandonar e criticar o comunismo de forma aberta, como é o caso dos respeitados escritores já citados, que em suas coletâneas publicadas em *The God That Failed* descrevem sua experiência com essa doutrina política e como o desejo de ver uma humanidade mais fraterna levou-os ao comunismo. Eles narram também

como se decepcionaram com o que viram e leram, o que causou sua desilusão com o comunismo.

Em seu livro *Elogio da serenidade*, o consagrado intelectual italiano Norberto Bobbio, analisando a problemática do mal, identifica os dois eventos que, em sua opinião, são os mais catastróficos e que provocaram mais discussão sobre esse tema: Auschwitz e a “queda do Muro de Berlim”. Para Bobbio, o primeiro representou “um desafio para o homem de fé”, e o segundo, um desafio “sobretudo para o homem de razão”, e a partir disso duas questões se levantam: “Por que Deus não só silenciou, mas permitiu que se consumasse o impressionante massacre, que não teve precedentes na história, seja pelo número de vítimas, seja pela ferocidade inerente aos meios empregados?”; e “Por que o mais grandioso movimento que pretendia emancipar o homem do domínio da exploração e da alienação transfigurou-se em seu contrário, ou seja, em um Estado politicamente despótico, economicamente ineficiente e moralmente ignóbil?” Para Bobbio, os homens de razão ficaram tentados a falar em “derrota de Deus”, e os homens de fé, em “suicídio da revolução”.

Finalmente, gostaria de dizer que os crimes do comunismo não são segredo para ninguém. Portanto, aqueles que os apoiam ou os omitem – seja por espírito humanista sem pé na realidade, sentimentalismo, ingenuidade, convicção ou pelo genuíno desejo dos jovens de transformar o mundo – são cúmplices morais desses crimes e de seus executores. Geralmente são os mesmos que condenam ferozmente o regime militar brasileiro e que não dão trégua a quem dele participou, esquecendo-se dos milhões de mortos do comunismo. Dizia o grande cientista político Max Weber que a política não é lugar para quem não tem uma perspectiva adequada da realidade.

Não se pode fechar os olhos e perdoar os crimes de Lênin, Stalin e

outros ditadores comunistas, apenas por considerá-los menores do que o mal que diziam combater: as injustiças do mundo. Muito pior do que demonizar o bem é santificar o mal, disse alguém.

PARTE II

O fim da Guerra Fria e suas consequências para a América Latina

Capítulo 1

O Socialismo na América do Sul

Cuba – O fim da mesada soviética

Em dois de abril de 1989, o líder soviético Mikhail Gorbachev desembarcava em Havana para se encontrar com Fidel Castro e para lhe levar uma triste notícia: a União Soviética não mais poderia manter a mesada de cerca de US\$ 10 bilhões que há décadas vinha pagando à Cuba para manter aquele país como uma ponta avançada do comunismo na América Latina, um verdadeiro enclave soviético nas costas dos Estados Unidos. Era também uma tentativa para melhorar as relações estremecidas entre a União Soviética e Cuba.

Naquele momento Gorbachev lutava contra suas próprias dificuldades internas, tentando reativar uma economia estagnada por meio da Perestroika (reestruturação econômica do sistema) e fornecer um pouco de liberdade política para a população por meio da *Glasnost* (abertura política e cultural), avanços que efetivamente estavam fora das cogitações do líder comunista cubano. Muito embora os dois países tivessem uma relação próxima em termos estratégicos desde quando Fidel abraçou o comunismo depois da revolução e a URSS passou a prestar assistência econômica e militar para que Fidel exportasse sua revolução para outros países, as dificuldades de Moscou obrigavam Gorbachev a diminuir a significativa ajuda que prestava aos cubanos. Fidel, no entanto, não pensava em qualquer tipo de reforma interna

em seu país.

Anteriormente o governo cubano já havia sido informado de que a União Soviética não mais poderia manter o apoio que prestava à Ilha desde a Crise dos Mísseis em outubro de 1961 – um confronto ocorrido entre os Estados Unidos e a União Soviética relacionado com a implantação de mísseis balísticos soviéticos –, devendo aquele país cuidar de seus próprios interesses. Gorbachev deixou claro que não mais poderia manter os preços subsidiados que há muito ajudavam a manter a economia cubana e que queriam receber o pagamento pelos bens fornecidos em dólares norte-americanos.

Por seu turno, Fidel achava fora de propósito empreender qualquer tipo de reforma no regime cubano por inspiração de Gorbachev, a quem o líder cubano criticava por suas tentativas de salvar o falido regime comunista na URSS. Dois anos depois, com a dissolução da União Soviética, o presidente da Rússia, Boris Yeltsin, que herdou a maior parte do espólio da URSS, realizou profundas reformas tentando instalar no país uma economia de mercado, no que foi seguido por grande parte dos países do Leste Europeu que haviam passado décadas sob o domínio soviético. Era o fim do comunismo na pátria que lhe deu vida; era o fim da Guerra Fria, que envolveu muitas pátrias.

Fidel entendeu que uma página da história fora virada, mas que ele poderia escrever uma outra, agora distante da Europa, em uma área que ele conhecia bem e onde era tido como líder dos grupamentos políticos de esquerda: a América Latina, para onde Fidel Castro tentou exportar sua revolução treinando guerrilheiros e fornecendo apoio militar a vários movimentos revolucionários nas décadas de 1960-1970.

Com a falta do dinheiro de Moscou, que sustentava o regime, a

situação financeira de Cuba ameaçava fazer ruir a Disneylândia das esquerdas na América Latina, e Fidel Castro, usando a descarada moral dos comunistas, logo arranhou uma solução para o problema: realizou um pacto com traficantes de cocaína da Colômbia que envolvia ele próprio, o general Arnaldo Ochoa e Pablo Escobar, no qual Cuba seria um entreposto comercial das drogas que se dirigiam para os Estados Unidos.

Toda essa operação caiu quando um grande carregamento de drogas foi descoberto pela DEA norte-americana, e vários cubanos detidos confessaram toda a operação. As investigações da DEA conduziram ao Cartel de Medellín e ao governo cubano. Quando se encontrava preso, John Jairo Velásquez, o “Popeye”, homem de confiança tanto de Fidel como do lugar-tenente de Pablo no Cartel de Medellín, fez um relato minucioso sobre o envolvimento dos irmãos Castro com a droga de Pablo Escobar à jornalista Astrid Legarda, que escreveu o livro *El Verdadero Pablo*.

Popeye assegura que Raúl Castro, irmão do ditador de Cuba, e que o sucederia na chefia da ditadura cubana, era quem recebia os carregamentos de drogas, pois era o comandante das Forças Armadas naquele momento, mas que Fidel conhecia e aprovava a operação, que embarcava de 10 a 15 toneladas de drogas de cada vez. O comércio só ruiu quando os EUA descobriram que o feudo da dinastia Castro era um entreposto da cocaína do Cartel de Medellín.

O historiador britânico Richard Gott, em seu livro *Cuba – Uma Nova História*, apresenta uma série de fatos que permitem entender por qual razão Fidel e Raúl Castro acabaram envolvendo-se no comércio de cocaína com Pablo Escobar, do Cartel de Medellín. Segundo ele, Cuba estava em crise por causa do afastamento da União Soviética, e como a perestroika estava espalhando-se no Leste Europeu, Fidel decidiu que toda e qualquer

dissidência, ou apoio às mudanças patrocinadas por Gorbachev, deveria ser contida a ferro e fogo, e o general Ochoa era a sua principal preocupação.

O general Arnaldo Ochoa, “herói da revolução” e um dos militares mais condecorados da história do país, além de ser uma das grandes lideranças militares de Cuba, foi acusado de ser o comandante das operações de narcotráfico com Pablo Escobar e condenado por “alta traição à pátria e à revolução”. Para especialistas, a acusação contra ele visava principalmente afastá-lo da sucessão de Fidel e evitar entraves para que seu irmão Raúl, assumisse o poder, como de fato aconteceu. Ochoa foi o único dos três que enfrentou um pelotão de fuzilamento.

A acusação que levou à prisão de Ochoa, em 1989, foi a de que ele seria o comandante das operações de tráfico de drogas com o chefe do Cartel de Medellín, Pablo Escobar, o que seria uma boa desculpa para Fidel livrar-se dele sem despertar revolta entre os militares, ao mesmo tempo em que limpava o caminho para a ascensão de seu irmão Raúl Castro, ainda no poder, evitando também uma possível deserção de Ochoa para os Estados Unidos levando essas explosivas informações sobre o envolvimento de Fidel Castro no tráfico internacional de drogas. As prisões aconteceram apenas dois meses após a visita de Gorbachev a Havana.

Embora muita gente se recuse a acreditar no envolvimento de Fidel Castro nesse empreendimento narcoestatal cubano, alerta para o fato de que seria absolutamente impossível que ele não soubesse o que estava se passando, já que Cuba é um verdadeiro Estado policial, onde todos sabem da vida de todos, muito mais o governo, que possui uma estrutura de Inteligência e Contraineligência que permeia toda a sociedade, com agentes infiltrados em todos os segmentos do governo e de todas as organizações públicas e privadas. Em uma carta que conseguiu enviar da prisão, o ex-

ministro do interior, que foi preso por 20 anos por envolvimento no caso Patrício de La Guardia, disse: "Sobre a droga, Fidel sabia tudo".

Mario Riva, um antigo tenente-coronel do Exército cubano que hoje vive em Portugal, e que tinha proximidade com o Arnaldo Ochoa, diz que ele foi usado como “bode expiatório”, caindo em uma armadilha armada pelo governo para se livrar dele em razão das críticas que vinha fazendo ao regime, perdendo, assim, a confiança de Fidel. Levado ao tribunal, “arcou com as culpas de todo um narcotráfico autorizado pelo regime”, possivelmente para salvar a vida de familiares. Riva disse ao jornal *Diário de Notícias*, de Portugal, em sua edição de 13 de julho de 2009, que Tony La Guardia, igualmente executado, estava envolvido no tráfico: "eu tinha conhecimento dos aviões que aterravam em Cuba vindos da América Central – mas Ochoa não”, disse ele.

No livro *El Magnífico — 20 Ans au Service Secret de Castro*, Juan Vivés, um ex-agente do serviço secreto cubano, explica que um grande número de pessoas participou das operações de narcotráfico com Pablo Escobar e que o Estado cubano participava delas através de Raúl Castro, o chefe do acordo com Pablo Escobar. Vivés revelou, também, que o líder cubano mantinha relações com narcotraficantes das Farc e que os sandinistas da Nicarágua também estavam envolvidos com o tráfico através do capitão cubano Jorge Martínez, subalterno de Ochoa e que era o contato entre Raúl Castro, o ex-presidente nicaraguense Daniel Ortega e Pablo Escobar. As informações de Vivés são de um ex-espião importante do sistema de informações de Cuba e por isso não merecem ser descartadas.

De acordo com declarações de Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz, (“Clemente”, “Quelé”, “Guilherme”), o último dos comandantes da Ação Libertadora Nacional (ALN) e que se encontrava em treinamento em

Cuba em 1973, o general cubano Arnaldo Ochoa havia lhe feito uma proposta de voltar secretamente ao Brasil, saindo de Cuba, com 100 combatentes cubanos comandados por Uchoa e por ele próprio. A ideia era entrar no Brasil pelo Rio Amazonas e instalar no Centro-Norte do país uma frente guerrilheira. Carlos Eugênio diz que recusou a proposta porque naquele ano a ALN já estava quase dizimada, e eles haviam perdido a maioria dos contatos no campo, restando poucos combatentes experientes.

Tendo perdido a importância estratégica para a URSS, Fidel Castro, o ditador ególatra e narcotraficante, herói das esquerdas do continente Latino-americano não poderia ficar no ostracismo e logo vislumbrou uma oportunidade de criar o próximo centro de poder mundial, já que ao longo da história o cetro de comando já havia passado por diversos povos em diferentes continentes. Assim sendo, por que não neste continente, que, como tudo prenunciava, seria o próximo centro de abastecimento do mundo? Ao longo dos séculos o bastão de comando do mundo passou das mãos dos impérios da Mesopotâmia para a Grécia, Roma, para os nórdicos, para as nações que hoje constituem a Europa, até chegar à América do Norte.

Estava na hora de tentar implantar um projeto hegemônico no continente e, para isso, Fidel Castro – "um homem dominado pela febre do poder absoluto e pelo desprezo ao povo cubano", segundo o cubano Juan Reinaldo Sánchez, que foi seu guarda-costas por 17 anos – precisava de um parceiro, o qual logo apareceu: o sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, também ególatra, narcisista e ávido por poder e fama. Juntos, esses dois personagens, figuras performáticas que sabem tirar proveito de qualquer situação, poderiam criar um organismo que, a exemplo do Comintern de Lênin, serviria para apoiar movimentos comunistas em todo o continente. Para isso era necessário criar uma base de apoio confiável e com gente confiável, por isso era fundamental a eleição de Lula para o governo do

Brasil. O ninho das serpentes ficaria conhecido como: o “Foro de São Paulo”, tema que será aprofundado mais adiante.

Os espões cubanos e o processo político brasileiro

Disse certa vez Winston Churchill, uma das maiores personalidades do século XX: “A diferença entre um estadista e um demagogo é que este decide pensando nas próximas eleições, enquanto aquele decide pensando nas próximas gerações.”

Essa frase pode aplicar-se perfeitamente a Lula – o demagogo – e a seus principais assessores do PT, à luz do projeto de poder que eles planejavam para o Brasil, considerando-se o que foi descoberto pela justiça nos dois grandes escândalos que abalaram o PT e seus dirigentes. A verdade oculta e que não constava nas declarações de intenções e discursos que ele proferia Brasil afora foi revelada graças ao ato falho de seu arquiteto político José Dirceu, que era o chefe da Casa Civil da Presidência da República, quando disse claramente, por ocasião da posse de Lula, que eles tinham um projeto de poder que iria ser desenvolvido por no mínimo trinta anos e cujo objetivo final era transformar o Brasil em um país socialista, o que significa transformá-lo em uma Venezuela do presidente Nicolás Maduro.

Nas páginas seguintes apresentarei alguns fatos relativos ao interesse de Fidel Castro no Brasil e o esforço das organizações de Inteligência cubanas e seus agentes em nosso país. Cada um só acredita naquilo que quer acreditar, e muitas vezes a realidade é cruel e pode nos mostrar o quanto fomos ingênuos ou idealistas tolos, fazendo desabar o castelo de sonhos utópicos que nossa cegueira ideológica teima em manter de pé. A esquerda adora criar ídolos de pés de barro, isto é, construções que não se sustentam na realidade dos fatos, mas sim nas idealizações dos cegos ideológicos.

Existem várias hipóteses para explicar a ascensão de Lula num

ambiente político que lhe era adverso e que são aceitas por vários pesquisadores. Uma delas afirma que Lula teria sido uma construção do general Golbery do Couto e Silva, considerado o principal ideólogo do regime militar, que tinha por objetivo neutralizar a influência marxista radical do falecido Leonel de Moura Brizola junto aos setores sindicalistas brasileiros. Outra diz que Lula e seu partido teriam recebido apoio e influência de setores sindicais dos Estados Unidos acusados de colaborarem com a CIA. Mas existe uma outra história que é pouco conhecida, a do chamado “Ouro de Cuba”, segundo a qual Lula e o PT receberam apoio financeiro de seu “padrinho” e mentor, Fidel Castro, que tinha todo interesse em vê-lo na presidência do Brasil para poder auxiliá-lo em seu projeto maior de poder.

Uma acusação permanente da esquerda brasileira em relação ao golpe militar que ocorreu no país em 1964 é que ele foi planejado e recebeu apoio dos Estados Unidos da América. Não vejo nada de espantoso nessa hipótese, pois, em termos de defesa nacional, os Estados Unidos nada mais estariam fazendo do que se utilizar de Medidas Ativas para defender seus interesses na região, ameaçados pela expansão do Movimento Comunista Internacional, como vinha acontecendo no Brasil, sendo um recurso usado tanto por americanos como por soviéticos em todo o mundo. Essa era a política real.

Por outro lado, muito pouco se fala nas sucessivas tentativas do falecido líder cubano Fidel Castro em promover golpes de Estado e rebeliões armadas não somente no Brasil, como em toda a América Latina, e na forte influência que os cubanos tiveram na formação política e militar de muitos dos líderes do Partido dos Trabalhadores e que mais tarde formariam o núcleo do governo petista. É quase desconhecido o fato de que os serviços de Inteligência de Cuba dominavam em grande medida as esquerdas brasileiras, ou seja, a vanguarda do atraso no continente, paradoxalmente, liderava

aqueles que se supunham ser a vanguarda do proletariado.

Do lado oposto aos norte-americanos, Fidel, o velho revolucionário e ditador de Cuba, também tinha o seu plano de se utilizar do Brasil como uma ponta de lança das mais importantes para comunizar todo o continente. Como é comum nesses casos, um dos canais muito utilizados quando se quer desestabilizar um governo ou trazê-lo para a sua área de influência são as chamadas Medidas Ativas e que geralmente são executadas pelos Serviços de Inteligência.

Em meu livro *O Apocalipse do Estado Islâmico*, dizia que nem só de fé vivia a organização terrorista Estado Islâmico (EI), mas também do conhecimento e de estratégias de espionagem desenvolvidas por um ex-oficial de Inteligência de Saddam Hussein, um homem frio e calculista chamado Samir Abd Muhammad al-Khlifawi, que também atendia pelo pseudônimo de Haji Bakr, pelo qual era mais conhecido. Bakr, um ex-coronel do serviço de Inteligência da força de defesa aérea de Saddam Hussein, tornou-se revoltado e amargurado depois que o exército iraquiano foi dissolvido pelos comandantes norte-americanos no país e se juntou a Al-Qaeda no Iraque, tornando-se um dos pilares na formação e desenvolvimento do EI.

Em nosso continente, velhos e conhecidos Oficiais de Inteligência dos serviços cubanos recrutaram, apoiaram, treinaram e financiaram muitos dos pretensos revolucionários brasileiros, principalmente nas décadas de 1960 e 1970. Um desses “meninos de ouro” de Cuba era José Dirceu de Oliveira e Silva, o ex-deputado estadual e federal por São Paulo, ministro-chefe da Casa Civil do governo Lula e considerado seu virtual sucessor, condenado pela justiça pelo seu envolvimento no Mensalão e que se encontra em prisão domiciliar, enquanto aguarda julgamento no processo conhecido como o

escândalo do Petrolão. Dirceu foi o mentor do Mensalão, um dos maiores esquemas de corrupção já montados no país e que tinha por objetivo desviar recursos públicos para comprar o apoio de deputados da base aliada do governo.

A estrutura de Inteligência de Cuba

Conforme apresentei em *A Contraespionagem Brasileira na Guerra Fria*, a estrutura de Inteligência de Cuba foi montada com a assessoria dos agentes do KGB, seguindo, portanto, o mesmo modelo deste, já que deveria fazer parte do esforço internacional dos países ditos comunistas de lutar contra o capitalismo até a vitória final do marxismo e o surgimento da “nova sociedade sem classes”.

A comunidade de Inteligência de Cuba estava distribuída entre os seguintes órgãos do governo cubano: Comitê Central do Partido Comunista Cubano (CC/PCC), Ministério do Interior (Minint) e Ministério das Forças Armadas (Minfar). Ao CC/PCC estavam vinculados o Departamento América, responsável pela produção da Inteligência necessária ao planejamento e implementação da política externa de Cuba para a América Latina, e o Departamento-Geral de Relações Exteriores (DGRE), com a responsabilidade de executar essa política. O Departamento América tinha também a responsabilidade pela execução da política exterior do PC cubano para a América Latina. Sua estrutura era dividida em áreas geográficas, e seus oficiais, em atividades no exterior, não ocultavam sua vinculação ao DA, atuando tanto ostensiva como clandestinamente.

O Ministério do Interior (Minint), por seu turno, era responsável pela Direção-Geral de Inteligência (DGI), pela Direção-Geral de Contrainteligência (DGCI), pela Direção de Segurança do Estado (DSE), pelo Departamento de Operações Especiais (DOE), pelo Departamento de

Criptologia (DC) e pela Seção de Correio Diplomático. No que diz respeito à Inteligência Militar, tanto o Departamento de Inteligência Militar (DIM) como a Contraineligência Militar eram subordinados ao Ministério das Forças Armadas (Minifar). Dentro dessa comunidade, destacamos três órgãos que se destacavam por sua atuação no exterior: a DGI, o DA e a DGRE. Sérgio Júlio Cervantes Padilla, um dos principais oficiais de Inteligência que atuaram no Brasil, era um oficial do Departamento América do CC/PCC.

Dentre as principais missões do DA, destacavam-se: eliminar a influência dos EUA nas Américas Central e do Sul; assegurar as ligações cubanas com os partidos comunistas latino-americanos; desestabilizar os governos não marxistas da região; coletar informações políticas; controlar as organizações políticas, culturais, sindicais e estudantis; fornecer apoio a movimentos revolucionários da América Latina; recrutar e manipular agentes de influência; e promover a propaganda e a desinformação. Seus oficiais geralmente utilizavam-se das coberturas diplomáticas nos setores políticos ou mesmo o cargo de embaixador.

Na década de 1960, o DA juntamente com a DGI foram os principais instrumentos de Fidel Castro na implementação de seus objetivos revolucionários nas Américas Latina e Central, e também na África. Na década de 1970, a linha cubana com ênfase na violência, adotada por Cuba, sofreu um grande revés no Chile com a queda do governo de Salvador Allende, em que o Departamento América havia instalado uma importante base de operações. Os cubanos vieram a comemorar uma vitória relativa somente em 1979, com a queda de Anastácio Somoza, na Nicarágua, e a tomada do poder pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), apoiada pelos cubanos.

A partir daí, houve certo arrefecimento na iniciativa de exportar a

revolução, adotando-se uma ação mais política, conforme foi atestado em Granada, no Suriname, e na Guiana. Posteriormente Cuba faria uma grande ofensiva na Venezuela, introduzindo assessores político-militares durante o governo de Hugo Chávez, o que continuou com mais evidência com seu sucessor Nicolás Maduro.

Cabia à DGI, além da busca clandestina de informes e informações de interesse para o governo cubano, implementar suas políticas e fornecer o apoio material e humano para o treinamento de guerrilheiros dos movimentos revolucionários latino-americanos. Os oficiais da DGI geralmente ocupavam os cargos de cônsul e adido cultural nas embaixadas cubanas espalhadas pelo mundo. Além disso, tanto a DGI como o DA utilizavam-se de diferentes funções de cobertura nas organizações cubanas no exterior, tais como agências de notícias, empresas comerciais e representações diversas. A DGRE, que corresponde ao nosso Ministério de Relações Exteriores, por sua vez, era encarregada da execução ostensiva da política externa cubana.

Sob a influência cubana, o plano arquitetado pelo PT não contemplava a construção de um projeto para o país superar suas deficiências, dentro de uma arquitetura capitalista, que até o momento, mesmo com todas as suas falhas, demonstrou ser o único que de fato tem elevado o padrão das sociedades. Contemplava, sim, construir um país socialista, exatamente aquele modelo que levou inúmeros países à falência, como foi o caso da União Soviética e é o caso atual da Venezuela, retirando as liberdades da população e que foi repudiado em cada país onde foi implantado, à força, assim que a população pôde manifestar-se livremente. A corrupção, substituindo o fuzil, era apenas mais um dos meios a ser empregado na construção dessa utópica sociedade socialista, ou melhor, comunista, já que segue a cartilha marxista-leninista.

Luiz Inácio Lula da Silva e José Dirceu de Oliveira e Silva sempre mantiveram relação próxima com Cuba, com o ditador Fidel Castro e com a alta cúpula dos serviços secretos cubanos, principalmente Dirceu, que, como se sabe, exilou-se em Cuba, onde recebeu treinamento de guerrilha e o folclórico codinome de “Comandante Daniel”, tolices para enganar bobos. Na verdade, existem muitos detalhes obscuros sobre a permanência de Dirceu em Cuba, denunciados pelos seus próprios companheiros que suspeitavam que ele fosse um traidor que entregava seus companheiros aos instrutores cubanos da DGI.

Comandante Daniel – O comando das operações clandestinas do PT

Em um artigo intitulado “José Dirceu: ‘sou um cubano-brasileiro’”, publicado em quatro de dezembro de 2012, o historiador Carlos Azambuja lembra que durante um seminário do Partido dos Trabalhadores, realizado dias 15 e 16 de abril de 1989, vislumbrando uma possível vitória de Lula, e talvez se recordando do treinamento que recebeu em Cuba, o ex-ministro Dirceu disse: “Em vez de comandar uma coluna guerrilheira, o grande sonho de minha vida, vou ter que comandar uma coluna de carros oficiais em Brasília.”

É pouco crível essa declaração do ex-ministro e homem forte do governo Lula, no que se refere ao comando guerrilheiro, pois parece que sua coragem não chegava ao ponto de querer enfrentar fuzil. No livro *Abaixo a ditadura*, que escreveu com Vladimir Palmeira, Dirceu confessa:

Particpei da luta armada, apoiei, achava que era necessária, mas na verdade nunca acreditei nela como forma de luta; eu me inclinava mais para uma resistência armada, [seja lá o que isso quer dizer]. Porém nunca questioneei isso, nunca debati – quer dizer, me acovardei nessa discussão.

Como se constata em outras declarações suas e de pessoas que o conheceram bem, sua guerra era outra.

Talvez fosse melhor para o Brasil que ele tivesse realizado seu grande sonho, pois assim teríamos mais um comandante guerrilheiro fracassado. Pelo seu perfil, tudo indica que José Dirceu nasceu para comandar mesmo os carros oficiais de Brasília e a coluna de companheiros de partido que infiltrou em todos os segmentos da administração pública. Sua guerrilha e seu comando realizavam-se melhor nos gabinetes atapetados e seguros, onde realizou as transações que ficaram conhecidas como Mensalão e Petrolão, conforme atestam as autoridades policiais e do Ministério Público.

Carlos Azambuja também faz referências ao livro *A Revolução Impossível*, de Luis Mir, em que há referências a José Dirceu de Oliveira e Silva, que foi militante do PCB, depois da Ala Marighella, depois da Ação Libertadora Nacional, depois do Molipo, e hoje do Partido dos Trabalhadores. De acordo com o livro, havia restrições por parte da ALN à figura de Dirceu, “desde o tempo em que era presidente da União Estadual de Estudantes de São Paulo e candidato a presidente da União Nacional de Estudantes: era considerado carreirista e pouco confiável politicamente”.

Talvez em um ato falho, Dirceu declarou certa vez: “Tudo em mim era falso, desde o rosto até os documentos, mas nunca caí em fria”. Fingindo indignação, ele confessa: “Fiz todo tipo de treinamento em Cuba e estudei muito sobre o Brasil, mas não admitia ser banido do meu País”. Desejoso de voltar ao Brasil – não para participar da luta armada, pois ficou quieto em um pequeno município do sul do país –, ele fez cirurgia plástica com os cubanos: “Fiz prótese no nariz, puxei o rosto e mudei os olhos, passei a usar óculos, deixei o bigode crescer e mudei o corte de cabelo”, disse ele.^[24] Aparentemente a imagem de guerrilheiro revolucionário que apresentava

também era falsa.

Tido como brilhante estrategista, pessoas a ele chegadas o veem apenas como um grande aproveitador e como um pragmático em relação a seus interesses. Inicialmente ligado ao Partido Comunista Brasileiro, o PCB, passou por várias legendas revolucionárias. Chovem críticas à sua pretensa sensibilidade estratégica, citando-se as falhas na organização do 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes – UNE, entidade da qual era presidente, realizado em Ibiúna/SP, em 1968, quando mais de mil estudantes foram presos pela polícia; um total fracasso.

Luiz Mir parece corroborar essa percepção no livro citado, no qual relata que, em sua estadia em Cuba, Dirceu faz um curso que o tornaria um pretenso especialista em questões militares. Como se sabe, o teórico da guerrilha urbana, Carlos Marighella, que fundou, em 1968, o grupo armado Ação Libertadora Nacional (ALN), uma das principais organizações que combatia o regime militar, procurou o apoio de Manuel Piñero Lozada, então chefe da DGI cubana. Piñero Lozada aceitou treinar os militantes da ALN, grupos de jovens destacados para aprender guerrilha em cursos de seis meses em Cuba. Entre esses alunos, estava José Dirceu. Prossegue Mir:

É essa especialização (e mais o treinamento militar) que o torna habilitado, segundo os internacionalistas cubanos, a viabilizar a entrada do contingente guerrilheiro que retomaria a luta. A transformação em quadro político-militar no aparelho internacionalista cubano surpreende a todos. Nos encontros políticos dos brasileiros, na capital cubana, para discutir a realidade brasileira e a caminhada revolucionária, suas opiniões eram vistas com desdém e as propostas que fazia, todas, eram invariavelmente derrotadas.

Dinheiro e tempo jogados fora, pois, quando regressou disfarçado ao Brasil, preferiu vender roupas de marca no interior do Paraná a arriscar sua pele; um comandante guerrilheiro que preferiu dirigir uma *boutique* em lugar do campo de batalha é estranho, mas, como em termos de guerrilha alguns viviam do embuste e da fantasia, da construção de narrativas heroicas a seu respeito, tudo podia se esperar.

Mir também cita o depoimento do também banido militante da ALN Agnaldo Pacheco, que diz:

O planejador do novo dispositivo político-militar dentro do Brasil foi José Dirceu, que fez tudo sem a menor base na realidade e a partir de Havana. A organização não tinha condições de receber ninguém, não havia a menor segurança. Tentamos discutir isso com Piñero, Valdes, Herrera (obs.: respectivamente, chefe e membros da Inteligência cubana). Não pude falar com Dirceu, que vivia isolado. Todos nós que participamos, cubanos e brasileiros, temos que ter uma visão crítica desse processo, humildade revolucionária para assumir nosso papel e nossos erros.

Depois de citar uma série de falhas de planejamento de Dirceu e de sua total ignorância sobre o que estava se passando no Brasil, Mir dá o seu veredito sobre o grande mito das esquerdas:

Por tudo isso, pode ser dito que o kamarada ‘Daniel’, embora tenha recebido treinamento armado em Pinar Del Rio e acesso a documentos importantes sobre estratégia militar, informação e contra-informação e segurança militar – facilitados por Raúl Castro –, o que, teoricamente, – contrariamente ao julgamento de seus próprios

companheiros – o transformou em um especialista em questões militares, foi o grande responsável pela morte de todos os seus companheiros do MOLIPO que, seguindo suas ordens, voltaram clandestinamente ao Brasil.

Ou seja, distante do palco dos acontecimentos – Dirceu estava em Cuba –, o grande comandante apenas enviava seus companheiros para a morte.

No livro *Nas Trilhas da ALN*, seu autor Carlos Eugênio da Paz, codinome “Clemente”, apresenta um quadro comprometedor sobre a capacidade dos cubanos e suas tentativas de realizar a revolução armada no Brasil de acordo com sua visão, que seria bastante distante da realidade brasileira. Diz Carlos Eugênio:

A interferência deles (dos cubanos) já nos custaram caro demais; a volta dos companheiros do MLP (MOLIPO) sem nossa autorização foi um desastre, 18 mortos e mais tantos presos... e tudo por uma rasteira política de infiltração, querendo influenciar nosso movimento de dentro, para adequar nossa política às necessidades deles. [...] entendo que militantes nossos, afastados da realidade brasileira e querendo voltar para lutar, questionem a Coordenação Nacional, fundem uma corrente ou saiam da Organização, mas os cubanos não tinham o direito de autorizar a saída deles do país sem nos comunicar, quando havia meios para isso. Cederam os esquemas, promoveram a volta e ajudaram a convencer combatentes que tinham dúvidas. Chegaram a São Paulo procurando militantes queimados, usando esquemas já abandonados por falta de segurança, aparelhos

que não mais existiam, despreparados e desinformados dos avanços da repressão. Achavam que não autorizávamos suas voltas para não perdermos o comando da Organização. Infelizmente, sentiram na pele que estávamos cercados, fazendo ações de sobrevivência, assaltando bancos e supermercados na véspera do vencimento de aluguéis, e tentando não desaparecer. [...] O que me revolta é que caíram como moscas, e hoje ninguém assume suas responsabilidades.

Conta o jornalista Otávio Cabral, em *Dirceu – A Biografia: Do movimento estudantil a Cuba, da guerrilha à clandestinidade, do PT ao poder, do Palácio ao Mensalão*, que em 1968, após ser eleito presidente da UNE, Dirceu comandou a ocupação da Rua Maria Antônia, após uma passeata marcada por confrontos de facções, tiros e coquetéis Molotov. Depois de três meses, de uma batalha com estudantes da Mackenzie e outros conflitos que acabaram resultando na morte do estudante José Guimarães, de 20 anos, o quartel-general do movimento estudantil no *campus* de Filosofia, Ciências e Letras da USP foi finalmente invadido pela polícia. Pelo menos nesse momento, Dirceu revelou prudência e sensatez: “Vamos recuar. Vai ser um massacre. Eles vão começar a matar estudantes.”

Para Cabral, no entanto, essa providência do futuro “comandante guerrilheiro” parecia ser “um instinto de preservação que beirava a covardia”, da mesma forma que ocorreu por ocasião do seu retorno ao Brasil, onde ficou escondido em um pequeno município do Paraná e lançando roupas das grandes multinacionais do setor de confecções que ele dizia combater: os monstros do capitalismo.

O escritor refere-se também à triste experiência do Movimento de

Libertação Popular – Molipo, que teve todos os seis integrantes assassinados pela repressão, pois, desde que seus membros desembarcaram no Brasil, o Dops já tinha os nomes de todos eles. Segundo Cabral, em 1971, o Molipo esteve à frente de atentados à bomba, assaltos a bancos e até do incêndio de um ônibus, e em novembro daquele ano começou o massacre. Dirceu, contudo, conseguiu escapar, voando de volta para Cuba. Para ele, uma das hipóteses para o fracasso do Molipo seria a de que Dirceu era um delator.

Por mais incrível que isso pareça, essa hipótese havia sido aventada pela historiadora Taís Moraes no livro *“Sem vestígios – Revelações de um agente secreto da ditadura militar brasileira”*, baseado em supostos documentos produzidos por um agente secreto do Centro de Informações do Exército – CIE e a ela enviados após a sua morte, em que ele afirma que José Dirceu teria sido um agente duplo, responsável pelo desmantelamento do Molipo. As afirmações estariam baseadas nos depoimentos de alguns militares e nas memórias do coronel Lício Augusto Maciel, um dos responsáveis pela aniquilação da guerrilha do Araguaia.

A afirmação de que Daniel – codinome de José Dirceu – era um agente duplo também teria sido feita por Jeová de Assis Gomes, militante daquele grupo armado, embora se atribua a Boanerges de Souza Massa, ex-militante da ALN que havia feito curso de guerrilha em Cuba com Dirceu e que foi preso quando era militante do Molipo, a traição a seus companheiros. Carioca, o agente secreto, no entanto, inocentou Boanerges. Dirceu sempre negou essa acusação, que considerava uma "infâmia", afirmando que "Foi a própria repressão que levantou essa hipótese".

O já citado Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz, que foi um dos comandantes da ALN e que fez curso em Cuba, declarou, em julho de 1996: “Quem colaborava com o Serviço Secreto Cubano, como José Dirceu, tinha

privilégios.” Apesar de ser uma acusação gravíssima feita por alguém que era do métier e que conhecia Dirceu e a estrutura de inteligência cubana, pouco se fala sobre o assunto, e desconheço qualquer esclarecimento público do acusado para elucidar essa incômoda questão.

Dirceu teve muita sorte de não ter sido executado por traição, verdadeira ou falsa, diferentemente do que aconteceu com Márcio Leite de Toledo, que pertencia aos quadros da ALN e que foi brutalmente assassinado por seus companheiros por desconfiarem que ele poderia desertar e “entregar” seus companheiros, somente porque ele sugeriu uma pausa na luta armada antes que todos eles fossem executados. Detalhes de sua execução são esclarecidos por Carlos Eugênio, que narra em detalhes esse episódio.^[25] A lógica utilizada por ele para o assassinato do companheiro era a mesma utilizada pelas forças de segurança, pois, como ele mesmo diz: “Um Tribunal Revolucionário da Ação Libertadora Nacional do qual eu fiz parte, um grupo de dez ou 12 pessoas decidiu que, se a pessoa faz parte da guerra e está do outro lado, ele merece ser executado.”

Dirceu envolveu-se com Heloisa Helena Magalhães, uma agente que o Dops de São Paulo havia infiltrado no movimento estudantil e que ficou conhecida como “Maçã Dourada”. Por meio das inconfidências de Dirceu em momentos de intimidade, ela tomava conhecimento de informações importantes sobre o movimento estudantil e as repassava para seu chefe, o ex-delegado José Paulo Bonchristiano, que comandou uma operação da qual ele dizia mais se orgulhar, pois conseguiu desmantelar o Congresso da UNE em Ibiúna, em 12 de outubro de 1968, e na qual disse ter prendido 1263 estudantes. Depois de passar quase um ano na prisão, José Dirceu fez parte do grupo de 15 presos políticos deportados do País em troca da libertação do embaixador norte-americano Charles Elbrick.

Depois de viajar para o México, seguiu para Cuba, onde ficou exilado, aproveitando para receber treinamento militar em guerrilhas. Quando retornou ao Brasil, viveu clandestinamente em São Paulo, retornando depois a Cuba para realizar uma cirurgia plástica. Regressou de vez em 1975 para se fixar em Cruzeiro do Oeste, no interior do Paraná, onde casou, teve filho e onde atendia pelo nome falso de Carlos Henrique Gouveia de Mello. Existem muitas dúvidas sobre o porquê de Dirceu permanecer quieto e afastado de qualquer atividade política naquele município, só reaparecendo com a promulgação da Lei da Anistia Política em 1979.

Como não foi testado em campo de combate, é possível que José Dirceu tenha decepcionado seu ídolo, o criador da ALN Carlos Marighella, que escreveu no seu *Mini manual do Guerrilheiro Urbano*: **“Hoje, ser ‘violento’ ou um ‘terrorista’ é uma qualidade que enobrece qualquer pessoa honrada, porque é um ato digno de um revolucionário engajado na luta armada contra a vergonhosa ditadura militar e suas atrocidades.”** Outra recomendação de Marighella que Dirceu parece não ter aprendido dizia o seguinte: “A razão para a existência do guerrilheiro urbano, a condição básica para a qual atua e sobrevive é a de atirar. O guerrilheiro urbano tem que saber disparar bem porque é requerido por este tipo de combate.” Decepção! Dirceu nunca atirou, a não ser suas farpas verbais contra adversários políticos, habilidade onde demonstrou muita competência.

É possível que Dirceu não se sentisse efetivamente muito seguro com o que havia aprendido no seu curso de especialista militar, já que diversos militantes que foram fazer curso de guerrilha em Cuba mostraram-se decepcionados com a qualidade do que lhes era ensinado. Um depoimento bastante confiável, que fez o ex-militante e hoje historiador Daniel Aarão Reis, no livro *Exílio, Entre Raízes e Radares*, de Denise Rolemborg, diz:

Nós fomos para lá acreditando que íamos encontrar um treinamento que nos desse as condições próximas às que teríamos na guerrilha rural no Brasil. Mas nada disso ocorreu. Nós ficamos num barracão de madeira, onde havia uma cama para cada um; uma coisa rudimentar, mas havia. As refeições eram todas servidas por caminhões do Exército. Até para tomar banho tinha um cano... era um acampamento! Nós protestamos contra isso. Tentamos ganhar os cubanos para o fato de que nós queríamos dormir no mato todos os dias, por mais que isso fosse terrível. Porque aquilo ali era uma brincadeira. O próprio Zé Dirceu dizia que o treinamento era um teatrinho de guerrilha e o pior, um vestibular para o cemitério.

Com a Lei da Anistia, José Dirceu voltou à militância política, tornando-se um dos fundadores do PT, em 1980, junto a intelectuais, sindicalistas, artistas e militantes de esquerda. Em São Paulo, ele foi apresentado por Frei Betto – um dos baluartes da Teologia da Libertação – a Luiz Inácio Lula da Silva, a quem ficaria ligado indissolivelmente. Sob essa sigla, em 1986, foi eleito deputado estadual em São Paulo. Quatro anos depois, elegeu-se deputado federal, sendo reconduzido ao posto em 1994, 1998 e 2002. “O PT se tornou mais conservador que alguns reacionários assumidos. Eles [os petistas] abandonaram as bandeiras progressistas e se afundaram na lama da política tradicional”, condenou o ex-militante do PT Paulo de Tarso Venceslau, que na época de guerrilha foi amigo do futuro ministro José Dirceu e por isso afirma: “Sempre fui próximo do Dirceu, mas não podemos negar que ele também tomou gosto pelo poder. Na verdade, ele sempre foi muito ambicioso, você percebia isso no olhar dele. Mas achavam que ficariam impunes para sempre.”

Capítulo 2

Uma farsa chamada Lula

Lula – Essa metamorfose ambulante

Lênin, o líder de comunistas e socialistas de vários matizes, especializou-se em tirar das palavras o seu verdadeiro significado, adaptando-as às necessidades do momento e modificando-as dependendo do público que o ouvia. Essa é uma técnica das esquerdas – não somente delas, mas principalmente usada por elas – para enganar, iludir, confundir, procurando sempre demonstrar que somente eles são inteligentes e possuidores do monopólio da verdade, da bondade e da virtude.

Na introdução ao livro *A Hidra Vermelha*, escrito em 1985, o historiador Carlos I. S. Azambuja escreve que a burguesia estatal que tomou o poder na Rússia, e que ele chama de “Nova Classe”, alterou o vocabulário e estimulou a confusão semântica chamando: de “autônomo” o impotente; de “federativo” o que é monolítico; de “democrático” o que é autocrático; de “unido” o que é cismático; de “popular” o que é imposto pela força; e de “pacífico” o que incita à guerra.

No Brasil, o líder maior do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula, não se sabe se por esperteza, por genuíno desconhecimento das coisas ou para ocultar suas reais intenções, especializou-se em fazer essa confusão semântica, o que deixa completamente atordoados todos aqueles que pretendem enquadrá-lo em algum modelo teórico do socialismo. Embora em certas ocasiões o cocriador do Foro de São Paulo apresente-se como socialista e em outras diga que não

segue nenhuma corrente de pensamento marxista, sua definição de comunista que apresento a seguir permite enquadrá-lo como tal.

Durante uma entrevista realizada em 1979, na TV Tupi, respondendo à pergunta de como ele definiria um comunista, ele respondeu: “O comunista pra (sic) mim é aquela pessoa que não tem coragem de dizer as coisas em público, diz no pé da orelha dos outros, e que sempre pensa ser o dono da verdade. Essa é a definição que eu tenho do comunista.” Pelo seu comportamento usual e com base em sua definição, poderíamos classificar Lula como um comunista, mas seria esse o caso?

O ex-militante petista Paulo de Tarso Venceslau, que pertenceu à Aliança Libertadora Nacional (ALN) e foi um dos sequestradores do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969, e que em razão disso passou cinco anos preso, é peremptório: “Lula nunca foi um comunista. Ele sempre gostou é de ser um líder, de ter poder. Encontrou isso nos sindicatos”, disse ele em uma entrevista a Lucas Ragazzi publicada em oito de maio de 2017, no jornal *O Tempo*, em sua edição on-line.

Paulo de Tarso sabe do que está falando, pois foi um dos fundadores do PT e um de seus destacados militantes. Por conhecer Lula de perto, hoje ele o abomina e também ao PT, que para ele “jogaram os valores de esquerda no gueto, no lixo”. Por essa razão, o ex-militante confessa: “Não voto no Lula desde as eleições de 1994. Deixei de confiar nele, até porque, depois do que vi, sabia o que viria quando ele chegasse ao poder. E deu no que deu.”

A única coisa que interessava a ele era chegar à Presidência da República e, em lá chegando, deslumbrou-se. “Se um dia vocês chegarem à Presidência da República, vão perceber que esse é o ápice de um ser humano”, declarou ele em 11 de abril de 2007. Em outra declaração, em que

reconhece sua deficiência principal e o alvo do seu desejo, ele declarou: “Talvez minha deficiência, diferentemente da do Ricardo, seja deficiência intelectual. Mas também fui vítima de preconceito. Hoje não sou mais, porque sou presidente da República”, disse ele em 17 de setembro de 2009, ao participar da posse do primeiro magistrado cego do país, o desembargador Ricardo Tadeu Marques da Fonseca, no Tribunal Regional do Trabalho do Paraná (TRT-PR).

O deputado Alberto Goldman, do PSDB de São Paulo, também mostrava toda a sua aversão ao verdadeiro Lula, que surgiu depois que foi eleito para o cargo máximo da nação, dizendo: "mostrou ser um homem de personalidade fraca que, usando as práticas que um dia combateu, se permitiu entrar no rol daquilo que de pior já produziu a vida política nacional". Goldman usou os mesmos termos pejorativos que Lula usava para atacar o seu antigo adversário e hoje fiel aliado Paulo Maluf; que transformação! Também seu antigo aliado, pastor Caio Fábio, espanta-se com a transformação de Lula, dizendo que acreditava nele, antes de descobrir que ele tinha uma “agenda oculta”; antes que ele tivesse “o discurso prepotente, agressivo, surtado, louco, e absolutamente insano que ele adquiriu”.

É grande a lista de ex-companheiros do ex-presidente que se iludiram com sua retórica inflamada de um verdadeiro esquerdista e que se decepcionaram com a transformação profunda de Lula, que muitos acusam de ser sem caráter, como é o caso do sociólogo e ex-petista Chico de Oliveira, que afirmou no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, que Lula é oportunista, sem caráter e “mais esperto do que se imagina”.^[26]

Por ignorância ou má-fé, hoje a maioria das esquerdas prefere ocultar-se atrás do cândido título de socialista, esquecendo que Lenin declarou, na Terceira internacional, a sua abominação aos socialistas, dizendo que a partir

daquele momento todos deveriam assumir-se como comunistas. A entidade que Lenin criou chamava-se Comunismo Internacional – Comintern, e não Socialismo Internacional. O leitor deve sempre lembrar que, de acordo com a doutrina, o socialismo é um estágio intermediário até chegar ao comunismo.

Os esquerdistas de hoje têm vergonha de assumir que defendem o regime que mais matou na história da humanidade e o fazem ou por conveniência política, por falta de caráter, ou por serem avessos aos estudos, a exemplo de Lula, que reiteradamente declara ser avesso a qualquer estudo. Em um arroubo de franqueza, em 1981, um ano depois de ter criado o PT e quando participava de uma entrevista no programa *Canal Livre*, da TV Bandeirantes, respondendo a uma provocação do teatrólogo Flávio Rangel, que lhe perguntou: “Você não está estudando nada? Você sente necessidade de estudar?”, Lula respondeu: “Primeiro, eu acho que eu sou muito preguiçoso. Até pra (sic) ler eu sou preguiçoso. Eu não gosto de ler, eu tenho preguiça de ler. Pelo hábito, isso é questão de hábito. Tem companheiro que passa um dia lendo um livro. Eu não consigo.” Talvez isso explique a sua dificuldade em entender o significado e as formulações teóricas do que seja marxismo, socialismo, comunismo, trotskismo e leninismo. Nos tempos do regime militar, questionado se era “comunista”, respondeu: “não, sou um torneiro mecânico”. Já para Lech Walesa, o líder operário polonês, dizia que iria implantar o socialismo no Brasil. Para muitos de seus ex-companheiros, ele não era socialista, nem comunista, nem esquerdista; era tão somente um aproveitador sedento de poder.

Também é muita estranha a sua defesa da democracia, que como sabemos é a palavra mágica atrás da qual todo bom comunista se oculta até que as condições lhe permitam retirar essa capa e se apresentar como verdadeiramente é: um ditador antidemocrata. Veja que todo ditadorzinho da América Latina, em diversos países, seja de direita ou de esquerda, apresenta-

se como democrata e defensor da democracia. Assim é que governos despóticos e ditatoriais como os de Cuba e Venezuela são tratados como democracias exemplares, enquanto países democráticos são tachados de ditadura.

É muito difícil entender um homem que, no início de sua carreira política, fez elogios a Adolf Hitler e ao aiatolá Khomeini, causando grandes preocupações ao comando da campanha presidencial do PT. Em julho de 1979, quando ainda era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista e trabalhava na criação do Partido dos Trabalhadores, o PT, Lula deu uma entrevista à revista *Playboy*, na qual, candidamente, revelou a sua admiração por essas duas figuras políticas: Hitler, como se sabe, foi o ditador que comandou a Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial e que pretendia dominar o mundo para os nazistas; Khomeini, por seu turno, foi o líder da revolução xiita entre os radicais mulçumanos, que pretendeu implantar sua visão religiosa para todo mundo árabe, deixando um rastro de conflitos que dura até hoje e se manifesta em conflitos bélicos e atentados terroristas.

Segundo reportagem publicada no jornal *Folha de São Paulo*, de 21 de abril de 1994, Lula também declarou admiração por Che Guevara^[27], Fidel Castro^[28] e Mao Tsé-Tung, pelo fato de que todos eles lutaram para derrubar governos. Che Guevara admitiu ter ordenado "milhares" de execuções durante o primeiro ano do regime de Fidel Castro. Lula hoje tem vergonha de confessar que também admirava os militares, que, segundo afirmou, desenvolveram o país e criaram muitos empregos.

Esse excesso de sinceridade deixou em polvorosa os artífices da candidatura de Lula à Presidência da República, por mostrar uma faceta radical e revolucionária de seu líder, o que de todo não interessava ao partido,

que pretendia passar uma imagem de um operário moderado e distante de movimentos revolucionários. Como vimos anteriormente, Mao é responsável pelo menos por 40 milhões de mortes; Che Guevara, mais de mil; e Fidel, cerca de 17 mil execuções. Quando indagado sobre essas declarações anos depois, Lula disse que não se lembrava de tê-las feito. Era o início do Lula “Eu Não Sabia”.

O historiador e comentarista Marco Antônio Villa, em artigo publicado no jornal *O Globo*, de nove de maio de 2017,^[29] intitulado “Adeus Lula”, analisa a trajetória do ex-líder sindical, que, segundo ele: “Na Presidência, ele adotou como lema ter como princípio não ter princípio, repetindo o método de dirigente sindical.” Villa relembra Lula, o líder sindical que no início de sua carreira negava a política e que nas suas primeiras entrevistas, na segunda metade dos anos 1970, chegou a satanizar a política, impedindo o processo de politização dos sindicatos, que eram disputados pela esquerda representada pelo Partido Comunista Brasileiro, ou de correntes à esquerda, que tiveram origem nas divisões ocorridas nesse Partido desde os anos 1960.

Villa destaca o papel apagado que ele exercia, parecendo mais “um personagem folclórico do que um relevante ator político. As mudanças que estavam ocorrendo no país passavam ao largo da sua liderança.” Em sua participação no Parlamento, não teve nenhum destaque nem apresentou qualquer proposição que deixasse sua marca, sendo apenas um espectador privilegiado nas discussões. Sua transfiguração como esquerdista iria ocorrer na campanha presidencial de 1989. “Lula não acreditava no que dizia. Mas sabia que isto poderia dar um capital político para ser explorado no futuro”, disse o articulista.

Nas campanhas de 1994 e 1998, Lula manteve o figurino de esquerda,

pois achava que não tinha nenhuma chance de vitória, portanto podia mentir à vontade não se preocupando com as ideias que propalava. “Era puro oportunismo com o objetivo de ocupar o espaço político à esquerda e se transformar aos olhos da direita no seu grande opositor”, diz Villa em sua análise. Esse oportunismo será a marca registrada desse personagem, que era capaz de fazer um discurso de direita de manhã, um iracundo discurso esquerdista de tarde e de noite dizer que era as duas coisas, tudo de acordo com o que a plateia quisesse ouvir.

Finalmente, encerra Villa, depois que Lula chegou ao poder, sua forma de fazer política foi um grande salto para o passado, pois retroagimos como nunca na história recente brasileira, já que Lula:

[...] superou a crise do mensalão. Desmoralizou as instituições democráticas. Usou do aparelho de Estado como se fosse propriedade privada, sua propriedade. Fez do contato direto com o povo seu grande instrumento político, eficaz numa sociedade invertebrada, como a nossa. E contou com o auxílio da oposição parlamentar – especialmente do PSDB – frágil, pouca combativa e que temia enfrentá-lo no Congresso, nas ruas e até no voto.

Infelizmente Lula não seguiu o conselho de outro grande líder operário, o polonês Lech Walesa, um dos responsáveis pela queda do comunismo na Polônia e que liderou as greves dos operários de Gdansk, uma cidade portuária no norte da Polônia, desafiando o poder comunista no Leste Europeu. Walesa era o líder do Solidariedade, o mais influente sindicato polonês, com 10 milhões de membros. Lula comandou as primeiras greves gerais do ABC paulista durante o regime militar. Walesa conheceu Lula quando ambos lutavam por interesses da classe operária, mas sempre

caminharam em direções contrárias: Lula queria implantar um regime socialista no Brasil e Walesa achava que isso seria muito fácil; difícil, disse ele, seria sair do socialismo fracassado para o capitalismo.

A Polônia chegou muito próximo de ter uma revolta operária vitoriosa contra o Estalinismo na Europa Central e Oriental, pois a militância dos trabalhadores tinha desenvolvido um bem organizado movimento sindical ilegal, o Solidarnosc, e Walesa conseguiu colocar fim ao comunismo. No Brasil, depois do regime militar que combateu o comunismo, um líder sindical que recebeu apoio do governo para evitar a influência socialista nos sindicatos acabou por criar, anos mais tarde, um partido político – o Partido dos Trabalhadores – cujo objetivo era diametralmente oposto ao de Walesa na Polônia: implantar o socialismo no Brasil.

Durante uma entrevista realizada em 1989, quando perguntado pelo repórter se teria algum conselho a dar a um sindicalista brasileiro que também iria disputar a presidência da República, respondeu: “Ele deve se conduzir como eu; aproveitar as chances e permanecer fiel às suas origens.” Se Lula tivesse seguido esse conselho e não tivesse se deslumbrado com o sucesso, talvez o Brasil de hoje fosse outro. Por ocasião da celebração dos 25 anos da queda do Muro de Berlim, em uma entrevista publicada no jornal *Folha de São Paulo*, de sete de novembro de 2014,^[30] Walesa faz um comentário de como vê Lula hoje:

O Lula foi um revolucionário, sindicalista como eu. Mas caminhamos em direções opostas. Ele queria lutar contra o capitalismo, construir um sistema de bem-estar social. Estava certo, mas eu estava também. No meu contexto, tinha que ser contra o comunismo, porque era o que tínhamos na Polônia, não havia escolha. O Lula queria

abolir o capitalismo, mas perdeu várias vezes, e só ganhou depois que deixou o capitalismo crescer um pouco e fez um bom equilíbrio, que o levou à vitória. Penso que hoje ele seja um grande capitalista.

Outro que conheceu Lula de perto, por ter sido um militante do PT e candidato a vice-governador de Lula no governo de São Paulo, confessou em entrevista seu desapontamento com o ex-presidente: trata-se do jurista aposentado Hélio Bicudo^[31], que abandonou o partido por conhecer a podridão de suas entranhas e por sua decepção com Lula, a quem acusa de querer o poder apenas para se locupletar, abandonando as esperanças despertadas por um metalúrgico que prometia mudanças na política e na vida dos brasileiros, uma ilusão para todos aqueles que depositaram confiança no PT e em Lula.

Ao analisar uma entrevista de Lula concedida ao jornal *El País*, de Madri, em que este atribuía ao legado colonial português o atraso do ensino brasileiro, o historiador e pesquisador do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa Diogo Ramada Curto escreveu uma interessante análise no blog *Hum Historiador*, de vinte e oito de dezembro de 2015,^[32] intitulada “O legado colonial de Portugal no Brasil: entre a culpa e a redenção?”, que mostra uma das especialidades de Lula em manipular e distorcer o passado histórico, de forma que ele apareça como o criador de tudo. Diz Diogo Curto:

Todas estas reações nacionalistas não são de estranhar. Elas inserem-se num processo constante de manipulação do passado, criador de mitos para consumo político e de uma memória colectiva com conotações ideológicas claras, que nada tem que ver com a investigação histórica. Por isso, é

enorme o risco de se tomar como certa uma memória histórica eivada de mitos e de leituras ideológicas, desprezando a riqueza de perspectivas históricas que a investigação histórica nos oferece.

Lula sempre surpreende quando se mete a criar teses sobre coisas que desconhece. Uma pérola desse comportamento foi uma declaração que foi publicada por Isabel Braga no jornal *O Globo*, de 25 de novembro de 2010, em que Lula diz que socialismo beneficiou mais países capitalistas do que os socialistas.^[33] Dando um nó completo na cabeça de historiadores, economistas e capitalistas, Lula explicou sua tese ao discursar em solenidade da agricultura familiar, dizendo que a Revolução Russa de 1917 havia trazido mais benefícios para a Europa Ocidental do que para a Oriental em razão da dificuldade de acessos a bens de consumo nas sociedades socialistas, mas principalmente “Porque depois da constituição do mundo socialista, o mundo capitalista, com medo do socialismo e também pela organização da sociedade, resolveu atender grande parte das aspirações da sociedade”, disse Lula.

O mais extraordinário – para usar uma das palavras preferidas de Lula – é que, além de perder o senso de realidade, ele perdeu completamente o senso de pudor e dignidade, passando a defender claramente a impunidade de ladrões e corruptos, que para ele devem ser intocáveis.

Discursando para uma plateia de militantes do PT, em comício no estado do Rio de Janeiro, em 10 de dezembro de 2017, Lula conseguiu deixar até os seus seguidores obstupefatos quando voltou a fazer críticas à Operação Lava Jato e ao juiz federal Sergio Moro, como é corriqueiro. Mas o importante é que, além dos ataques contra as investigações de corrupção no país, Lula chegou ao cúmulo de colocar em dúvida as acusações contra seus

aliados políticos, os ex-governadores fluminenses Sérgio Cabral, Anthony Garotinho e Rosinha Matheus, proferindo a seguinte defesa intransigente da corrupção: “Eu tô (*sic*) triste com o que está acontecendo no Rio de Janeiro. O Rio não merece a crise que está vivendo. O Rio de Janeiro não merece que governadores que governaram este Estado, que foram eleitos democraticamente pelo povo **estejam presos porque roubaram o povo brasileiro e o dinheiro do povo**. Eu nem sei se isso é verdade, porque não acredito em tudo o que a imprensa fala.” ^[34] É inacreditável, mas o vídeo está disponível.

Na verdade Lula acredita que o fato de uma pessoa ter sido presidente da República automaticamente a torna uma pessoa especial e inimputável no exato figurino dos autocratas que os comunistas russos derrubaram e queriam derrubar em todo o mundo. A crença de que os políticos pertencem a uma classe especial de pessoas é decorrente de uma visão elitista e autoritária, em que eles se imaginam acima das leis. É inesquecível a defesa que ele fez do ex-presidente José Sarney em 2009, por ocasião do escândalo dos atos secretos do Senado,^[35] que levou à condenação pela justiça os ex-diretores daquela casa por improbidade administrativa.

Ao ser questionado sobre o caso, quando se encontrava em visita ao Cazaquistão, o ex-presidente Lula rechaçou o que chamou de "denuncismo" em torno dos escândalos no Senado e saiu em defesa do presidente da Casa, José Sarney, que dizia não ser responsável pelo problema. Segundo noticiou o jornal *Folha de São Paulo*, de 18 de junho de 2009, Lula defendeu um tratamento diferenciado para o presidente do Senado: "Sarney tem história no Brasil suficiente para que não seja tratado como se fosse uma pessoa comum", não explicando o que seria esse tratamento diferenciado nem por que Sarney estaria acima da lei. Como sempre acontece quando há denúncia

corrupção, Lula pôs em dúvida as irregularidades, que foram comprovadas, e atacou a imprensa, atribuindo esse trabalho a uma tentativa de enfraquecer o Poder Legislativo, à época chefiado pelo seu amigo e ex-desafeto político.

Anteriormente, em maio, Lula já havia saído em defesa do Congresso, quando foi denunciado o escândalo da “farra das passagens aéreas”, classificando as críticas como hipócritas, pois essa era uma prática antiga. Lula revelou que ele mesmo usou a cota de seu gabinete para levar sindicalistas para Brasília, quando era deputado: "Não acho correto, mas não acho um crime um deputado dar uma passagem para um dirigente sindical ir a Brasília", disse ele, revelando claramente seu entendimento sobre moral e ética pública.

Lula – Uma rápida visão psicanalítica

Quando ainda era um estudante de Psicanálise Clínica, aprendi que, segundo o famoso Sigmund Freud, considerado o pai da Psicanálise, o comportamento e a personalidade derivavam da interação de forças psicológicas conflitantes que operam em três diferentes níveis de consciência: o pré-consciente, o consciente e o inconsciente. Freud acreditava que cada uma dessas partes da mente desempenhava um papel importante na influência do comportamento. Em seu livro *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Freud procura mostrar como o inconsciente aparece em erros e falhas cotidianas, os chamados *atos falhos*.

Escrevendo em seu blog^[36] sobre Ato Falho, o professor e psicólogo Felipe de Souza explica que o termo *ato falho* é utilizado para designar erros na linguagem (escrita, fala, leitura), erros de memória (esquecimentos) e erros no comportamento (tropeçar, cair, quebrar etc.), que são formações de compromisso entre o inconsciente e o consciente. Tais erros, escreve ele, não são apenas erros, falhas sem significado, pois se investigarmos o porquê de

acontecerem, verificamos que o erro é um acerto, citando o personagem Chaves, como um exemplo que expressa muito bem o que seria um Ato Falho quando diz: “Foi sem querer, querendo”, ou seja “Um ato falho foi sem querer (conscientemente falando) mas também foi querendo (inconscientemente).” Por isso, o *ato falho* é um erro, mas também um acerto (do ponto de vista do desejo inconsciente).

Por isso, todo psicanalista coloca toda a atenção na fala do paciente, o que pode revelar o que se passa na intimidade da sua mente inconsciente, que é um reservatório de sentimentos, pensamentos, impulsos e memórias que estão fora de nosso nível consciente, e que na sua maioria são conteúdos inaceitáveis ou desagradáveis. De acordo com Freud, o inconsciente continua a influenciar nosso comportamento e experiência, mesmo que desconheçamos essas influências subjacentes.

Ao psicanalista cabe analisar a existência de uma situação em que o paciente perde completamente a dimensão do que é realidade, e do que é fantasia, geralmente conceituada como mitomania, ou seja, uma compulsão por contar “inverdades”. De acordo com os conceitos psicanalíticos, a pessoa que sofre desse mal não tem o menor controle sobre seus impulsos, mentindo muitas vezes em relação a coisas insignificantes, movido apenas por uma necessidade de ser admirado e respeitado, o que revela um perigoso sentimento inconsciente de inferioridade, que empurra a personalidade narcisista para o ato de mentir a fim de se engrandecer. Talvez por isso eu analise demoradamente os diferentes discursos de Luiz Inácio Lula da Silva, procurando identificar seu tipo psicológico e os *atos falhos* que comete para desvelar a sua verdadeira personalidade; os hábitos linguísticos muitas vezes denunciam sintomas importantes para o psicanalista sobre sentimentos não expressos pelo alvo da observação.

De acordo com os conceitos psicanalíticos, poderíamos classificar o ex-presidente como um narcisista, uma vez que o narcisismo está associado a outros distúrbios da mente, como: a vaidade, o orgulho, a ganância, a dominação, o egoísmo e alguns outros sentimentos negativos e nocivos, elementos que se podem observar sobejamente nos discursos e no comportamento do Lula. “Tem hora em que estou no avião e, quando alguém começa a falar bem de mim, meu ego vai crescendo, crescendo, crescendo... Tem hora que ocupo, sozinho, três bancos com o ego”, disse ele durante a cerimônia de posse de ministros em 31 de março de 2010. Em outra oportunidade, brincando com o fato de que a revista americana *Time* o havia indicado como um dos líderes mais influentes do mundo, Lula afirmou que se continuassem comentando o assunto, seu ego “não iria caber dentro das calças”.

Como bem observa o psicólogo Carleial Bernardino Mendonça, em um artigo intitulado “Narcisismo, vaidade, orgulho e outras neuroses”, o narcisismo está ligado a outras patologias da mente, como a necessidade de dominação e sentimento de superioridade. Para ele, o vaidoso se crê imortal e superior aos demais, sentimentos que permeiam a autoavaliação de Lula e os superlativos que emprega para exaltar suas obras com o conhecido bordão: “nunca antes na história desse país”. Quando, por qualquer razão, o narcisista perder a razão do seu poder e de sua pretensa superioridade, ele poderá se tornar agressivo e violento, como podemos bem observar nos últimos discursos de Lula, principalmente depois que o PT perdeu o poder e que ele foi condenado pelo juiz Sérgio Moro.

Lembra ainda Bernardino Mendonça que

[...] a gênese do narcisismo e de todos os seus coadjuvantes patológicos se origina da base educacional da criança. Se, a

família, os amigos, parentes e conhecidos da criança a elogiarem com adjetivos qualificativos de beleza exterior e outros termos supérfluos; se, não cultivarem na criança a honradez, a honestidade, o humanismo, a cultura e as demais belezas interiores; bem como, se os pais a deixarem entregue à visão dos programas chulos, vazios, burros e aviltantes da televisão; podem se preparar, pois logo terão criado, cultivado e aperfeiçoado mais um narciso, um vaidoso, um egoísta e muitos outros defeitos morais e mentais.

Quando analisamos a infância difícil de Lula, podemos encontrar elementos que justifiquem esse narcisismo. Sétimo filho de um casal de lavradores pobres, nascido em 27 de outubro de 1945, em Garanhuns (PE), Lula mudou-se, em 1952, com a mãe e os irmãos, para Guarujá (SP) para reencontrar o pai, que havia migrado antes de seu nascimento. Três anos mais tarde, mudou-se para São Paulo. A biografia mais completa de Lula, *A história de Lula: O filho do Brasil*, de Denise Paraná, retrata seu pai, Aristides Inácio da Silva, como um homem rude, ignorante, analfabeto, alcoólatra, mulherengo, violento com os filhos. Segundo a autora: “Seu pai negava tudo que pudesse ampliar seus horizontes ou significar qualquer forma de prazer.” Talvez aí residam as raízes inconscientes do Lula atual, pois a repressão é causadora de neuroses.

Qualquer pessoa que assista à televisão normalmente não pode desconhecer que em seus discursos Lula apresenta-se como uma das maiores – se não a maior – criaturas que já passaram pelo Brasil, quiçá pelo Planeta Terra, sempre recitando o seu principal bordão “nunca antes na história desse país”, dando opiniões sobre e qualquer assunto como se fosse um especialista. Não posso questionar as competências e o nível de

conhecimentos do ex-presidente, mas mesmo não concordando com a sua megaotimista avaliação, entendo que é possível que seja vítima do efeito Dunning-Kruger, que leva o nome de seus descobridores, o psicólogo David Dunning e seu auxiliar Justin Kruger, investigadores da Universidade de Cornell.

Sempre encontramos pessoas que falam com autoridade sobre temas que pouco ou quase nada conhecem enquanto os verdadeiros especialistas falam comedidamente sobre temas que dominam, ou seja, as pessoas de pouco conhecimento têm a certeza de que sabem muito e tendem a ter melhor ideia sobre si mesmas, embora sejam os menos capacitados; por outro lado, quem sabe tende a subvalorizar seus conhecimentos. Em seus estudos, Dunning concluiu que desconhecemos os limites de nossa incompetência, não a dos outros, e tendemos a nos superestimar em todas as áreas, inclusive na capacidade de liderança e na ética.

Entende-se que a falta de um pai orientador dos filhos fez falta na criação de Lula e que o fato de seu pai ser ignorante e alcoólatra, o que o tornava violento, possa tê-lo tornado uma pessoa egoísta e egocêntrica, vaidosa, orgulhosa e oportunista, que não mede sacrifícios para realizar suas ambições pessoais e políticas. Mas muitas outras pessoas tiveram infância pobre, difíceis, e nem por isso adotaram esse tipo de comportamento. Será que a mentira também é um produto da infância pobre?

As dificuldades de Lula com a mentira, e que no passado poderiam lhe causar algum conflito psíquico, agora se tornaram uma forma natural de se expressar e de fazer política, uma espécie de dom nato para iludir. Em uma declaração que se encontra disponível Lula, dizia que: “A desgraça da mentira é que você, ao contar a primeira, você passa a vida inteira contando mentira pra (*sic*) justificar a primeira que você contou.” [\[37\]](#)

Como dizia o criador da Psicanálise, Sigmund Freud: "O homem é escravo do que fala e dono do que cala. Falar mal dos outros expõe mais o caráter daquele que fala".

Um claro exemplo disso é um discurso que ele fez no Instituto Lula^[38] no qual ele despudoradamente se vangloriar das próprias mentiras que contava em suas viagens internacionais. "Cansei de viajar o mundo falando mal do Brasil, gente", diz Lula revelando como mentia deliberadamente inflando irresponsavelmente os números sobre pobreza e outras mazelas do país, apenas para ser aplaudido e angariar respeito. Diz ele: "eu mentia mesmo, falava números que não existiam". Existem diversos vídeos disponíveis na internet mostrando discursos de Lula em que podemos verificar esse comportamento mentiroso e preocupante partindo de uma liderança política do país; o importante é que o leitor ouvirá do próprio Lula e poderá tirar suas conclusões.

Em depoimento ao programa "Papo de Graça", de três de novembro de 2015,^[39] o pastor Caio Fábio faz revelações sobre sua convivência de quase dez anos e dos muitos encontros que teve com Lula, e manifesta a sua indignação e a tristeza que sente hoje por ter ajudado a elegê-lo, ao convencer uma parcela considerável da comunidade evangélica de que ele não era o satanás que todos pensavam, pois, segundo Caio Fábio, 95% dos evangélicos tinham uma total aversão a Lula achando que era um homem do diabo.

Em certo trecho da entrevista, Caio diz que, em maio de 1998, foi procurado por Lula para mais uma reunião, eventos que se realizavam amiúde há mais de dez anos, dizendo que precisava de sua ajuda para trazer um dossiê forjado contra o PSDB de Miami para o Brasil, e um amigo o indicou como alguém que poderia fazer isso. Mas o mais surpreendente foi quando Lula revelou: "pelo amor de Deus, eu tenho trinta e cinco milhões de dólares

pra internar no Brasil, que o Kadafi [o falecido ditador da Líbia] quer me doar e eu não tenho quem traga o dinheiro pra dentro [do país]. Será que um amigo seu, um empresário não faria isso por mim, reverendo?”. Caio diz que nesse momento seu coração gelou e pensou: “Pô, ele é igual a todo mundo [todo político] só que eu não pensei que fosse tão mais pior do que igualzinho a todo mundo; que fosse de uma insaciabilidade extraordinária”.

Caio revela que acredita que bem no início Lula fosse sincero no que dizia, “antes que ele tivesse o discurso prepotente, agressivo, surtado, louco e absolutamente insano que ele adquiriu”. Caio acredita que muita gente afastou-se dele por descobrir que ele tinha uma agenda oculta. A partir de sua eleição, ele “descompensou geral”. Encerrando a entrevista, o pastor evangélico Caio Fábio lamenta ter se enganado, dizendo:

Eu sonhei que seria um cara que faria bem e que entraria para a história deste país, infelizmente está entrando pra história do planeta como o presidente do Brasil mais absolutamente macunaímico [referindo-se ao personagem Macunaíma, um herói sem caráter] e sem configuração de integridade pessoal.

Em um debate com o apresentador Danilo Gentili e com o filósofo Olavo de Carvalho, com o título “Ditadura Petista”,^[40] Caio Fábio revela seu desapontamento com Lula e com o PT dizendo:

Foi tão avassalador que cheguei à conclusão, muito antes do mensalão acontecer [referindo-se ao escândalo do mensalão], que eu estava lidando com uma quadrilha totalmente abandada e que tinha um discurso pra (sic) consumo em determinados nichos de interesse, enquanto tinham uma articulação de natureza muito mais extensa e

que visava um projeto de dominação e de controle mesmo, a ponto do José Dirceu ter me dito: “no dia que nós conseguirmos emplacar o Lula pela primeira vez na presidência da república a gente não sai mais de lá e se sair com brevidade sairemos 24 anos depois, após deixarmos tudo aparelhado.” [\[41\]](#)

Revelou o pastor evangélico, acrescentando que “foi a pior decisão da minha existência quando me aproximei do pessoal do PT, dali em diante foi uma sucessão avassaladora de revelações que mostraram a ausência total de caráter de Lula, de José Dirceu e do grupo inteiro”.

Em artigo publicado no **Globo.com** de nove de setembro de 2014, [\[42\]](#) o historiador e comentarista da TV Cultura Marco Antônio Villa, um ferrenho crítico de Lula e do PT, apresenta um perfil de Lula no qual se distinguem perfeitamente traços egoicos de personalidade histriônica [\[43\]](#) do ex-presidente Lula, destacando seu estilo ditatorial dentro do sindicalismo e do Partido dos Trabalhadores, que: “Ao escolher candidatos sem consulta à direção partidária, ele transformou o PT em instrumento de vontade pessoal.” Esse estilo de tomar decisões sem contestações marcará sua vida no sindicalismo e na vida partidária, assim destacado na análise de Marco Antônio:

Lula, com seu estilo peculiar de fazer política, por onde passou deixou um rastro de destruição. No sindicalismo acabou sufocando a emergência de autênticas lideranças. Ou elas se submetiam ao seu comando ou seriam destruídas. E este método foi utilizado contra adversários no mundo sindical e também aos que se submeteram ao seu jugo na Central Única dos Trabalhadores. O objetivo era impedir

que florescessem lideranças independentes da sua vontade pessoal. Todos os líderes da CUT acabaram tendo de aceitar seu comando para sobreviver no mundo sindical, receberam prebendas e caminharam para o ocaso. Hoje não há na CUT – e em nenhuma outra central sindical – sindicalista algum com vida própria.

No PT, após três décadas, não existe hoje nenhum quadro que possa transformar-se em referência para os petistas, pois todos aqueles que se opuseram ao domínio de Lula acabaram tendo de sair do partido ou se sujeitaram a serem figuras decorativas no Partido. Marco Antônio afirma que Lula humilhou diversas lideranças históricas do PT fazendo escolhas de candidatos sem nenhuma consulta à direção partidária, transformando o partido em instrumento da sua vontade pessoal, imperial, absolutista como foi o caso de Dilma Rousseff, um caso emblemático de um “poste” por ele imposto e que arrasou com o país. “Não era um meio de renovar lideranças. Não. Era uma estratégia de impedir que outras lideranças pudessem ter vida própria, o que, para ele, era inadmissível.”

O articulista acrescenta, ainda, que:

A pobreza política brasileira deu um protagonismo a Lula que ele nunca mereceu. Importantes líderes políticos optaram pela subserviência ou discreta colaboração com ele, sem ter a coragem de enfrentá-lo. Seus aliados receberam generosas compensações. Seus opositores, a maioria deles, buscaram (sic) algum tipo de composição, evitando a todo custo o enfrentamento. Desta forma, foram diluindo as contradições e destruindo o mundo da política.

Ele finaliza lançando um questionamento que muita gente se faz: “E

no futuro os historiadores vão ter muito trabalho para explicar um fato sem paralelo na nossa história: como o Brasil se submeteu durante tantos anos à vontade pessoal de Luiz Inácio Lula da Silva”.

Seria longa a lista de pessoas que se decepcionaram com as mentiras e com o estilo imperial que ele adotou em relação a antigos companheiros e criadores do PT que se afastaram dele, como: Hélio Bicudo, Cesar Benjamim, Vladimir Palmeira, Fernando Gabeira, Heloisa Helena, Paulo Delgado, Plínio de Arruda Sampaio, a lista é interminável. Mas esses se deram conta do logro e dele se afastaram. Mas o que dizer de uma parcela da população brasileira que, ou por fanatismo, ou por ignorância, continua a apoiá-lo e a tê-lo como o grande herói nacional.

De acordo com o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (4ª edição, DSM IV-TR), utilizado para diagnosticar transtornos mentais, uma pessoa com personalidade histriônica apresenta cinco, ou mais, das seguintes características:

- Sente-se desconfortável em situações nas quais ele ou ela não é o centro das atenções;
- A interação com outrem é frequentemente caracterizada por comportamento inapropriadamente sedutor ou provocativo;
- Demonstra mudanças rápidas e superficiais de emoções e avaliações sobre outrem, principalmente seus críticos;
- Utiliza consistentemente a aparência física e vestimenta (elegante ou ousada) para chamar atenção para si;
- Tem um estilo de discurso excessivamente impressionável e deficiente em detalhes;
- Demonstra dramatização, teatralidade e expressão exagerada das

emoções;

- Considera os relacionamentos mais íntimos do que realmente o são;
- Desprezo por diagnósticos e teimosia em se julgar pessoa sã;
- Dificuldade de concentração e na leitura de textos longos, tendendo à superficialidade intelectual.

Depois de tudo o que apresentamos, e que é apenas uma outra faceta da personalidade de Lula, creio que qualquer psicanalista ou psiquiatra, analisando as características apresentadas, não teria dificuldade em encaixá-lo perfeitamente como possuidor de uma personalidade histriônica. Hitler também sofria do mesmo mal e levou a Alemanha à total destruição. Se isso é bom para o nosso país, deixo à reflexão dos leitores.

Seria Lula uma construção dos militares?

Dizia o dramaturgo alemão Bertold Brecht: “Infeliz do povo que precisa de heróis”. São palavras que se aplicam em muitos momentos da história, e dos povos, quando alguns poucos, por interesses os mais diversos, mas geralmente ideológicos, elegem pretensos salvadores da pátria que pertencem a seu grupo políticos como heróis. Entendo que o problema não é o povo ter heróis, mas sim ter os heróis errados, como *Macunaíma – o Herói Sem Nenhum Caráter*, de Mário de Andrade.

Certa feita, ao me dirigir a Belém do Pará, minha terra natal, ao passar por uma das múltiplas e miseráveis invasões que explodem na periferia das grandes cidades, li em uma placa indicativa: Área de Ocupação do Che Guevara, no município de Marituba/Pa. Assim também pululam, em todo o país, escolas, localidades, ruas etc., com o nome do criminoso guerrilheiro Ernesto Che Guevara, que foi transformado pelas esquerdas em herói

internacional.

Assim é a esquerda: esquece ou prefere nem conhecer a história para que não desfaça seus sonhos revolucionários; é melhor escrever sua própria história e esquecer os séculos anteriores de história. Assim foi com Lenin, com Stalin, Trotsky, principalmente, que em um determinado momento foram aclamados como líderes da humanidade e tempos depois passaram a ser criminosos da humanidade. Na América Latina, ainda persiste a imagem do ditador Fidel Castro como o grande herói de Cuba e de todo o Continente, mas que só espalhou o ódio entre classes sociais e tentativas de revoluções comunistas que só serviram para fortalecer os regimes militares que imperavam na região. Não podemos esquecer que essas criaturas, para ficarmos apenas nos heróis da esquerda, foram pessoas que marcaram a história, mas, faça-se justiça, a peso de muito sangue e barbaridades, como já vimos.

O povo, esse elemento principal do desenvolvimento e direção da sociedade, fica em segundo plano, geralmente utilizado como massa de manobra dos pretensos líderes. Logo é esquecido e despido da sua importância. Criar heróis é fácil; enganar o povo, idem. É só estudar a vida de Paul Joseph Goebbels, o ministro da Propaganda na Alemanha Nazista e devoto fanático de Adolf Hitler. Goebbels interessou-se pela utilização da propaganda para promover o partido e o seu programa, e com a conquista do poder pelos nazistas, em 1933, ele rapidamente conseguiu o controle absoluto da imprensa, da arte e da informação na Alemanha, sendo o responsável pelo endeusamento de Hitler.

É claro que uma liderança forte e comprometida com os ideais e necessidades de um país podem aproveitar o potencial de apoio da população para realizar grandes obras. Mas quando acredita que só um grande líder pode

salvar uma nação e conduzi-la ao sucesso, o povo pode estar abrindo mão do seu poder e abrindo as portas para um líder carismático e autoritário que pense apenas em seus interesses pessoais e os do seu grupo.

Diferentemente do que pensava Lula em relação ao ex-presidente José Sarney, e como pensa em relação a ele próprio e ao governador do Rio de Janeiro e demais políticos presos pela prática de corrupção e outros crimes, esses políticos são efetivamente pessoas comuns, com erros e acertos, sujeitos às mesmas leis que todos os brasileiros e que chegaram aonde chegaram favorecidos pelas suas qualidades, pelas oportunidades que lhes apareceram, pela conjuntura do momento e muitas vezes pela “ajudinha” de alguém cujos interesses são bem diferentes. Esse parece ser o caso de Luiz Inácio Lula da Silva, que muito apontam como “o homem do general Golbery”.

Em outras obras, tenho me referido ao trabalho sigiloso e pertinaz realizado por Oficiais de Inteligência dos diferentes Serviços de Inteligência do mundo^[44] e que acabam por influenciar o destino de pessoas, de países e até mesmo da humanidade. Em *O Apocalipse do Estado Islâmico*, afirmo que o principal responsável por essa organização terrorista que tantas mortes e preocupações causaram ao mundo foi um oficial de Inteligência do serviço secreto de Saddam Hussein. A história está repleta de exemplos.

No caso do Brasil, muitos já devem ter ouvido falar sobre uma informação de que o PT e as esquerdas não suportam: a de que seu líder maior, Lula, foi uma criação estratégica do falecido general Golbery do Couto e Silva, considerado um dos grandes intelectuais do exército a seu tempo e criador do Serviço Nacional de Informações (SNI), a organização de Inteligência do governo militar. Golbery também leva a fama de ter planejado e incentivado a criação do PT, um fato bastante conhecido nos bastidores da

política nacional.

Lula, em diversas entrevistas, admite que chegou aonde chegou porque tinha o amparo de um movimento, dos estudantes, do PT, da CUT, da base da Igreja Católica, principalmente da Teologia da Libertação, a parte do clero que iniciou o processo de marxização da Igreja. Em 2002, quando estava em campanha no Sindicato dos Metalúrgicos, ele teve um raro momento oportunista de humildade e fez uma confissão, com a qual eu concordo plenamente. Disse ele: “Tudo que eu sou não é fruto da minha inteligência, não. É fruto da consciência política da classe trabalhadora brasileira.” ^[45] Todos esses apoios são verdadeiros, mas Lula não se refere ao maior deles: o que teria recebido do general Golbery do Couto e Silva e de grande parte do empresariado nacional.

Em nove de janeiro de 2011, o jornalista Hugo Studart publicou em seu blog um artigo intitulado “Lula Secreto”, ^[46] no qual lança suspeitas sobre a gênese de Lula, questionando o porquê de os militares terem permitido que o jovem e desconhecido metalúrgico Luiz Inácio da Silva, sem origem partidária e sem referência, sem grandes articulações, de repente se transformasse em um grande líder. Studart jocosamente questiona se Lula seria um predestinado ou se teria sido uma invenção do general Golbery, construído, meticulosamente, em colaboração com o empresário Mario Garnero.

Studat refere-se a uma carta recebida e que continha a cópia do capítulo de um livro de autoria do próprio Mário Garnero, com o título “*Jogo Duro*”, em que o empresário relata sua relação com Lula nos anos 70, e levantou uma suspeita de que “Lula foi a peça sindical na estratégia de distensão tramada pelo Golbery – o que não sei dizer é se Lula sabia ou não sabia que estava desempenhando esse papel”, escreveu Garnero. Sua

estranheza refere-se à incrível facilidade com que Lula ascendeu no movimento sindical, enquanto outros adversários do governo, às vezes muito mais inofensivos, eram tratados com impiedade.

Segundo essa narrativa, em maio de 1978, os metalúrgicos tinham cruzado os braços e a indústria automobilística ficou parada, por isso Garnero foi à Brasília conversar com o governo em nome da Anfavea – Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores –, entidade que reúne as empresas fabricantes de autoveículos e máquinas agrícolas. O então ministro do planejamento Mário Henrique Simonsen lhe informou que estivera com o presidente Ernesto Geisel, o qual recomendou moderação e que se tentasse negociar com os grevistas, sem alarido. Imagine. Garnero achou isso estranho, pois nenhum governo militar jamais negociara com operários em greve. Geisel devia ter alguma coisa na cabeça; Garnero tinha certeza de que isso seria o ministro Golbery.

O empresário faz uma ressalva esclarecendo não querer dizer que Lula seria uma espécie de Cabo Anselmo^[47] do ABC, mas, afirma Garnero, “Lula foi a peça sindical na estratégia de distensão tramada pelo Golbery – o que não sei dizer é se Lula sabia ou não sabia que estava desempenhando esse papel”, escreve ainda Garnero. No entanto a sua posição à época lhe dava acesso fácil a ambos os lados: pois havia assumido a diretoria do departamento jurídico da Volkswagen no Brasil, em 1970, e em 1974, a diretoria de relações industriais, assumindo também a presidência da Anfavea, em 1974.

Stuart cita um trecho do livro de Garnero, em um momento em que este se encontrava agastado com Lula por conta de um comentário que o sindicalista havia feito contra ele e, por isso, enviou-lhe uma carta, pois Lula naquele momento tinha sido eleito deputado constituinte, de onde extraio os

seguintes trechos:

Eu me vi obrigado, no final do ano passado, a enviar um bilhetinho pessoal a um velho conhecido, dos tempos das jornadas sindicais do ABC. Esse meu conhecido tinha ido a um programa de tevê e, de passagem, fez comentários a meu respeito e sobre o Brasilinvest que não correspondem à verdade e não fazem jus à sua inteligência.

Sentei e escrevi: ‘Lula... Achei que tinha suficiente intimidade para chamá-lo assim, embora, no envelope, dirigido ao Congresso Nacional, em Brasília, eu tenha endereçado, solenemente: “A Sua Excelência, Sr. Luiz Ignácio Lula da Silva”. Espero que o portador o tenha reconhecido, por trás daquelas barbas.

No bilhete, tentei recordar ao constituinte mais votado de São Paulo duas ou três coisas do passado, que dizem respeito ao mais ativo líder metalúrgico de São Bernardo: ele próprio, o Lula. Não sei como o nobre parlamentar, investido de novas preocupações, anda de memória. Não custa, portanto, lembrar-lhe. É uma preocupação justificável, pois o grande líder da esquerda brasileira costuma se esquecer, por exemplo, de que esteve recebendo lições de sindicalismo da *Johns Hopkins University*, nos Estados Unidos, ali por 1972, 1973, como vim a saber lá, um dia. Na universidade americana até hoje todos se lembram de um certo Lula com enorme carinho.

Garnero cita outro testemunho pessoal que, segundo ele, demonstraria

o tratamento respeitoso, ou quase especial, conferido pelo governo Geisel ao Lula. Entendo que o general Golbery estaria por trás dessas gentilezas. Garnero afirma que negociou com Lula, em nome de Golbery e Geisel, o fim das greves no ABC e dizia “estranhar a facilidade com que se procedeu a ascensão irresistível de Lula nos anos 70, época em que outros adversários do governo muito mais inofensivos foram tratados com impiedade. Lula não, foi em frente e progrediu. Digo eu: Sempre protegido por Golbery. Muitas coisas ainda temos a falar de Lula”.

No caso de nosso pretenso agente duplo brasileiro, Studart diz que procurou Garnero por diversas vezes para esclarecer melhor o caso, mas o empresário polidamente evitou falar sobre o assunto dizendo que o tempo havia passado e agora estavam vivendo um novo tempo, ressaltando, no entanto, que o essencial estava no livro. Studart atribui sua negativa ao fato de “quase 20 anos depois de ter sido banido do mercado financeiro, Mário Garnero voltou ao centro do poder abraçado ao governo Lula”. O que também daria credibilidade às afirmações de Garnero seria o fato de que Lula nunca contestou o livro nem processou seu autor.

O articulista cita um outro depoimento que reforçaria a tese de que Lula foi uma criação de Golbery, dessa feita citando uma entrevista dada ao *Jornal Opção*, edição de 22 a 28 de janeiro de 2006, em que o ex-deputado Sinval Boaventura revela que a ex-deputada Ivete Vargas teria contado que tinha estado com o ministro Golbery, na chácara dele, e que ele dissera que precisava trazer o Brizola para o Brasil porque ele estava se tornando um mito muito forte fora do país. Assim, a estratégia era estimular a imprensa para projetar Lula, que era um grande líder dos metalúrgicos de São Paulo, uma liderança inteligente e expressiva para ser preparado como o antiBrizola. Boaventura diz ser testemunha dessa tese do general Golbery.

Além de Golbery, Lula também teria recebido todo apoio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, pois havia interesse em eliminar a influência de Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão, falecido em fevereiro de 1997. Joaquinzão criou e presidiu de 1986 a 1989 a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), e presidiu o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo por 21 anos (de 1965 a 1986). Embora fosse considerado um pelego por suas boas relações com os patrões, ele nunca escondeu suas boas relações com o PC do B.

O general Golbery, de fato, tinha uma visão estratégica das coisas e preferia manobrar os cordéis dos bonecos que representavam o jogo político e que, às vezes, sem saber, desempenhavam o *script* por ele delineado, tanto que conseguiu despertar a admiração do famoso cineasta Glauber Rocha, um homem de esquerda que morou em Cuba e aparentemente se desiludiu com os comunistas, e que o chamava de "o gênio da raça". A esquerda nunca perdoou a mudança de lado de Glauber Rocha, que, a partir de 74, apoiou à transição política dos presidentes Geisel e Figueiredo. Por essa razão seus antigos companheiros marxistas passaram a denegrir o seu passado de militante revolucionário.

A indignação da esquerda devia-se particularmente às seguintes afirmações que Glauber expressou em uma carta^[48] que o cineasta escreveu para Zuenir Ventura, de Roma, em 31 de janeiro de 1974, e que foi publicada na revista *Visão*, em março do mesmo ano, provocando intensa polêmica e críticas, pela defesa que ele fazia dos militares, e onde dizia: "As pessoas que combatem o regime militar não merecem meu respeito" e, referindo-se aos militares que antes combatia, declarou "... acho que o exército é o legítimo representante do povo".

A grande preocupação de Golbery era a possibilidade de Leonel

Brizola vir a disputar a Presidência, considerada inadmissível pelos militares, pois Brizola havia se tornado um dos grandes inimigos da Revolução e tentou a ela resistir quando o presidente João Goulart foi deposto e decidiu não reagir. Brizola tentou a todo custo convencê-lo a reagir, o que levaria inapelavelmente a uma guerra civil. Mas, se o objetivo dos militares era impedir que Brizola chegasse ao poder, por meio da construção de Lula, o êxito foi atingido: aquele chegou apenas a governador, enquanto Lula atingiu a Presidência da República.

O guru de Lula no sindicalismo

Além de Golbery, existe outro candidato a criador de Lula: trata-se de Paulo Vidal Neto, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e amigo pessoal de Lula, que diz, em entrevista concedida ao blog *Opinião e Notícia*, de 10 de março de 2010: “Se existe um criador de Lula no aspecto sindical, sou eu”. Analisando as dificuldades pelas quais passavam os sindicalistas durante o regime militar, já que eles consideravam comunistas qualquer um que manifestasse opinião diferente, Paulo Vidal Neto fala de como introduziu Lula no sindicato.

Como se sabe antes de 1964, os comunistas dominavam o sindicalismo no país, sendo que o Partido Comunista, à época, representava a corrente hegemônica dentro do sindicalismo brasileiro, ocupando a direção dos principais sindicatos oficiais, já que esse era um setor sempre disputado pelos marxistas. Vitoriosa a revolução, os militares colocaram os sindicatos sob intervenção do governo. Paulo Vidal, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, conheceu Lula quando ainda era diretor, em 1969. Diz Vidal que Lula não conhecia nada de sindicalismo e começou, com ele e com os demais diretores, a aprender os

primeiros passos do movimento sindical.

Lula começou no sindicalismo como suplente no Conselho Fiscal por indicação de Paulo Vidal no lugar de Frei Chico, irmão de Lula, que era quem deveria ter participado da chapa. “Frei Chico não quis e apontou Lula como substituto. Após conhecer Lula, aceitei e indiquei o nome dele ao grupo diretivo. Ele não existia no sindicato e não tinha qualquer atividade sindical, nem tampouco chamou mais pessoas para participar. Ninguém o conhecia”, diz o ex-sindicalista.

Segundo a narrativa de Paulo, com a formação da chapa, Lula foi eleito como suplente em 1969. Pouco a pouco, começou a participar e a se familiarizar com as ações sindicais, e aos poucos foi ficando conhecido, já que gostava de futebol e de dança. Em 1972, a oposição criou uma chapa, que era a síntese do Partido dos Trabalhadores (PT), e convidou Lula para encabeçá-la, mas ele decidiu continuar na chapa de seu mentor, passando a ser primeiro-secretário e a fazer parte da diretoria.

Por razões pessoais, Paulo convidou Lula para que aceitasse ser seu sucessor para o período 1975 a 1978, o que a princípio ele recusou, mas depois aceitou. Paulo diz que Lula somente seria presidente sob duas condições: que ele, Paulo, estivesse permanentemente ao seu lado, e desde que ele ficasse no cargo por apenas um mandato. “Até 1978, dirigimos o sindicato a quatro mãos e a duas cabeças. Ele era o presidente e eu, secretário-geral, segundo cargo mais importante. À medida que ele adquiria experiência, eu ia soltando o Lula”, mas, acrescenta Paulo: “Conforme fui soltando Lula, as esquerdas foram se apoderando dele até o absorverem. Em 1978, eu saí do Sindicato. Ele saiu do foco sindicalista e ajudou a criar o Partido dos Trabalhadores. Em dois anos, perdeu o controle do Sindicato”.

À época da entrevista, realizada em março de 2010, antes do

escândalo do “petróleo”, o criador de Lula no sindicalismo, Paulo Vidal, assim falou sobre seu pupilo:

Lula é uma pessoa boa e com um grande coração. É uma pessoa extraordinária, mas é refém do PT, das forças da esquerda e do poder dominante. Quando ele diz que não sabe de algo, eu acredito, pois ele viaja muito. Eu tenho um profundo carinho por ele, mas Lula é refém, escravo e beneficiário do poder dominante. Esse poder o cooptou naquela época e formou o PT, em vez de criar um sindicalismo forte.

Não sei se diria a mesma coisa hoje, sete anos e vários escândalos depois.

Relações com sindicalismo americano

Em 1981, quando Lula foi preso por organização ilegal de greves, uma curiosa figura foi visitá-lo, chamando a atenção. Tratava-se de Stanley Gacek, dirigente da *American Federation of Labor-Congress of Industrial Organizations* – AFL-CIO (Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais, em tradução livre), a maior central sindical dos EUA (12 milhões de sindicalizados). Essa organização é apontada por várias fontes, desde os bons tempos da Guerra Fria, de servir como cobertura para atividades dos Oficiais de Inteligência da Central Intelligence Agency, a CIA, em várias partes do mundo, particularmente em países do Terceiro Mundo.

Gacek, que também ocupou os cargos de diretor internacional adjunto da central sindical norte-americana para a América Latina e diretor-adjunto da OIT no Brasil, fora levar seu apoio e solidariedade a Lula. Gacek é apontado por sindicalistas de diversos países como um agente daquela

organização de espionagem que tinha a função de recrutar possíveis agentes colaboradores. Gacek era membro do Partido Socialista Democrático da América e foi advogado trabalhista e Diretor Assistente de Assuntos Internacionais da AFL-CIO, responsável pelas relações da Federação com a América Latina e o Caribe. Ele tem sido um amigo e conselheiro de Lula e do PT desde o início da década de 1980, por isso circulam boatos de que ele chegou ao poder pela primeira vez também com a ajuda dos socialistas democratas da América e da AFL-CIO.

Nos meios sindicais mais à esquerda, a AFL-CIO era malvista por imprimir uma radical orientação anticomunista em suas atividades e por ser acusada de financiar movimentos sindicais que apoiaram golpes militares em países da região, por meio do Instituto Americano para Desenvolvimento do Sindicalismo Livre (Iadesil). Em abril de 2002, a AFL-CIO também foi acusada de estar envolvida na fracassada tentativa de golpe para depor o então presidente Hugo Chávez, em ligação com a Confederação dos Trabalhadores Venezuelanos (CTV). Essas são típicas ações de Medidas Ativas realizadas pela CIA.

As ligações de Lula com o sindicalismo do “monstro capitalista” odiado pela esquerda inicia-se quando ele foi ser aluno do Iadesil, cuja sede é em Washington e que segundo Ronald Barata, autor do livro *O falso déficit da previdência* e que hoje atua no Movimento de Resistência Leonel Brizola, era um dos braços da CIA no Brasil. Os cursos lá ministrados seriam preparados de acordo com os interesses do governo norte-americano e desenhados para parecerem de esquerda, mas, na verdade, serviriam à política traçada pelo sistema dominante.

O Iadesil possuía escritórios no Rio de Janeiro e em São Paulo, e foi acusado de ter trabalhado pela derrubada do governo João Goulart. Diversos

dirigentes sindicais brasileiros que geriram o sindicalismo em nosso país passaram por aquela instituição; Lula foi um deles.

Em 29 de maio de 2012, o jornal sindical *Unidade Classista* publicou matéria na qual analisa o papel da Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres (CIOSL) – que, segundo Ronald Barata, tem vínculos com a CIA – na criação do PT e da CUT. O artigo afirma que essa confederação, desde sua fundação, em 1949, “atua como um privilegiado instrumento ideológico do imperialismo, intervindo no movimento sindical em todo o mundo, oferecendo recursos e treinamentos a dirigentes sindicais”.

Lula entrou para o movimento sindical em 1969, durante o governo militar, e fez inúmeras viagens ao USA, Europa e Japão, mantendo estreitos contatos com a CIOLS e com as centrais a ela ligadas. A partir desse relacionamento e da formação recebida pelos sindicalistas que por ali passaram, teriam surgido o PT e a CUT, que de certa forma estariam vinculados ao “imperialismo”, via CIOLS.

Outros dirigentes sindicais (Jacó Bittar e Wagner Benevides, petroleiros; Olívio Dutra, bancário; João Paulo Pires, Henos Amorina e José Cicote, que como Lula haviam frequentado cursos da CIOLS) uniram-se a ele para discutir a criação de um novo partido político – o PT. Na CIOLS, portanto, estariam as raízes das posições defendidas pelo PT e pela CUT, e que são decorrência desse relacionamento, acusa o artigo.

As lideranças do antigo Partido Comunista acusavam Lula de ter dividido as esquerdas e eliminado a forte influência dos comunistas nos sindicatos por meio do chamado “Novo Sindicalismo”, que despontava nas greves do ABC paulista e que negava todo o passado de luta dos comunistas do PC, a quem viam como adversários.

Os sindicalistas do PT também são acusados de, ao chegarem ao

governo, em 2003, abrigarem-se na máquina do Estado burguês, passando a se envolver na corrupção e a fazer o jogo do grande capital, “terminando mais pelego do que os pelegos que diziam combater”, diziam seus opositores.

Sabe-se que, na sua formação, o Partido dos Trabalhadores abrangia diversos grupos da esquerda, muitos oriundos de organizações guerrilheiro-revolucionárias, como a ALN, PCBR, PC do B, ou de organizações comunistas mais tradicionais, como o PCB. À medida que o PT ia se fortalecendo, essas diferentes facções da esquerda ou se adaptaram ao modelo de fazer política do Partido, ou o abandonaram, criando outros partidos políticos, como é comum acontecer com essas facções ideológicas. Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 1975, obtendo um segundo mandato em 1978. Um ano depois, em 1º de maio de 1979, em São Bernardo, é lançado o manifesto de fundação do Partido dos Trabalhadores.

De acordo com o jornal “Unidade Classista” o processo de redemocratização do país, a suspensão do Ato Institucional nº 5, o AI-5, o pluripartidarismo e a lei da anistia, aprovados em 1979, marcavam um novo pacto social. Os dirigentes sindicais fundadores do PT ganhavam projeção pelos meios de comunicação social em razão da onda de greves que eclodiram no Brasil. Contando com o maciço apoio de artistas, de intelectuais de esquerda e da ala marxista da Igreja – por mais paradoxal que isso possa parecer –, denominada Teologia da Libertação, e por meio de setores da Pastoral Operária, Pastoral da Terra e Comunidades Eclesiais de Base, estava montado o quadro para o desenvolvimento do feudo de Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula, que depois passaria a ser o “Lulinha paz e amor”, criado por seu marqueteiro.

Aliás, é interessante notar como as coisas acontecem, muitas vezes

guiadas por uma espécie de mão invisível, à qual se referia Adam Smith em seus estudos econômicos. Enquanto na Polônia, o Papa João Paulo II dava todo apoio ao sindicato Solidariedade, fundado pelo também sindicalista Lech Walesa e que desafiava as autoridades comunistas da União Soviética, no Brasil a mesma igreja dava apoio a um partido que congregava notórios marxistas em seus quadros, ex-guerrilheiros fracassados que tentaram implantar no país a ditadura do proletariado dos comunistas.

Walesa, com sua pregação anticomunista, e Lula, que seguia a orientação dos comunistas abrigados no PT, cada um por um caminho diferente, conseguiram atrair o apoio das massas; um, com conhecimento de causa, tentando sair do comunismo; outro, inocentemente ou não, queria nele entrar. A Polônia, por ter passado pela miséria do comunismo, além de ter perdido milhares de vidas para a loucura de Stalin, ainda hoje abomina esse sistema, que, pode-se afirmar, jamais retornará àquele país pelo voto. Já no Brasil, Lula, com seu mentor Fidel Castro, cria o Foro de São Paulo, para tentar recriar esse monstro na América Latina, depois de seu fracasso no Leste Europeu.

Voltando a Stanley Gacek, diz-se que, à exceção de uma viagem rápida a Washington realizada no início de 1981, todas as demais viagens de Lula aos EUA foram organizadas por Gacek, que se apresenta como seu grande amigo. Ele esteve presente nas comemorações de sua vitória, em 28 de outubro de 2002, oportunidade em que declarou: “Para o movimento sindical internacional, a eleição de Lula é importante porque agora temos ‘um de nós’ na presidência do maior país da América Latina e uma das maiores economias do mundo. Isto é empolgante”.

Também são comentadas as ligações de Lula com o ex-presidente da AFL-CIO John Sweeney, que quando era presidente daquela organização, em

1995, modificou sua orientação internacional, reforçando os laços entre a central americana, a CUT e o PT. Em 1997, Sweeney realizou uma reestruturação na área internacional da AFL-CIO, fundindo o Iadesil com outros órgãos que atuavam em outras partes do mundo, e criando o Centro de Solidariedade para cuidar das relações internacionais com os sindicatos e das relações formais com a CUT e outros sindicatos mais à esquerda na América Latina. Segundo Fernando Tollendal, ex-diretor do Conselho Administrativo da Previ e do Sindicato dos Bancários de Brasília: “o PT e a CUT foram criados sob inspiração norte-americana, para cindir a completa hegemonia que os comunistas antes detinham no movimento sindical brasileiro”.

Algo pode ter dado errado nesse propalado projeto dos norte-americanos, pois Lula, por meio do PT, se tornou um dos criadores do Foro de São Paulo, uma organização recheada de marxistas e cujos interesses são completamente opostos aos do governo americano, a quem veem como um inimigo a ser combatido, o que demonstra que até eles foram enganados pelo líder do PT. Por outro lado, esse partido e seus aliados da esquerda, como o PC do B, cooptando as massas trabalhadoras por meio dos movimentos sociais, afastou-as dos comunistas mais radicais, o que serviu para atenuar o temor dos dirigentes americanos de uma nova radicalização no processo político brasileiro; nesse caso, o general Golbery e os americanos saíram vitoriosos.

Vejamos o que diz o professor José Renato André Rodrigues, membro do PCB, em artigo no qual faz uma análise sobre a influência do PT no movimento sindical:^[49]

Confirmando uma previsão de Antonio Gramsci, que afirmou que, após 1917, a burguesia criou formas de cooptação das classes subalternas sem precisar dar um tiro

sequer, isto é, através da corrupção na máquina partidária e sindical, em que funcionários e militantes vão se adaptando à ordem burguesa. Gramsci apenas aprofunda uma previsão de Lenin, quando o dirigente bolchevique denunciava o perigo da formação da aristocracia sindical e operária criada pelo sistema para amortecer a luta de classes. O Partido dos Trabalhadores aceitou fazer esse jogo quando construiu a governabilidade burguesa.

Um agente duplo chamado “Boi”

Em 18 de fevereiro de 2017, o diretor do Instituto da Memória Nacional da Polônia, Lukasz Kaminsk informou à imprensa que documentos descobertos mostravam que o ex-presidente do país e fundador do sindicato Solidariedade, Lech Walesa, teria atuado como informante dos serviços de segurança durante o período da dominação comunista no país e que teria sido pago para atuar como informante entre 1970 e 1976, acusação que ele negou peremptoriamente. Embora tenha admitido que foi pressionado a assinar um compromisso para ser informante da polícia secreta do regime comunista sobre seus companheiros, não chegou a fazê-lo, e ainda faz deboche dizendo: "Eu manipulava o serviço secreto mais do que me manipulavam".

Para Walesa, isso é uma tentativa de manchar seu nome realizada por seu rival político Jaroslaw Kaczynski. Os historiadores Piotr Gontarczyk e Slawomir Cenckiewicz, autores do livro *Walesa e o Serviço de Segurança*, que tiveram acesso a documentos secretos, embora aceitem a denúncia, afirmam que Walesa deixou de colaborar com os serviços de segurança vários anos antes da greve nos estaleiros de Gdansk, em agosto de 1980, quando foi criado o sindicato Solidariedade.

A história também prega peças em seus personagens. Assim como o

polonês Lech Walesa foi acusado de ser agente duplo, o mesmo ocorreu com o seu grande rival sindicalista em nível internacional, o brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva. Se Walesa corajosamente assume que foi forçado a assinar um documento de colaboração com o serviço secreto da Polônia, aqui no Brasil permanecem as dúvidas se Lula teria sido um informante do governo militar.

O sargento Marco Pollo Giordani escreveu um livro muito polêmico chamado *Brasil Sempre* e que seria uma resposta ao livro *Brasil Nunca Mais* e que não despertou muito entusiasmo nos meios intelectuais. Mas o que interessa é que Pollo, que dizia ter sido um agente do DOI-CODI^[50], faz uma acusação muito grave: Lula não era apenas um sindicalista pelego; ele tinha uma vida secreta, paralela. Nos “anos de chumbo”, ele teria sido um agente duplo daquela organização de segurança e Inteligência, e respondia pelo codinome agente “Boi”, fornecendo informações aos militares sobre o que se passava no meio sindical, quando era líder de sindicato.

Segundo as denúncias de Pollo, o ex-líder sindical:

[...] era um pelego a serviço dos militares e usava de todos os recursos no meio sindical para enganar os trabalhadores. Tirou proveito da confiança que conquistou entre os trabalhadores à custa de mentiras e esperteza, enquanto recebia benefícios e vantagens dos militares como pagamento pela sua função de dedo-duro e agente infiltrado entre os trabalhadores. Foi assim que ele cresceu no meio sindical.

Ele era o líder de massas da “esquerda que a direita gosta”, segundo acusava Leonel Brizola.

Seguindo a mesma linha das informações apresentadas por Studart, e

que tinha como fonte o empresário Mário Garnero, já citadas, um outro personagem importante aparece para dizer que o governo pretendia anular a influência do Comando-Geral dos Trabalhadores (CGT), e por isso era necessário encontrar alguém que fosse aceito e ouvido pelos trabalhadores. O empresário Paulo Villares, das Indústrias Villares, ofereceu um nome que seria a solução para o problema – Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula –, ficando, assim, estabelecida a ligação entre os militares e aquele que atuaria como líder sindical e informante batizado com a alcunha de agente “Boi”.

Vale recordar que, após a revolução de 64, muitos sindicatos estavam sob intervenção militar, e era muito difícil alguém se tornar diretor ou presidente de um sindicato se não tivesse boas relações com os militares. Segundo artigo publicado no blog *Que as Crianças Cantem Livres*, de oito de julho de 2012, os militares “encontraram, lá dentro do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e criatura certa: um operário bronco, inculto, grosseiro, bebedor e reacionário chamado Lula. Reacionário sim, pois Lula era ademarista – eleitor de Adhemar de Barros, notório político corrupto de São Paulo que nos anos 40, 50 e 60 era conhecido como ‘rouba, mas faz’: Adhemar foi um dos principais golpistas civis em 1964”.

Um argumento do qual se valem aqueles que acusam Lula de ser agente recrutado pelo DOI-CODI seria o fato de que, por ele por não possuir estudo e cultura, deveria ser preparado com uma formação à altura para poder atuar de forma eficiente como líder sindical. Dessa forma, ele foi matriculado como aluno do Instituto Americano de Desenvolvimento do Sindicalismo Livre (Iadesil), escola de doutrinação que funcionava em São Paulo, desde 1963, por iniciativa e com financiamento dos sindicatos norte-americanos da AFL-CIO.

Em 1972, no auge da repressão, também causou estranheza e

desconfiança o fato de ele ter ido para os Estados Unidos realizar cursos de sindicalismo, conforme denunciava Garnero em seu livro de 1988, no qual jocosamente lembrava-se de Lula:

É uma preocupação justificável, pois o grande líder da esquerda brasileira costuma se esquecer, por exemplo, de que esteve recebendo lições de sindicalismo na *Johns Hopkins University*, nos Estados Unidos, ali por 1972, 1973, como vim a saber lá, um dia. Na universidade americana até hoje todos se lembram de um certo Lula com enorme carinho.

Quando era torneiro, Lula filiou-se ao Sindicato dos Metalúrgicos, no qual foi ocupando cargos importantes até se tornar seu presidente em 1975, como já vimos, vitória que muitos atribuem à suas ligações com os militares, pois àquela época os sindicatos estavam sob intervenção e ninguém assumiria a presidência de um sindicato tão importante como o dos Metalúrgicos sem a aprovação deles. Em 1978, ele começou a liderar as famosas greves do ABC paulista sem que nada lhe acontecesse, em um momento em que as greves eram proibidas e, pior, negociava diretamente com o governo, como afirmou Garnero.

Não consegui reunir elementos de convicção que pudessem comprovar as ligações de Gacek com a CIA, mas sabe-se que aquela organização era especialista em criar organizações “de cobertura” para a execução das Medidas Ativas, que incluíam a deposição de presidentes e o fomento de revoluções em países de interesse para os interesses estratégicos dos Estados Unidos.

Outra acusação bombástica feita contra Luiz Inácio é a de que teria sido também informante do delegado e depois senador da república Romeu

Tuma, quando este chefiava o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) durante o governo militar. Tuma nunca confirmou nem desmentiu essa informação, mostrando-se evasivo em relação ao caso, como é próprio de quem tratou com informantes, sempre procurando salvaguardar-lhes a identidade em sinal de cumplicidade e respeito.

Isso responderia às dúvidas em relação à sua prisão, em 1980, um acontecimento que causou estranheza, pois nessa época Lula já era uma figura conhecida e gozava de prestígio como líder sindical. A pergunta que se fazia era por que ele havia sido poupado durante as agitações e manifestações dos anos anteriores, quando ainda estava em vigor o AI-5, e foi preso anos depois, sem um motivo aparente. Portanto, essa prisão parecia obedecer a um planejamento no sentido de afastar quaisquer suspeitas sobre suas relações secretas com o regime, uma verdadeira operação de desinformação.

Com essa prisão, Lula ganharia a auréola de “mártir da ditadura”, que lhe foi conferida por amigos, mas Leonel Brizola, que o conhecia bem, disse sobre ele, no programa *Roda Viva*, de 20 de julho de 1994,^[51] que: “...O Lula está dentro do sistema; sua mente está dentro do sistema econômico”. Mas, com o processo de redemocratização do país, ele aparece como um perseguido político, vítima do antigo regime, e como um combatente pela democracia, em um processo de edificação de um herói.

Mas se Romeu Tuma pai preferiu nunca comentar se Lula era, ou não, seu informante, seu filho, Romeu Tuma Jr., resolveu quebrar esse código de honra e denunciou publicamente essa relação suspeita. Ex-secretário Nacional de Justiça do governo Lula, Romeu Tuma Júnior afirmou, em seu livro *"Assassinato de reputações: um crime de Estado"*, que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva era, de fato, informante do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) durante o regime militar, sendo conhecido pelo

codinome “Barba”.

Em entrevista concedida à revista *Veja*, Tuminha, como é mais conhecido, disse que Lula passava informações para o seu pai, o delegado Romeu Tuma, que preparava relatórios de Inteligência a partir de suas informações. Embora não tivesse como comprovar suas declarações, o denunciante afirmou: "O que conto no livro é o que vivi no Dops. Eu era investigador subordinado ao meu pai e vivi tudo isso. Eu e o Lula vivemos juntos esse momento. Ninguém me contou. Eu vi o Lula dormir no sofá da sala do meu pai. Presenciei tudo. O Lula era informante do meu pai no Dops".

Romeu Tuma Jr. foi mais além e denunciou outra faceta do governo à época em que era secretário de justiça: a fabricação de dossiês contra seus adversários. Na mesma entrevista, ele afirmou ter recebido ordens do governo para criar dossiês contra uma série de inimigos políticos do PT. Entre esses alvos encontrava-se o governador de Goiás Marconi Perillo, e a razão para isso seria que o governador avisou Lula sobre a existência do Mensalão, o grande escândalo de corrupção que envolveu o PT. O senador cearense Tasso Jereissati também foi alvo da ira governamental por ser considerado adversário do ex-presidente.

Tuminha afirma que havia uma fábrica de dossiês no governo: “Sempre refutei essa prática e mandei apurar a origem de todos os dossiês fajutos que chegaram até mim. Por causa disso, virei vítima dessa mesma máquina de difamação.” Uma das razões para isso foi ter descoberto e denunciado uma "conta do mensalão" criada nas Ilhas Cayman e que seria operada pelo ex-ministro da Casa Civil José Dirceu, hoje preso por corrupção. O denunciante vai mais além e afirma que os petistas no governo montaram uma operação para grampear todos os ministros do STF.

Essa denúncia já havia sido feita anos atrás pelo então deputado Roberto Jefferson, o homem que denunciou o “Mensalão” e que acusou Dirceu de usar a estrutura de governo na busca de informações que pudessem compor dossiês, a serem utilizados contra seus adversários políticos.

As gravíssimas acusações de Tuma Jr. mostram como o “Estado policial petista” trabalhou exatamente como os órgãos de repressão política como o KGB, da União Soviética, a Stasi, da RDA, e a DGI cubana, utilizando-se dos instrumentos institucionais de investigação e de repressão ao crime para seus objetivos de destruir adversários e se perpetuar no poder. Talvez tenha sido isso que foi ensinado a José Dirceu, quando ele diz que estudou sobre Inteligência e Contraineligência em seu curso de guerrilha, em Cuba.

Em relação a essas acusações, Lula não respondeu, preferindo deixar a cargo de sua tropa de defesa as reações usuais de, em lugar de responder satisfatoriamente as denúncias, preferir tentar desconstruir e ridicularizar a figura do denunciante. Se Lula foi um informante da repressão, um dedo-duro a serviço do regime é algo muito grave para que ele fique em silêncio. Poderia fazer como Lech Walesa, que, sofrendo o mesmo tipo de acusação, foi a público respondê-la, não manchando, assim, a sua biografia política.

Com relação à denúncia de que trabalhou para o DOI-CODI, embora tenha tentado confirmar esse informe com oficiais do Exército que viveram aqueles tempos, nenhum deles quis comentar o assunto envolvendo o agente “Boi”, o que pode significar que ele não existiu e foi uma criação do denunciante ou, no caso de ser verdadeiro, tratou-se de uma operação altamente secreta para evitar o risco de ser descoberta, ficando restrita somente àqueles que tivessem necessidade de conhecê-la, o famoso princípio da compartimentação, muito levado a sério entre os militares. A análise das

diferentes faces camaleônicas do acusado, que tem um discurso para cada ocasião e que se utilizou de todos os meios, inclusive ilegais, para chegar ao poder, não afasta, de todo, essa possibilidade.

No entanto, se ele foi informante da repressão, ou não, considero ser uma coisa menor diante dos magistrais escândalos de corrupção que iriam surgir em seu governo e pelos quais ele e seus principais assessores viriam a ser condenados pela justiça. Se ele colaborou com o delegado Tuma, ele traiu apenas um grupo de companheiros; no caso dos grandes escândalos de corrupção, ele traiu milhões de eleitores que nele acreditaram e confiaram, como alguém que pudesse modificar a conduta corrupta da elite burguesa, que até então vinha governando o país, tão criticada pelo PT.

Quase todos os dias, surgem depoimentos de antigos companheiros de Lula, que nele confiaram cegamente e que relatam seu desapontamento com o antigo líder sindical, que acabou transformando-se em um líder com os mesmos – e às vezes piores – vícios da maioria da classe política: a falta de princípios éticos e morais, o uso frequente da mentira, da trapaça, do oportunismo, da desonestidade; um trapaceiro desonesto, corrupto e oportunista, que não tem vergonha de se utilizar das pessoas para seus fins e depois abandoná-las quando não mais lhe servem, enfim, um representante daquilo que tem de pior na política.

Felizmente, para o país, pouco se reconhece no discurso de Lula e nas ações do PT em relação àquilo que prometiam por ocasião da fundação do Partido. Embora alguns de seus membros mais radicais ainda mantenham um certo sentimento de revanchismo em relação à intervenção militar, à divisão do sindicalismo brasileiro e ao capitalismo, a maioria pragmática entende que, com a queda do Muro de Berlim e com a extinção da União Soviética, o mundo havia mudado, e as esquerdas tinham que se reinventar para continuar

sobrevivendo.

A mudança de posição do PT, expressa no manifesto de 2002, representa uma total mudança de toda a sua pregação ideológica ao longo dos anos, desde a sua criação. Lula, em certos momentos, fazia pesados ataques ao capitalismo, e com a mesma facilidade criticava o socialismo. Dependendo da plateia, poderia atacar violentamente os banqueiros e depois se ufanar de que, em seu governo, nunca os banqueiros lucraram tanto, o que deixa qualquer analista minimamente coerente, completamente confuso.

O fato de se reunir de dia com sindicalistas grevistas ou com revolucionários marxistas, e de noite com um dos chefes da repressão, pode ter sido uma estratégia inteligente, embora pouco ética. O fato de ter passado a admitir uma inacreditável aliança com o capital e seus expoentes máximos, as grandes multinacionais e com os grupos políticos representantes da velha oligarquia, isso foi o que permitiu que ele e o PT chegassem ao poder máximo da República. Aliás, esse é o pragmatismo vergonhoso dos marxistas para se apropriar do poder.

Hoje, Lula não cansa de dizer que os grandes banqueiros e todos os grandes empresários deveriam lhe agradecer pelos grandes lucros que obtiveram.

O fato de fazer alianças com alguns dos políticos que foram mais atacados pelo Partido dos Trabalhadores e rotulados como o maior exemplo de corrupção na história do país – como o caso do deputado federal Paulo Maluf – não parece deixar Lula vermelho de vergonha. Pelo contrário, surpreendido pelas câmeras das televisões, apareceu sorridente apertando a mão de Maluf - atualmente preso por corrupção - abraçado com o ex-presidente Fernando Collor – inocentado em todos os processos aos quais respondeu, mas alvo permanente do PT quando se fala em corrupção – ou

tecendo grandes elogios a Sérgio Cabral, o ex-governador do Rio de Janeiro envolvido nos maiores casos de corrupção naquele Estado e atualmente condenado em três sentenças que totalizam, até o momento, 72 anos de prisão para cumprir.

Verdadeiramente inacreditável! Quem combatia as práticas fisiológicas, corruptas, abjetas e antipopulares aliou-se a elas. A tática eleitoral de alianças com diversos setores sociais e políticos, visando conquistar e manter o poder, acabou por viciar o PT em adotar os mesmos métodos e hábitos burgueses desses eventuais aliados. O PT teme fazer autocrítica de seus erros publicamente e recusa-se a punir aqueles dirigentes e militantes que fizeram uso de métodos burgueses de atuação, segundo o que eles mesmos prometiam.

Em seu voto, proferido na sessão plenária de 1º de outubro de 2012, no julgamento do Mensalão, disse o eminente Ministro Celso de Mello:

Em assuntos de Estado e de Governo, nem o cinismo, nem o pragmatismo, nem a ausência de senso ético, nem o oportunismo podem justificar, quer juridicamente, quer moralmente, quer institucionalmente, práticas criminosas, como a corrupção parlamentar ou as ações corruptivas de altos dirigentes do Poder Executivo ou de agremiações partidárias.

Se Lula agiu por pragmatismo, oportunismo ou por total falta de caráter, princípios éticos e morais, deixo o julgamento ao critério dos leitores.

Os grandes escândalos

O Mensalão

O Mensalão^[52] foi o primeiro grande escândalo que atingiu o primeiro

mandato do governo Lula. José Dirceu, o comandante guerrilheiro, era considerado um dos principais responsáveis pela chegada do PT à Presidência da República e tido como o homem forte do governo no comando da poderosa Casa Civil da Presidência da República. Seu poder começou a ser abalado quando um de seus principais assessores, Waldomiro Diniz, foi flagrado recebendo propina.

No dia 13 de fevereiro, a revista *Época* publicou uma reportagem sobre uma fita que mostrava Waldomiro Diniz cobrando propina de um empresário do jogo do bicho, Carlos Cachoeira. Waldomiro estaria cobrando dinheiro para as campanhas eleitorais de candidatos do PT. Depois disso, surgiram outras denúncias como a do ex-petista José Vicente Brizola, que disse que a cobrança de propina de bicheiros era uma prática comum do partido. O ex-secretário especial de segurança do governo Lula, Luiz Eduardo Soares, afirmou ter alertado a cúpula do PT e o assessor de José Dirceu, Marcelo Sereno, sobre as irregularidades cometidas por Waldomiro Diniz, mas que não foi ouvido.

Em uma entrevista em junho de 2005, o então deputado federal Roberto Jefferson revelou para o jornal *Folha de São Paulo* a existência de um esquema criminoso de pagamento de mesada – razão pela qual o escândalo passou a ser conhecido como *Mensalão* – a deputados e que envolvia diversos partidos. Roberto Jefferson, que então era presidente do PTB, vinha sendo acusado de estar envolvido em um esquema de licitações fraudulentas, praticadas por funcionários da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), ligados ao seu partido.

Segundo a denúncia de Jefferson, deputados da base aliada do PT recebiam uma “mesada” de R\$ 30 mil para votarem segundo as orientações do governo. Esses parlamentares, os “mensaleiros”, que formavam a base

aliada, pertenciam aos seguintes partidos: PL (Partido Liberal), PP (Partido Progressista), PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e do próprio PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

O ódio de Roberto Jefferson deveu-se a uma gravação, em vídeo, em que seu indicado nos Correios, Maurício Marinho, embolsava R\$ 3 mil reais de propina e se gabava de suas relações com Jefferson. Esse vídeo, que vez por outra vem à tona quando se fala do Mensalão, provocou a desgraça do deputado Jefferson, que acusou a Agência Brasileira de Inteligência de ter produzido o vídeo a mando de chefe da Casa Civil, José Dirceu.

Em depoimento ao Conselho de Ética da Câmara, o deputado Roberto Jefferson, um dos aliados do governo, acusou Dirceu de ser o mentor do esquema de compra de votos de parlamentares em troca de apoio ao governo. Entre os 39 acusados, estavam envolvidos: o então chefe da Casa Civil José Dirceu, apontado como chefe do esquema, o ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares, parlamentares, ex-ministros, dirigentes do Banco Rural e o empresário e publicitário Marcos Valério. A revelação do esquema atingiu em cheio José Dirceu, que pediu para sair da Casa Civil e foi substituído por Dilma Rousseff. Melhor teria sido se ele comandasse apenas a frota de carros oficiais do Palácio do Planalto e não que estruturasse o chamado propinoduto do PT.

Como decorrência, em julho foi instalada a Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI do Mensalão – para ouvir o depoimento dos envolvidos no caso. Com as dimensões que o escândalo atingiu, em 12 de agosto de 2005 o ex-presidente Lula foi à televisão fazer um pronunciamento em que se disse “traído”, afirmando que o “PT tem que pedir desculpas”. Em 30 de agosto, Delúbio envia à CPI do Mensalão uma carta envolvendo também o PSB e PC do B no esquema.

Em setembro, ao final dos seus trabalhos, a CPI do Mensalão aprovou um relatório que pedia a cassação de 18 deputados de diferentes partidos. Os deputados José Dirceu, Pedro Corrêa e Roberto Jefferson perderam o mandato e os direitos políticos por oito anos. Em outubro, o PT expulsou seu tesoureiro Delúbio Soares, tentando eximir de culpa a cúpula do partido. Em dezembro, a CPI dos Correios divulga relatório que apontava para a existência do Mensalão em quatro níveis de funcionamento: pagamentos semanais para o PL, dinheiro para trocas de partido, compra de votos de parlamentares e pagamentos para o PP.

Em 2006, a Procuradoria-Geral da República apresentou ao STF denúncia contra 40 pessoas envolvidas com a compra e venda de votos que favorecessem o governo. No ano seguinte, esse tribunal converteu o processo em ação penal e os acusados passaram a responder como réus. O implacável ministro Joaquim Barbosa tornou-se o relator de todo o processo, que viria a influenciar fortemente o judiciário brasileiro, mandando para a cadeia pessoas que se julgavam acima das leis.

O julgamento do Mensalão, que havia começado em agosto de 2012, terminou em março de 2014, quando o tribunal concluiu que existiu um esquema de compra de votos de parlamentares no primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ao todo, 20 pessoas foram condenadas à prisão, e outros quatro tiveram a pena convertida em prestação de serviços. As condenações atingiram em cheio a alta cúpula do PT: o deputado federal licenciado e ex-presidente do PT José Genoíno, o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu e Delúbio Soares, ex-tesoureiro do PT.

Anteriormente, em 1º de abril de 2007, durante o 3º Congresso Nacional do PT, o então presidente Lula, desafiando os fatos e o bom senso, fez uma inacreditável afirmação, altamente controversa, dizendo: “Ninguém

neste País tem mais autoridade moral, ética e política do que o PT”, no que foi delirantemente aplaudido. Justamente quando o STF tinha acolhido por unanimidade a denúncia feita contra os 40 quadrilheiros do Mensalão, dos quais a maioria era militante ou vinculada de alguma forma ao PT.

Não vou me aprofundar nesse escândalo, pois foi bastante divulgado pela imprensa, além de existirem disponibilizados na web centenas de documentos da CPI e do julgamento no STF. Mas o que feriu muitas das pessoas que acreditavam nos bons propósitos do PT, e que ele seria um partido ético e contra a corrupção, foi o fato de que, nem bem havia acabado o Mensalão, outro escândalo já estava em pleno desenvolvimento: o “Petrolão”.

O Petrolão

Dizia o intelectual, político e advogado Ruy Barbosa:

Nenhuma virtude pode pôr acima da lei o chefe de uma nação republicana; e os desvarios de um governo, quando sacode o freio da lei, são tanto mais perigosos, quanto mais puro for o fundo moral das suas intenções, quanto mais confiante em si mesma a sua consciência desvairada, quanto mais populares os seus nomes e mais justas as suas simpatias pessoais no país.

Em 10 de janeiro de 2010, o jornal *Estado de São Paulo* apresentou uma manchete que causou espécie, pois dizia: “Lula desafia TCU e coloca dinheiro em obras da Petrobras sob suspeita”. A matéria esclarecia que, para não correr o risco de ver obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) paralisadas em ano eleitoral, o então presidente Lula havia sancionado o Orçamento de 2010 com dois vetos: um deles tratava justamente da retirada das quatro obras da Petrobras – das quais, duas incluídas no PAC – da lista de

irregularidades apontadas por auditorias do Tribunal de Contas da União (TCU), que, se continuassem na relação, poderiam ser interrompidas, pois estariam impedidas de receber recursos orçamentários naquele ano.

A retirada das obras da Petrobras da "lista negra" garantiria o repasse de recursos para investimentos da estatal na refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco; na refinaria Presidente Getúlio Vargas, no Paraná; no terminal de escoamento de Barra do Riacho, no Espírito Santo, e no complexo petroquímico do Rio de Janeiro. Em três desses empreendimentos, o TCU apontou indícios de irregularidades, como superfaturamento e critério de medição inadequado, além de gestão temerária. Dois dos empreendimentos localizavam-se em estados governados por aliados do presidente. Na exposição de motivos para o veto, Lula reconheceu que havia cedido ao *lobby* dos governadores dos estados onde se encontravam as obras – Eduardo Campos (Pernambuco), Sérgio Cabral (Rio de Janeiro), Paulo Hartung (Espírito Santo) e Roberto Requião (Paraná).

Em dezembro, o coordenador do Comitê de Obras Irregulares da Câmara dos Deputados, deputado Carlos Melles, defendeu a permanência das obras da Petrobras na "lista negra", alegando que elas não seriam interrompidas uma vez que seriam bloqueados apenas os contratos e convênios nos quais foram identificadas irregularidades, e esses empreendimentos não poderiam receber recursos do Orçamento até que as falhas fossem sanadas. Particularmente o TCU recomendou ao Congresso o bloqueio das verbas destinadas à refinaria Abreu e Lima, após auditoria que verificou indícios de superfaturamento de R\$ 96 milhões nas obras de terraplenagem e de sobrepreço calculado em R\$ 121 milhões.

Em agosto de 2009, quando Lula já vinha criticando a atuação do TCU, o presidente daquele tribunal declarou que "Controlar é contrariar

interesses", ressaltando que apenas cinco das 2.368 obras em execução foram suspensas. O detalhe é que esse número de obras, aparentemente insignificante, representava valores vultosos que atingiam bilhões de dólares, e isso, de fato, atingia interesses pessoais e partidários do alto escalão governamental, a começar pelo presidente da República, como depois se veio a saber.

Causava estranheza a defesa que Lula fazia da medida que tomara, despertando a curiosidade em saber por que o presidente condenava as recomendações do órgão técnico de assessoria que visava evitar que o governo investisse mais dinheiro em empresas que superfaturavam projetos, descumpria contratos realizados, defendendo a manutenção dos investimentos nesses projetos. Para mim, era impossível que o presidente, que deveria ser o guardião maior dos interesses do país, estivesse defendendo quem agia contra esses interesses.

Durante seu governo, Lula foi um crítico dos critérios para fiscalização de obras empregados pelo TCU e do trabalho dos auditores, principalmente quando as decisões do órgão atingiram empreendimentos do PAC. Ele argumentava que a paralisação das obras recomendadas pelo TCU causava prejuízos ao País, e, por isso, o governo estudava criar um projeto para reduzir e limitar o poder de atuação daquele órgão.

Essa estranha e temerária posição do então presidente somente começou a ser esclarecida quando surgiram as investigações da Polícia Federal na chamada Operação Lava Jato, que revelou o escândalo conhecido como Petrolão, nome dado para um esquema de corrupção considerado pela Transparência Internacional como o segundo maior escândalo do mundo e que envolveu o desvio de fundos que ocorreu na Petrobras, a maior empresa estatal brasileira, e que se destinavam a vários partidos políticos, incluindo o

Partido Trabalhista (PT), Partido Progressista (PP) e o PMDB.

As investigações da Lava Jato começaram em 2013, quando a Polícia Federal estava investigando casos de lavagem de dinheiro e acabou chegando à Petrobras. O golpe consistia na contratação de grandes empresas que realizavam obras para aquela empresa estatal sem licitação – como manda a lei que tanto incomodava o presidente – e fazia parte de um programa incentivado por Lula e sua então ministra da energia Dilma Rousseff, para incentivar a contratação de certas empresas que, conforme acerto prévio, pagavam a propina que era distribuída entre políticos e empresários. O dinheiro da corrupção era “branqueado” por meio de empresas hoteleiras, lavanderias e postos de gasolina. Em seguida, esse esquema criminoso foi ampliado para países que faziam parte do Foro de São Paulo, que passaram a contratar as mesmas grandes empreiteiras que pagavam suborno.

Segundo as apurações iniciais, a área de Abastecimento da Petrobras investiu R\$ 112,39 bilhões entre maio de 2004 e abril de 2012, sendo que 3% desse total, que equivale à cifra de R\$ 3,37 bilhões, teria sido desviado para os partidos políticos envolvidos no esquema. Segundo declarou o delator e ex-diretor de Abastecimento da estatal Paulo Roberto da Costa à Polícia Federal e ao Ministério Público Federal, esse seria o percentual da propina paga aos políticos por empreiteiras e empresas sobre os valores dos contratos firmados com a Petrobras.

À medida que as investigações avançavam, mais a sociedade se quedava obstupefata com a enormidade da corrupção e com os desmandos praticados pela associação nefasta de elementos corruptos da empresa, políticos da pior espécie e altas autoridades do governo. Um levantamento feito pelo site da revista *Veja* que se baseou em dados divulgados pela empresa em seu Portal de Transparência mostrou que, entre 2003 e 2014, dos

cerca de 890 mil contratos fechados pela estatal, 784 mil foram dispensados de licitação – o que representava 88% do total, correspondendo a um montante de cerca de 60 bilhões de reais gastos naquele período. Segundo as investigações, a estimativa inicial era de que pelo menos 10 bilhões de reais tenham sido drenados da empresa para partidos políticos, lobistas, funcionários da estatal e executivos de empreiteiras.

Em 2004, o então ministro do TCU Ubiratan Aguiar, em um acórdão de um processo relatado, queixava-se da total falta de atenção da empresa para com os auditores públicos, dizendo: “Observo, no entanto, como relator dos processos da estatal no biênio de 2003 e 2004, bem como em grande parte do biênio de 2001 e 2002, que a Petrobras não tem dado cumprimento às decisões deste Tribunal”, e que a insistência da empresa em abrir mão da licitação para grandes obras, optando pela carta-convite, era prejudicial. Aguiar afirmou ainda que: “Com isso os princípios da legalidade, da publicidade, da igualdade, da eficiência, da vinculação ao instrumento convocatório, têm sido violados de forma contumaz.”

Em maio de 2008, Lula defendeu mudanças na Lei de Licitações, pois, segundo ele, da forma como estava a lei criava-se dificuldade para a realização de obras públicas. Disse Lula: "A Lei de Licitações não pode continuar como é. É preciso mudá-la para facilitar as coisas, porque no Brasil se parte do pressuposto de que todo mundo é ladrão, então se cria dificuldade. Mas as dificuldades não resolvem nada, veja quanto desvio tem". Pelo que agora está sendo descoberto, parece que o ex-presidente desejava mesmo era o mínimo de embaraço para os desvios de verbas públicas, e a Lei de Licitações era um entrave à ação dos ladrões corruptos aos quais Lula parecia querer proteger, segundo foi apurado nos processos da Lava Jato.

Reportagem publicada na edição de 17 de setembro de 2017 do *Jornal*

do Commercio, sob o título “Refinaria Abreu e Lima é a mais cara do mundo”, aborda os problemas envolvendo a construção da refinaria Abreu e Lima, no Complexo de Suape, considerada a mais cara do mundo. Segundo a reportagem, aquela obra, inicialmente orçada em US\$ 2,3 bilhões, em 2005, teve esse orçamento revisado para os atuais US\$ 20,1 bilhões, entrando para a história como a refinaria mais cara do mundo. A Operação Lava Jato iria mostrar que a corrupção tinha sido o fator decisivo para inflar o orçamento.

A reportagem compara o preço da Abreu e Lima com o custo da maior refinaria do mundo, a Jamnagar, construída na Índia, e com capacidade para processar 1,2 milhão de barris de petróleo por dia e cujo investimento foi de US\$ 6 bilhões. Aquela unidade tem produção cinco vezes maior que a Abreu e Lima, e custou menos de um terço do valor dessa obra, que foi projetada para processar 230 mil bpd, mas só está autorizada a produzir 100 mil bpd, porque não concluiu a implantação de equipamentos exigidos para reduzir a emissão de gases.

As investigações iriam explicar tudo, todo o esquema de pagamento de propina entre o governo e construtoras que arruinou aquela empresa. A presidente da Petrobras no governo Dilma Rousseff chegou a admitir esse descalabro dizendo que aquele era um exemplo a não ser repetido. Outro que se manifestou foi Renato Lima, doutor pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e professor da *Asia School of Business* (ASB), na Malásia, para quem

A Refinaria Abreu e Lima é um retrato da Petrobras durante a gestão do PT, em que a empresa foi colocada para ser instrumento de política social e regional, bem como de arrecadação de campanha via corrupção. Sem corrupção já se tratava de um mau negócio – da forma como foi

conduzida – e com corrupção virou algo criminoso.

Segundo informações que constam da delação do ex-executivo da Odebrecht Márcio Faria da Silva à Procuradoria-Geral da República, as obras na refinaria Abreu e Lima renderam R\$ 90 milhões em propina aos aliados do PP, PT e PSB. Em 12 de abril de 2017, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou matéria na qual apontava que o PT e o PMDB eram os partidos com maior número de filiados citados nos pedidos de abertura de inquérito encaminhados ao STF pelo então procurador-geral da República Rodrigo Janot. Os crimes relacionavam-se a casos de corrupção e de Caixa 2.

Na referida lista, constavam 20 petistas e 19 peemedebistas. Em terceiro lugar entre os mais citados, vinha o PSDB, com 14 nomes. A lista de acusados é completada pelo PP (9), Democratas (8), PSD (6), PSB (5), PR e PRB (3), PPS e PC do B (todos com 2) e Solidariedade, PT do B e PTC, cada um com um nome. Triste fim para o PT, um partido que prometia acabar com a corrupção e acabou liderando-a no Brasil e mostrando como os corruptos anteriores eram ingênuos e incompetentes.

O colunista da *Folha de São Paulo* João Pereira Coutinho, em uma análise crítica que realizou em relação ao livro *O Zero e o Infinito*, a obra-prima do húngaro Arthur Koestler, um retrato agudo do totalitarismo, apresenta uma reflexão sobre a falta de consciência que vigora nos homens do nosso tempo. Citando Raskólnikov, o personagem central do livro "*Crime e Castigo*", de Dostoievski, que atormentado pela sua consciência em razão dos crimes que tinha executado entrega-se às autoridades do czar. Raskólnikov, diz ele, é talvez o último vilão clássico a sentir ainda "o céu sobre ele e a lei moral dentro dele". De acordo com Coutinho, "depois de Raskólnikov, a ideologia substituiu a consciência. E quem tem uma ideologia pode conspirar, atrair e matar à vontade. Nada é pessoal. É tudo em nome

do partido, ou da história, ou da raça”. O colunista indaga-se se esses ideólogos, quando confrontados com as ruínas tangíveis da sua ideologia, voltam a sentir o peso da própria consciência.

Assim, uma simples investigação sobre lavagem de dinheiro transformou-se em um dos maiores escândalos de corrupção, trazendo à tona uma extensa rede de crimes organizada e operada a partir do mais alto escalão de poder no país e cujos atores principais se utilizaram de subornos de milhões de dólares para se elegerem e se manterem no poder. Mostrou também a falsidade dos discursos dos gângsteres políticos que se utilizaram da corrupção organizada para fins políticos, destruindo a democracia, e para o enriquecimento pessoal dos líderes dessas facções criminosas que, segundo a denúncia do Ministério Público, eram chefiadas por ninguém menos que Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente da República que não queria as investigações e os pareceres do TCU.

A partir daí ficou clara a frase que o pastor Caio Fábio afirmou ter escutado de José Dirceu na qual ele dizia: “no dia que nós conseguirmos emplacar o Lula pela primeira vez na presidência da república a gente não sai mais de lá e se sair com brevidade sairemos 24 anos depois, após deixarmos tudo aparelhado”, ou seja, dito de outra forma, o jeito marxista de conquistar e manter o poder.

O poder a qualquer preço

O *Foro de São Paulo*, na reunião de Havana, de julho de 93, adotou duas orientações consideradas importantes para o futuro da América Latina: uma delas foi a decisão incondicional de todas as forças ali reunidas, no sentido de dar todo o apoio a Cuba, em razão da cessação do auxílio soviético e do Leste Europeu àquele país; a outra seria a concentração de esforços de todas as forças do Foro para eleger Lula presidente da República, tendo em

vista a necessidade de uma base territorial e de um governo de expressão, para dar suporte ao que viria a ser um arremedo da URSS, ou seja, uma espécie de União ou Federação das Republiquetas Socialistas da América Latina (URSAL no lugar da URSS), uma sigla criada pela socióloga Maria Lucia Victor Barbosa que em tom jocoso utilizou o termo Republiquetas, em vez de República, para criticar a ideia.

Na verdade o grande ideal das esquerdas do continente era a criação da "Pátria Grande", termo, cunhado por Manuel Ugarte para designar a integração dos países hispano-americanos com base nas ideias de José de San Martín e Simón Bolívar, e mais atualmente na proposta de unificação da região por meio do "Socialismo do Século XXI", defendido por Hugo Chávez e pelos países adeptos da ideologia socialista bolivariana.

Em diversas entrevistas, Lula sempre deixou claro que o que lhe interessava era chegar ao poder, não importando como, nem a que preço, o que é confirmado por seus companheiros. Em uma declaração feita no documentário sobre a campanha presidencial de 2002, em que falava sobre Lech Walesa, Igreja, socialismo e outros temas, Lula diz claramente que, enquanto seus companheiros faziam planos para organizar a sociedade para estar pronta dentro de 30 anos para a revolução socialista, o que lhe interessava era chegar logo ao poder, para, a partir dele, construir a sociedade socialista. Revelando o pragmatismo de conveniência que o acompanharia, ele citou um conselho do marqueteiro Duda Mendonça, que se tornaria o responsável pelo marketing do PT e que hoje se encontra preso por corrupção no escândalo do Petrolão: “Em comunicação, gente, o importante não é o que a gente diz, é como as pessoas compreendem o que a gente diz”.

Enquanto sindicalista e candidato à presidência da República, ele prometia combater ferozmente a corrupção e o desrespeito às leis do país;

quando venceu as eleições, e mesmo antes disso, ele já desrespeitava as leis e as instituições por meio da corrupção, aceitando dinheiro estrangeiro para a sua campanha à Presidência, o que é proibido por lei. Mas, além do enriquecimento pessoal com a corrupção, o objetivo final o PT era se manter no poder até transformar o Brasil em um país socialista. A corrupção era apenas um meio de fazer Caixa 2 e comprar o apoio de parlamentares para manter o Congresso domesticado e não atrapalhar o projeto socialista. Um jeito petista de fazer política.

O dinheiro do ditador Kadafi

Como vimos anteriormente, o pastor evangélico Caio Fábio, antigo aliado de Lula, revelou que em maio de 1998 ele havia lhe procurado para pedir ajuda, no sentido de trazer para o Brasil a quantia de US\$ 35 milhões que estavam sendo oferecidos pelo falecido ditador da Líbia Muamar Kadafi – que tempo depois iria aparecer como um grande amigo de Lula – dinheiro esse que precisava trazer para o Brasil de forma camuflada. Caio Fábio disse que ficou espantado com aquele pedido, pois jamais esperava qualquer ação ilegal de Lula, uma vez que a entrada de dinheiro estrangeiro para campanhas eleitorais era uma ação ilegal, já que a lei eleitoral brasileira proíbe dinheiro de “procedência estrangeira” para campanhas eleitorais, o que pode levar à cassação do registro do partido.

À época ninguém deu importância para a gravíssima denúncia do ex-aliado de Lula, mas, passados quase vinte anos, o ex-ministro de Lula e de Dilma, Antônio Palocci, que era o homem de confiança do ex-presidente e do PT, e hoje condenado a 12 anos de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro na Operação Lava Jato, veio a público para confirmar essa denúncia. A revista *Veja* de sete de dezembro de 2017 publicou que Antônio Palocci declarou que o PT recebeu US\$ 1 milhão do ditador líbio Muamar Kadafi,

morto em 2011, para a campanha de Lula em 2002. Como se vê, a diferença entre a denúncia de Caio Fábio para a de Palocci é apenas nos valores.

Palocci não revelou maiores detalhes, o que será feito caso o Ministério Público aceite a sua proposta de delação premiada, quando mostraria comprovantes daquela operação ilegal. Palocci deve ter provas do que está dizendo, primeiro porque não se pode mentir na delação premiada, segundo porque, como ex-ministro da Fazenda do governo Lula e ex-chefe da Casa Civil de Dilma Rousseff, ele esteve no centro das mais importantes decisões do partido nos anos em que o PT esteve no poder. “Eu e Palocci somos unha e carne. Tenho total confiança nele”, disse Lula em entrevista coletiva, em 29 de abril de 2005.

Kadafi era o tipo de ditador que Lula admirava, como Fidel Castro e Mao Tsé-tung, tanto que se tratavam como “irmãos” e apareceram posando para fotos de uma forma amistosa pouco usual, como por ocasião do encontro da Cúpula América do Sul-África, que aconteceu na Venezuela em 2009. Àquela ocasião, Lula encontrava-se em seu segundo mandato de presidente, e Kadafi ainda governava a Líbia, sendo deposto, capturado e executado dois anos depois, após ter governado aquele país por 42 anos de forma ditatorial e inclemente. Assim como Lula, ele também era acusado de ter financiado movimentos terroristas e movimentos políticos de esquerda em todo o mundo, como agora é denunciado na França, onde o ex-presidente Nicolas Sarkozy também está sendo acusado de ter recebido dinheiro de Kadafi.

O caso Angola

Em 20 de janeiro de 2017, o PSDB entrou com uma representação junto a Procuradoria-Geral Eleitoral (PGE), em Brasília, solicitando o cancelamento do registro partidário e do estatuto do Partido dos Trabalhadores (PT). O pedido do PSDB estava baseado em uma reportagem

publicada pelo jornal "Valor Econômico", em 18 de janeiro, referente às declarações prestadas pelo ex-diretor da área internacional da Petrobras Nestor Cerveró a investigadores da Operação Lava Jato, e segundo as quais uma negociação para aquisição de US\$ 300 milhões em blocos de petróleo na África, em 2005, teria gerado propina de até R\$ 50 milhões para o financiamento da campanha de reeleição do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2006. A reportagem diz que Cerveró havia tomado conhecimento das informações por intermédio de Manuel Domingos Vicente, que presidiu o conselho de administração da estatal petrolífera angolana (Sonangol) e atualmente é vice-presidente do país africano.

O pedido do PSDB alegava “a necessidade de garantir a soberania nacional que impõe a não sujeição de partidos políticos a entidades estrangeiras, inclusive por meio de cooptação financeira”, havendo indícios concretos, segundo o PSDB, de que o PT foi “beneficiado de recursos oriundos de uma entidade estrangeira de titularidade do governo de Angola, através da campanha presidencial de 2006”, o que poderia resultar no cancelamento do registro do PT pelo TSE. O processo segue o seu curso.

O ouro de Cuba

No passado, o termo “Ouro de Moscou” tornou-se muito conhecida e se referia à ajuda financeira que o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) enviava aos partidos comunistas aliados de Moscou em todo o mundo. Em muitos países, esse dinheiro chegava por meio da Mala Diplomática da embaixada da URSS, e era distribuído geralmente pelos chefes do escritório do KGB em cada país. Embora esse fato fosse usado com ironia pelos comunistas para tentar desacreditar sua veracidade como uma espécie de teoria da conspiração, esse dinheiro alimentou muitos movimentos subversivos, muitos pretensos guerrilheiros, e mesmo a campanha do ex-

presidente da República Federativa do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva.

Conforme citei em livro anterior, a ajuda soviética aos partidos comunistas ou grupos subversivos podia ser realizada de várias formas: por meio de dinheiro para financiar suas atividades; ajuda material para propaganda e aconselhamento; educação política; treinamento em técnicas subversivas, em escolas especializadas da URSS; e apoio a viagens ao exterior. Em muitos casos, os contatos com grupos subversivos, ou insurgentes, eram tratados no mais alto nível da embaixada, mas geralmente eram realizados pelos Oficiais de Inteligência do KGB e da GRU.

Comprovando esses fatos, já conhecidos da nossa Contraespionagem, temos o depoimento de um velho conhecido meu daqueles tempos, e que era o chefe da Rezidentura^[53] do KGB no Brasil, o Coronel Vladimir Gueorguievitch Novikov, que aqui trabalhou no período de 1983 a 1990, sob a cobertura de Conselheiro da Embaixada Soviética, em Brasília. Em entrevista concedida ao repórter William Waack, publicada na revista *Veja*, de 12 de julho de 1995, Novikov confessou que os comunistas brasileiros recebiam dinheiro do Estado soviético. O dinheiro era repassado regularmente, em espécie, em locais seguros e sob controle soviético, tais como na própria embaixada ou em consulados daquele país.

Nessa mesma entrevista, Novikov declarou que participou pessoalmente, por diversas vezes, da entrega de dinheiro a partidos comunistas latino-americanos, prática da qual ele era um crítico ferrenho, pois considerava um perigo para o KGB em caso de prisão do receptor, pois julgava os militantes comunistas estrangeiros mal treinados e que não respeitavam as regras de segurança, podendo ser facilmente detectados pela contraespionagem. “Era puro desperdício de tempo e de recursos, que podiam ser muito mais bem utilizados por nossa rede”, declarou Novikov àquele

jornalista.

Segundo esse antigo comandante da espionagem soviética no Brasil, o dinheiro enviado por Moscou aos partidos comunistas latino-americanos era gasto, na sua maior parte, com mulheres, imóveis e festas. Afirma ele na referida reportagem que conseguiu suspender a entrega de dinheiro aos comunistas brasileiros no próprio país, o que passou a ser feito em países europeus, acrescentando que “[...] minha rede não precisava mais perder tempo com esses inúteis”. As últimas contribuições de Moscou para o Partido Comunista Brasileiro, por ordem do Comitê Central, foram para a campanha à Presidência da República de 1989, do candidato do PCB e hoje deputado federal Roberto Freire. Novikov não esclarece, no entanto, se Freire era um desses “inúteis”.

O PC cubano possivelmente adotou essa prática de seus ex-patrões soviéticos e manteve a distribuição ilegal de recursos financeiros para quem eles considerassem de interesse para seu país e para a causa comunista. Assim, aquilo que a URSS fazia com o PCB Cuba passou a fazer com o PT. Em outubro de 2005, Lula e o PT foram acusados de terem recebido dinheiro de Cuba para a campanha eleitoral de Lula e do PT, na campanha de 2002.

Reportagem da revista *Veja* denunciava que a campanha eleitoral de Lula recebeu US\$ 3 milhões de Cuba entre agosto e setembro de 2002, em uma operação complexa executada supostamente pelo advogado Rogério Buratti e pelo economista Vladimir Poletto, dois ex-auxiliares do ex-ministro Antônio Palocci na prefeitura de Ribeirão Preto (SP). O dinheiro teria sido transportado de Brasília para Campinas (SP) e, de lá, para São Paulo. Conforme o relato de Poletto, as caixas foram entregues ao então tesoureiro nacional do PT, Delúbio Soares, preso e condenado por corrupção ativa no escândalo do Mensalão, e condenado em uma ação da Lava Jato por lavagem

de dinheiro em um processo sobre um contrato bilionário da Petrobras e que envolvia o empréstimo de R\$ 12 milhões do Banco Schain ao pecuarista José Carlos Bumlai, também já condenado.

Segundo a reportagem, assinada por Policarpo Júnior, Poletto teria transportado o dinheiro em um avião Seneca, do empresário Roberto Colnaghi, de Brasília a Campinas. O montante estava guardado em duas caixas de uísque Johnnie Walker e uma do rum cubano Havana Club. Segundo Poletto, o valor seria de US\$ 1,4 milhão, enquanto para Buratti os recursos chegavam a US\$ 3 milhões. Segundo a *Veja*, no Brasil, o dinheiro teria ficado sob a guarda de um certo Sérgio Cervantes, um ex-diplomata cubano, muito amigo do ex-ministro José Dirceu, com trabalhos prestados ao governo de Cuba em Brasília e no Rio de Janeiro.

O ex-assessor de Palocci, Rogério Tadeu Buratti, declarou que soube da doação do dinheiro cubano à campanha do presidente Lula por meio de Ralf Barquete, um outro assessor de Palocci, morto em 2004. A grande questão era saber como o dinheiro havia entrado no país, e nesse particular eu arriscaria um palpite baseado na minha experiência na Contraespionagem: pela Mala Diplomática da Embaixada Cubana no Brasil. Novamente aqui vamos encontrar uma operação política realizada por Oficiais de Inteligência, como no caso do Ouro de Moscou, dessa feita jorrando da Embaixada cubana por meio do Departamento América ou da DGI.

Sérgio Cervantes era, na verdade, Sérgio Júlio Cervantes Padilla, um cubano que era velho conhecido da Contraespionagem Brasileira, conforme apontei em meu livro *“A Contraespionagem Brasileira na Guerra Fria”*. O reatamento de relações diplomáticas entre Brasil e Cuba, ocorrido em 14 de junho de 1986, após a redemocratização do Brasil, contou com o trabalho determinado de Cervantes Padilla, um experimentado Oficial de Inteligência

do Departamento América do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba – CC/PCC e cuja grande mágoa era não ter sido indicado embaixador de Cuba no Brasil. Àquela época, os organismos de Inteligência cubanos atuavam ativamente no Brasil para dar suporte aos objetivos de Fidel Castro.

Cerca de dez anos antes do reatamento, Cervantes Padilha iniciou uma série de viagens ao Brasil, utilizando-se de diferentes funções de cobertura, alegando vir participar de eventos ligados a organismos internacionais aqui sediados, mas, na verdade, procurava estabelecer contatos diretos com lideranças políticas, sindicais, estudantis e setores de imprensa do país, além dos agentes e colaboradores já recrutados pela Direção de Inteligência (DI) – anteriormente conhecida como Direção Geral de Inteligência (DGI) –, a principal agência de inteligência do governo de Cuba.

Àquela época, um desertor de alto nível da DGI nos informou que, enquanto se desenvolvia o processo de reatamento de relações diplomáticas, aquele órgão de Inteligência mantinha cerca de 150 fichas, contendo informações sobre brasileiros que tinham sido assinalados para serem recrutados ou que já trabalhavam como colaboradores. Embora muitos já trabalhassem para o DGI, os cubanos consideravam os brasileiros preguiçosos e difíceis de controlar.

Antes do reatamento, segundo essa fonte nos informou, a DGI mantinha cerca de 20 agentes no Brasil, dos quais sete eram considerados agentes com muito bom acesso. Além desses, eles podiam contar com cerca de 45 brasileiros considerados “relações de confiança” ou “vínculos úteis”, ou seja, eles possuíam cerca de 60 “relações de Inteligência” (agentes, relações de confiança e vínculos úteis), além de 150 recrutados ou semirrecrutados no Brasil.

Vale destacar que não havia nenhum trabalho em recrutar marxistas,

esquerdistas ou revolucionários brasileiros de todos os matizes, os "idiotas úteis" – termo que Vladimir Lenin empregava para aqueles que se dedicavam à causa da revolução marxista em todo o mundo - pois não havia desejo maior para eles do que ir à Disneylândia marxista, Cuba, e quem sabe, ser recebido pelo próprio ditador gerontocrata Fidel Castro, sonho máximo de um esquerdista tupiniquim. Trabalhar para Cuba e para a causa comunista era para eles o mesmo que representa para os católicos trabalhar para o cristianismo e para Jesus Cristo.

Segundo a reportagem da *Veja*, a suposta doação ao PT teria como origem os cofres do Partido Comunista Cubano ou do governo de Fidel Castro. Cervantes negou que tenha havido ajuda financeira para Lula. "Cuba está é precisando de dinheiro. Como é que pode mandar?", disse ele. Enquanto o povo cubano sofria privações e comida racionada, Fidel Castro enviava centenas de milhares de soldados para lutar pelo mundo afora, para ajudar grupos guerrilheiros a implantarem o comunismo, e gastava o dinheiro do povo cubano para financiar campanhas presidenciais de camaradas da esquerda brasileira. Dinheiro nunca foi obstáculo para sua ambição de ser um líder revolucionário da estatura de Lênin, mas quando o PT assumiu o governo essa ajuda foi paga com juros, por meio dos médicos cubanos e dos financiamentos do BNDES para obras faraônicas naquele país, um investimento altamente lucrativo do velho ditador comunista.

Dinheiro para subverter as sociedades ocidentais nunca foi um problema para os comunistas. O historiador Carlos Santos Azambuja afirma que esse auxílio fraternal foi muito mais amplo do que se possa imaginar, de acordo com os balancetes dados a conhecer em Moscou após o fim da União Soviética, a partir de 1991. Segundo ele, “o jornal ‘*Konsomolskaya Pravda*’ de oito de abril de 1992 publicou que somente em 1990 – ou seja, cinco anos após a implantação, por Gorbachev, das políticas da “perestroika” e

“glasnost” – a União Soviética “ajudou com mais de US\$ 200 milhões os partidos irmãos do mundo, entre os quais o da Espanha e Portugal e quase todos da América Latina”. Os do Brasil e da Colômbia, diz Azambuja, receberam US\$ 400 mil cada um. Ou seja,

[...] uma situação paradoxal: enquanto Gorbachev se reunia assiduamente com os líderes ocidentais, defendendo o desarmamento e a paz, dava dinheiro aos partidos comunistas desses países para a luta que visava à derrubada dos governos chefiados por esses mesmos líderes.

Por entenderem o trabalho dos agentes cubanos, os assessores da área de Inteligência no Brasil pediam cautela ao governo em relação ao reatamento com Cuba, enquanto as esquerdas exigiam abertura total, sem nenhum controle sobre os “irmãos” cubanos. Quem conhecia o *modus operandi* dos serviços secretos cubanos tinha razões para se preocupar, uma vez que o imóvel que o governo cubano ofereceu ao governo brasileiro para ser a sede de nossa embaixada estava completamente cheio de “bugs”, aparelhos de espionagem para captar qualquer conversação na área onde estiver instalado; esse era o presente cubano e sua demonstração de confiança e boa vontade para os tolos e inocentes brasileiros.

Lembremos que Fidel Castro considerava o reatamento de relações com o Brasil a coisa mais importante a ser feita, haja vista a importância do Brasil no contexto sul-americano. Fidel considerava que uma possível vitória eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva – a quem considerava seu afilhado preferido – poderia marcar o início de uma guinada à esquerda no continente latino-americano – como de fato aconteceu – e Cuba daria as cartas, conforme o sonho do velho ditador. Parece que o velho ditador acertou em cheio, pois além do Foro de São Paulo, Cuba foi favorecida por uma série de

medidas do governo Lula, que injetaram dinheiro dos brasileiros na falida economia cubana.

Poleto contou, detalhadamente, ao repórter da *Veja*, todos os detalhes pertinentes à sua ida a Brasília para apanhar o dinheiro, dizendo que no aeroporto foi apanhado por uma van que o levou até um apartamento em Brasília, com a missão de pegar o dinheiro cubano. Lá foi recebido por um diplomata negro e alto, que lhe entregou as três caixas de “bebida”, lacradas com fitas adesivas. De volta ao aeroporto de Brasília, as caixas foram embarcadas no mesmo avião Sêneca que o trouxera, e iniciou-se a viagem de regresso, a qual, por causa do mau tempo, terminou no Aeroporto de Viracopos, em Campinas, e não em Congonhas. Diz ainda a revista que um petista que pediu para não ter a sua identidade revelada relatou que quem tomou conta da operação por parte do governo de Cuba foi Sérgio Cervantes.

Segundo *Veja*, Colnaghi, dono do Sêneca responsável pelo transporte do dinheiro, também era amigo de Palocci. O proprietário da locadora que realizou os serviços de transporte por meio de veículos é Roberto Carlos Kurzweil, outro empresário de Ribeirão Preto, e Éder Macedo, o motorista que era do PT e, à época das investigações, trabalhava no Ministério da Fazenda, no Rio. Quando procurado pelo repórter Policarpo Júnior Poleto, hesitou em falar, pois entendia que: “Essa história pode derrubar o governo.” Podia, sim, e por isso, depois, ele tentou desmentir seu depoimento, alegando que estava bêbado quando falou. Na verdade, outra coisa pode tê-lo convencido a ficar em silêncio.

As peças todas se encaixam. A descrição de Padilha corresponde ao seu biótipo: o dinheiro encontrava-se em Brasília, com Cervantes Padilha, figura importante do Comitê Central do PC cubano, trabalhando na embaixada cubana, onde exercia as funções de conselheiro político, sendo

posteriormente designado cônsul de Cuba no Rio de Janeiro. Na época a qual a denúncia se referia, Cervantes morava em um apartamento alugado localizado na Asa Sul, em Brasília, onde ficou aproximadamente até 2003, quando deixou o posto. Acrescente-se a isso o fato de que em Cuba quem trata desse tipo de missão, assim como acontecia na URSS e em outros países comunistas, são espiões. “Cervantes é agente do Ministério do Interior”, disse um diplomata brasileiro que o conheceu pessoalmente. Para nós ele pertencia ao DA.

O Ômega utilizado na operação fora alugado pelo comitê eleitoral do PT, conforme apurado pela revista *Veja*, e o dono da locadora, Roberto Carlos Kurzweil, confirmou à revista que cedeu os serviços de Éder Macedo, então seu motorista, para o PT. Enfim, existe uma série de indícios apontando no sentido de que efetivamente o governo cubano enviou dinheiro para a campanha de Lula de forma ilegal. Cervantes Padilha era íntimo dos petistas, particularmente de Lula, a quem conheceu ainda como líder sindical, e de José Dirceu, quando este se encontrava em Cuba em atividades revolucionárias junto aos serviços de Inteligência cubanos, segundo acusam seus atuais adversários políticos que com ele conviveram na ilha de Fidel.

Tão grande era a intimidade de Padilha com o PT que, segundo o senador Eduardo Suplicy, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, de 30 de outubro de 2005: “Ele participou de várias reuniões, até do Diretório Nacional do PT”. Imagine-se a hipótese de políticos do DEM, do PSDB, ou mesmo do PMDB, reunirem-se com Oficiais de Inteligência da CIA para tratar de temas políticos em comum, o escândalo que a esquerda faria.

O assunto foi examinado na chamada CPI dos Bingos, mas surpreendentemente a oposição não demonstrou muito empenho em aprofundar o assunto e descartou pedir o *impeachment* imediato do então

presidente Lula. Também evitou a convocação do ministro Antônio Palocci, preocupando-se apenas em convocar os denunciadores e alguns outros citados na reportagem da *Veja* como envolvidos na suposta remessa de dinheiro de Cuba ao PT. Essa cautela da oposição foi incompreensível, mesmo considerando a justificativa dada pelo combativo líder do PSDB, o senador Arthur Virgílio, que alegou: “Impeachment demora um ano ou mais, é o tempo que ele tem para terminar o mandato, e também é um remédio constitucional extremo. O governo dele está tão desmoralizado que não precisa de impeachment, o presidente Lula ficará inelegível”, disse Virgílio, segundo o que foi noticiado. Errou redondamente.

O ex-assessor de Antônio Palocci na prefeitura de Ribeirão Preto, Vladimir Poletto, disse na CPI dos Bingos que o jornalista Policarpo Júnior mentiu em todas as denúncias publicadas na revista *Veja* sobre o suposto esquema de remessa de dinheiro de Cuba para a campanha presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002. Poletto também disse que estava bêbado na ocasião em que falou com o repórter. Não adiantava mais nada; os detalhes da denúncia mostravam que ele tinha falado a verdade, e alguma força estranha o forçou ao desmentido. Em depoimento à mesma CPI, o advogado Rogério Buratti confirmou a declaração que deu a *Veja*, de ter ouvido do ex-secretário de Fazenda da Prefeitura de Ribeirão Preto, Ralf Barquete, que o governo cubano havia enviado dinheiro para a campanha de Lula.

O então presidente Lula disse que não podia acreditar nisso. Contrariando o discurso que sempre fez e que é recorrente entre as esquerdas de que Cuba é um paraíso, elogiando as falsas conquistas sociais devidas a Fidel pela boa vida que levam os cubanos, Lula saiu-se com essa pérola: “Eu conheço a miséria que o povo de Cuba está vivendo. Isso (as denúncias) são inacreditáveis.” Como então ele queria se associar com um país de

miseráveis, já que havia expressado, em janeiro de 2008, quando visitou aquele país, o desejo de que Cuba se tornasse o "parceiro número um" do Brasil? Como é possível que ele elogiasse como “o maior homem do século 20” o homem que era o responsável pela pobreza de seu povo? A verdade para Lula tem várias cores, dependendo da parede que ele quer pintar e do gosto do cliente.

As relações de Lula com Cervantes Padilha eram tão próximas que, após a sua primeira eleição como presidente, ele o convidou para frequentar o palácio como um grande amigo, o que acabou por causar ciúmes no embaixador de Cuba no Brasil àquela época, por ver um subalterno com tamanha intimidade com as autoridades de alto nível do país, e que acabou pedindo o seu retorno a Cuba, no que foi atendido, a despeito da grande insistência de Lula para que ele permanecesse no país. Afinal, Padilha teve grande participação na eleição de Lula, como vimos.

José Dirceu teria participado como um Agente de Influência dos serviços de Inteligência cubanos. O termo “Agentes de Influência” é utilizado entre os Oficiais de Inteligência para designar pessoas que, em razão de suas atividades, reputação, poder, credibilidade ou de sua posição social, podem ser utilizadas como canais para a execução das Medidas Ativas dirigidas a governos estrangeiros. Também se realiza sobre pessoas ou grupos que tivessem qualquer tipo de influência sobre figuras de destaque de um governo e que pudessem afetar sua política em favor da Cuba. Tais pessoas normalmente eram utilizadas pelo Departamento América e pela DGI, em um esforço para influenciar as atitudes e posições da elite política do país, muitas vezes ocultando suas ligações ou simpatias.

Os “Agentes de Influência” são recrutados entre jornalistas, editores de jornais, políticos, acadêmicos, líderes sindicais, ou entre pessoas que

dispussem de um público que pudesse ser influenciado por meio de material falsificado, ou não, para servir de subsídio a reportagens ou artigos que pudessem promover a causa cubana, mas sempre tendo o cuidado de ocultar a sua origem.

A Lei 9.096/95 proíbe um partido político de receber recursos do exterior, o que parece que o PT vinha fazendo de forma rotineira, conforme os diferentes depoimentos que apresentamos. O ex-ministro do STF Valter Costa Porto disse em entrevista a *Veja*, que: “É tão grave, mas tão grave, que é a primeira das quatro situações previstas na lei para cassar o registro de um partido político. Isso é um atentado à soberania do país. É letal”. *Veja* dizia ainda que Lula não mais poderia ser responsabilizado pelo crime eleitoral, já que sua diplomação tinha ocorrido há quase três anos. A denúncia, no entanto, não atrapalhou as pretensões do petista em conseguir a reeleição, que se realizou em 2006, mostrando que a estratégia do PSDB de “deixá-lo sangrar”, fracassara.

Os narcodólares das Farc

A revista *Veja*, na edição de 12 a 16 de abril de 2002, publicou um artigo sob o título: "Os tentáculos da FARC no Brasil", assinado pelo jornalista Policarpo Junior – o mesmo que denunciou o dinheiro cubano para a eleição de Lula em 2002 –, em que ele se referia à existência de documentos produzidos pela Agência Brasileira de Inteligência, a ABIN, que mostravam as ligações das Farc com militantes petistas.

O principal documento, datado de 25 de abril de 2002, e que recebeu a classificação de “secreto”, informava que, no dia 13 de abril de 2002, em reunião com um grupo de esquerdistas solidários com as Farc, realizada nos arredores de Brasília, o padre Olivério Medina fez um anúncio de que sua organização guerrilheira estava fazendo uma doação de US\$ 5 milhões para a

campanha eleitoral de candidatos do PT. Estávamos a seis meses das eleições que acabariam por colocar Lula na presidência da República.

Prossegue a reportagem dizendo que *Veja* teve acesso a seis documentos que tratavam das relações entre as Farc e petistas simpatizantes do movimento: três deles faziam menção explícita à doação de US\$ 5 milhões para a campanha do PT. Um desses documentos informava que o dinheiro sairia de Trinidad e Tobago, e chegaria às mãos de cerca de 300 pequenos empresários brasileiros simpáticos ao PT, que, por sua vez, fariam contribuições aos comitês regionais do partido como se os recursos lhes pertencessem.

A revista informou que a apuração realizada comprovou a reunião, o local, a data e os personagens, mas não encontrou indícios suficientemente sólidos de que os US\$ 5 milhões tenham realmente saído das Farc e chegado aos cofres do PT, embora afirme que, para a ABIN, essa doação financeira fora realizada.

Antes disso, o deputado Alberto Fraga contou que agentes da ABIN o tinham procurado para narrar a mesma história, o que o motivou a fazer um discurso-denúncia sobre o assunto na tribuna da Câmara, para tentar abrir uma CPI, mas não conseguiu recolher o número necessário de assinaturas. O então deputado Luiz Eduardo Greenhalgh, do PT paulista, ameaçou Fraga, dizendo que estava incumbido pelo governo de processá-lo e queria saber se o deputado tinha provas da denúncia que fizera. Fraga blefou: “Eu disse que podia até apresentar testemunhas em juízo.” Diante disso, Greenhalgh nunca mais tocou no assunto, segundo Fraga. “Eu só falei para que ele tomasse cuidado com aquela história. Disse que ele poderia acabar sendo processado porque a história não era verdadeira”, defendeu-se Greenhalgh, segundo noticiou a Agência Senado.

Pressionados pela opinião pública, os deputados convocaram o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional – GSI, general Jorge Armando Félix, e o diretor da ABIN, delegado Mauro Marcelo de Lima e Silva, a comparecerem em audiência pública, diante dos parlamentares que integravam a Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência, em 17 de março. Lá eles afirmaram que havia um único documento relacionado às Farc cujo teor fazia referência à promessa de doação de dinheiro e Cuba para o PT. Eles explicaram que os documentos apresentados pela revista *Veja* não eram confiáveis e não podiam ser usados como prova.

O diretor-geral da PF, delegado Paulo Lacerda, disse que faria um levantamento, mas achava "improvável" que uma investigação sobre isso tivesse sido feita. "Se foi feito, foi com autorização judicial para a quebra de sigilo e numa investigação formal. Acho difícil que [eu] não tivesse tomado conhecimento", disse Lacerda.

Em 21-23 de março, a mesma revista publicou nova reportagem sobre o caso, apresentando o que garantia ser o testemunho do agente da ABIN e do seu chefe, o coronel Eduardo Adolfo Ferreira, que trabalhou na Agência Central da ABIN e que era o responsável pelo caso – o chamado Encarregado de Caso na gíria da espionagem. Esses depoimentos contradiziam a versão oficial apresentada pelo general Félix e pelo delegado Lacerda, pois, segundo a revista, os dois afirmaram que os dirigentes daquela agência à época achavam que os documentos eram importantes e confiáveis. Se isso fosse verdade houve um erro na classificação dos documentos, pois se eles foram classificados como secretos é porque seu conteúdo era de grande importância.

Conforme noticiou a Agência Senado, o General Félix disse que "o documento foi arquivado por não merecer crédito, devido a não apresentar qualquer prova das afirmações nele contidas". O general complementou

dizendo: “Claro que a ABIN acompanha todas as atividades das FARC, é de sua natureza, mas neste caso específico, não há idoneidade, não há confirmação e, portanto a documentação foi arquivada”.

A nova reportagem da Veja dizia ter realizado cinco entrevistas com o coronel Eduardo Adolfo Ferreira, nas quais ele informou que tinha trabalhado durante sete anos na ABIN, de onde saiu em 2003, por divergir em relação à conduta das investigações sobre as Farc, depois que o PT assumiu o governo. Ferreira teria dito também que, ao contrário do que afirmara o general Jorge Félix, os documentos não foram simplesmente arquivados pela agência, porque não havia provas suficientes para sustentar as acusações; pelo contrário, foram levados muito a sério pelos chefes daquela agência, tanto que, para evitar vazamentos, os relatórios eram preparados dentro do gabinete de um diretor.

As Agências de Inteligência normalmente recebem centenas de denúncias de toda ordem e a elas cabem, por ser de sua competência, investigar até onde for possível para apurar a verdade sobre cada uma delas. É nisso que reside o trabalho das equipes de agentes operacionais e analistas: transformar um informe, ou seja, uma denúncia ainda não apurada, em Conhecimento, ou Informação, um produto acabado resultante de um processo de investigação e elaboração mental que é disponibilizado ao Presidente da República. Simplesmente arquivar por não acreditar no seu conteúdo não é próprio de uma agência que se diz de Inteligência, a não ser que seus dirigentes desejem ocultar uma verdade inconveniente.

Outra informação importante fornecida pelo coronel à reportagem, mas que careceu de confirmação, até pelas dificuldades naturais para isso, foi a de que a ABIN, com a ajuda da Polícia Federal, tinha rastreado parte do dinheiro que poderia ter vindo das Farc para o PT, e que seriam três ordens

de pagamento, somando US\$ 1 milhão aproximadamente: “Não podemos afirmar que era o dinheiro da guerrilha mesmo. Eram Indícios fortes, mas a investigação parou quando o PT ganhou as eleições e eu saí da ABIN”, disse o coronel à reportagem.

Como é política já definida de negar sempre e sempre qualquer acusação, mesmo que comprovada e recomprovada, o Partido dos Trabalhadores emitiu uma nota oficial, assinada pelo então presidente nacional do partido José Genoíno, onde dizia que repudiava a reportagem da revista *Veja* e negava todos os fatos apresentados. Parte da nota dizia: “[...] reiteramos que o Partido dos Trabalhadores não tem e jamais teve relações financeiras com as FARC. Tampouco apóia, no país vizinho, qualquer saída para a longa situação de beligerância vivida pelos colombianos que não esteja baseada em um acordo democrático, pacífico e constitucional. O PT tem posição histórica contra o terrorismo de Estado ou de grupos armados.” Ora, historicamente é um fato que muitos membros do PT, inclusive ele próprio, José Genoíno, participaram do terrorismo e/ou pertenceram a grupos armados. Fatos posteriores iriam desmentir cabalmente as afirmações do então presidente do PT.

Neste caso pode se dar o direito da dúvida, mas se não recebeu dinheiro das Farc, o PT recebeu dinheiro por meio do escândalo conhecido como Mensalão, e José Genoíno era o presidente do partido que participou de negociações excusas e praticou corrupção ativa, e por isso foi condenado a quatro anos e oito meses de prisão naquele processo, acusado de falsidade ideológica por simular empréstimos com o banco BMG S/A para esquentar dinheiro ilegal para o PT, partido que ele presidia à época. Ele foi preso em novembro de 2013, passando a cumprir pena no regime fechado, mas, alegando problemas cardíacos, o petista obteve autorização para ficar em prisão domiciliar. Em maio de 2014, teve de voltar à prisão, e em agosto

conseguiu progressão para o regime aberto. Finalmente, em quatro de março de 2015, o STF extinguiu sua pena com base no indulto de Natal assinado pela presidente Dilma Rousseff.

O então senador Aloizio Mercadante, do PT, também reagiu por meio de uma nota publicada no de 12 de março, no site do PT, dizendo que o partido nasceu como repúdio à luta armada e que não interessava ao partido ter qualquer associação com as Farc. Disse ainda o senador: "Consideramos a reportagem da revista Veja uma agressão à verdade dos fatos, à honra do Partido dos Trabalhadores e à ética jornalística. Aventuras deste naipe prejudicam a vida democrática do país", dizia a nota. Mais uma nota hipócrita e mentirosa.

São completamente falsas as declarações de Mercadante, pois, como abordo em outras partes deste livro, desde 1990 as Farc já sentavam ao lado de Lula nos encontros do Foro de São Paulo, e o PT mantinha boas relações com essa organização, segundo declarações do falecido Luis Edgar Devia, o conhecido Raúl Reyes, um dos comandantes das Farc. Enquanto os petistas faziam tudo para desacreditar a revista e desqualificar os denunciante, Aloizio Mercadante declarava: "Mais do que ninguém, temos interesse que se chegue à origem da informação. É muito grave o que foi feito", disse ele. No que dizia respeito ao dinheiro ilegal para as campanhas do PT, Mercadante tinha mesmo que negar, já que era uma das pessoas envolvidas em denúncias de caixa 2, por isso não merecia muita credibilidade.

Em setembro de 2016, o ministro Celso de Mello, do STF, ordenou a abertura de inquérito para investigar o ex-ministro da Educação Aloizio Mercadante por crime eleitoral, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro. A investigação contra Mercadante havia sido instaurada com base na delação premiada do dono da UTC, Ricardo Pessoa, o qual afirmou que o petista

presenciou um acerto de caixa 2 para beneficiar a campanha dele ao governo de São Paulo. Aloizio Mercadante, quando ainda era ministro de Dilma Rousseff, também foi acusado, em delação premiada do ex-senador e ex-líder do governo Dilma Rousseff, Delcídio Amaral, de ter lhe oferecido dinheiro para evitar um acordo de colaboração premiada, por ocasião das investigações sobre as tentativas da então presidente de tentar interferir nas investigações da Lava Jato.

Mercadante também esteve envolvido em inquérito que investigou a famosa tentativa por parte de membros do PT na compra de um dossiê contra políticos do PSDB durante a campanha eleitoral de 2006. No entanto, em fevereiro de 2007, o procurador-geral da República, Antonio Fernando de Souza, encaminhou um parecer ao Supremo Tribunal Federal recomendando a exclusão do nome de Mercadante, alegando não ter encontrado nenhum indício da participação do parlamentar no episódio, muito embora a Polícia Federal apresentasse parecer contrário.

No dia 17 de março de 2005, o presidente de uma Comissão de Investigação, senador Cristovam Buarque, então pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT), deu por encerradas as investigações sobre o caso Farc, por entender que a Comissão havia ficado satisfeita com as explicações do General Jorge Félix e do diretor da ABIN Mauro Marcelo. Esse último acabou por renunciar em meio à crise do mensalão. Muitos deputados da oposição não aceitaram o encerramento do caso dado a sua gravidade e pela possível prática de crime, já que é proibido pela Constituição receber dinheiro de países ou organizações estrangeiras, o que poderia levar à cassação do registro do PT.

Embora o caso tenha sido encerrado por falta de interesse político em aprofundá-lo, vários elementos apontam para uma possibilidade real de que

ele fosse verídico. Afinal, o próprio Lula já havia se encontrado com Raúl Reyes – um dos mais importantes comandantes das Farc –, e algumas lideranças e membros do PT já tinham se encontrado com representantes das Farc diversas vezes, já que essa organização fazia parte do Foro de São Paulo, organização criada por Lula e Fidel Castro. Essa era a razão que fazia o governo brasileiro sempre se recusar a reconhecer as Farc como sendo uma organização terrorista.

Francisco Collazos, ou Padre Olivério Medina, o homem que teria intermediado a transação financeira era membro do Secretariado Internacional das Farc, tendo sido seu representante no Brasil durante alguns anos, funcionando como uma espécie de embaixador das Farc. Segundo informações do governo da Colômbia, Collazos era responsável por sequestros e outros crimes, e mesmo assim recebeu do governo brasileiro o status de refugiado político, embora a Colômbia não estivesse sob um estado de exceção ou ditatorial.

Uma questão importante dizia respeito ao status que Olivério Medina desfrutava no Brasil, com o apoio de seus contatos do PT. O líder do PSDB, senador Arthur Virgílio, disse que foi procurado, no governo anterior, por Medina, que queria sua ajuda para dar às Farc status semelhante ao da Organização para Libertação da Palestina (OLP) no Brasil. Virgílio disse que sua resposta foi que “a OLP representava um povo em busca de território, enquanto as FARC tentavam derrubar um governo constitucional reconhecido pelo governo brasileiro”. O deputado chegou a defender a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar toda essa situação.

O senador Jefferson Péres também queria saber quais seriam as razões para que o governo brasileiro permitisse que as Farc tivessem um

representante no Brasil, pois, para ele, essa organização há muito havia deixado de ser um movimento político e hoje seriam apenas criminosos, terroristas e sequestradores que viviam do narcotráfico. Para Jefferson, as Farc era um movimento tão criminoso que deu abrigo a Fernandinho Beira-Mar, um dos maiores criminosos do Brasil e que se abastecia com cocaína fornecida por seus pretensos guerrilheiros, o que causava preocupação para a Segurança Nacional diante da extensa fronteira de centenas de quilômetros que a Colômbia tem com o Brasil.

Na verdade, Medina exercia no Brasil o mesmo papel que desempenhou no passado o cubano Julio Cervante Padilla, um oficial da Inteligência cubana ao qual já nos referimos e que, antes do reatamento de relações diplomáticas com aquele país, trabalhou intensamente para criar comitês de solidariedade a Cuba por todo o país, que pressionavam o governo brasileiro no sentido de conseguir aquele desiderato. A esquerda é especialista em buscar esse tipo de apoio internacional,

Por ocasião do primeiro Fórum Social Mundial, as Farc não somente foram convidadas, como também foram recebidas no Palácio Piratini, pelo então governador Olívio Dutra. No segundo Fórum, seus membros desenvolveram atividades paralelas, apoiadas pelo PC do B, aliado "democrático e popular" do PT, apregoando a luta armada na Faculdade de Direito da UFRGS, segundo foi noticiado na imprensa.

Em oito de março de 2002, o jornal *Folha de São Paulo* publicou reportagem intitulada “Ligações Perigosas”, informando que um dos secretários de Antônio Palocci Filho, prefeito de Ribeirão Preto e coordenador do programa de governo do pré-candidato à Presidência da República pelo PT, Luiz Inácio Lula da Silva, iria lançar um comitê pró-Farc naquele município. O secretário era o ex-vereador Leopoldo Paulino (PSB),

que compunha a base de apoio de Palocci. O movimento ia ser lançado oficialmente no dia 20, na Câmara de Ribeirão Preto.

Esse fato mostra novamente o envolvimento de assessores de Antônio Palocci com organizações e/ou governos acusados de auxiliarem financeiramente a campanha de Lula. No caso do dinheiro de Cuba, foram dois assessores de Palocci que teriam sido encarregados de pegar o dinheiro enviado por Cuba para a campanha, segundo o que foi apurado na ocasião. Lembremos que em 2002, Palocci foi o coordenador de campanha de Lula e, posteriormente, nomeado seu ministro da Fazenda. Palocci já confirmou que a campanha recebeu dinheiro de Kadafi, o ditador da Líbia. Agora resta esperar se em sua delação premiada ele vai expor melhor o leque de doadores que hoje o PT faz questão de esquecer, ou manter afastados, pois se tornaram incômodos.

Também não podemos esquecer que, em 11 de agosto de 2005, o responsável pelo marketing político da campanha de Lula, o publicitário Duda Mendonça, informou à CPI dos Correios que havia sido pago com recursos financeiros vindos de paraísos fiscais. Duda disse que foram depositados no exterior cerca de R\$ 10 milhões, e os valores, repassados aos poucos, chegavam por meio dos bancos: Florida Bank, Banco de Israel, Banco Rural Europa e Trade Link. Uma investigação profunda poderia ter esclarecido melhor as acusações sobre de que forma o suposto dinheiro das Farc teria entrado no Brasil.

O PT sempre negou todas as denúncias de financiamento irregular vindo do exterior para a campanha de Lula, como não poderia deixar de ser. Mas é bem conhecido o cuidado tomado pelos partidos políticos que se beneficiam desse ilícito, contratando especialistas, os chamados doleiros, para cuidar da internalização desses capitais. Já vimos os casos do suposto

dinheiro vindo de Cuba, de Angola e da Líbia, sendo que esse último foi confirmado pelo ex-ministro Antonio Palloci. Espera-se que novas denúncias venham a ser feitas por ele, que foi uma peça-chave na arrecadação e administração do dinheiro ilegal que veio para o PT, conforme ele próprio tem declarado. Em relação aos fortes indícios de irregularidades apontados pelas CPIs, o PT joga toda a culpa sobre os ombros do ex-tesoureiro Delúbio Soares, que teria atuado à revelia e sem o conhecimento da direção do partido.

No âmbito do Mensalão, Delúbio Soares foi condenado a seis anos e oito meses de prisão no regime semiaberto pelo crime de corrupção ativa. Preso em novembro de 2013, foi autorizado, no fim de setembro de 2014, a cumprir o restante da pena em prisão domiciliar. Em março de 2016, o STF concedeu o perdão da pena, mas, em março de 2017, Delúbio recebeu nova condenação: o juiz Sérgio Moro condenou-o a cinco anos de prisão por lavagem de dinheiro, na Operação Lava Jato.

Antigos oficiais de Inteligência da ABIN garantiram-me que, de fato, o episódio envolvendo denúncia de financiamento de campanha pelas Farc é verdadeiro. Apenas não puderam prosseguir com as investigações porque as novas autoridades do governo Lula ordenaram encerrar o caso. Um alto oficial informou-me que tinha total convicção de que a denúncia era verdadeira e que tinha a gravação na qual Olivério Medina anunciava a doação.

Não podemos esquecer o quadro político internacional daquela época e o desespero dos dirigentes das Farc em conseguir apoio internacional onde quer que pudessem, custasse o que custasse. Como o dinheiro do narcotráfico irrigava as contas daquela organização narcoguerrilheira, era muito fácil desviar alguns milhões de dólares para quem lhe era altamente promissor.

Os arquivos secretos de Raúl Reyes

Uma fonte importante de informações sobre as Farc e suas relações com partidos e organizações políticas no exterior são os arquivos do laptop que pertenceu a Raúl Reyes, chefe do Comitê Internacional das Farc (Cominter), que as autoridades colombianas conseguiram recuperar durante uma invasão, por forças daquele país, em um campo das Farc no Equador, em março de 2008. Em uma clamorosa falha de segurança, o computador do guerrilheiro continha centenas de arquivos de sua correspondência particular que foram decodificados e deixados em texto claro, em um claro desrespeito aos procedimentos de segurança operacional daquela organização.

Seu arquivo também continha 30 anos de documentos estratégicos, incluindo registros de conferências periódicas e outras reuniões que constituem marcos fundamentais na evolução das Farc. Esse material foi estudado por analistas de Inteligência de vários países e o governo da Colômbia também enviou parte dele para pesquisadores do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos britânico (IISS, na sigla em inglês), que também analisaram esses arquivos e compilaram suas conclusões em um dossiê que foi distribuído para conhecimento público. Esse dossiê mostra como as Farc evoluíram de um grupo pequeno, autárquico e estrategicamente irrelevante para um movimento insurgente que, impulsionado pelas receitas da produção de narcóticos, chegou perto de comprometer a sobrevivência do Estado colombiano.

Segundo o dossiê, uma parte fundamental da evolução das Farc deveu-se ao desenvolvimento de uma estratégia internacional destinada a adquirir apoio financeiro, armas e legitimidade política. Percebe-se nesses documentos o perfeito entrosamento das forças de esquerda da América Latina e o verdadeiro pacto de apoio mútuo, inclusive com apoio financeiro,

a candidatos à Presidência da República em diferentes países ligados ao Foro de São Paulo. Em um deles, encontramos a informação que o ex-presidente do Perú, Ollanta Moisés Humala, que conquistou a presidência do Peru em cinco de junho de 2011, recebeu dinheiro do falecido presidente da Venezuela Hugo Chávez em sua campanha para a presidência.

Humala é um político da esquerda peruana e fundador do Partido Nacionalista Peruano. Na campanha para a presidência de 2006, apresentando um forte discurso de esquerda, recebeu o apoio público de Hugo Chávez, da Venezuela, e de Evo Morales, da Bolívia, durante uma visita desse último a Caracas em três de janeiro de 2006, o que gerou repúdio do governo e de líderes políticos peruanos, que consideraram esse apoio um caso de intromissão externa na política local. No dossiê do IISS, existe uma comunicação na qual o então número 2 das Farc, Raúl Reyes, comenta que o governo Hugo Chávez havia investido recursos na campanha à Presidência do candidato Ollanta Humala, em 2006.

Em dezessete de Julho de 2009, foi divulgado que a agência *Associated Press* (AP) obteve um vídeo que foi encontrado com um membro da guerrilha e que apontava que as Farc também haviam financiado a campanha eleitoral do presidente equatoriano Rafael Correa em 2006. No vídeo, Raúl Reyes lê uma declaração do falecido líder das Farc Manuel Marulanda, que confirma as doações à campanha de Correa. Documentos encontrados em um acampamento da guerrilha já apontavam as doações ao presidente equatoriano. Como sempre acontece nesses casos, Correa negou qualquer envolvimento com as Farc, mas o relatório do IISS deixa claro que aquela organização narcoguerrilheira dera dinheiro para a campanha política do presidente Correa.

O fato é que essa organização, não por acaso, tinha instalado uma

base de operações no Equador, que foi bombardeada pelo exército colombiano em março de 2008, ocasião em que foi morto Raúl Reyes. Possivelmente a autorização para operar em seu país deve ter sido uma retribuição de Correa pela ajuda das Farc à sua eleição. Da mesma forma como ocorreu no Brasil em relação às denúncias sobre o apoio das Farc ao PT, Correa procurou se manter afastado daquela organização depois que as denúncias apareceram.

O relatório do IISS também mostrou as complexas relações existentes entre os rebeldes das Farc e o governo de Hugo Chávez na Venezuela. Os documentos mostravam os esforços dos rebeldes em desenvolver laços internacionais – como vinha acontecendo no Brasil – e como a colaboração cresceu entre a guerrilha e o governo de Hugo Chávez, que via naquela organização um aliado estratégico contra a ameaça percebida de uma invasão dos EUA. Chávez deixava as Farc usarem o território venezuelano, mas também mudava de estratégia quando lhe convinha, diz o estudo do IISS.

A morte de Reyes foi um grande sucesso para as agências de Inteligência da Colômbia e um rude golpe para a organização narcoguerrilheira, pois Reyes era o chefe da Frente Internacional, a parte do movimento guerrilheiro dedicado ao desenvolvimento de contatos estrangeiros com governos de esquerda e relações com organizações homólogas.

Antes dele, outro comandante das Farc foi morto em uma operação militar; tratava-se de Tomás Medina, conhecido como Negro, um dos narcotraficantes da organização que, segundo as autoridades colombianas, era responsável pela exportação de cocaína, que havia se tornado uma das principais fontes de receita para a guerrilha. Ele foi morto em uma operação na província de Vichada, na fronteira venezuelana.

As Farc sempre negaram seu envolvimento com o narcotráfico, embora isso seja um fato há muito comprovado pelas organizações de Inteligência de vários países, inclusive a brasileira. Também era um fato confirmado a existência de bases daquela organização na região de fronteira entre Brasil e Colômbia. Embora sempre desmentido pelas Farc e por membros do governo petista, um relatório da Inteligência da Polícia Federal datado de 28 de abril de 2010 desmentiu essas negativas, comprovando que guerrilheiros daquela organização violavam frequentemente a fronteira entre os dois países e se utilizavam do território brasileiro para a distribuição de drogas.

As investigações da polícia brasileira levaram à prisão de José Samuel Sánchez, o “Tatareto”, apontado pela Polícia Federal como integrante da comissão de logística e finanças da 1ª Frente das Farc, considerado um dos mais importantes destacamentos da guerrilha colombiana. Tatareto possuía um sítio, perto de Manaus, que era utilizado para contatos com a guerrilha na Colômbia por meio de diálogos codificados. Tatareto era acusado de comandar uma importante rota do tráfico que usava rios da Amazônia para fazer chegar a Manaus carregamentos de cocaína produzida pelas Farc, de onde era distribuída para outros estados brasileiros e para a Europa.

Os narcoguerrilheiros aproveitavam-se da fraca presença do Estado brasileiro na região, o que facilitava a criação de rotas para o tráfico das organizações criminosas. Especialistas dizem que diante da grande lucratividade do narcotráfico as Farc passaram a dar maior prioridade para o fator econômico em relação ao político. Reportagem de João Bosco Rabello, no jornal *Estadão*, em sua edição de vinte e um de Julho de 2010, informa que as Farc, por meio de suas práticas criminosas, possuíam várias fontes de renda, e que, de acordo com a Unidade de Informações e Análises Financeiras (Uiaf), do Ministério do Interior da Colômbia, seriam as

seguintes.

A primeira era a extorsão mediante sequestro, que lhe rendia anualmente US\$ 37,32 milhões. A segunda fonte era o furto de gado, estimado em US\$ 22,19 milhões anuais; já as drogas ilícitas (cocaína, heroína) representavam a terceira fonte de arrecadação, rendendo US\$ 11,59 milhões para a organização, que tinha ainda duas subvertentes: taxa revolucionária e participação na comercialização. A taxa revolucionária era paga pela produção de folhas de coca em áreas controladas pela guerrilha.

A comercialização direta do cloridrato de cocaína, cujos clientes são os cartéis de refino, rendia US\$ 3,01 milhões. Anualmente, os produtores colombianos ofertavam ao mercado mundial de 250 a 500 toneladas de cocaína. Somadas suas três fontes de receita, o faturamento bruto anual seria de US\$ 77,16 milhões. Com tão alta receita é de se compreender porque algumas facções das Farc recusaram-se a fazer acordo de paz com o governo, preferindo manter sua arrecadação de narcodólares e ainda manter a aura de guerrilheiros combatentes pela liberdade, assim como vimos acontecer no Brasil com outros esquerdistas revolucionários que não resistiram aos encantos do dinheiro, do poder e da corrupção. Essa era a organização que recebia apoio do PT e cujos comandantes sentavam à mesa com Lula, a quem seus narcodólares teriam ajudado a eleger.

Na verdade, aquela organização já vinha perdendo relevância e sofrendo sucessivas derrotas para o governo da Colômbia, que, em um acordo bastante questionado por muitos especialistas, firmou a paz com a organização, que vinha atuando completamente à margem da lei. O resultado desse acordo só o futuro dirá, mas é preciso ter cautela, porque algumas facções da guerrilha não concordaram com o acordo e continuam suas atividades narcoguerrilheiras.

CAPÍTULO 3

PT– Um projeto criminoso de poder

O filósofo e escritor francês Montesquieu dizia que existiam dois tipos de corrupção: uma, quando as pessoas não observam as leis; a outra era quando ela, a lei, as corrompia. Também é conhecida a frase que diz: “quando a luta pelo poder se sobrepõe a luta pelas ideias, a corrupção prevalece”.

Frequentemente somos surpreendidos com notícias sobre pessoas nas quais acreditávamos e respeitávamos, e que de repente aparecem envolvidas em escândalos de corrupção. Quando essas notícias estão relacionadas a membros do PT, essa decepção é muito maior, principalmente para aqueles que acreditaram nas promessas de uma ética superior que aquele partido prometia imprimir na gestão da coisa pública.

Ao serem apanhadas, muitas dessas pessoas revelam que o que fizeram foi para o partido, para a causa socialista, nada em termos de formação de fortuna pessoal. Essa desculpa de uma corrupção ideológica parece mais funcionar como um mecanismo de autodefesa para dar uma destinação superior, um ar de nobreza, à causa que defende, e não um crime comum, o que permite ao meliante ideológico manter a consciência limpa.

Em encontro realizado em julho de 1993, em Havana/Cuba, o Foro de São Paulo, a organização que reúne os partidos e organizações de esquerda na América Latina, apresentou, em sua nota final, a seguinte recomendação em relação à corrupção e que parece ter sido uma antecipação do jeito petista de governar. Dizia o documento:

A defesa e o aprofundamento das conquistas democráticas

também passam pela luta contra a corrupção, transformada na prática diária das elites políticas latino-americanas, nas suas expressões tradicionais e neoliberais. A corrupção é um problema político e ético que destaca as tentativas das classes dominantes para ‘privatizar’ cada vez mais o Estado, sujeitando-o ao serviço dos seus interesses corporativos e privados.

Ao que parece, os antigos revolucionários, ao se tornarem elites políticas, como aconteceu no Brasil quando o PT assumiu o poder, praticaram exatamente o contrário do que o Foro recomendava, pois se apropriaram do Estado e o exploraram ao máximo via corrupção, ou seja, o Foro de São Paulo tinha um discurso público de freiras e uma prática privada de bandidos. O que vamos encontrar nos anos de governo do PT é a prática desesperada e insaciável da corrupção em níveis nunca antes vistos na história deste país, ou, como profetizava o cantor Chico Buarque de Holanda em sua canção “Vai Passar”, referindo-se aos militares: “Dormia, a nossa pátria-mãe tão distraída, sem perceber que era subtraída, em tenebrosas transações”.

As investigações da Lava Jato mostraram que a corrupção estendeu-se a vários outros países componentes do Foro de São Paulo, o que levanta a questão: Será que essa recomendação era apenas uma desinformação? O que teria acontecido com o PT e com o presidente Lula, que, em meio às denúncias do Mensalão, afirmou, em 21 de junho de 2005, “Ninguém tem mais autoridade moral e ética do que eu para transformar a luta contra a corrupção não em bandeira, mas em uma prática cotidiana”? Parece que o ex-presidente estava seguindo fielmente sua afirmação de que “quem conta uma mentira passa a vida inteira mentindo para justificar a primeira mentira”.

Em inteligente artigo, intitulado “A Renúncia de Pensar”, publicado

no jornal *Folha de São Paulo* de 25 de setembro de 2002, o professor-doutor Denis Lerrer Rosenfield^[54] aborda a forma utilizada pelo PT para calar os seus críticos, qual seja, em lugar de discutir análises e averiguar fatos, coloca aquele que o critica sob a pecha de ‘direitista’, ‘reacionário’ ou outras do mesmo nível, como se isso fosse suficiente para terminar a discussão. Na verdade, diz Rosenfield, o partido sempre se colocou na posição religiosa de representante do ‘bem’ contra os que ousam questionar as suas práticas e os seus princípios doutrinários. Na ausência de ideias, fica a agressão gratuita.

Para melhor ilustrar essa incapacidade de argumentar e questionar, Denis vale-se do livro de Hannah Arendt, *Eichmann em Jerusalém*^[55], em que a autora defronta-se com um personagem estranho, um carrasco tranquilo, que apenas afirma sua boa consciência. Tendo plena ciência de ter cometido as piores atrocidades, e as reconhecendo, ele aparenta estar de bem consigo mesmo. Segundo Denis: “Deformando o imperativo categórico de Kant – aja como se a máxima de tua ação pudesse ter validade universal – ele se justifica dizendo que seguiu um imperativo, imposto para toda a sua nação. Substituindo a noção de universalidade pela da vontade do líder máximo, ele conseguia, para si, silenciar qualquer dilema moral.” Hannah Arendt, perplexa, foi obrigada a admitir que esse indivíduo parecia normal, embora estranhamente normal.

Rosenfield procura comparar a mentalidade de muitos militantes do PT, no Brasil, com a dos militantes do Partido Comunista da União Soviética:

Os militantes obedeciam ordens, pois o que o partido prescrevia era tido por verdadeiro. A cegueira no seguir as orientações partidárias levava-os a produzir atos de violência, de destruição da sociedade existente, ao mesmo tempo em que imbuía àqueles que assim agiam de um

sentimento de satisfação, o contentamento de representar o partido da verdade. Tudo deveria ser feito em nome da fidelidade partidária já que lutavam pela redenção da humanidade.

Encerrando seu artigo, diz o articulista: “se o PT tivesse verificado o que acontecia dentro do seu próprio partido e no Estado, poderia avaliar o quão distante se encontra do critério da ética na política”. No entanto, a maioria de seus dirigentes e auxiliares pegos em atos de corrupção, age como o personagem de Hannah Arendt aparentando não ter nenhum arrependimento, muito pelo contrário, julgam-se heróis nacionais, da democracia e do partido e não criminosos comuns.

O ex-ministro e ex-deputado cassado – que atualmente se encontra preso – José Dirceu foi, inegavelmente, uma das figuras mais importantes do PT e um dos responsáveis pela chegada do partido ao poder. O ponto alto de sua trajetória política ocorreu em 2003, com a posse de Luiz Inácio Lula da Silva, quando foi nomeado ministro-chefe da Casa Civil. Dirceu era cotado como o mais provável sucessor de Lula nas eleições de 2010, no entanto foi pego no escândalo do Mensalão. Teve seu mandato de deputado federal cassado em 2005, por quebra de decoro parlamentar, o primeiro parlamentar petista a ter seu mandato cassado por denúncias de corrupção, um vexame para quem prometia combater a corrupção e introduzir a ética e a honestidade na política.

Começava a cair a figura que aparecia como interlocutor fácil de Fidel Castro e que dizia ser um cubano-brasileiro. De repente, o todo-poderoso “primeiro-ministro” de Lula aparece envolvido em diferentes escândalos de corrupção: o Mensalão e a Operação Lava Jato. Em 2013, ele foi condenado a sete anos e 11 meses de prisão no julgamento do Mensalão, pelo crime de

corrupção ativa. Preso em novembro daquele ano foi para o regime domiciliar em novembro de 2014, no qual permaneceu até ser detido pela Lava Jato em agosto de 2015.

Em 18 de maio de 2016, foi condenado a 23 anos e três meses de prisão, pelos crimes de lavagem de dinheiro, corrupção ativa e organização criminosa, pela participação no esquema de contratos superfaturados entre a construtora Engevix e a Petrobras. Em 26 de setembro, o Tribunal Federal Regional da 4ª Região (responsável pelos processos da Lava Jato em segunda instância) manteve a condenação e aumentou a sentença para 30 anos e nove meses de prisão.

Em oito de março do ano seguinte, Dirceu volta a ser condenado a 11 anos e três meses, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no esquema de corrupção da Petrobras. Triste fim para quem, em 1991, como deputado federal, participou das investigações das denúncias de desvio de verba que levaram ao *impeachment* do então presidente Fernando Collor. Dirceu também foi um dos autores do requerimento que levaram à criação da CPI que investigou o esquema de corrupção do empresário Paulo César (PC) Farias na arrecadação de fundos para a campanha de Collor.

O mais triste é que em 25 de abril de 2004, em mensagem gravada, exibida durante a homologação da candidatura de Jorge Bittar a prefeito do Rio, o então ministro da Casa Civil José Dirceu afirmou que uma das provas de que o PT estava mudando o Brasil era a inexistência de casos de corrupção envolvendo o governo desde a posse de Luiz Inácio Lula da Silva. Mas a verdade não tardaria a aparecer: em 13 de fevereiro, viria à tona o primeiro caso de corrupção que envolveu Waldomiro Diniz, subchefe de Assuntos Parlamentares e homem de confiança de José Dirceu, exonerado após ter sido acusado de ter recebido propina de bicheiros para a campanha do PT, em

2002.

Mesmo sabendo disso, Dirceu afirmou:

Eu sei que todos que estão nesta convenção sabem que nós estamos mudando o Brasil. Primeiro porque acabou a corrupção no governo do Brasil. Depois de 16 meses de governo, não temos a notícia de um só ato de corrupção no governo. Mudamos o Brasil porque garantimos as condições para a retomada do desenvolvimento.

Quando começaram a aparecer as denúncias de envolvimento do partido em casos de corrupção, ironicamente o então deputado Jutahy Magalhães Júnior (PSDB-BA) declarou: “Finalmente o PT perdeu a virgindade.” Perdida a virgindade o PT atirou-se gostosamente nos bordéis da corrupção, chafurdando-se na lama nauseabunda do Mensalão e do Petrolão.

Em três de agosto de 2015, o Ministério Público Federal e a Polícia Federal afirmaram que o ex-ministro José Dirceu, preso na Operação Lava Jato, participou da instituição do esquema de corrupção da Petrobras quando ainda estava na chefia da Casa Civil, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo disse o procurador Carlos Fernando dos Santos Lima em entrevista em Curitiba, José Dirceu “repetiu o esquema do Mensalão”. Não é à toa que um ministro do Supremo Tribunal Federal disse que o DNA é o mesmo. “Nós temos o DNA, realmente, de compra de apoio parlamentar – pelo Banco do Brasil, no caso do mensalão, como na Petrobras, no caso da Lava Jato”, disse o procurador Santos Lima. Segundo ele, Dirceu foi “instituidor e beneficiário do esquema da Petrobras”, antes, durante e após o julgamento do Mensalão.

Ao ver um de seus principais assessores envolvido no primeiro grande escândalo de corrupção, para ser fiel à sua crença segundo a qual “quem

conta uma mentira passa a vida inteira mentindo para justificar a primeira mentira”, Lula declarou, em 12 de agosto de 2005: “Quero dizer com toda franqueza: me sinto traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento”, simulando indignação com as denúncias referentes ao escândalo do Mensalão. Ali surgia um excelente ator que mais tarde seria desmascarado quando ficou provado que o esquema de corrupção foi autorizado, mantido e assegurado por ele, Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente do Brasil, a partir do Palácio do Planalto.

Essas afirmações caíram por terra, não por denúncias de um opositor, ou alguma investigação tendenciosa, mas sim pelas afirmações de Antonio Palocci, o homem que já havia integrado a cúpula do PT e que ocupou ministérios nos mandatos de Lula e Dilma, considerado, ao lado de José Dirceu, como um dos maiores artífices do projeto político que levou Lula e aquele partido ao poder. Preso desde setembro de 2016, o ex-ministro, quando era interrogado pelo juiz federal Sérgio Moro, em seis de setembro de 2017, rompeu o silêncio e acusou Lula de ter fechado um “pacto de sangue” com a Odebrecht, uma das principais envolvidas no escândalo do Petrolão, em troca de uma superpropina de R\$ 300 milhões para seu partido e para ele próprio. Palocci não somente teve a coragem de assumir todos os crimes dos quais era acusado, como também confirmou a participação do ex-presidente nas negociações ilícitas.

Também o ex-senador cassado do PT Delcídio do Amaral, preso pela Operação Lava Jato no final de 2015, acusou Lula de diversos crimes, entre eles o de comandar o esquema de corrupção na Petrobras. O MPF pediu a absolvição do ex-presidente no processo aberto com base na colaboração de Delcídio por "falta de provas", o que não diminuiu a importância da acusação, já que ela partiu de um alto membro do partido e que tinha íntimas ligações com o ex-presidente, tanto que se tornou líder do governo.

Em um trecho da carta datada de 26 de setembro, encaminhada à direção do PT, e na qual pedia a sua desfiliação do partido,^[56] Palocci deixou claro todo o seu desapontamento com Lula, dizendo: o ex-presidente “dissociou-se definitivamente do menino retirante para navegar no terreno pantanoso do sucesso sem crítica do ‘tudo pode’, do poder sem limites, onde a corrupção, os desvios, as disfunções que se acumulam são apenas detalhes, notas de rodapé no cenário entorpecido dos petrodólares que pagarão a tudo e a todos”.

O fato de o ex-ministro decidir contar o que sabia ao juiz Sérgio Moro, por livre e espontânea vontade, e ainda não em delação premiada, pareceu significar que ele não poderia mais calar ao ver o homem que dizia ser o “mais honesto do planeta” posar de anjo e deixar todos os seus antigos companheiros que tanto o ajudaram a atingir o poder serem presos e condenados, enquanto ele jurava nada saber gozando da impunidade e da cara dos brasileiros.

Em outro trecho da referida carta, Palocci volta novamente a criticar a pretensa santidade de Lula, dizendo: “Até quando vamos fingir acreditar na autoproclamação do homem mais honesto do país enquanto os presentes, os sítios, os apartamentos e até o prédio do Instituto (!!) são atribuídos a Dona Marisa?”. Palocci fazia referência ao discurso proferido por Lula em janeiro de 2016, no qual o petista afirmou que não havia uma viva alma mais honesta do que ele. A menção ao nome de Marisa Letícia referia-se ao fato de Lula jogar sobre a falecida esposa toda a responsabilidade sobre as tratativas relativas ao triplex do Guarujá, que, de acordo com o MPF, seria uma contrapartida paga por empreiteiras ao ex-presidente.

Outra acusação direta de Palocci envolvia a ex-presidente Dilma Rousseff, que quando ainda era chefe da Casa Civil da Presidência da

República teria participado de uma reunião na biblioteca do Palácio da Alvorada coordenada por Lula e com a presença do ex-presidente da Petrobras Sérgio Gabrieli, na qual o ex-presidente teria discutido a compra de sondas e o pagamento de propinas: “Um dia, Dilma [Rousseff] e Gabrielli [José Sergio Gabrielli, então presidente da Petrobras] dirão a perplexidade que tomou conta de nós após a reunião [...], onde Lula encomendou as sondas e as propinas, no mesmo tom, sem cerimônias”, escreveu Palocci.

Palocci relatou que, com a eleição de Dilma Rousseff, a empreiteira Odebrecht passou a ficar preocupada se as relações incestuosas que mantinha com o governo petista iriam continuar: “foi nesse momento que o doutor Emílio Odebrecht fez uma espécie de pacto de sangue com o presidente Lula”, afirmou Palocci. A empreiteira priorizou para Lula um pacote de propinas – o sítio de Atibaia, o apartamento de São Bernardo e a futura sede do Instituto Lula. Além disso, Lula teria à sua disposição R\$ 300 milhões para utilizar como quisesse. Segundo Palocci: “No dia seguinte, Lula me chama no Palácio da Alvorada e me conta dessa reunião”. Enquanto isso: “Dormia, a nossa pátria-mãe tão distraída, sem perceber que era subtraída, em tenebrosas transações”, como diria o nosso vidente lulista Chico Buarque, para quem os crimes de Lula e do PT são inexistentes e que faz questão de acompanhar Lula onde quer que ele o chame.

Mesmo com provas inquestionáveis surgindo a todo momento, Lula ainda fingia nada saber sobre a corrupção que grassava no seu governo, dizendo: “Não interessa se foi A, B ou C. Todo o episódio foi como uma facada nas minhas costas”, referindo-se ao caso do Mensalão, em entrevista para a televisão em 29 de dezembro de 2005.

Ainda em sua carta, o ex-ministro Palocci dizia estar bastante tranquilo sob o aspecto político, em relação à sua decisão de falar a verdade.

Disse ele: “Falar a verdade é sempre o melhor caminho. E, neste caso, não posso deixar de registrar a evolução e o acúmulo de eventos de corrupção em nossos governos e, principalmente, a partir do segundo governo Lula”. Palocci ressalta, também: “Não posso deixar de destacar o choque de ter visto Lula sucumbir ao pior da política no melhor dos momentos do seu governo”. O que na verdade Palocci quer dizer é que não havia mais necessidade de roubar, mas Lula preferiu esse caminho, talvez para assegurar sua perpetuação e a de seu partido no poder; Lula não tinha nem princípios nem ideias, apenas uma sede insaciável de poder e, como Palocci lembrou, “[...] quando a luta pelo poder se sobrepõe a luta pelas ideias, a corrupção prevalece”.

Em setembro de 2017, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, denunciou Luiz Inácio Lula da Silva e a ex-presidente Dilma Rousseff afirmando que eles formaram uma organização criminosa quando foram presidentes da República junto a outros integrantes da cúpula dos governos petistas. Janot foi mais longe e apontou Lula como o “grande idealizador” da organização criminosa investigada no âmbito da Operação Lava Jato, pedindo pena maior ao ex-presidente, haja vista as altas funções que desempenhou, o que o tornava ainda mais criminoso. Janot denunciou também a senadora Gleisi Hoffmann, presidente nacional do PT e ex-ministra, além dos ex-ministros Guido Mantega, Antonio Palocci, Paulo Bernardo e Edinho Silva, e o ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto.

De acordo com a denúncia, essa organização criminosa formou um esquema de arrecadação de propina por meio da utilização de entes e órgãos públicos como a Petrobras, o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) e o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), o que permitiu o recebimento da inacreditável soma de pelo menos US\$ 1,485 bilhão em propinas, algo nunca antes visto na história deste país. Uma desilusão

para o povo e um triste fim para quem fez promessas de mudanças nos costumes políticos do país, cronicamente baseado na corrupção, mas que o PT abraçou gostosamente.

Em 24 de janeiro de 2018, por unanimidade, os três desembargadores da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) votaram pela manutenção da condenação de Lula, além de ampliar sua pena para 12 anos e um mês de prisão, com início em regime fechado, pelos crimes corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex em Guarujá (SP). Os desembargadores manifestaram-se em relação ao recurso apresentado pela defesa de Lula contra a condenação a nove anos e seis meses de prisão determinada pelo juiz federal Sérgio Moro, relator da Operação Lava Jato na primeira instância. Lula ainda responde a outros seis processos.

Em oito de abril de 2018, jornais de todo o Brasil publicavam manchetes que diziam “Lula é preso”. Luiz Inácio Lula da Silva foi o primeiro ex-presidente da República a ser condenado e preso pela Justiça por crime comum.

Nunca antes da história deste país um ex-presidente havia sido condenado à prisão. Nunca antes na história deste país tantos ministros e figuras coroadas de um partido ajudaram a lotar as cadeias do sistema penitenciário. Nunca antes na história deste país tantos empresários, entre os maiores do Brasil e do mundo, foram parar atrás das grades por corrompê-los. A prisão de Lula deverá entrar na história deste país como um símbolo expressivo do combate à corrupção em seu nível mais elevado e, quiçá, possa pôr um fim a décadas e décadas de corrupção e impunidade, em que o PT despontou como um dos maiores praticantes e um dos maiores beneficiários.

Foi dessa forma que esses homens governaram o país; foi dessa forma que alcançaram o poder; e é dessa forma que pretendiam nele permanecer. O

juiz Sérgio Moro escreveu no despacho de prisão de José Dirceu que o ex-ministro “teria insistido” em receber dinheiro de propina em contratos da Petrobras mesmo após ter deixado o governo, em 2005. Resta saber se José Dirceu, o temível guerrilheiro, foi assim instruído nos cursos de guerrilha feitos em Cuba, em alguma matéria que ensinasse como realizar um assalto fulminante aos cofres públicos e à moralidade.

José Dirceu, a exemplo de seu chefe Lula, sempre fez questão de elogiar o ditador Fidel Castro, agradecendo seu apoio nos anos 1970, quando ele, Dirceu, encontrava-se refugiado em Cuba fazendo planos para executar a luta armada no Brasil. No início de abril de 2003, Dirceu voltou a manifestar sua gratidão ao grande ditador, declarando que a geração que chegou ao poder com o presidente Lula deve muito a Cuba. Lembrou que nos anos do regime militar a esquerda teve a solidariedade de Cuba com “sua mão amiga e seu braço forte”. “A geração que chegou ao poder com Lula é devedora de Cuba. E me considero um brasileiro-cubano e um cubano-brasileiro”, disse Dirceu, segundo anotou o historiador Azambuja. É provável que a matéria *corrupção* fizesse parte do currículo dos cursos de guerrilheiros em Cuba.

O que se viu no Brasil, e que muitas pessoas ainda não se deram conta, é que tudo aquilo que vimos desfilar diariamente nas telas das televisões, nos depoimentos de delação premiada e nas escutas telefônicas realizadas, no âmbito dos grandes escândalos, principalmente do Mensalão e do Petrolão, faz parte de um insidioso projeto de dominação e de corrupção profunda da alma, do coração, e do bolso do povo brasileiro.

Ao participar do Fórum Internacional – A Segurança Humana na América Latina, em São Paulo, em dois de abril de 2018, o ministro do Supremo Tribunal Federal Luis Roberto Barroso afirmou que a corrupção sistêmica sempre foi o modo de fazer política no Brasil. Disse ele que: "O

Brasil se deu conta de que vivenciávamos uma corrupção sistêmica, endêmica, que não era produto de falhas pessoais, era um modo de conduzir o país". Barroso afirmou ainda que o Brasil celebrou um "pacto de saque ao Estado", firmado entre empresários, políticos e a burocracia estatal, com renovação constante dos acordos de corrupção. Esse processo gerou perda da confiança entre os brasileiros. “O custo moral de tudo isso foi a criação da cultura de desonestidade”, disse o ministro.

A hipnose coletiva, a verdadeira lobotomia espiritual que o líder maior e seus asseclas conseguiram realizar em boa parte da população, permitiu que a falta de caráter, a perfídia e a mentira fossem elevadas à categoria de virtude; a subjugação de todo sentimento nobre e de todo valor moral é algo nunca antes visto na história deste país: **um projeto criminoso de poder**, como disse o ministro Celso de Mello, do STF.

Em entrevista concedida ao jornal *Folha de São Paulo*, de dois de maio de 2018, Noam Chomsky, um dos maiores destaques da esquerda no mundo, declarou que as esquerdas brasileiras, em especial o PT, deveriam fazer uma autocrítica profunda para entender porque sucumbiram à corrupção e perderam a oportunidade de diversificar a economia brasileira, tirando-a da dependência das *commodities*. Para Chomsky, o silêncio de Lula e o “colapso autoinfligido do PT” foram um golpe duro contra as esperanças do Brasil de realizar o seu potencial de chegar a um grau maior de justiça social e desenvolvimento econômico e cultural.

Após termos analisado a influência que Fidel Castro exerceu sobre o deslumbrado torneiro mecânico e sobre o comandante da frota de carros oficiais, fica mais fácil entender como o tarimbado ditador manobrou seus afilhados políticos, os seus “idiotas úteis”, a quem havia ajudado com dólares e com instruções político-ideológicas, para criarem o Foro de São Paulo.

Embora Lula tenha tentado trazer para si a ideia de criação dessa entidade, é claríssimo, para quem o conhece, que a idealização e implementação do Foro foi um trabalho de Fidel, que pensava em realizar a tão sonhada revolução por outros meios, aproveitando-se das facilidades da democracia para depois prostituí-la.

PARTE III

Foro de São Paulo – o eixo do mal latino-americano

Você pode ganhar quando ninguém pode compreender, a qualquer momento, quais são suas intenções.

(Sun-Tzu em *A Arte da Guerra*)

Em *Putin – Um Espião no Poder*, escrevi que, desde o tempo em que o pastor metodista George A. Simons, voltando de Petrogrado, em 1919, definiu o governo bolchevista como um regime cruel, infernal, diabólico e anticristo, dominado por agitadores iídiches, a representação da Rússia como a origem do mal cresceu por meio da influência dos evangélicos na vida política americana ao longo da Guerra Fria, culminando com a declaração do presidente Ronald Reagan, em 1983, que chamou a então União Soviética de “O Império do mal”.

Reagan assumiu uma postura inflexível e agressiva em relação àquele país apoiando movimentos anticomunistas em todo o mundo. Foi ele quem desafiou o secretário-geral do então todo-poderoso Partido Comunista da União Soviética, Mikhail Gorbachev, a acabar com o muro de Berlim e que assinou, com ele, o importante Tratado de 1987, que baniu armas nucleares de médio alcance, o que muito contribuiu para o fim da Guerra Fria.

O Ocidente, particularmente os Estados Unidos, comemorava a queda do Muro de Berlim e a desintegração da União Soviética, que consagrava a

vitória da livre iniciativa do capitalismo sobre o comunismo. Mas os seguidores do “Elvis não morreu” da América Latina, a exemplo da Hidra de Lerna da mitologia grega, logo tentaram recuperar-se do golpe e prontamente arranjaram uma solução “*cucaracha*” para restaurar o movimento comunista que havia sido derrotado no Leste Europeu.

Fidel Castro pronunciou uma frase que bem denunciava o seu propósito e o objetivo comunista embutido na ideia de criação do Foro de São Paulo: “Vamos reconquistar na América Latina aquilo que perdemos no Leste Europeu”, disse o falecido ditador cubano na abertura dos trabalhos do Foro de São Paulo ao lado de Lula. Essa seria a resposta de Fidel e Lula ao fim do comunismo na URSS e a oportunidade de Lula exercitar também a sua ambição de liderar a América Latina ao lado do seu ídolo e guia ideológico que, conhecendo sua megalomania, havia lhe inculcado essa ideia.

O grande camaleão mudava sua roupagem externa e preparava-se para dar uma prova indiscutível de que não estava morto e que sobreviveu ao falecimento da União Soviética: a maioria dos países da América do Sul passou a ter governos marxistas, ou pró-marxistas, sob o inocente rótulo de *governos de esquerda* ou simplesmente *governos socialistas*. Os resultados até agora, pelo menos na Venezuela, seguem o mesmo modelo do que aconteceu na Rússia e na China no início de suas ditaduras principalmente: fome, prisões políticas, perseguição aos capitalistas e censura à imprensa.

Na atualidade, as campanhas de subversão e “guerras de libertação” que eram travadas pelos partidos comunistas e seus seguidores por todo o mundo, para promover a causa revolucionária, foram substituídas por encontros ocultos e nebulosos, em que representantes de organizações de narcotraficantes e terroristas envolvidos em guerras destinadas a derrubar governos constituídos são recebidos como convidados de honra e tratados

como “companheiros fraternos”. Assim ocorreu em um desses encontros secretos realizados em São Paulo.

Por ocasião da morte do ex-líder cubano, o ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva foi a Santiago de Cuba prestar suas últimas homenagens ao seu herói morto, e, segundo publicou o jornal *Folha de São Paulo* em sua edição digital de três de dezembro de 2016, Lula declarou: "Estou triste, porque se foi o maior homem do século 20." Parece que a comoção foi muito forte, levando Lula a agir como um garoto que perdeu o pai, o que o levou a declarar: “Quando soube da notícia, a maneira que encontrei de expressar meus pêsames foi escrever na parede 'Viva Fidel'." Simplesmente patético e ridículo.

Lula exagerou ao dizer que o líder da Revolução Cubana, Fidel Castro, foi "o maior de todos os latino-americanos", afirmando em nota publicada no seu Facebook: "Sinto sua morte como a perda de um irmão mais velho, de um companheiro insubstituível, do qual jamais me esquecerei." Pode-se dizer, sim, com segurança, que Fidel foi o maior ditador e assassino da América Latina e um dos maiores do mundo, ao lado de Lênin, Stalin, Mao, Pol Pot e outros, deixando envergonhados os ditadores de direita que governaram vários países do continente.

Mas, ao manifestar toda a sua admiração por Fidel Castro, Lula deixou transparecer toda a ascendência e influência que o velho e decrépito ditador exercia sobre ele. Seria sincero um homem que só fala em democracia dizer que admirava um dos maiores ditadores e assassinos da história recente e que dedicou sua vida a fomentar revoluções inconsequentes, pagando milhares de soldados para lutarem em outros países enquanto seu povo passava fome? Ou Fidel representaria para Lula o pai que ele queria ter?

O certo é que Fidel tinha acertado em cheio ao escolher o seu inocente

parceiro, ou melhor, o seu "idiota útil" – termo que Vladimir Lenin empregava para aqueles que se deliciavam com o embuste da Revolução de 1917 para empreender um dos mais ardilosos e nefastos planos para comunizar o continente latino-americano: o Foro de São Paulo.

Capítulo 1

Um encontro nas sombras

Entre os dias 2 a 4 de julho de 1990, no extinto hotel Danúbio, em São Paulo, realizou-se uma reunião que recebeu o nome de Encontro de Partidos e Organizações de Esquerda da América Latina e do Caribe. Esse encontro era o resultado de acertos entre o primeiro-secretário do Partido Comunista de Cuba, Fidel Castro Ruiz, e Luiz Inácio Lula da Silva, durante uma das visitas que o então líder do Partido dos Trabalhadores realizou àquele país. Estava criada a entidade que mais tarde ficaria conhecida como Foro de São Paulo, uma organização que pretendia refundar, na América Latina, oitenta anos depois, praticamente a mesma coisa que foi o Comintern, o responsável pelo Movimento Comunista Internacional de Lênin, na antiga União Soviética. O Foro de São Paulo seria uma espécie de Comintern dos pobres.

Embora tenha como objetivo declarado “lutar pela integração regional e combater o neoliberalismo”, o Foro, na verdade, servia de instrumento para coordenar e dirigir o movimento comunista e/ou socialista em nosso Continente ou, segundo afirma Valter Pomar, secretário executivo daquela entidade:

As reuniões servem, portanto, para que os partidos da esquerda latino-americana e caribenha compartilhem experiências, construam conhecimento e debatam o cenário político, econômico e social da região, tendo sempre como norte o contraponto ao imperialismo norte-americano.

A Fundação Perseu Abramo, vinculada ao Partido dos Trabalhadores, informa que o Foro de São Paulo foi criado para permitir a reorganização dos

movimentos de esquerda, após a crise dos regimes comunistas no Leste Europeu e da queda do muro de Berlim, na Alemanha. O site informa ainda que o Foro foi criado por iniciativa do PT e de outros partidos da esquerda latino-americana, entre eles a Frente Ampla do Uruguai, o PRD do México, PC de Cuba, FMLN de El Salvador e FSLN da Nicarágua.

Na verdade, o Foro de São Paulo era uma reedição da Organização Latino-Americana de Solidariedade – OLAS, uma entidade criada por Fidel Castro, em agosto de 1967, em Cuba, e que era composta por diversos movimentos revolucionários e cujo objetivo principal era:

Coordenar e promover eficientemente a solidariedade que existe e deverá continuar existindo entre os movimentos e organizações em luta, em seus respectivos países, pela libertação nacional [...] conseguindo a unidade entre aqueles que se encontram empenhados na luta armada.

A criação da OLAS realizou-se depois do sucesso da Primeira Conferência Tricontinental de Solidariedade Revolucionária, na qual se reuniram mais de quinhentos delegados de organizações revolucionárias da Ásia, da África e da América Latina.

Tratava-se de um projeto de revoluções guerrilheiras para todo o continente latino-americano, em consonância com o que fora discutido na Tricontinental e na OLAS, e que teria sua sede na Bolívia, onde estava atuando Che Guevara. O objetivo dessa Conferência era “ampliar a luta contra o imperialismo norte-americano e expandir a revolução”, através da guerra de guerrilhas como mecanismo para estender a revolução a toda América Latina. Mas a morte de Che Guevara nas selvas colombianas forçou uma mudança de planos.

A Primeira Conferência da OLAS ocorreu de 31 de julho a 10 de

agosto de 1967, e as resoluções nela aprovadas apontavam no sentido de ser a luta armada a única alternativa a ser seguida pelos países latino-americanos contra o chamado imperialismo norte-americano e contra os governos militares instalados em diversos países. No Brasil, inicialmente, Cuba deu apoio ao nacionalismo revolucionário de Leonel Brizola, que prometia um enfrentamento armado na Guerrilha de Caparaó, uma tentativa de insurgência armada contra o regime militar ocorrida no período 1966-1967 e inspirada na guerrilha de Serra Maestra. Fracassada essa tentativa, Cuba passou a apoiar movimentos comunistas dissidentes, adeptos da luta armada e da teoria do foco guerrilheiro.

Essa estratégia de tomada do poder por meio da luta armada para a implantação do comunismo na América Latina contrariava a política dos tradicionais partidos comunistas latino-americanos, em especial, do PCB, que seguiam a linha preconizada pelo Partido Comunista da União Soviética, que havia modificado sua política e passou a aceitar a conquista do poder por meio do voto. A experiência revolucionária cubana mostrou não ser necessária a existência de um partido comunista para se levar adiante a luta de classes.

Muitos membros das esquerdas brasileiras que fizeram cursos de guerrilha em Cuba discordavam da orientação dos cubanos que queriam exercer todo o controle e proeminência sobre os movimentos revolucionários brasileiros, diferentemente dos soviéticos e mesmo dos chineses, que se limitavam a dar apoio material aos movimentos revolucionários.

Seguindo as tentativas anteriores, Fidel Castro volta a jogar uma nova cartada política, adaptada às circunstâncias de um mundo pós-União Soviética, por meio do Foro de São Paulo, que reunia uma ampla gama de partidos de esquerda que incluía nacionalistas, socialistas e comunistas de

todos os matizes. De acordo com seu site oficial, o Foro de São Paulo é integrado por mais de cem partidos da América Latina e Caribe, tendo, pelo lado brasileiro, a participação dos seguintes: PDT (Partido Democrático Trabalhista); PC do B (Partido Comunista do Brasil); PCB (Partido Comunista Brasileiro); o antigo PPL (Partido Pátria Livre); PPS (Partido Popular Socialista); PSB (Partido Socialista Brasileiro) e o Partido dos Trabalhadores (PT).

Em entrevista concedida à jornalista Anna Beatriz Anjos, da revista *Foro*, quando perguntado se o objetivo do Foro de São Paulo era transformar o Brasil em um país comunista, Pomar negou completamente, atribuindo essa ideia aos setores conservadores e dizendo que o Foro de São Paulo abrigava grupos de diferentes correntes da esquerda e servia apenas de ambiente para que se encontrassem. “O problema destes grupos conservadores é que eles consideram ‘comunista’ tudo que diverge da posição deles”, disse Pomar.

Mas a questão não é se grupos conservadores consideram comunistas as entidades políticas que fazem parte do Foro; são elas que, em suas denominações, se dizem comunistas, senão vejamos os seguintes membros do Foro: Partido Comunista do Brasil (PC do B), Partido Comunista de Cuba, Partido Comunista do Chile, Partido Comunista da Bolívia, Partido Comunista da Venezuela, além de outros de nítida afiliação comunista como a Frente Sandinista de Libertação Nacional, as Farc – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, o colombiano ELN – Exército de Libertação Nacional, além do Partido da Revolução Democrática, do México. Ou eles são comunistas ou o termo “comunista” em seus nomes é apenas uma mentira, uma espécie de preito de gratidão à sua antiga matriz, a URSS, e a Cuba, sua filial latino-americana. Qual seria a razão para Pomar parecer temer que sua entidade seja identificada como comunista?

Foi o próprio Lula que, em discurso na 17ª Reunião do Foro de São Paulo, que ocorreu entre os dias 18 a 20 de maio, ressaltou o apoio do Partido Comunista de Cuba dizendo: “E de coração eu quero dizer pra vocês que uma das forças políticas que mais contribuiu para que nós chegássemos a construir o que nós construímos foram os companheiros do partido comunista cubano, que sempre tiveram paciência e experiência de nos ajudar.” É muito claro. Há mais de trinta anos Fidel tentava comunizar o continente por meio de revoluções armadas, mas, com sua experiência e paciência, acabou encontrando o momento, e as marionetes certas para executar seu famigerado projeto.

É de estranhar a posição de Pomar, que é graduado em História e cuja tese de mestrado foi "Comunistas do Brasil: interpretações sobre a cisão de 1962". Além de integrar a Direção Nacional do PT e lecionar Relações Internacionais na Universidade Federal do ABC, como secretário executivo do Foro de São Paulo, ele sabe que a entidade não serve apenas para um inocente encontro entre amigos. Na entrevista, ele lançou a pergunta: “Por que, então, existe essa obsessão da direita em relação ao Foro de São Paulo?”. Pode-se responder que é exatamente por isso: porque seus porta-vozes autorizados mentem, mentem e mentem; escondem fatos da sociedade e trabalham secretamente desde a criação daquela entidade. Além do mais, isso não é uma preocupação apenas da direita, mas de todo democrata que conhece os ardis e a falsidade que esses grupos utilizam para atingir seus objetivos pouco democráticos. Levanta-se, então, a questão: “O que então eles querem ocultar?”.

Muitas respostas podem ser encontradas nas atas do Foro de São Paulo, em que vamos descobrir que as Farc fizeram parte do Foro pelo menos até 2004, participando de suas reuniões, passando depois a comparecerem de forma sigilosa, um afastamento estratégico provavelmente para proteger Lula.

Muitos desses documentos relacionados foram retirados do site nos últimos anos, principalmente quando as atividades do Foro e suas relações com aquele grupo narcoguerrilheiro passaram a ser mais conhecidas e questionadas.

Lula já era presidente e poderia ser acusado de manter essa ligação, no mínimo amoral para um presidente que pregava democracia, a ética e a justiça. Por isso, ele não poderia mais ser visto ao lado de bandidos, sendo necessário ocultar suas ligações com esses seus apoiadores na campanha presidencial de 2002. Em outras palavras, Lula e seus comparsas do Foro de São Paulo sentavam lado a lado com sequestradores, assassinos e narcotraficantes, tudo em nome da solidariedade internacional que deve reinar entre os marxistas revolucionários. Depois de eleito, passou a defender a necessidade de um diálogo do governo colombiano com o grupo, o que acabou se realizando não por interferências externas, mas porque as Farc a cada dia ficavam mais enfraquecidas e não tinham mais condições de manter a luta armada contra o governo democrático da Colômbia.

Em 18 de agosto de 2010, o jornal *Estadão* ostentou a seguinte manchete: “As Farc nunca participaram do Foro de São Paulo, diz Valter Pomar”. A reportagem que se seguia, assinada por Marina Guimarães, informava que Valter Pomar havia negado qualquer vínculo do Foro de São Paulo com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. “As Farc não participam e nunca participaram do Foro de São Paulo”, disse Pomar, em entrevista a correspondentes brasileiros em Buenos Aires, onde se realizava o 16º encontro da organização. A reportagem insistiu na questão, perguntando a ele se nem em 1990, ano da criação do Foro, houve a participação de algum partido político ligado às Farc, ao que Pomar respondeu: “Eu estava lá. Não participou nem como um setor de partido”. Segundo a reportagem, Pomar afirmou que todos os representantes da Colômbia que participam das

reuniões do Foro pertenciam a organizações e partidos legais. Pomar mentia novamente!

Ele foi desmentido pelo falecido Hugo Chávez, que, discursando no encontro de 2008 daquela organização, foi claro ao dizer que havia encontrado Raúl Reys, um dos comandantes das Farc, na reunião do Foro realizado em 1995, na capital de El Salvador, San Salvador.^[57] No vídeo que se encontra disponível, Chávez diz que, quando saiu da prisão, em 1994, recebeu um convite para participar do Foro de São Paulo.^[58] Essa informação também foi dada pelo próprio Raúl Reys, que, em entrevista à *Folha de S. Paulo* de 27 de agosto de 2003, confirma esse encontro com Lula e com Chávez naquela reunião.

De acordo com a reportagem, Raúl Reys disse que manteve outros contatos com Lula, em diferentes locais, até ele se tornar presidente, o que não quer dizer que os contatos cessaram. Reys afirmou também que mantinha contatos com distintas forças políticas e movimentos sociais, destacando o PT, o Movimento dos Sem Terra, os sem-teto, estudantes, sindicalistas, intelectuais, sacerdotes, historiadores, jornalistas e intelectuais, destacando entre eles o sociólogo Emir Sader e Frei Betto, que tinha sido assessor especial de Lula. Graças a esses contatos, militantes petistas criaram em Ribeirão Preto um foro de apoio às Farc, enquanto criticavam a decisão do governo anterior de Fernando Henrique Cardoso, de não ter reconhecido diplomaticamente a guerrilha colombiana.

A profundidade dessas relações está registrada nos arquivos da Agência Brasileira de Inteligência, conforme denunciou a revista *Veja*, em sua edição de 16 de março de 2005, em que afirmou que as Farc teriam irrigado a campanha de 2002 de Lula e do PT com US\$ 5 milhões, conforme já abordamos. Mesmo assim, o PT, em diferentes notas oficiais sempre

desmentia qualquer ligação com aquela organização narcoguerrilheira, ao mesmo tempo em que se recusava a classificá-la como uma organização terrorista. Fica então a dúvida: por que Pomar e o PT mentiam em relação às Farc? O que queriam esconder?

Uma boa resposta nos é dada pelo filósofo, escritor e palestrante internacional Olavo de Carvalho, que, citando a frase do intelectual francês Rene Guenon, “O segredo é da natureza mesma do poder”, esclarece:

Uma das pessoas que entendeu muito bem essa máxima de Guenon de que o segredo é da natureza do poder foi António Gramsci, fundador do partido comunista italiano, quando ele diz que o objetivo da sua estratégia de revolução cultural era transformar o partido príncipe num ‘poder onnipresente e invisível de um imperativo categórico, de um mandamento divino’. Isso é interessante porque quanto mais invisível mais poderoso fica o esquema de poder porque você passa a não ter os símbolos do mesmo que o represente e dê a matriz de suas intelecções possíveis.

É seguindo esse imperativo de segredo que vêm operando o Foro de São Paulo.

Pomar ainda afirma que: “A direita raciocina em termos de Guerra Fria. O anticomunismo é um traço de caráter dela. O Foro é uma ameaça para estes setores, porque defendemos a integração regional e combatemos o neoliberalismo”, disse ele em sua entrevista. Sim, ser anticomunista é quase um dever para todo aquele que estuda a teoria e a prática dessa ideologia, para todo aquele que preza os direitos e as liberdades individuais de cada cidadão, e que vê na democracia o menos ruim de todos os sistemas que a sociedade moderna já experimentou. Denunciar os objetivos ocultos do Foro

de São Paulo também.

Parece que Pomar desconhece as declarações de vários presidentes de países sul-americanos que retornam ao velho discurso de eliminar por completo com o capitalismo e, com ele, a burguesia; de aplicar os princípios marxista-leninistas na gestão do Estado e da sociedade. Parece desconhecer que Cuba continua a ser um país comunista e que a Venezuela está quase que completamente destruída e comunizada.

Em discurso de dois de julho de 2005, em comemoração aos 15 anos do Foro de São Paulo, Lula destacou a profundidade das relações entre os membros do Foro, enfatizando que muitas questões referentes à situação política do continente eram discutidas reservadamente entre eles. Essa afirmação do então presidente da República motivou o ferrenho inimigo do Foro, Olavo de Carvalho, a escrever: “a confissão explícita de uma conspiração contra a soberania nacional, crime infinitamente mais grave do que todos os delitos de corrupção praticados e acobertados pelo atual governo; crime que, por si, justificaria não só o impeachment como também a prisão do seu autor”.

Em relação a esse tipo de queixa em relação ao Foro de São Paulo, o jornalista Reinaldo Azevedo publicou em seu blog, no dia 23 de fevereiro de 2017, a seguinte pérola:

O que estou afirmando, e isto é incontestado, é que existe uma organização na América Latina, chamada Foro de São Paulo, a que pertencem o PT e as FARC, que coonestam grupos e governos que optaram pelo terror, pela ditadura ou por ambos. O que essa gente faz é chantagear a democracia, cobrando muito caro por aquilo a que temos direito de graça. E isso se dá, como sempre, sob o silêncio cúmplice e

medroso dos democratas.

Existem setores da sociedade e nos quais eu me incluo, que tem o direito constitucional de serem anticomunista e creio que estamos corretos depois que tomamos conhecimento da extensão dos crimes praticados pelos comunistas em todo o mundo e do *modus operandi* dos comunistas baseado na mentira e no engodo. Mas, no caso do comunismo soviético, esses crimes não são denunciados somente por pesquisadores anticomunistas, mas também pelos próprios historiadores e políticos que viveram sob aquele regime e que hoje analisam milhões de documentos que foram mantidos secretos e afastados dos olhos da população, exatamente porque até eles mesmos reconhecem a gravidade dos crimes neles contidos.

Muitos historiadores admitem que estamos novamente vivendo uma nova Guerra Fria, conforme abordei em meu último livro *Putin – Um Espião no Poder*. É mais do que compreensível que os especialistas anticomunistas fiquem sempre atentos aos adeptos de um regime que camaleônica mente se disfarça e se utiliza dos mais diversos artifícios – um deles o de se apresentarem como inocentes socialistas – para ocultar seu objetivo sempre perseguido de implantar seu nefando regime em todo o mundo, ou pelo menos na América Latina, já que a Europa os conhece bem.

A face oculta da Besta

No Livro do Apocalipse, o último livro do Novo Testamento, existe uma passagem que se encaixa como uma luva à tentativa de Fidel e de Lula de recriarem na América Latina o modelo fracassado de socialismo real, o comunismo, que se pensava morto enterrado com o desmantelamento do império soviético no Leste Europeu. Diz o evangelista João naquele livro:

E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como dragão.

Também exercia toda a autoridade da primeira besta na sua presença; e fazia que a terra e os que nela habitavam adorassem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. (Apocalipse 13:11 e 12).

Já que as profecias podem ser adaptadas a diversos locais e em diferentes contextos, podemos comparar o que dizia o evangelista João ao contexto atual, analisando que o marxismo-leninismo ergueu-se inicialmente na União Soviética como um sistema quase religioso que prometia recriar o paraíso na Terra e criar um novo homem para nela habitar, e onde ele seria eternamente feliz. A besta é também identificada com o falso profeta, que prometeu o paraíso, mas criou o inferno, representado nos campos de trabalhos forçados para os dissidentes, as prisões arbitrárias, a falta de liberdade, o ateísmo, a falsidade, a mentira, enfim, tudo que é contrário à boa ética ou aos conceitos religiosos de bilhões de pessoas no mundo.

Aproveitando o que diz João no Apocalipse, a grande besta que se pensava morta e cuja ferida mortal fora curada – o comunismo – volta a se manifestar no mundo sob o disfarce de cordeiro sob os títulos de socialismo do século XXI, bolivarianismo, neocomunismo, sob os quais passaria a exercer toda a autoridade da primeira besta, e que pode ser representada pelo Foro de São Paulo.

Essa besta assemelhava-se a um cordeiro, mas falava como um dragão, ou seja, prometendo justiça social e igualdade entre os homens, mas essas promessas benévolas de um cordeiro escondia o pensamento da serpente, da besta, representado no autoritarismo, no orgulho, na intolerância ao que pensa diferente – veja-se a situação de Cuba e Venezuela – e na tentativa de dominar o mundo segundo sua visão e conceitos e ideologia. Ocultando sua verdadeira natureza, como hoje ainda se pretende fazer,

poderia mais facilmente dominar as mentes crédulas dos eleitores que lhes entregariam, nas urnas, a corda com a qual seriam enforcados.

Lembremo-nos de que tanto o PT, como outros partidos, tanto no Brasil como na América Latina, foram formados por revolucionários políticos marxista-leninistas oriundos de organizações que se valeram da luta armada para tentar estabelecer governos ditatoriais de esquerda, seguindo o modelo de Cuba e da União soviética, mas dizendo que lutaram pela democracia para derrubar a ditadura de direita dos governos militares. Ou seja, trabalhavam em consonância e em obediência aos ditames da primeira besta, que viria a ser ferida e depois recuperada.

Durante a campanha eleitoral de 2002, em entrevista ao *Jornal da Record*, o jornalista Boris Casoy perguntou ao então candidato Lula se era verdade uma notícia que circulava na imprensa, de que existiria uma aliança, uma espécie de eixo, ligando Hugo Chávez, Lula e Fidel Castro. Lula debochou de Boris e negou a existência dessa aliança, dizendo arrogantemente que essa informação era no mínimo uma piada de mau gosto e aconselhando o jornalista a não repetir isso na televisão.^[59] Como posteriormente foi descoberto, Lula mentia despudoradamente e ainda agredia um jornalista sério como Bóris Casoy.

Desde sua criação, o Foro de São Paulo procurou esconder suas ações do conhecimento público e, como é enfatizado por vários estudiosos, boa parte da mídia, comprometida com as esquerdas preferiu nada comentar sobre o assunto, daí o desconhecimento quase total da sociedade sobre essa entidade. Todos aqueles que procuraram denunciar a ameaça que efetivamente o Foro representava não encontraram nenhuma receptividade na mídia, que preferia desconstruir o acusador taxando a ideia como mais uma obra da teoria da conspiração.

Uma das primeiras pessoas a denunciar o Foro foi o advogado José Carlos Graça Wagner que, em setembro de 1997, acusou o Foro de São Paulo de ser uma organização internacional que visava dominar politicamente os países latino-americanos e que incluía partidos ilegais e grupos terroristas ligados ao tráfico internacional de drogas.

Depois dele foi a vez de um professor norte-americano chamado Constantine C. Menges, um ex-analista da CIA e ex-assessor para assuntos latino-americanos do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, que ao longo da Guerra fria combatia a influência do comunismo pelo mundo. Menges publicou no jornal no *The Washington Times*, de sete de agosto de 2002, um artigo intitulado "*Blocking the New Axis of Evil*" ("Bloqueando o Novo Eixo do Mal", em tradução livre do inglês), em que alertava que a ascensão de Lula no Brasil constituía uma séria ameaça à segurança do continente. [\[60\]](#)

Explicando o que seria essa ameaça, obviamente sob a ótica dos interesses de seu país, dizia Menges em seu artigo:

O resultado pode incluir um regime radical que restabeleça o programa de armas nucleares e o de mísseis balísticos e o incremento dos laços com os países que promovem o terrorismo, como Cuba, Iraque e Irã, e ainda podendo apoiar a desestabilização das frágeis democracias vizinhas. Isto poderia levar a que 300 milhões de pessoas em seis países se submetessem ao controle de regimes radicalmente antiamericanos e à possibilidade de doutrinação de milhares de novos terroristas que poderiam atacar os Estados Unidos a partir da América Latina.

As preocupações de Menges baseavam-se nas ligações de Lula com

Fidel Castro, que ele considerava ser um radical com extensos laços com o terrorismo internacional, e por serem ambos os criadores do Foro de São Paulo. Dizia ainda mais:

O senhor da Silva [Lula] não guarda segredos de suas simpatias. Ele tem sido aliado do senhor Castro por mais de 25 anos. Com a ajuda do senhor Castro, o senhor da Silva fundou o Foro de São Paulo em 1990, como um encontro anual de comunistas e outros terroristas radicais e organizações políticas da América Latina, Europa e Oriente Médio, o qual tem sido usado para coordenar e planejar atividades políticas e terroristas ao redor do mundo e contra os Estados Unidos.

Com exceção das referências às armas nucleares e mísseis, Menges não estava longe da verdade, pois o principal inimigo dos sócios daquela entidade é o sistema capitalista, e ele acreditava que um eventual governo de Lula representaria um retrocesso no caminho para a criação da ALCA, a Área de Livre Comércio das Américas^[61] e para a liberalização econômica no continente. Além disso, Lula e os demais membros do Foro culpavam os Estados Unidos e o neoliberalismo pelos principais problemas das áreas sociais e econômicas que o Brasil e a América Latina ainda enfrentavam. Menges também ressaltava as declarações de Lula segundo as quais a ALCA era um plano dos Estados Unidos para “anexar” o Brasil e que os financiadores internacionais que buscavam o pagamento de seus empréstimos de US\$ 250 bilhões eram “terroristas econômicos”.

Outra preocupação em relação a Lula dizia respeito ao apoio que ele prometia dar a Hugo Chávez, então presidente da Venezuela, em face do apoio que este vinha dando aos grupos narcoguerrilheiros da Colômbia e a

grupos antidemocráticos em outros países da América Latina. Por tudo isso, Menges considerava que a vitória de Lula significaria a criação de um verdadeiro "Eixo do Mal", unindo o Brasil à ditadura de Cuba e ao regime chavista da Venezuela. Analistas consideram proféticas as preocupações desse professor norte-americano, principalmente pela época em que foram feitas e pelo fato de que o futuro veio a confirmá-las, principalmente a inter-relação do Foro com as Farc, com os governos cubano e chavista.

Menges alertou os planejadores norte-americanos sugerindo as seguintes medidas que poderiam remediar essa situação:

Este desastre para a segurança nacional dos Estados Unidos e para o povo da América Latina deve e pode ser evitado se os elaboradores de nossas políticas agirem rápida e decisivamente, mas isto deve ser feito já. Uma oportuna atenção e ação políticas por parte dos Estados Unidos e outras democracias deveria incluir o encorajamento para os partidos políticos pró-democráticos do Brasil se unirem e apoiarem um líder honesto e capaz que represente as esperanças da maioria dos brasileiros por uma genuína democracia e que possua os recursos de montar uma campanha nacional efetiva.

Infelizmente o presidente do Brasil viria a ser Lula, amigo próximo e apoiador de Chávez, a quem ele também parecia idolatrar, depois de Fidel Castro, o padrinho de ambos.

À época, pouca repercussão teve essa denúncia, e a esquerda tratou, como sempre, de desqualificar o denunciante, acusando-o de ser um reacionário direitista e anticomunista norte-americano. A indiferença da imprensa brasileira, por seu turno, foi gritante, mesmo se admitindo que

àquela época pouco se conhecia sobre o Foro de São Paulo, mas o silêncio que ela manteve nos anos seguintes em relação a essa questão foi, no mínimo, conivente. Segundo o professor Thomas Risse-Kappen, professor de Relações Internacionais da Universidade Livre de Berlim, Menges representava toda uma geração do *establishment* de segurança nacional e sua percepção nada tinha a ver com os verdadeiros problemas contemporâneos de segurança. O desenvolvimento da situação política na Venezuela provou que o velho analista estava certíssimo.

Mas as maiores denúncias contra o Foro de São Paulo vieram do filósofo Olavo de Carvalho, um conservador radical que, hoje, reside nos Estados Unidos e que ataca permanentemente aquela entidade em seus artigos e vídeos. Anticomunista também radical, Olavo de Carvalho escreveu o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser idiota*, uma coletânea de artigos e ensaios organizados por Felipe Moura Brasil e que foram publicados em diversos veículos da imprensa brasileira entre 1997 e 2013, nos quais ele denunciava as estratégias das esquerdas comunistas para a tomada e manutenção no poder, e o perigo que elas representam para as democracias.

A grande oportunidade de mostrar que suas denúncias eram procedentes foi dada pelo próprio Lula, no discurso que realizou em dois de julho de 2005, por ocasião da celebração dos 15 anos do Foro de São Paulo, ao qual já nos referimos. Nele, Lula reconhecia a importância do Foro para que realizassem uma ação conjunta das lideranças daquela entidade, o que permitiu, por exemplo, “a consolidação do que aconteceu na Venezuela”, disse ele.

Para Olavo de Carvalho:

Nunca um presidente eleito de qualquer país civilizado mostrou um desprezo tão completo à Constituição, às leis,

às instituições e ao eleitorado inteiro, ao mesmo tempo em que concedia toda confiança e toda a autoridade a uma assembleia clandestina repleta de criminosos, para que decidisse, longe dos olhos do povo, os destinos da nação e suas relações com os vizinhos.

Outro grande êxito do Foro foi ter conseguido estruturar, em todo o continente, uma rede de organizações não governamentais (ONGs) nacionais e internacionais que lhe dá apoio. Dessa forma, os membros da entidade podem contar com uma fabulosa rede com milhares de organizações que defendem os mais diversos temas que incluem feministas, ambientalistas, direitos humanos, homossexuais, indigenistas e ativistas de todo tipo. Dado o seu poder de mobilização, essas organizações conseguem grande visibilidade e contam com o concurso dos meios de comunicação, fazendo ecoar, muito longe e de forma disfarçada, os objetivos do Foro.

O jornalista Ricardo Puentes Melo, membro do Centro de Pensamento Primero Colombia e diretor do portal "Periodismo Sin Fronteras", publicou um interessante artigo intitulado “Foro de São Paulo, pacto para implementação do comunismo na América Latina”, em que faz um diagnóstico perfeito da situação na região depois do surgimento do Foro. Diz aquele jornalista:

Tudo isto consegue importante apoio popular, uma vez que o castro-comunismo tem um controle muito mais importante que todos os mencionados, um controle cuja existência poucos reconhecem: a ideologia. O castro-comunismo encontra-se por toda nossa América Latina, infiltrado em universidades, colégios, grêmios de artistas e intelectuais, academias. Dali controlaram a ideologia que guia todos os

seus fins perversos, implantam as premissas filosóficas do indigenismo, da etnicidade, com a ideia torcida de que o homem é definido por sua raça, por sua linha sanguínea, em vez de sê-lo pela capacidade de raciocinar. A etnicidade e o indigenismo foram utilizados para fragmentar as nações onde quer que tenham a má sorte de ter membros do Foro de São Paulo, quer dizer, toda a América Latina.

Melo não poderia descrever melhor a situação.

Oficialmente, o Foro de São Paulo tem sete partidos brasileiros inscritos, mas depois que a sua face negra passou a ser mais conhecida, muitos deles passaram a dizer que não mais enviam representantes para seus encontros. O deputado Júlio Delgado, do PSB-MG, reconhece que “O regime de Maduro é uma loucura. A Constituinte que ele convocou é uma tentativa de Estado totalitário”, afirmou ele. Já o presidente do PPS informou que participou do Foro de São Paulo logo no seu início, mas se afastou. “Era uma reunião na qual existiam partidos que tinham uma visão democrática bem acentuada, tal como nós. Imaginava-se que aquilo iria ser uma organização pluralista. No momento em que passou a ser um instrumento de concepções antidemocráticas e totalitárias que resultaram nessa ditadura venezuelana, o partido se afastou”, fulminou o ex-secretário-geral do antigo PCB.

Mas o importante é conhecer a face oculta dessa nova besta, que alguns chamam de *neocomunismo* ou *socialismo do século XXI*. Esse experimento, arquitetado por Fidel Castro e pelos ideólogos do PT – já que Lula não tem inteligência nem capacidade intelectual para debater questões mais profundas –, estava projetado para ser desenvolvido em três etapas: a primeira estava baseada na criação de um governo populista, de inspiração marxista; a segunda etapa implicava na consolidação desse governo

populistas e na implantação de uma série de medidas que pavimentassem o caminho para o advento da terceira etapa, ou seja, a implantação efetiva do socialismo do século XXI, o que em nada discrepa das etapas preconizadas por Marx para a implantação da sociedade comunista.

Capítulo 2

Gênese de um movimento totalitário

O conceito de “banalidade do mal” desenvolvido pela filósofa, política e escritora alemã Hannah Arendt, no desenvolvimento do seu pensamento sobre sistemas totalitários, mostra que neles não existe o espaço para a contestação; é uma completa aversão àquilo que nos torna indivíduos e senhores dos nossos destinos – a pluralidade de ideias. Nesse sentido, devemos cuidar para que o Estado não se torne forte demais a ponto de retirar dos cidadãos a possibilidade de fazer suas escolhas individuais, pois o confisco da liberdade do cidadão é uma das práticas mais usuais dos sistemas totalitários.

O escritor e filósofo Denis Rosenfield, já citado, diz que o movimento totalitário consiste no processo de desestruturação do Estado e da democracia, seguindo, inicialmente, as regras estatais e democráticas, porém deturpando-as e as obedecendo nos seus limites, quando não além deles. Esse processo, segundo Denis, escalona-se em um amplo espaço de tempo e pode ser chamado de "revolucionário", se utilizarmos os vocabulários marxista e comunista em suas diferentes versões. O Estado totalitário seria o resultado desse processo, sob a forma da pura dominação violenta, escancarando o que antes se ocultava, com a abolição subsequente da democracia, das liberdades e do Estado de Direito.

Preocupado com o que ele chamou de *processo esquerdista em curso* no Rio Grande do Sul, e que poderia ser transposto para todo o país, ele alertava para as consequências que isso traria para o país: o enfraquecimento das instituições democráticas e o aparelhamento partidário e ideológico do Estado. Um dos traços de que um "movimento totalitário" estava em curso

eram os processos reiterados a jornalistas e intelectuais, como forma de calar as vozes discordantes. Citava também que o Fórum Social Mundial tem parcialmente se caracterizado por repetir a experiência das Internacionais Comunistas, advogando pela supressão do "capitalismo", da ALCA e do FMI, criando uma identificação negativa, a do inimigo comum, corporificado pelos Estados Unidos.

Denis questiona o uso da mentira como forma de dominação, citando o caso dos intelectuais que compactuaram com os crimes do stalinismo, ocultando a existência dos Gulags e considerando que toda crítica era produto da propaganda imperialista. Indaga ele se “não estaríamos presenciando um tipo de conivência com as práticas petistas, em que as incoerências doutrinárias são atribuídas a uma ‘boa intenção’, em que são escondidas práticas ‘revolucionárias’, em que o discurso de hoje não guarda relação com o de ontem?”.

O grande apelo e ao qual ninguém resiste é o da justiça social, daí ele ser sempre sequestrado pelas esquerdas como um bem que só a ela pertence. O PT a tem utilizado sempre e quem é contra o partido é visto como sendo também contrário à justiça social. Nada agrada mais aos ouvidos das pessoas mais simples e até mesmo de pessoas com alta educação como o discurso de defesa dos pobres e oprimidos, por mais que o custo disso venha a ser a cabeças dos pobres crentes em milagres e promessas vãs, como sempre tem acontecido nas revoluções libertárias.

Seguindo essa mesma linha crítica, dizia o jornalista e sociólogo José Maria e Silva, em *Comunismo versus Nazismo – O Charlatanismo de Esquerda*: “o Comunismo é mais perverso do que o nazismo porque ele não pede ao homem que atue conscientemente como um criminoso, mas, ao contrário, se serve do espírito de justiça e de bondade que se espalhou por

toda a terra, para difundir, em toda a terra, o mal”.

A história nos mostra que nenhuma revolução no mundo conseguiu eliminar a injustiça social – muitas vezes até a agravando, mas muitos preferem ouvir a mentira, concordando com ela consciente ou inconscientemente. Por essa razão, ela é repetida à exaustão pelas esquerdas, acabando por convencer o povo de que a mentira é uma grande verdade e até mesmo passando a defendê-la. Aliás, as esquerdas conhecem e usam bastante o ditado que diz que “uma mentira repetida várias vezes acaba se tornando uma grande verdade”. Portanto mentem, mentem e mentem, prostituindo suas consciências enegrecidas, mas sem perder o ar de “senhores das virtudes” e defensores dos pobres, humildes e oprimidos.

Enquanto esses fanáticos ideológicos pousam como defensores dos fracos e dos oprimidos, ao mesmo tempo apontam suas baterias contra qualquer um que deles discordar, tratando-os como inimigo e não como adversário político, passando a impiedosamente acusá-los de tudo aquilo que eles mesmos ocultamente fazem. Repetem à exaustão os termos *moral* e *ética*, enquanto em suas “tenebrosas transações” – para lembrar Chico Buarque de Holanda – realizam a corrupção em alto grau. Para esse mister contam com uma ampla rede de colaboradores nos meios intelectuais, universitários, sindicais, na mídia e em vários outros segmentos da sociedade, como veremos.

A intelectualidade utopista

A Revolução Francesa e as obras do filósofo e escritor Jean-Jacques Rousseau exerceram uma considerável influência nos meios intelectuais e acadêmicos da Europa do fim do século XIX e início de século XX, influenciando fortemente o pensamento socialista que despontava no continente europeu àquela época. Na obra de Rousseau vamos identificar a

origem da ideia de que todo homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Nela identificamos a predisposição atávica dos intelectuais de estarem ao lado de tudo aquilo que consideram favorável aos pobres e oprimidos da sociedade, por mais que isso possa depois lhe custar a liberdade e literalmente a vida. Existe também uma outra categoria, mais numerosa e mais fácil de manipular e que o líder comunista Vladimir Lenin chamava de “idiotas úteis”.

Em outra parte deste livro, abordei a falta de honestidade moral de muitos intelectuais, com raras exceções, que mesmo conhecendo os crimes e abusos do regime comunista, tanto na União Soviética como no resto do mundo, insistem em defendê-lo ou, no mínimo, calar, em relação às suas mazelas. No Brasil, artistas como Chico Buarque e Caetano Veloso condenavam a ditadura militar brasileira, mas cantavam em versos e prosas a ditadura de Cuba.

Caetano Veloso escreveu uma música em homenagem a Carlos Marighella intitulada “Um Comunista”, em que o revolucionário comunista é retratado quase como um anjo descido do céu, mesmo que tenha preconizado o crime e a violência como na seguinte frase: “Hoje, ser ‘violento’ ou um ‘terrorista’ é uma qualidade que enobrece qualquer pessoa honrada, porque é um ato digno de um revolucionário engajado na luta armada contra a vergonhosa ditadura militar e suas atrocidades”.

Chico Buarque, na inesquecível música “Vai Passar”, ataca o regime militar, mas parece ter profetizado o regime que hoje ele apoia e do qual é um dos arautos, mesmo depois de toda a podridão da corrupção revelada, quando diz: “Num tempo, Página infeliz da nossa história, Passagem desbotada na memória, Das nossas novas gerações. Dormia, a nossa pátria-mãe tão distraída, sem perceber que era subtraída, em tenebrosas transações.” Chico

não poderia ter descrito melhor o que se passava nas negociatas do Mensalão e do Petrolão, e do Foro de São Paulo. Mas continua a ser um petista-socialista.

Vladimir Vladimirovitch Maiakovski, também chamado de "o poeta da Revolução", foi um poeta e teórico russo, frequentemente citado como um dos maiores poetas do século XX, que dedicou sua vida a pintar cartazes e fazer poemas de louvor e exaltação ao regime comunista que se instalara na antiga Rússia. Suicidou-se, e alguns de seus críticos dizem que foi de desgosto com os rumos que o comunismo tomou, mas que não teve coragem de confessar publicamente. Como outros poetas e escritores, pode ter sido ingênuo ao achar que sua poesia poderia arrefecer o ímpeto ditatorial do regime ou tornar o operariado mais feliz, até ser engolido pelo sistema que ajudara a criar.

Em Cuba, temos o excelente músico e letrista Pablo Milanés, um dos maiores compositores cubanos e parceiro de Chico Buarque de Holanda, que era um dos maiores defensores da revolução comunista de Fidel Castro, mas que atualmente passou a repudiá-la, de acordo com entrevista publicada no jornal *El País*, de 14 de fevereiro de 2015. Segundo o jornal, o poeta confessou sua frustração com o regime “por dirigentes que prometeram um amanhã melhor, com felicidade, com liberdades e com uma prosperidade que nunca chegou, em 50 anos”. Diferentemente de seu colega brasileiro, Milanés é definitivo: “Cuba forma parte do fracasso do socialismo real.” Ou, seja dito de outra forma: o socialismo caribenho não era diferente do falecido comunismo da União Soviética e seus satélites.

Em outra entrevista, publicada no jornal *O Globo*, de três de novembro de 2011, Pablo criticou, em carta aberta, a autocensura na imprensa cubana e o silêncio de intelectuais na ilha. Milanés, que era um dos

maiores defensores do regime, disse ainda que não tem qualquer "laço de sangue" com o regime de Raúl Castro. Um caso raro de intelectual que se posiciona claramente contra o engodo da tão apregoada revolução socialista de Fidel Castro. Em vez de se suicidar, preferiu denunciar.

O certo é que é no meio dos intelectuais – ou intelectóides – e artistas que a esquerda costuma recrutar seus admiradores e defensores, porque sabem que todos eles gostam de posar de bons moços e de estar do lado das boas causas, mesmo que elas sejam falsas ou mentirosas, gastas e falsificadas; é só acompanhar as asneiras ditas por muitos artistas e intelectóides pelas redes sociais. Como alegam defender a liberdade do ser humano e a dignidade dos pobres e oprimidos, os intelectuais prestam-se ao triste papel de defender e exaltar regimes que matam, prendem e torturam dissidentes, ou então os internam em hospitais psiquiátricos – como se fazia na União Soviética –, pois alguém que duvida que o regime é o máximo da concepção humana e que seus dirigentes são infalíveis – algo semelhante à bizarrice criada pela Igreja sobre a infabilidade do papa - só pode estar maluco.

Os idiotas úteis

Os comunistas cunharam o termo “idiota útil” para designar aquelas pessoas do Ocidente, cheias de boa vontade, porém vazias de conhecimento sobre as cínicas estratégias do marxismo-leninismo para chegar ao poder, mas que poderiam colaborar consciente ou inconscientemente em proveito dos objetivos dos soviéticos. Esse termo origina-se no início da Revolução Russa, quando Lenin buscava desesperadamente apoio interno e externo para manter a sua revolução, e para isso se valeu de um grupo seletivo de propagandistas que visavam à agitação e à doutrinação segundo o pensamento comunista.

A partir da Terceira Internacional, realizada em março de 1919, a necessidade da utilização dos idiotas úteis aumentou, já que o líder bolchevique desejava alcançar a hegemonia política mundial, e para isso ele precisava do apoio de todos os partidos comunistas do mundo para disseminar suas ideias. O historiador russo Dmitri Volkogonov cita, em sua obra *Lenin: Vida e Legado*, que esse grupo de propagandistas, orgânicos ou não, havia se tornado a mais poderosa ferramenta do Partido Comunista da Rússia para a sua propaganda internacional.

Entre esses propagandistas gratuitos, figuravam, com destaque, os idiotas úteis. Uma variante desse termo foi cunhada pelo economista austríaco Ludwig Heinrich Edler von Mises, um crítico do modelo comunista, que em sua obra *Caos Planejado*, de 1947, chamava de “inocentes úteis” aos economistas liberais que se deixavam influenciar pelas propostas comunistas quase que inconscientemente.

O jornalista Roberto Barricelli definia o idiota útil como “o militante manipulado dos esquerdistas, que age de acordo com uma cartilha baseada em ideologias coletivistas incoerentes e impraticáveis”. Ele elaborou uma metodologia para tratar com esses tipos, pois a maneira de agir do idiota útil é “orquestrada”. Destaco, de sua cartilha, os seguintes pontos:

- O idiota útil utilizará o que acredita serem argumentos irrefutáveis, baseados no emocional, e que são a base de tudo que ele acredita. Portanto, deve-se estudar muito a sua ideologia e a dele, pois o idiota útil tem a capacidade de criticar tudo aquilo que ele não estudou e defender o que não entendeu, mas gostou;
- O idiota útil, quando atacado, tentará ganhar “no grito” e repetirá chavões e frases até cansar, cabendo ao interlocutor desconstruir essas frases;

- Ele deverá acusá-lo de ser aquilo que ele mesmo é. Nesse caso, mostre-lhe que o nazismo, o fascismo e o racismo são característicos da esquerda, demonstrando os semelhantes tipos de governo e ações;
- O idiota útil vai se enfurecendo devido à desconstrução lógica e clara que você fez do mundinho perfeito e utópico em que ele acredita. E, nesse caso, partirá para o contra-ataque, criticando a pessoa com a qual debate e não os argumentos dela, tentando abalá-lo. Nesse caso, mostre-lhe que ele critica o que não conhece e aproveite para lhe explicar a sua ideologia, refutando-o com argumentos e exemplos.
- Por fim, ele desistirá, mas não sem dizer que “não é possível manter um debate com alguém que mente, calunia e blá-blá-blá”, ao que você responderá que foi ele, o idiota, quem buscou esse caminho, dizendo-lhe que “mentir é desonestidade intelectual (esse termo enraivece o idiota útil, pois ele sabe que é verdade e nenhum deles gosta da verdade)”, e o idiota útil tem necessidade de enganar a si mesmo o tempo todo, buscando, sem parar, a aprovação dos outros, ensina Baricelli.

Esse jornalista é muito otimista, pois é uma coisa muito difícil, mesmo para padres e pastores, conseguir manter por muito tempo uma conversa de um modo civilizado e inteligente com esse tipo de militante. Se alguém conseguir chegar até a fase final por ele preconizada, parabéns.

O governo populista

O governo populista exige a implementação de medidas que possam criar e manter um eleitorado dependente e que funcione como uma reserva de votos cativos, mais ou menos igual ao conhecido “voto de cabresto”, apenas adaptado às novas realidades. Assim, devem ser criadas, ou aumentadas, as medidas de protecionismo voltadas para a classe mais pobre da população, como é o caso do bolsa-família; paralelamente a isso, devem ser aumentados

os números de cargos públicos para aparelhamento do pessoal do partido, o que garante votos do militante e de seus familiares.

Outra medida que tem grande apelo de votos é o aumento frequente dos salários, que arrebenta a economia, aumenta a inflação e aumenta o número de dependentes do governo, o que também significa aumento de votos. Para a classe trabalhadora, essas medidas são o sonho de consumo, mas, como as leis da economia são inflexíveis, a realidade não tarda a aparecer.

O coitadismo

Essa visão política tem gerado o chamado “coitadismo” [\[62\]](#), um conceito bastante difundido principalmente nos movimentos sociais e segundo o qual todos aqueles que não conseguem realizar a sua ascensão social são transformados em pobres vítimas inocentes do sistema capitalista explorador e da burguesia insensível, daí a necessidade do regime de cotas, em relação aos negros, e um pretense resgate de uma suposta dívida histórica para com eles, o que acaba por dar uma justificativa a todas as vitimizações, inclusive uma desculpa para alguns crimes.

Nesse caso, nunca se questiona a vontade e o esforço do “coitadinho” em trabalhar por sua superação, nem o caráter da suposta vítima; toda a culpa é do sistema, e, portanto, ele deve criar políticas de bem-estar social para ampará-las. Não interessa se o pretense coitadinho é um aproveitador e mau-caráter avesso ao trabalho; quanto mais benefícios puder ter, e pelo mais longo tempo, melhor.

Muitos desses coitados nunca fizeram esforço para superar suas dificuldades, admitindo serem sustentados pela família. Em muitos casos, funcionam como idiotas úteis e mimados que, não reconhecendo sua

acomodação, preferem jogar todas as suas frustrações – e preguiça – nas costas do Estado e do sistema capitalista, sem ao menos perceber que o capitalismo não pode explorar quem não trabalha e quase nada consome. O personagem “Jovem”, criado pelo humorista Chico Anísio, representa bem esse tipo hipócrita e dissimulado que diz defender os pobres e advogar por revoluções salvadoras, mas que não sabem dirigir nem suas próprias vidas.

Em vez de se empenhar em fazer com que a economia crie vagas e trabalho dignos, manda o figurino das esquerdas desenvolver nas pessoas o sentimento de revolta contra o sistema, culpando o capitalismo por todas as suas mazelas e incentivando o parasitismo social, a voracidade pelos benefícios sociais e por mais direitos, sem que tenha que obedecer a nenhum dever. Dessa forma, o ódio contra a sociedade e a inveja contra os que construíram algum patrimônio acabam transformando-se em votos para esses que promovem essa inversão de valores.

O historiador Walter Scheidel, da Universidade de Stanford, em seu livro *The Great Leveler: Violence and the History of Inequality from the Stone Age to the Twenty-First Century* (O Grande Nivelador: Violência e a história da Desigualdade da Idade da Pedra ao Século XXI, em tradução livre do inglês) apresenta estudos que lhe permitem afirmar que a diferença de renda entre ricos e pobres através dos tempos só diminui em caso de acontecimentos desastrosos. O mundo só experimentou momentos de grande redução da desigualdade em períodos de terror, grandes guerras, revoluções totalitárias, pragas e desastres naturais, enfim, eventos ultraviolentos e socialmente invasivos que levaram a sociedade a um nível de destruição que permitiu um “recomeço do zero”.

Em entrevista nas páginas amarelas da revista *Veja*, edição 2.565, de 17 de janeiro de 2018, Scheidel vai de encontro àqueles que defendem a ideia

de que somente as políticas públicas seriam a solução para reduzir essa distância, dizendo que elas podem dar mais conforto à população, mas tendem a ser pouco eficazes no objetivo de diminuir diferenças de renda. Para ele, por mais que o mundo venha experimentando uma grande evolução, os grandes vetores para diminuir as desigualdades nunca foram o desenvolvimento econômico e as revoluções tecnológicas. Segundo ele, o desenvolvimento econômico gera riqueza, emprego e consumo, mas isso não quer dizer que vai reduzir as desigualdades.

Em relação a programas como o Bolsa-Família, Scheidel é de opinião que, por se tratar de um programa que age diretamente na renda, ele é positivo no início, mas a dificuldade é a sua manutenção, principalmente em momentos de crise, em que esse dinheiro é escasso. Analisando o cenário atual, o autor afirma que, atualmente, o pensamento da esquerda mudou e ninguém quer uma revolução comunista que confisque as riquezas dos cidadãos. Já pelo lado da direita, na hipótese da ocorrência de um movimento autoritário, dificilmente haveria um caráter distributivo. Ressalta ele, no entanto, que, apesar de desejáveis, as políticas de transferência de rendas que sejam sustentáveis e melhorem a vida das pessoas sempre serão desejáveis, porém a história mostra que não são suficientes para reduzir a distância entre ricos e pobres.

O grande problema para ele é que a desigualdade preocupa porque é considerada uma ameaça ao avanço da democracia. Cita como exemplo a crise financeira de 2008, nos Estados Unidos, que trouxe repercussões políticas e psicológicas à sociedade, criando frustrações nas camadas que sofreram mais com os efeitos da crise. Esses sentimentos podem ser explorados e propiciar o surgimento de líderes populistas, o que é mau para a democracia. O problema para os governos é saber qual é o limite aceitável para essa desigualdade.

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, também se manifestou a respeito das medidas protecionistas que vêm sendo aplicadas pelos últimos governos. Em palestra no centro de estudos *Brazil Institute*, em Washington, Maia afirmou que o Bolsa-Família “escraviza as pessoas” e criticou as políticas sociais dos governos petistas de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. “Criar um programa para escravizar as pessoas não é um bom programa social. O programa bom é onde você inclui a pessoa e dá condições para que ela volte à sociedade e possa, com suas próprias pernas, conseguir um emprego”, disse Maia, segundo noticiou o jornal *Folha de São Paulo* de 17 de janeiro de 2018. Para o deputado, o Bolsa-Família gera “dependência” e “atrela as pessoas ao Estado” ao não oferecer uma porta de saída – ou seja, um emprego ou uma possibilidade de estudo.

O coitadismo e os coitadinhos pululam na sociedade, amparados por discursos populistas e irresponsáveis que somente sabem acusar os governos e nunca se preocupam em analisar a disposição de cada um e o esforço pessoal para atingir o sucesso. Na verdade, muitas pessoas que se queixam de serem vítimas da sociedade e de não terem tido oportunidade na vida apenas buscam mascarar a preguiça e a falta de coragem para enfrentar as adversidades e superá-las. Outras, na mesma situação, movidos pela força de vontade e a coragem para enfrentar desafios, superam todas as adversidades e desenvolvem a solidariedade e o idealismo positivo, exteriorizando suas qualidades intelecto-morais.

Segundo Benjamin Teixeira de Aguiar, existem três tipos psicológicos de pessoas que se veem ou se declaram inferiores: no primeiro grupo estão: “[...] aquelas que apenas parecem humildes, mas que alardeiam limitações pessoais com o intuito de mascarar a preguiça, a covardia e a irresponsabilidade que as governam, afastando-as do espírito de serviço e de compromisso com deveres assinalados por suas consciências. São caracteres

defeituosos e prenhes de vícios morais, cegos pelas ilusões do sentimento de vítima e da presunção, egoísmo e narcisismo a que se acolhem”.

No segundo grupo, encontram-se os indivíduos que sofrem com a percepção lúcida da condição humana de falibilidade inexorável, mas que, dentro de suas possibilidades psicológicas, empenham-se, sincera e sistematicamente, em oferecer o melhor de si ao mundo. “São personalidades mais amadurecidas, que se enxergam com mais senso de justiça e integridade, menos enganadas pelas idealizações malévolas e infelicitantes do ego.” Finalmente, existem as raras criaturas cuja aguda perspicácia moral, a despeito de seu avançadíssimo estágio de desenvolvimento, as faz sofrer com complexas e profundas exigências ético-morais em relação a si próprias.

Benjamin alerta para o cuidado que se deve ter com o cinismo comodista que tudo relativiza, com apelo a argumentos pseudointeligentes, criando justificativas para a indesculpável fuga do esforço pessoal urgente, permanente e intransferível de escolher a sintonia com o bem, ou você acabará se tornando, inapelavelmente, um brinquedo usado e abusado pelas potestades do mal. Muitos desses aliam-se àqueles que buscam unicamente o poder e que, para isso, utilizam-se dessas pessoas em um perfeito casamento de interesses.

Lula dava um bom exemplo do que pensava em relação a retirar os pobres da miséria quando afirmou, em 14 de julho de 2009, durante a inauguração de obras de urbanização da orla das praias de Ponta Verde e Jatiúca, em Maceió (AL): “Não tem coisa mais fácil do que cuidar de pobre, no Brasil. Com R\$ 10, o pobre se contenta. Rico, não. Por mais que você libere, quer sempre mais, nunca se conforma”, disse ele. A simplificação de seu raciocínio é desconcertante, mas ninguém criticou essa sandice.

Mas o que importa analisar é que esses ditos progressistas, alinhados

com o pensamento de esquerda e que dizem lutar pela erradicação da pobreza, pela justiça, pela igualdade entre todos os seres humanos, viram em Hugo Chávez o perfeito executor desses sonhos, mas, como não se pode fazer nada sem bases econômicas factuais e duradouras, seu substituto hoje está matando sua população de fome ou de bala, contra aqueles que querem ter o direito de protestar. As promessas de uma Venezuela próspera e para todos foi substituída pela ditadura de Nicolás Maduro, que mergulhou aquele país, outrora rico e um dos mais avançados do continente, na mais profunda crise política, econômica, social e humanitária dos últimos tempos.

Controle dos meios de comunicação

Uma ideia obsessiva que frequentemente aparece nos documentos, nos discursos e em muitas ações do PT diz respeito ao controle dos meios de comunicação. Eles acreditam que não haverá mudança social profunda no Brasil se isso não for acompanhado por uma profunda mudança cultural na maioria da população, e, nesse sentido, para que tornem hegemônicos seus valores socialistas, devem realizar uma mudança estrutural no terreno da cultura, da educação e da comunicação, ou seja, o controle social por meio dos meios de comunicação, conforme recomendava o ídolo comunista das esquerdas Antonio Gramsci.

Segundo esse discurso, a democratização das comunicações favorece a produção e veiculação livre de conteúdos independentes, mas foi exatamente o contrário que vimos acontecer na União Soviética e seus homólogos do Leste Europeu, na Alemanha nazista, em Cuba, na Venezuela, e na Rússia de Putin, onde foram criadas verdadeiras máquinas de propaganda encarregadas da manipulação de notícias, de mentir e falsear a verdade, de acordo com os interesses dos ditadores de plantão. A isso eles chamam de “mídia democrática”, como apregoa Lula e seus companheiros.

Por mais vícios e defesa de interesses que tenham a grande mídia capitalista ainda permite que se respire um pouco de liberdade de expressão, diferentemente da censura imposta pelos governos comunistas ou protocomunistas, como o da Venezuela. Jornalistas independentes como Reinaldo Azevedo denunciam que muitas redações estão quase que completamente preenchidas por esquerdistas de várias correntes. Falando sobre as ameaças às liberdades de imprensa em um encontro sobre jornalismo independente, ele fez um excelente diagnóstico das tentativas do PT para eliminar essa liberdade.^[63]

O conhecido jornalista Boris Casoy, que comandou o jornal da TV Record, no qual fazia uma cobertura severa do escândalo do Mensalão, em entrevista para o *Portal Imprensa*, revelou que o PT havia pressionado fortemente a direção daquela rede de televisão para que ele fosse demitido, inclusive ameaçando cortar a verba publicitária do canal. Embora aquele jornalista dissesse que procurava apenas transmitir com total isenção as informações sobre os grandes escândalos de corrupção que envolviam o PT e que estavam sendo descobertos, as pressões continuaram até que ele saísse da emissora.

Tal tipo de conduta por parte de autoridades do Estado deixou claro que todos aqueles que discordassem ou criticassem a linha oficial do governo tornavam-se dele inimigo e deveriam ser afastados, enquanto os amigos fiéis eram premiados. Casoy aponta a Rede Globo como um caso de amigo fiel, citando que Lula, na noite em que ganhou as eleições presidenciais, disse: "Bom, eu preciso sair porque estão me esperando num outro compromisso", e ele saiu pra dar entrevista na Globo, sentando à mesa do *Jornal Nacional*. "Isso é um problema dele, virtude da Globo e incompetência nossa", disse o prestigiado jornalista.

Esse é um exemplo de como o controle dos meios de comunicação deverá ser implementado através da publicidade oficial dirigida apenas aos meios de comunicação simpáticos à causa do governo ou que pelo menos não crie obstáculos à execução dessas políticas, domesticando a imprensa, amedrontando-a ou mesmo forçando as empresas consideradas inimigas a vendê-las por meio do poder da máquina do Estado. Essa medida está em plena execução na Rússia e na Venezuela principalmente, e nesta última a situação parece ser bem mais grave. Também implica cooptar os artistas, que sempre gostam de bancar os campeões das causas sociais e que por isso são facilmente manipuláveis pelo poder, muito mais se este for de esquerda.

O governo Lula tentou criar uma lei para que o governo tivesse outro tipo de controle sobre a imprensa livre. Em agosto de 2004, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez algo inédito em tempos de democracia: encaminhou ao Congresso um projeto de lei que previa a criação do Conselho Federal de Jornalismo (CFJ) que teria poderes para "orientar, disciplinar e fiscalizar" o exercício da profissão e a atividade de jornalismo, inclusive com poderes de punir jornalistas. Outra função do CFJ seria a de "zelar pela fiel observância dos princípios de ética e disciplina da classe".

A polêmica proposta sofreu de imediato uma enxurrada de críticas partidas dos mais diferentes setores da sociedade, que viram no projeto a ameaça de controle da imprensa, uma atividade em que a liberdade de expressão é a base. Além disso, a proposta surgiu em um momento de dificuldades de relacionamento entre a imprensa e o governo Lula, que se queixava muito das críticas que recebia, como se a única função da mídia fosse cantar loas a seu governo. Nesse projeto, ficava evidente uma clara tentativa de estabelecer um controle sobre a mídia e sobre os jornalistas independentes, por meio do chamado Conselho Federal dos Jornalistas.

A proposta foi considerada autoritária pelos jornalistas independentes que protestaram contra ela enfaticamente, criticando o fato de que, muitos jornalistas que a apoiaram – e que iriam trabalhar no órgão fiscalizador – eram membros ou simpatizantes do PT ou do PC do B. Além disso, a Constituição, no capítulo dedicado à Comunicação Social, proíbe qualquer restrição “à manifestação do pensamento, à criação, à expressão e à informação, sob qualquer forma, processo ou veículo”. Também veda a Lei Maior a existência de “qualquer dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística”.

Setores democráticos entenderam que o projeto fazia parte de um conjunto de atos e providências que compunham uma política governamental ostensivamente totalitária. O jornal *O Estado de São Paulo*, em editorial publicado em 15 de agosto de 2004, comentou essa ofensiva contra a democracia dizendo:

Já não pode subsistir a menor dúvida de que o governo Lula está decidido a submeter a sociedade ao controle arbitrário do Estado, reduzindo a democracia a um cenário de cartolina atrás do qual o PT fará o que julgar necessário, sem contestação efetiva, para se manter no poder até onde a vista alcança.

Como se o Brasil fosse um país de idiotas, incapazes de perceber o encadeamento sinistro das ações do Planalto, os arquitetos da destruição do regime de liberdades tratam de aplastar com o maior descaramento as franquias constitucionais asseguradas aos brasileiros – entre elas o direito à privacidade e o direito à informação.

Enquanto a sociedade não se mobiliza para detê-lo através

do Congresso e do Judiciário, nada parece inibir esse avanço, minuciosamente planejado, rumo ao domínio sobre setores cada vez mais amplos da sociedade, para instituir uma versão mal disfarçada dos regimes centralizadores em que a vontade do governo na prática prevalece sobre a lei.

Com todas essas críticas, que alertaram a sociedade para o perigo de um retorno à censura da imprensa semelhante aos tempos de Stalin ou como faz Putin hoje na Rússia, ou com a censura do período militar, o projeto foi abortado, mas não encerrado completamente.

Em seus discursos visando às eleições presidenciais de 2018, Lula e vários figurões do PT prometiam retornar ao tema, alegando ser imprescindível o controle do Estado sobre os meios de comunicação. Alerta o jurista Ives Gandra que quando o Estado cerceia a liberdade de imprensa, estamos à beira de uma ditadura. Grande parte dos veículos de comunicação do país, por meio de editoriais, manifestou sua repulsa a esse programa que estava eivado de propostas totalitárias.

O ex-presidente petista ameaçava: “Trabalhem pra eu não voltar. Porque se eu voltar vai haver uma regulação dos meios de comunicação. A gente não pode continuar permitindo que meia dúzia de famílias sejam donas dos meios de comunicação.” É claro que Lula e o PT preferem que somente eles tenham o domínio total da imprensa, restaurando a censura que tanto condenaram. O mais triste é que não se ouviu quase nenhum protesto por parte dos intelectóides, artistas e idiotas úteis contra as ameaças de censura de Lula.

Se na mídia tradicional o PT acena com medidas de controle, na internet acontece exatamente o contrário, constatando-se a existência de grupos de inquisidores que tentam destruir a imagem de qualquer um que

discorde do seu catecismo, agora armados com o traiçoeiro nome de “politicamente correto”. A vítima mais recente foi um dos mais brilhantes e independentes apresentadores de televisão: o jornalista William Waack.

Depois de ter vazado um comentário que havia sido gravado um ano antes, “fora do ar” e que envolvia um possível racismo, o jornalista, que estava em Washington para a cobertura das eleições presidenciais dos Estados Unidos, sofreu uma verdadeira enxurrada de protestos por parte das novas vestais do templo, os guerrilheiros da internet, forçando-o a sair da Rede Globo. Ressalte-se que Waack era uma das poucas vozes não engajadas no figurino esquerdista e que tinha grande credibilidade exatamente por sua autoridade moral e independência jornalística.

Ao realizar um pedido público de desculpas, Waack comentou que:

“Em todo o mundo, na era da revolução digital, as empresas da chamada ‘mídia tradicional’ são permanentemente desafiadas por grupos organizados no interior das redes sociais. Estes se mobilizam para contestar o papel até então inquestionável dos grupos de comunicação: guardiães dos ‘fatos objetivos’, da ‘verdade dos fatos’ (a expressão vem do termo em inglês “gatekeepers”). Na verdade, é a credibilidade desses guardiães que está sob crescente suspeita”.

Ele também criticou a incapacidade das grandes empresas em tratar com o problema, pois elas entendem que ceder sempre “à gritaria dos grupos organizados ajuda a proteger a própria imagem institucional, ignorando que obtêm o resultado inverso”, acrescentando que “Por falta de visão estratégica ou covardia, ou ambas, tornam-se reféns das redes mobilizadas, parte delas alinhada com o que “donos” de outras agendas políticas definem como

‘correto’”.

A crítica do jornalista me parece procedente, uma vez que grupos políticos organizados cada vez mais vêm utilizando as redes sociais para atacar e desacreditar a chamada mídia tradicional, passando aos seus seguidores a percepção, como diz Waack, de que as grandes empresas “se tornaram perpetuadores da miséria e da ignorância no país, pois, assim, obteriam vantagens empresariais”. O que vemos espalhar-se nessas novas mídias são as mensagens de ódio, radicalismo e intolerância, enfim, uma tentativa de dirigir nossas opiniões no caminho que seus patrocinadores desejam.

O perigo dessa escalada de intolerância e de eliminação do jornalismo independente também foi denunciado pela presidente do Supremo Tribunal Federal, Carmem Lúcia, que em palestra para os alunos do curso de direito da PUC, e referindo-se ao afastamento de William Waack de suas funções no Jornal da Globo, declarou que “é preciso ter muito cuidado com o que se diz hoje em dia”, pois, mesmo sem querer, pode gerar um clima contrário à “tolerância e à liberdade de expressão”.

Controle sobre as Forças Armadas

É necessário que todo guerrilheiro urbano mantenha em mente que só poderá sobreviver se estiver disposto a matar os policiais e todos aqueles dedicados à repressão. E se está verdadeiramente dedicado a expropriar a riqueza dos grandes capitalistas, os latifundiários e os imperialistas.

(Carlos Marighella)

Essa frase emblemática do falecido líder revolucionário comunista Carlos Marighella, cantado em verso e prosa por Caetano Veloso, retrata bem o sentimento que se desenvolveu nos meios esquerdistas em relação às forças de segurança e que infelizmente acabou contagiando toda a bandidagem que infesta o país e onde a palavra de ordem é: matar policiais!

Uma das ideias aprendidas pelos esquerdistas nos cursos que realizavam em Cuba ou na URSS é a de que as forças de segurança de qualquer país, aí incluindo as Forças Armadas e as Polícias Militares, são destinadas a garantir os direitos e bens da classe dominante em detrimento do povo; sua função básica seria reprimir a livre manifestação do povo. Portanto, sob esse ponto de vista, era necessário desmoralizar as Forças Armadas, principalmente onde elas combateram os movimentos revolucionários, como foi o caso no Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, hostilizando e humilhando seus membros por meio das chamadas “comissões da verdade”, cujo único objetivo é execrar, publicamente, aqueles que no passado os combateram.

A declaração final da IV Reunião do Foro de São Paulo, realizada em Havana/Cuba em julho de 1993, expressa bem o que as forças de esquerdas que compõem aquela entidade pensavam sobre essa questão, dizendo:

A ausência de democracia econômica e social, o narcotráfico, a corrupção, o militarismo, os aparatos repressivos e de Inteligência à margem de todo controle democrático, o terrorismo de estado e a impunidade, constituem as mais graves ameaças à construção da democracia na América Latina.

As orientações discutidas no Foro de São Paulo recomendavam que as nações da Ibero-América deveriam “redefinir a missão” de suas Forças

Armadas e reduzir profundamente os orçamentos militares. Os militares deveriam ser “reeducados”, e o ensino da ideologia marxista deveria fazer parte dessa reeducação. O raciocínio é simples e tosco: como todos os países do continente estariam sob regime marxista compondo uma união continental comunista, não haveria ameaças a serem temidas, pois todos seriam irmãos.

Se as Forças Armadas mostraram-se pouco dóceis às tentativas de cooptação por parte dos governos Lula e Dilma Rousseff, nos Estados essa cooptação tornou-se mais fácil, haja vista que os governadores têm total controle sobre as Polícias Militares, principalmente por meio das promoções por “mérito”, escolhendo preferencialmente aqueles que lhes são fiéis, ou seja, a meritocracia vale apenas para aqueles que compactuam com suas afinidades ideológicas.

Na Venezuela, esse tipo de cooptação foi complementado com a estratégia de oferecer altos cargos governamentais aos militares, da mesma forma que Vladimir Putin fez na Rússia. Atualmente 15 dos 32 ministérios daquele país estão entregues aos militares, bem como a direção da petroleira estatal, a PDVSA, e os programas de distribuição de alimentos, que funcionam como um poderoso instrumento de submissão dos pobres e de captação de votos dos infelizes que dependem do governo para sobreviver.

Em 17 de maio de 2016, o Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores aprovou uma resolução política sobre os desafios ao partido para os próximos períodos, em que apresenta um raro “*mea culpa*” em relação aos erros que cometeu à frente do governo do país. Entre esses, no que se refere às Forças Armadas e a outros setores, a nota apresentou a seguinte autocrítica:

Fomos igualmente descuidados com a necessidade de reformar o Estado, o que implicaria impedir a sabotagem

conservadora nas estruturas de mando da **Polícia Federal e do Ministério Público Federal; modificar os currículos das academias militares; promover oficiais com compromisso democrático e nacionalista;** fortalecer a ala mais avançada do Itamaraty e redimensionar sensivelmente a distribuição de verbas publicitárias para os monopólios da informação. (Grifos meus).

Ante essa clara demonstração de que o PT pretendia promover a cooptação de oficiais do exército por meio da promoção principalmente daqueles que fossem simpáticos à ideologia do partido, o comandante do Exército, general Eduardo Villas Boas, foi forçado a reagir, afirmando que atitudes desse tipo só serviam para criar um “forte antipetismo no Exército”, considerando que os termos da resolução petista – e não apenas às Forças Armadas – “remetem para as décadas de 1960 e de 1970” e têm um tom “bolivariano”, ou seja, semelhante ao usado pelos regimes de Hugo Chávez e por seu sucessor Nicolás Maduro na Venezuela, e também por outros países da América do Sul, como Bolívia e Equador.

Essa tentativa de transformar o Estado brasileiro em um feudo petista, com reforma do Estado e subordinação a seus interesses, foi denunciada também pelo jurista Ives Gandra da Silva Martins, que em 27 de maio de 2016 manifestou seu repúdio às intenções do partido, incompatíveis com a democracia. Gandra observa que a revelação da podridão dos porões do governo petista deveu-se, fundamentalmente, às três instituições, ou seja, imprensa, Ministério Público e Polícia Federal, que, por sua autonomia, independência e seriedade, não estão sujeitos ao controle dos detentores do poder, salientando que as polícias funcionam como órgãos de segurança do Estado e não são instrumentos ideológicos, conforme determina o artigo 144 da Carta da República.

Gandra lembra que as Forças Armadas são instituição do Estado, e não do governo, e só devem intervir, com base do artigo 142 da Constituição, em caso de conflito entre os poderes para restabelecimento da lei e da ordem. Disse ele:

Controlar a Polícia Federal, que descobriu o assalto aos cofres públicos? Manietar o Ministério Público, que tem denunciado os saqueadores do dinheiro dos contribuintes? Calar a imprensa, que permitiu à sociedade conhecer os profundos desmandos do governo por 13 anos? É isto o compromisso ‘democrático e nacionalista’ do PT? Modificar os currículos das academias militares para formar oficiais com ideologia bolivariana, a fim de servir ao governo, e não ao Estado, seria transformar as Forças Armadas em órgão de repressão, como ocorre com os exércitos de Maduro ou dos Castros.

O jurista, como muitos outros brasileiros, manifesta sua profunda desilusão ao constatar que os maiores defensores da ética, como se apresentavam quando na oposição, protagonizaram o governo mais corrupto da história do mundo. Criticava ainda aquele jurista o *mea culpa* dos petistas, dizendo:

[...] pretenderem agora, em mea-culpa, arrependerem-se por não terem transfigurado o Brasil numa Cuba ou numa Venezuela é ter a certeza de que nunca desejaram viver, no país, uma autêntica democracia. Penso mesmo que a presidente Dilma, que foi guerrilheira, como José Dirceu, intentando aqui implantar um regime marxista, durante o regime de exceção dos militares, jamais abandonou o

objetivo daquela luta.

Gandra não poderia ser mais preciso em sua análise.

Se o partido se queixa de não ter cooptado as Forças Armadas para que satisfizesse os interesses do partido, nada impediu que tentassem isso pela via da hierarquia e da voz de comando, às quais os militares são obedientes.

A corrupção ideológica transnacional

Mas o ponto alto desse projeto político foi a prática da corrupção ideológica, isto é, o apoio total às empresas que concordaram em desviar dinheiro nas transações com as empresas do Estado, desde que pagassem uma taxa de propina para os partidos e membros da família mafiosa de plantão, como foi o caso no Mensalão e do Petrolão. Já nos referimos anteriormente aos grandes escândalos de corrupção ocorridos no Brasil, considerados os maiores da história do país. Apresentaremos, agora, de forma bastante sintética, o modelo de corrupção que o governo do PT exportou para seus sócios do Foro de São Paulo.

A revista *Forbes* noticiou que a partir de seis de janeiro de 2017, das 20 empresas de construção mais fortes da América Latina, 15 eram brasileiras, destacando a Norberto Odebrecht, a Camargo Correa, a Queiroz Galvão e a CR Almeida, todas envolvidas nos escândalos de corrupção do PT. Depois de descoberto todo o esquema de corrupção ideológica patrocinado pelo PT, ficou claro que esse esquema havia se expandido para outros países do Foro de São Paulo e fora dele – Cuba, Venezuela, Equador, Bolívia, Nicarágua, Angola –, onde as principais empresas de construção do país, tendo a Odebrecht à frente, conseguiram importantes contratos.

Os executivos da Odebrecht reconheceram diante das autoridades que

a empresa havia cometido atos de corrupção, incluindo o pagamento de cerca de US\$ 788 milhões em subornos. Esses pagamentos ilícitos incluíam US\$ 349 milhões no Brasil, US\$ 98 milhões na Venezuela, pagos durante os governos de Chávez e Maduro entre 2006 e 2015, e US\$ 10 milhões no México. Mas, pelo que vem sendo noticiado, a questão não se prende apenas a Odebrecht, mas inclui outras empresas brasileiras que operavam sob o mesmo esquema em obras menores.

Os governos de alguns países se defenderam: o do Equador, por exemplo, informou "que não aceitará, sem comprovar, as versões dos funcionários da Odebrecht sobre supostos subornos de 33,5 milhões de dólares"; o governo cubano, como sempre, silenciou sobre o caso. Já na Venezuela, os jornais publicaram que a Odebrecht deu US\$ 35 milhões à última campanha de Chávez em 2012.

Assim como no Brasil, parece que a corrupção passou a ser uma sórdida necessidade para a manutenção da ideologia do Foro de São Paulo, pois é difícil acreditar que os subornos das grandes empreiteiras brasileiras não se destinassem a fortalecer o projeto político de Lula e Fidel Castro, já que ficou constatado que a maioria dos funcionários que receberam esses subornos estavam ligados a governos membros do chamado Castro-Chavismo – denominação que o marxismo-leninismo recebeu no processo de comunização do nosso continente.

No Equador, o total de suborno que a Odebrecht teria pago aos funcionários do governo esquerdista de Rafael Correa foi de US\$ 33,5 milhões entre 2007 e 2016. Na Argentina, aquela empresa pagou subornos de 35 milhões de dólares durante o governo dos Kirchners, Nestor e Cristina (embora Mônica Moura afirme que nunca fez campanha lá e nem recebeu dinheiro da Odebrecht para isso). No Peru, os pagamentos foram de cerca de

US\$ 29 milhões, entre 2005 e 2014, para obter contratos de obras públicas, e teriam envolvido os governos de Alejandro Toledo, Alan García e Ollanta Humala, cujo partido, o nacionalista, fazia parte do Foro de São Paulo.

As denúncias também apontam que, na República Dominicana, os subornos atingiram a soma de US\$ 92 milhões, atingindo o presidente Danilo Medina, cujo partido, a Libertação Dominicana, pertence ao Foro de São Paulo; já na Guatemala, a construtora brasileira pagou US\$ 18 milhões em subornos ao governo de Álvaro Colom (2008-2012), cujo grupo político está relacionado ao Foro de São Paulo; membros do governo mexicano teriam recebido US\$ 10,5 milhões; o do Panamá, US\$ 59 milhões; e a Colômbia, US\$ 11 milhões. Enfim, a relação atinge inclusive países de fora do continente como os EUA, Angola e Moçambique.

Não podemos esquecer que João Santana, o marqueteiro da campanha de reeleição de Lula, em 2006, e de Dilma Rousseff em suas duas campanhas presidenciais de 2010 e 2014, e que foi condenado a oito anos de prisão por seu envolvimento com o esquema de corrupção do petróleo, também operou em El Salvador, onde foi o responsável pela campanha presidencial, em 2009, de Mauricio Funes, da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, que pertence ao Foro de São Paulo e que teria recebido dinheiro da Odebrecht para essa campanha com a intermediação do Partido dos Trabalhadores.

Em depoimento ao juiz Sérgio Moro, em abril de 2017, Mônica Moura, esposa de João Santana, disse que parte do pagamento para a campanha de reeleição de Lula, em 2006, foi feita por meio da Odebrecht e confirmou que dinheiro de caixa 2 também abasteceu a campanha de Dilma Rousseff de 2010 e as campanhas de mais dois petistas em 2012: a de Fernando Haddad à prefeitura de São Paulo e a de Patrus Ananias em Belo Horizonte. Além disso, ela deu detalhes sobre a campanha que foi feita em El

Salvador, a pedido do então presidente Lula, quando fizeram a campanha presidencial do então candidato e depois presidente eleito Maurício Funes. Essa campanha, orçada em R\$ 5,3 milhões teria sido bancada pelo Grupo Odebrecht e pelo PT, a pedido de Lula. Segundo a depoente, as campanhas da República Dominicana e da Argentina nunca receberam dinheiro da Odebrecht, mas as campanhas do Panamá, Angola e Venezuela, todas elas contaram com dinheiro da empreiteira.

Pode-se concluir que esse foi o meio utilizado por Lula para cooptar governos na região para o socialismo do século XXI, e assim atender às necessidades egoicas de ser o grande líder da América Latina, utilizando para isso o aparelho do Estado por meio dos financiamentos do BNDES e de outros instrumentos, como a corrupção patrocinada pelas grandes empreiteiras. Talvez por isso ele dizia orgulhosamente se sentir o pai dos governantes do Foro de São Paulo que alcançaram o poder. Nesse caso, sou mais propenso a pensar que Lula visava mais ao engrandecimento de sua vaidade e do seu ego incomensurável do que propriamente ao objetivo político de efetivamente comunizar o continente, porém isso atendia aos interesses do Foro de São Paulo, de seu assessor para assuntos internacionais, o marxista Marco Aurélio Garcia e de boa parte do PT.

Conclui-se, portanto, que, a exemplo da extinta União Soviética, onde a corrupção serviu para minar os alicerces do regime, coisa que prosseguiu no governo de Vladimir Putin, essa prática parece estar mais entranhada na estrutura de governos marxista-leninistas, uma vez que nas ditaduras comunistas os meios de controle ou são falhos, ou propositalmente inexistentes, de modo a permitir que toda a Nomenklatura se locuplete com o dinheiro dos trabalhadores que eles dizem defender. O PT nada mais fez do que dividir com seus sócios do Foro de São Paulo, uma prática que estava sendo altamente exitosa no Brasil, onde “Dormia, a nossa pátria-mãe tão

distraída, sem perceber que era subtraída, em tenebrosas transações”.

Essa prática dos petistas e de seus parceiros do Foro de São Paulo serviu também para comprovar uma afirmação de Lenin que, referindo-se aos capitalistas, dizia que eles “vendem a corda com a qual serão enforcados”, referindo-se à sua voracidade pelo lucro fácil e que não obedece a qualquer ética, escrúpulos ou ideologia. As esquerdas mostraram ter a mesma voracidade dos capitalistas.

Direitos Humanos e minorias

A questão das minorias e dos direitos humanos é um prato cheio para a exploração por parte dos governos populistas, que as utilizam tanto para dividir a sociedade como para criar novos nichos de eleitores. Um dos casos mais emblemáticos foi a terceira versão do Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH-3, que o governo do PT tentou impingir à sociedade brasileira, que, em tese, faria um diagnóstico da situação desses direitos no País e proporia medidas para a sua defesa e promoção. Na verdade, sob o disfarce de direitos humanos, o governo pretendia colocar em movimento a sua agenda radical de transformação da sociedade sem que ela percebesse.

O Programa foi apresentado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) da Presidência da República, em 21 de dezembro de 2009, e nele estavam previstas mais de 500 ações programáticas em diversas áreas, elencadas em um texto com mais de 200 páginas. O documento é estruturado em seis eixos orientadores, subdivididos em 25 diretrizes, 82 objetivos estratégicos e 521 ações programáticas. As propostas sugeridas pelo Plano Nacional de Direitos Humanos não tinham valor de lei, pois, para serem aplicadas, suas propostas precisavam antes ser discutidas no Congresso Nacional.

Juristas logo se apressaram a denunciar que o PNDH-3 continha uma

série de diretrizes inconstitucionais que poderiam desestabilizar o equilíbrio de poderes no país, porque, além de estar na contramão da Declaração Universal dos Direitos Humanos, corroía e subvertia o Estado de Direito, além de restringir as liberdades individuais. Um desses alertas partiu do jurista Ives Gandra Martins, doutor em Direito com reconhecimento internacional e mais de 40 livros publicados, que foi taxativo em seu veredito: "É um programa de direitos desumanos, o que menos tem é dignidade humana." Gandra afirmou que o referido programa era a maior sandice que teve oportunidade de ver em seus 51 anos de advogado.^[64]

Para aquele jurista, o pior de tudo era que o programa era uma escarrada repetição da Constituição Venezuelana.

Em outras palavras, é o regime marxista que temos na Venezuela que nossos aprendizes de ditadores, aprendizes de revolução chavóide [referente a Hugo Chávez, ex-presidente da Venezuela] estão pretendendo colocar no Brasil. O que se pretende é dar um novo *status* jurídico ao Brasil, a caminho da ditadura, em que o Poder Executivo é tudo e os outros poderes são nada.

Entre as propostas polêmicas contidas no Programa, e que causaram maior reação em diferentes setores da sociedade, estavam ações que pretendiam descriminalizar o aborto, reconhecer a união civil entre pessoas do mesmo sexo, garantir o direito de adoção por casais homoafetivos, impedir a ostentação de símbolos religiosos em estabelecimentos públicos da União, desestabilizar o direito à propriedade privada (com a criação de câmaras de conciliação dos conflitos, agrários ou urbanos), bem como a regulamentação profissional da prostituição. Um dos itens que causou grande revolta nos meios militares extinguiu, na prática, a Lei de Anistia, permitindo

que os militares sentassem no banco dos réus, mas impedia que terroristas e assassinos da esquerda também fossem investigados por seus crimes.

No Simpósio sobre o PNDH-3 que ocorreu em São Paulo, no dia 26 de agosto de 2010, Gandra alertou para um perigo maior contido no tal programa. Disse ele:

A maior ameaça do PNDH-3 não são as proposições de legalizar o aborto (até o nono mês de gestação), a prostituição e o ‘casamento gay’, de se permitir a adoção de crianças por gays, de se cercear a liberdade de imprensa ou de se facilitar a invasão de fazendas por ‘Sem Terras’; a maior ameaça do PNDH-3 será as chamadas ‘Comissões de Direitos Humanos’ que este programa irá criar! Estas Comissões de Direitos Humanos irão controlar tudo e na prática terão poderes ‘Supraconstitucionais’! Estas comissões irão controlar a Educação (a juventude será preparada a pensar de acordo com o governo), os três poderes, as Artes e a Imprensa só restando as Forças Armadas, que teriam suas forças reduzidas e controladas!

Com relação ao Direito de Propriedade, essas Comissões dariam a última palavra após uma decisão da Justiça sobre a reintegração de posses de uma propriedade invadida por “Sem Terras”, ou seja, uma completa desmoralização da justiça e o fim da propriedade privada.

Também causou grande repercussão negativa o fato de o PNDH-3 consagrar o homicídio uterino como "direito humano" e a proposta relativa à prostituição, considerada uma chaga para a sociedade, e que passaria a ser uma profissão valorizada. Certamente o decreto que valorizava a prostituição não raciocinou que essa atividade é algo que afeta a dignidade humana e que

está, por seu turno, na essência dos direitos humanos, o que seria uma flagrante contradição. Com relação ao direito de propriedade, alguém que invadisse uma propriedade passaria a ter mais direito que o proprietário, pois o Poder Judiciário ficaria com sua competência anulada para fazer uma reintegração de posse.

Outra grave anomalia detectada pelos especialistas seria a diretriz que daria imensos poderes aos sindicatos e centrais de trabalhadores, que passariam a ter mais força que os parlamentares na definição de programas,

[...] fazendo com que plebiscitos e referendos, como acontece na Constituição Venezuelana, tenham muito mais importância que a própria representação do Parlamento ou Poder Judiciário, que é aquele que faz respeitar a lei. É exatamente esse modelo de democracia popular que prevalece hoje na Venezuela, isto é, o Poder Executivo consulta o povo que é por ele manipulado, enquanto os outros Poderes de tornam secundários, sem nenhum valor.

Nesse mesmo sentido se manifestou o Deputado Jairo de Paes Lira, que também participou do evento, para quem o PNDH-3 era uma carta revolucionária que planejava impor uma ditadura marxista no Brasil. Para ele, as chamadas “Comissões de Direitos Humanos”, previstas no plano, seriam, na verdade, comissões revolucionárias, que na prática teriam poderes “Supraconstitucionais”, uma espécie de Sovietes brasileiros – referindo-se aos conselhos revolucionários criados pela Revolução Russa e que chamavam “soviets”, que significa **conselhos**. O deputado alertou que “O PT é um partido radicalmente a favor da legalização do aborto no Brasil, por isso o PNDH-3, como um projeto de lei do PT, irá legalizar o aborto no Brasil até o nono mês de gravidez!”.

Paes Lira também considerava outra abominação do plano, a “Desconstrução da Heteronormatividade”, que significa a chamada “Ideologia de Gênero”, que significaria na prática a destruição da Família, já que, em sua opinião, com a desconstrução da Heteronormatividade, um menino não nasce menino e uma menina não nasce menina; o sexo de uma pessoa é uma opção pessoal de cada um, podendo a pessoa ainda escolher ser gay, lésbica ou bissexual, relativizando, dessa forma, a natureza e o gênero das pessoas.

O decreto foi assinado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas, quando os principais meios de comunicação do país denunciaram a intenção ditatorial do programa, em que muitos artigos da Constituição seriam revogados, ele alegou, desavergonhadamente, que o havia assinado sem ler. Como já abordei em outra parte deste livro, Lula sempre foi honesto ao confessar que era um homem preguiçoso e que não gostava de ler – aliás, em uma entrevista, confessou que o único livro que leu na vida foi a biografia do jogador de futebol Garrincha –, mas quando o presidente da República assina sem ler decretos de conteúdo claramente totalitário e anticonstitucional e que afetaria profundamente a vida da sociedade, elaborado por assessores declaradamente comunistas, ele confessa toda a sua irresponsabilidade em relação ao futuro da democracia que dizia defender.

No dia 12 de maio de 2010, pressionado pelos setores pensantes da sociedade, Lula recuou e assinou decreto que alterava nove pontos do plano, atendendo a reivindicações de militares, religiosos e ruralistas, e das empresas de comunicação.

Graças a essa marcha a ré, milhares de crianças podem ter sido salvas do assassinato perpetrado pelos abortistas, que, a despeito de todas as evidências científicas de que o feto já goza de um determinado nível de

consciência que o faz temer ser abortado, insistem em sua cruzada criminosa contra a vida. Lembremos a condenação cerrada que Madre Tereza de Calcutá fazia contra o aborto e que ficaram imortalizadas em frases como esta:

Mas eu sinto que o maior destruidor da paz hoje é o aborto, porque é uma guerra contra a criança – um assassinato direto da criança inocente – assassinato pela própria mãe. E se nós aceitamos que uma mãe pode matar até mesmo sua própria criança, como nós podemos dizer para outras pessoas que não matem uns aos outros? [...] Ninguém tem o direito de matar um ser humano que vai nascer: nem o pai, nem a mãe, nem o estado, nem o médico. Ninguém. Nunca, jamais, em nenhum caso. Se todo o dinheiro que se gasta para matar fosse gasto em fazer que as pessoas vivessem, todos os seres humanos vivos e os que vêm ao mundo viveriam muito bem e muito felizes. Um país que permite o aborto é um país muito pobre, porque tem medo de uma criança, e o medo é sempre uma grande pobreza.

Um fato que revela a desconexão que existe entre uma elite de intelectóides comunistas que gestaram o PNDH-3 e o povo que eles dizem representar e querer ajudar, está contido no resultado de uma pesquisa Datafolha sobre temas polêmicos realizada no final de novembro de 2017, que mostra o conservadorismo da sociedade brasileira. Segundo a pesquisa, 57% dos brasileiros aprovam a criminalização de uma mulher que pratica aborto, e 66% apoiam a proibição da maconha, enquanto 42% acham que a posse de arma de fogo deveria ser legalizada no país. A pesquisa também aponta que quase seis entre dez brasileiros acreditam que o país deveria adotar a pena de morte, e oito de cada dez declaram que a maioria penal

deveria ser rebaixada para 16 anos.

Eles não conseguem admitir esse conservadorismo da sociedade brasileira, que para eles é manifestação de atraso, já que somente eles são inteligentes e vanguardistas, e continuam a viver nas suas bolhas socialistas onde só se respiram obras de Marx e se reproduzem os insuportáveis discursos de Fidel Castro, ou o cínico blá-blá-blá de Lula.

Esse pensamento de ser conservador e contra pretensos avanços libertários é citado pelo sociólogo Francisco de Oliveira, referindo-se a um pensamento do também sociólogo Luiz Werneck Vianna, que dizia:

Não se governa o Brasil sem o concurso do atraso não apenas por razões parlamentares, mas porque a estrutura social que sustenta o sistema político é conservadora, e não avalizaria avanços programáticos mais radicais. Além disso, as fundas diferenças e desigualdades regionais, bem como o modo como, desde a Colônia, fundiram-se o público e o privado – vide Caio Prado Jr. – tornam quase obrigatório um pragmatismo permanente, que leva de roldão perspectivas mais ideológicas, ou meramente programáticas.

Referindo-se a essa pesquisa, o jornal *El País*, edição de 13 de janeiro de 2018, mostra que temas conservadores relacionados aos costumes apelam mais a uma população mais pobre, menos escolarizada e mais velha. O jornal cita uma análise de Carlos Savio Gomes Teixeira, chefe do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, que informava:

A população mais pobre é mais exposta a um conjunto maior de vulnerabilidades. O efeito das drogas é visto de forma mais negativa por elas, já que costumam viver mais perto do tráfico, por exemplo. Por isso, há uma diferença na

maneira como as classes percebem essas questões.

Para o professor, “a esquerda precisa complementar a defesa dos direitos humanos com uma agenda prática que responda a essa ansiedade que boa parte da população brasileira tem com o tema da criminalidade, da violência, que é real”.

A tentativa de doutrinação da juventude a partir da escola e de forçá-la a ver o mundo apenas pela ótica daqueles que estão no poder chegou a tal ponto que o Ministério da Educação autorizou que recebesse nota zero na redação qualquer candidato do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que se suspeitasse ser contrário aos direitos humanos, o que exigiu a intervenção da ministra e presidente do STF, Cármen Lúcia, que proibiu essa medida autoritária, dizendo: "Não se combate a intolerância social com maior intolerância estatal", por considerar que a reação a esse tipo de posicionamento representaria uma "mordaca" ao autor da redação.

O grande desafio para as democracias é evitar que os líderes autoritários – ou os idiotas úteis manipulados por filhotes de ditadores cubanos ou soviéticos espertos – se utilizem das próprias instituições democráticas para subvertê-las e depois assassiná-las. Por isso, aqui, cabe a afirmação que diz: “O preço da liberdade é a eterna vigilância”.

PARTE IV

Como as democracias morrem

Preocupado com as grandes transformações pelas quais a democracia vinha passando em todo o mundo o grande filósofo político Norberto Bobbio escreveu, em *O Futuro da Democracia*: “A democracia não goza no mundo de ótima saúde, como de resto jamais gozou no passado, mas não está à beira do túmulo”. Pode não estar à beira do túmulo, mas que vem sofrendo sérios perigos, isso parece ser um fato.

Em uma mensagem postada em seu twitter, em 16 de janeiro de 2018, às vésperas de seu julgamento no TRF-4, que manteria, ou não, a condenação que lhe impôs o juiz Sérgio Moro, o ex-presidente Lula escreveu a seguinte ameaça: “A *Veja* [referindo-se à Revista *Veja*] é uma central de mentiras. Eu quero que eles saibam. Trabalhem para eu não voltar [à presidência da república] porque se eu voltar vai haver uma regulação dos meios de comunicação.” Comentando essa declaração, a revista publicou que cada país tem o seu modelo próprio de regulamentação, mas nenhuma adotou sua legislação com base na vingança de um líder político que se sente perseguido; para a *Veja*, isso se chama **censura**.

A cada dia que a imprensa norte-americana publica a enxurrada de desatinos praticados pelo presidente dos EUA, Donald Trump, mais vejo semelhanças de caráter e de desprezo pela democracia entre ele e Lula: o caráter ególatra e vingativo, o complexo de superioridade, o pensamento messiânico, a preguiça intelectual de ler alguma coisa, e por aí vai.

Personalidades sérias naquele país já começaram a se preocupar com a sanidade mental de Donald Trump, que já se apressou a divulgar o diagnóstico do médico da Casa Branca atestando que ele é são. Mas Marvin

Swartz, professor do Departamento de Psiquiatria da Universidade Duke, afirma que o teste realizado avalia apenas se há algum problema cognitivo, detecta demência, por exemplo. Não tem nada a ver com impulsividade, discernimento, doenças mentais.

Mas, livres da subordinação hierárquica do serviço público, outras duas personalidades, dessa feita do mundo acadêmico, passaram a se preocupar seriamente com os destinos de seu país sob a gestão de Donald Trump, levantando a possibilidade de que aquilo que eles viram acontecer em outros países pudesse acontecer nos Estados Unidos: a morte da democracia.

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, professores da Universidade de Harvard, depois de passarem mais de vinte anos estudando a ruptura das democracias na Europa e na América Latina, escreveram *How Democracies Die*, lançado recentemente, no qual externam o receio de que a democracia norte-americana esteja em perigo. Para a dupla, as ditaduras sob a forma de fascismo e comunismo desapareceram em grande parte do mundo; a democracia já não termina com uma revolução ou um golpe militar, mas pelo lento e constante enfraquecimento das instituições críticas, como o judiciário e a imprensa, e pela erosão gradual das normas políticas tradicionais. O grande perigo seria a dificuldade dos partidos políticos em impedir a ascensão de demagogos como Donald Trump.

Levitsky e Ziblatt desenvolveram um teste para ajudar a identificar os autocratas e demagogos antes de chegarem ao poder, baseados na ideia de que certos políticos mostram antecipadamente suas inclinações autoritárias. Assim, eles propuseram quatro sinais de alerta que todos os cidadãos de uma democracia devem procurar identificar em um líder político, e se um candidato testar positivo em qualquer parte desse teste devemos ficar preocupados. O primeiro indicador a se verificar é se o político, por meio de

palavras ou ações, parece **rejeitar as regras do jogo democráticas**; o segundo item a levantar é se **eles negam a legitimidade de seus adversários**; o terceiro é se eles parecem **tolerar ou encorajar a violência**. Finalmente, também devemos nos alarmar se um político **expressar vontade de reduzir as liberdades civis de seus oponentes, inclusive a mídia**.

Para aqueles investigadores, Donald Trump demonstrou enquadrar-se nos quatro indicadores; no Brasil, como veremos, Lula também parece enquadrar-se pelo menos nos três últimos quesitos, haja vista a sua iniciativa antidemocrática de assinar – “sem ler”, segundo ele – o famigerado PNDH-3, que foi integralmente empregado na Venezuela e que está assassinando a democracia naquele país sob os aplausos da presidente do PT, Gleisi Hoffmann. Felizmente a reação da sociedade brasileira impediu sua aprovação no parlamento.

Outro que se encaixa perfeitamente nos quatro indicadores é o presidente Nicolás Maduro. A Venezuela deveria realizar eleições presidenciais este ano, mas Maduro já manifestou sua intenção de reeleger-se novamente. Seus atos e palavras denunciam que pretende perpetuar-se no poder, por meio da eliminação da oposição e por alterações na Constituição para poder consolidar o autoritarismo.

Maduro pretende punir os partidos majoritários da coalizão oposicionista Mesa da Unidade Democrática (MUD) por boicotarem as eleições de prefeitos, aproveitando-se desse fato para intimidar os partidos de seus principais adversários, outorgando-se o poder de definir quem poderá, ou não, apresentar candidatos. Logo em seguida, a Assembleia Constituinte anunciou obstáculos administrativos para proibir essas legendas de participarem do processo. Se forem concretizadas suas ameaças, a realização das eleições será uma farsa, que jogará o país definitivamente em uma

ditadura.

Outras estratégias utilizadas para matar a democracia aos poucos, sem levantar suspeitas na sociedade, incluem as tentativas de obter o controle sobre os principais tribunais do país e das principais organizações de investigação e aplicação da lei, nomeando pessoas de sua confiança ou com quem tenha afinidades ideológicas. Vimos isso acontecer claramente em relação aos nomes escolhidos por Lula para serem ministros da Suprema Corte do país.

Quando as decisões do STF contrariam os interesses do PT, logo surgem vozes propondo a sua extinção, como foi no caso recente da prisão de Lula, quando o deputado federal Wadhi Damous (PT-RJ) disse, segundo foi divulgado pela imprensa, que "tem que fechar o Supremo Tribunal Federal". Em um vídeo divulgado em 13 de abril de 2018, ele afirmou que é preciso "redesenhar" o Poder Judiciário e fez diversas críticas ao ministro Luís Roberto Barroso, que, segundo ele, "ajudou a colocar o presidente Lula atrás das grades".

Existe também a tentativa de cooptar, silenciar ou intimidar atores importantes como os proprietários de mídia, os empresários de destaque arredios, os políticos da oposição e os intelectuais e artistas famosos que poderiam fazer oposição, utilizando-se para isso dos instrumentos do Estado como auditorias fiscais ou investigações de corrupção. A erosão da democracia é, para muitos, quase imperceptível, e muitos continuam a acreditar que estão vivendo sob uma democracia.

Por fim, temos a tentativa de modificar as regras do jogo democrático para enfraquecer ou deixar em desvantagem seus opositores políticos, conforme vimos acontecer na Venezuela e em parte no Brasil. O pior é que tudo isso foi acompanhado por uma grande parte da mídia que, por

conivência, medo ou oportunismo, preferiu fechar os olhos para o que vinha acontecendo no Brasil, até que acontecesse o *impeachment* de Dilma Rousseff.

Lembremos que muitos dos esforços de governos para subverter a democracia são "legais", ou seja, são aprovados pelos legisladores – pagos com o dinheiro da corrupção, como vimos no Mensalão – ou aceitos pelos tribunais pelos ministros cooptados, e podem mesmo aparecer como esforços do governo para melhorar a democracia.

Em novembro de 2017, o Tribunal Constitucional Plurinacional da Bolívia (Suprema Corte) autorizou o presidente Evo Morales a concorrer a seu quarto mandato na eleição de 2019, o que pode permitir a ele ficar 19 anos no poder; o mesmo aconteceu na Rússia, onde Putin foi reeleito, e o governante da China está indo por esse mesmo caminho. Esses governantes raciocinam que, se é tão fácil continuar no poder apenas modificando um dispositivo constitucional, por que não o fazer, já que dispõem da faca e do queijo, ou seja, rejeitam as regras do jogo democráticas que recomendam a alternância do poder?

Essa decisão da Corte venezuelana era contrária ao resultado de um plebiscito realizado naquele país em janeiro de 2016, no qual 51% dos votantes negaram a possibilidade de Evo Morales disputar outra reeleição. O Movimento ao Socialismo (MAS), partido do governo, argumentou que colocar limites legais para a reeleição e de mandatos violam o sufrágio universal. Evo Morales convocou uma Constituinte e, na nova Constituição, passou a ser admitida só uma reeleição consecutiva, mas, de qualquer forma, ele já vai para o quarto mandato. Esse é um bom exemplo de mudanças nas regras democráticas para se perpetuar no poder.

A oposição reagiu e considerou uma violência à lei e um golpe à

democracia, enquanto o vice-presidente do Democratas, Vladimir Peña, declarou: “Esta decisão reafirma que a Justiça é um instrumento do MAS para deixar impune a corrupção, violar direitos e vulnerar a Constituição.” Como já disse em outras partes deste livro, para a esquerda *democracia* significa apenas um instrumento para chegar ao poder e, nele chegando, fazer de tudo para destruí-la para se manter no poder, livres, então, das regras democráticas, que, para eles, são uma criação das elites burguesas e por isso não merecem ser respeitadas.

Essa mesma situação foi criada na Venezuela por Hugo Chávez e por Rafael Correa, no Equador, que conseguiram aprovar a reeleição indefinida, mas não chegaram a fazer uso dela, uma vez que Chávez morreu antes de assumir seu quarto mandato, em 2013, e Correa desistiu de disputar as eleições por razões desconhecidas.

No Brasil, em 2009, houve uma tentativa de se aprovar um terceiro mandato para Lula. Embora ele dissesse publicamente que não desejava isso, em particular autorizou um balão de ensaio por intermédio do deputado federal Devanir Ribeiro (PT-SP), seu amigo íntimo desde 1969, quando era secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, e a quem recebia com frequência no Palácio do Planalto. Devanir foi o autor de uma proposta de emenda constitucional para dar a Lula o direito de concorrer novamente à Presidência em 2010.

Como sempre acontece na política, em que as figuras abjetas escondem sempre aquilo que estão fazendo em surdina, Lula estava sendo estimulado por um grupo de áulicos a trabalhar pelo o terceiro mandato. O então senador Arthur Virgílio criticou a postura do presidente, dizendo: “O presidente está agindo com dubiedade.” Ele diz que não quer, mas deixa correr solta a articulação pelo terceiro mandato. Após repetidas denúncias e

protestos da oposição, a Câmara dos Deputados pôs fim a essa possibilidade arquivando a proposta.

Também o deputado Cândido Vaccarezza, do PT de São Paulo, propôs a adoção do parlamentarismo, pois, em um novo regime de governo, acreditava ele, Lula teria o direito de concorrer ao cargo de primeiro-ministro: “Não se pode falar em golpe, pois são propostas dentro do jogo democrático”, justificou Vaccarezza.

Na verdade, tudo não passava de puro casuísmo, um subterfúgio para se renovar o mandato de Lula, pois qualquer uma dessas emendas significaria uma ruptura sem paralelos da Constituição de 1988 e uma medida de força que atentaria contra a normalidade democrática do Brasil, escreveu Hugo Studart na revista *Isto é*, de sete de novembro de 2007. Também o ministro do STF Marco Aurélio Mello se manifestou, dizendo: “Terceiro mandato é golpe, a menos que o povo faça uma revolução e rasgue a Constituição”.

Em artigo intitulado “Para decidir os rumos do Brasil”, publicado no *Correio da Cidadania*, em 24 de junho de 2014, Frei Betto, o grande amigo de Fidel Castro e conselheiro de Lula, defendeu publicamente uma constituinte aos moldes do que o protoditador Nicolás Maduro fez na Venezuela. Para Frei Betto, a Constituinte Exclusiva e Soberana deveria ser unicameral, sem o Senado e sem tutela do Judiciário e ingerência do poder econômico, pois, segundo ele, somente por meio dela o Brasil alcançará, de modo pacífico, as reformas de estruturas, como a agrária e a tributária, entre outras que o PT vem tentando implantar no país.

Um conselho oferecido por Levitsky e Ziblatt para se tentar evitar esse estado de coisas é que a oposição e as forças democráticas do país devem lutar vigorosamente em defesa do Estado de direito e das instituições, utilizando-se do protesto pacífico e dos canais institucionais. Alertam, no

entanto, que as instituições por si só não são suficientes para controlar os autocratas eleitos. As constituições devem ser defendidas por partidos políticos e cidadãos organizados, mas também por normas democráticas robustas, pois sem os controles e os equilíbrios constitucionais não há democracia estável.

Além disso, e tão ou mais importante, é construir alianças mais amplas em defesa da democracia, e que se estendam além das tradicionais linhas partidárias, ou seja, para os liberais, isso significa forjar talvez alianças desconfortáveis – com empresários da direita, de centro, cristãos evangélicos e esquerdistas dissidentes, entre outros. Outra observação que a dupla de escritores faz e que muito se assemelha à situação que vivemos hoje no país diz respeito à polarização existente. Segundo eles, os esforços dos Estados Unidos para alcançar a igualdade racial alimentaram uma reação insidiosa, intensificando a polarização. A polarização extrema pode matar as democracias, e o que vemos no Brasil atualmente é um nível de polarização nunca antes visto.

Política externa – o *front* externo do Foro de São Paulo

Em um debate no programa *Painel*, da Globo News, realizado em 30 de junho de 2012,^[65] respondendo a uma pergunta do jornalista William Waack, moderador dos debates, sobre o porquê das políticas externas brasileiras contrariarem os interesses nacionais, o ex-ministro das Relações Exteriores, Luís Felipe Lampreia, respondeu:

Eu acho que a explicação para essa confusão, que impera, é explicada por uma palavra simples: 'Foro de São Paulo'. 'Foro de São Paulo', criado em 1990, se não estou equivocado, era um pacto dos partidos de esquerda para chegar ao poder e; chegando ao poder, conservar o poder;

um pacto de solidariedade partidária. E isso, ao meu ver, explica Lula, explica a posição em relação ao Paraguai, explica a posição em relação a Chávez, a condescendência em relação a Evo Morales; explica também, uma certa condescendência em relação ao presidente do Equador. Esse, eu acho, é o fio condutor, dessa solidariedade partidária que nasceu no Foro de São Paulo.

Provocado por Waack, o ex-ministro confirmou que o que existia era um pacto ideológico que se sobrepunha aos interesses e objetivos do Brasil, ou seja, a nossa política externa estava sendo conduzida com bases em preceitos ideológicos firmados no Foro, e não para atender aos interesses nacionais. Lampreia fez uma inferência: "Foi o que o Viola [professor de Relações internacionais da UNB] disse, a política externa não é mais uma política de Estado, é uma política basicamente partidária!"

O direcionamento dado à política externa brasileira nos governos do PT, mas particularmente no de Lula, por meio de Celso Amorim, seu ministro das Relações Exteriores, é criticado até hoje por renomados diplomatas. Contrariando as antigas posições de neutralidade do Brasil, Amorim, o chanceler ideológico, açodado pelo velho comunista Marco Aurélio Garcia, ex-assessor para assuntos internacionais, procurou agradar à megalomania do chefe Lula e cunhou o termo "ativa e altiva" para sua diplomacia, que na verdade apenas refletia as antigas propostas e as posições tradicionais do PT, e que se pautou por uma confrontação com os Estados Unidos e uma aproximação com os países em desenvolvimento, privilegiando as alianças político-ideológicas em lugar dos interesses econômico-comerciais brasileiros.

Lula deu ênfase especial aos processos de integração da América do

Sul, seguindo a orientação que havia sido acertada pelos partícipes do Foro de São Paulo e não prioritariamente os interesses nacionais, como se pode constatar no caso da expropriação da refinaria da Petrobras, na Bolívia, no qual o presidente brasileiro acatou a humilhação imposta por Evo Morales ao país sem nenhum protesto.

Com relação ao MERCOSUL, Lula ressaltou diversas vezes a sua importância estratégica, principalmente visando a uma sonhada união política da América do Sul. Nesse sentido, era de fundamental importância afastar qualquer influência externa dos Estados Unidos e da ALCA, que era vista por Lula como sendo um "projeto de anexação" da América Latina por aquele país. Isso não foi bem acolhido pelos demais países da região, que mantêm com os Estados Unidos relações privilegiadas à altura de 30 ou 40% de suas exportações e que dependem de seus capitais e tecnologia.

Lula permitiu que políticos do PT fossem alavancados para cargos importantes na formulação e na condução da política externa do país em desfavor dos diplomatas de carreira, como foi o caso de Marco Aurélio Garcia, nomeado para o cargo de Assessoria Especial de Assuntos Internacionais da Presidência da República. Na década de 90, Marco Aurélio foi secretário de Relações Internacionais do PT e um dos criadores do Foro de São Paulo, dando assistência a partidos e movimentos de esquerda de toda a América Latina, com os quais tinha toda autoridade para negociar.

Marco Aurélio e Celso Amorim subordinaram os interesses econômicos nacionais aos interesses políticos, desenvolvendo estratégias de confrontação com os Estados Unidos, a chamada *coalizão anti-hegemônica*, baseada mais em afinidades ideológicas do que nos interesses nacionais. Sobre essa anomalia, assim se manifestou o embaixador aposentado Rubens Ricupero, que criticava essa ingerência dizendo: “Nem sempre fica muito

claro até que ponto Garcia representa o país ou é ainda o porta-voz do PT”.

Segundo vários analistas da política internacional, essa “partidarização” da política externa, em que um partido político passou a definir as estratégias de ação internacional do Brasil, redundou em um completo fracasso e em sérios prejuízos para o país e para a outrora respeitada diplomacia brasileira. Foi essa partidarização das relações exteriores do país e a identificação ideológica do PT com as Farc que levaram Marco Aurélio Garcia a classificar essa organização narcoguerrilheira apenas como um “movimento insurgente”, muito embora ele fosse considerado um movimento terrorista pela Colômbia, Estados Unidos e União Europeia.

É difícil aceitar que uma política externa seja claramente hostil aos Estados Unidos, mas ostensivamente tolerante com regimes ditatoriais como os de Cuba e Venezuela, além dos narcoguerrilheiros das Farc. O alinhamento da Colômbia com os Estados Unidos para combate ao tráfico de drogas não era bem visto pelo governo brasileiro e servia como fator de tensão com os governos vizinhos de Chávez e Rafael Correa, do Equador, sócios de Lula no Foro de São Paulo.

Na sua cegueira ideológica, ou ignorância sobre a história, é possível que os pensadores estratégicos do governo Lula tenham esquecido que, em 26 de fevereiro de 1991, um grupo de cinquenta guerrilheiros das Farc, que se autodenominava “Comando Simon Bolívar”, invadiu o território brasileiro, na fronteira entre Brasil e Colômbia, nas margens do Rio Traíra no Estado do Amazonas, e atacaram de surpresa o Destacamento Traíra do Exército Brasileiro, que estava em instalações semipermanentes e possuía efetivo muito inferior ao dos covardes guerrilheira das Farc.

O ataque teria sido uma represália à repressão exercida pelo destacamento de fronteira dos militares brasileiros ao garimpo ilegal na

região, pois, de acordo com o serviço de Inteligência do Exército, todas as atividades dos garimpeiros ilegais eram financiadas pelas Farc. Nesse ataque, morreram três militares brasileiros e vinte e nove ficaram feridos; várias armas, munições e equipamentos foram roubados. Naquele ano, enquanto militares brasileiros morriam, Raul Reys, um dos comandantes daquela organização narcoguerrilheira que os matava, sentava-se à mesa do Foro de São Paulo com Lula, Fidel Castro e Hugo Chávez.

As Forças Armadas do Brasil, autorizadas pelo então presidente Fernando Collor de Mello e com o conhecimento e apoio do presidente colombiano César Gaviria Trujillo, deflagraram a Operação Traíra, com o objetivo de recuperar o armamento roubado e desencorajar novos ataques.

Uma reportagem da *Folha de São Paulo On-Line*, de 11 de novembro de 2001, apontava um documento da Polícia Federal brasileira sobre uma chamada Operação Cobra (sigla para Colômbia-Brasil), que tinha por objetivo desarticular o narcotráfico na fronteira da Amazônia brasileira. Segundo a reportagem, o referido relatório identificava as bases de produção de cocaína sob o domínio das Farc, que produziam, mensalmente, cerca de 45 toneladas do cloridrato de cocaína. A droga partiria em aviões de pistas clandestinas da Colômbia para Europa e os Estados Unidos, e também para o Brasil.

Sobre esse assunto, o então coordenador da Operação Cobra, delegado Mauro Spósito, declarou: “Não temos mais dúvidas das relações das FARC com o narcotráfico. A guerrilha tem o comando das drogas e isso é uma ameaça para a fronteira brasileira.” Àquela época, o PT já defendia um diálogo com essa organização narcoguerrilheira, e Lula dividia com um dos seus comandantes, Raul Reys, uma cadeira no Foro de São Paulo.

Passados quase dez anos daquela operação, o comandante militar da

Amazônia, general Luís Carlos Gomes Mattos, voltou a insistir sobre a necessidade de o Estado brasileiro investir mais na vigilância das fronteiras na Amazônia. Tendo a responsabilidade de proteger a soberania do Brasil na maior floresta tropical do mundo, o general admitiu que guerrilheiros das Farc entravam com frequência no território nacional, aproveitando a fragilidade que existe na nossa fronteira, para se abastecer e fazer tráfico de drogas.

É essa droga que infelicita hoje milhares de famílias brasileiras, que causa a verdadeira guerra urbana que ocorre no Rio de Janeiro atualmente e que causa a morte de milhares de jovens. Mas o que fazer se o então presidente da República, o senhor Luiz Inácio Lula da Silva, sentava ao lado dos narcoguerrilheiros e recebia dinheiro para sua campanha eleitoral, conforme foi denunciado pela revista *Veja* e investigado pela ABIN?

Em minhas palestras, sempre enfatizo que o futuro não é uma obra do acaso, mas sim o produto daquilo que decidirmos hoje e das medidas que tomarmos para que esse futuro seja conforme planejamos. Não existem acasos, e enquanto muitos esperam calmamente pelo futuro, outros trabalham incansavelmente para forjá-lo e construí-lo. O governo do PT e de seus coligados no Foro de São Paulo, principalmente da Venezuela, Colômbia e Cuba, mostraram que pequenos grupos que sabem o que querem e determinados a executar suas aspirações, certo ou erradamente, conseguem alcançar seus objetivos. Mostraram como líderes de pequenos grupos reunidos sorrateiramente e ocultando da população seus reais objetivos podem transformar bandidos em presidentes de países, ditadores, deputados e senadores.

Vimos como, em um prazo de 15 anos, os antigos guerrilheiros, terroristas e narcotraficantes alojados no Foro foram eleitos em vários países

e como levaram esses países à falência. Uma ameaça continua a pairar sobre as nações da América Latina, que em sua maioria passaram a ser dirigidas pelo supranacional Foro de São Paulo. Essa ameaça é o ressurgimento do comunismo em nosso continente, conforme afirmou Fidel Castro por ocasião da criação dessa besta política. Agora que conhecemos o Foro de São Paulo desvelado, sem máscara, e tendo visto a que precipício ele estava nos levando, vale o apelo: não deixemos que esses fósseis políticos que defendem ideias e ações políticas dos séculos XVIII e XIX, e que se mostraram o maior erro do último século, nos seduzam, nos enganem, nos façam incorrer em erros.

O jornalista Reinaldo Azevedo, criticando o silêncio conivente de parte da mídia em relação ao Foro de São Paulo, e reconhecendo a sua periculosidade, escreveu:

Parte do jornalismo brasileiro, no entanto, pretende que tratar do assunto é dar asas a uma fantasia paranoica. Eis uma prática antiga da esquerda. Ela sempre foi craque em ridicularizar a verdade, transformando-a numa caricatura, de modo que seus adversários intelectuais ou ideológicos não encontrem senão a solidão e o desamparo. Se você é do tipo que prefere anuir com o crime a ficar sozinho, acaba se comportando como um vapor barato do tráfico ideológico.

Venezuela – um braço infeliz do Foro de São Paulo

Em um artigo intitulado “*Seventy Years Of Evil – Soviet Crimes from Lenin to Gorbachev*”, Michael Johns diz que, há setenta anos, Vladimir Lenin criou o estado totalitário moderno, transformando as mais simples formas de tirania no aparelho mais sofisticado da história de dominação pelo terror.

Ressalta o autor que nos séculos anteriores, reis, déspotas, cruzados religiosos e os conquistadores cometeram crimes indescritíveis contra o homem e Deus, mas nunca antes de 1917 o medo e o assassinato em massa foram elevados a uma ciência teórica.

Johns lista 208 atos executados pela União Soviética que, segundo ele, demonstram as tendências diabólicas da liderança soviética, afirmando que:

[...] a tecnologia leninista de controle social – a organização de uma implacável polícia secreta, o domínio da propaganda, a destruição de igrejas independentes, sindicatos, políticos partidos e outras instituições sociais, e o uso repetido de terror de massa impiedoso para minar a resistência percebida – e que eventualmente tornou-se o modelo para a Alemanha nazista – ainda hoje é muito usada na Rússia.

Os soviéticos conseguiram expandir o punho de ferro sobre milhões de pessoas por meio do uso combinado do poder militar e do engano ou fraude, dois aspectos fundamentais do leninismo. Lenin foi o primeiro a descobrir o segredo de misturar "espírito e força bruta", o uso prático da força para realizar um programa utópico e o uso de um programa utópico como camuflagem para a força bruta, segundo análise de Mikhail Heller e Aleksandr M. Nekrich no livro *Utopia no Poder*.

Esse uso de um programa utópico como camuflagem para a força bruta que vigorou por décadas na União Soviética foi transplantado para a América Latina e está sendo implantado incansavelmente na vizinha Venezuela desde o governo de Hugo Chávez, prosseguindo com seu sucessor Nicolás Maduro, que segue fielmente a cartilha comunista de Lenin, Stalin e

Fidel. Os soviéticos conseguiram expandir o punho de ferro sobre milhões de pessoas na União Soviética; Nicolás Maduro o atual presidente da República Bolivariana da Venezuela está fazendo o mesmo com o seu povo por meio do uso combinado do poder militar e a destruição gradativa dos pilares básicos da democracia, contando com a solidariedade inabalável dos membros do Foro de São Paulo, em particular da presidente do PT.

Durante um discurso realizado em 30 de janeiro de 2005, o falecido presidente Hugo Chávez introduziu na Venezuela o chamado “socialismo do século 21”, uma ideia criada em 1996, por Heinz Dieterich Steffan. Chávez dizia que no âmbito da Revolução Bolivariana para alcançar esse socialismo, o país deveria passar por um estágio de transição chamado de Democracia Revolucionária. Chávez, não revelando, no entanto, de que forma se daria essa transição, dizendo apenas: "devemos transformar o modo de capital e avançar para um novo socialismo que deve ser construído todos os dias".

As esquerdas latino-americanas comemoraram bastante a eleição de Hugo Chávez naquele país, que vinha sendo palco de intensas lutas sociais desde 1989. Para seus admiradores, neles incluído Lula, o presidente Chávez conseguiu barrar o avanço do que eles chamavam de forças antipopulares e antidemocráticas, que usavam a riqueza do petróleo para garantir privilégios enquanto as massas populares viviam em uma situação de mais absoluta pobreza. A população mal sabia o que ainda viria pela frente.

Segundo os especialistas, os recursos oriundos do petróleo foram desperdiçados desde que Chávez assumiu o poder em 1999, situação que foi agravada com a queda nos preços do petróleo. Até 2005, o PIB daquele país era o mais elevado da América Latina, e o governo dizia que a pobreza e a desnutrição estavam caindo. Hoje, o país, que era um dos maiores produtores mundiais de petróleo, viu diminuir a produção e as receitas decorrentes do

petróleo, o que acabou por abalar seriamente a economia e produzir a crise atual.

De acordo com o jornal *Miami Herald*, edição on-line de sete de dezembro de 2017, um relatório emitido pela Assembleia Nacional, controlada pela oposição, afirmou que a inflação, em novembro de 2017, foi de 56,7%, e que os preços nos primeiros 11 meses do ano aumentaram 1,369 %. Segundo o relatório, a inflação da Venezuela poderia ultrapassar 2.000 % até o final deste ano, um resultado pior do que as economias devastadas pela guerra, como o Sudão do Sul e a Líbia, enquanto o país continua a sofrer uma profunda crise econômica. O Banco Central da Venezuela deixou de divulgar dados sobre a inflação desde 2015.

O atual governo é incapaz de alimentar sua população. Os produtos básicos desapareceram dos supermercados, onde as filas se multiplicam; a população recebe do governo uma cesta básica que não atende às suas necessidades; a democracia está em ruínas, com a imprensa sob censura e a oposição amordaçada e ameaçada. Qualquer crítica ao regime pode ser criminalizada, como atesta o grande número de presos políticos existentes no país, enquanto outros fogem para o Brasil em busca de alimentos, assistência e uma vida melhor.^[66] Até o ano passado, mais de 250 mil empresas haviam fechado e mais de 20 empresas de televisão e jornais ou haviam sido fechados, ou passaram para as mãos de aliados do governo.

O governo da Venezuela tem seguido um regime de orientação ideológica marxista-leninista. Em 1982, quando ainda era tenente-coronel, o ex-presidente Hugo Chávez criou o Movimento Revolucionário Bolivariano 200 ou MBR-200, de extrema esquerda, que era uma evolução do Exército Revolucionário Bolivariano – EBR-200, criado em 1983, por ocasião da comemoração do 200º aniversário do nascimento do libertador Simón

Bolívar. A esquerda venezuelana era composta pelos seguintes partidos: Partido Comunista da Venezuela (PCV), Partido da Revolução Venezuelana, *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) da Venezuela, *Partido Bandera Roja* (BR), entre outros.

O MIR foi um partido político venezuelano de tendência marxista, fundado em 8 de abril de 1960, sob a influência direta de Fidel Castro, a partir da vitória da Revolução Cubana. Foi o primeiro grupo a optar pela luta armada na Venezuela, participando de confrontos urbanos graves entre 1961 e 1962, e instalando uma frente guerrilheira no leste do país. O *Bandera Roja* foi uma frente de guerrilha revolucionária marxista-leninista que se transformou em um partido político.

O Partido Comunista Venezuelano seguia a orientação de que era necessário fazer uma aliança com a burguesia nacional progressista. A exemplo do que aconteceu em todo o mundo e particularmente com a esquerda no Brasil, não tardou a surgirem as primeiras dissidências políticas e que deram origem à Vanguarda Comunista (VC), ao *Movimiento al Socialismo* (MAS) e a *La Causa Radical* (LCR).

Em 1987, o *Movimiento al Socialismo* fundiu-se ao MIR, que havia abandonado a luta armada. O *La Causa Radical*, fundado em 1970, por um ex-guerrilheiro chamado Alfredo Manero, pretendia ser um partido de massas que se mantinha distante da ortodoxia do PCV. Em 1997, sofreu uma divisão gerando o Partido Pátria para Todos (PPT), que fez parte da coligação que elegeu Chávez.

O que quero dizer é que o transloucado Chávez e Maduro, o seu incompetente discípulo que até hoje conversa com seu mestre que lhe aparece sob a forma de um passarinho, fizeram da Venezuela um novo e infeliz laboratório para a experiência comunista na América Latina, com a fórmula

fornecida pelo ditador Fidel Castro. Essa tentativa de renovar a esquerda marxista por meio de mais uma nova solução salvadora, o socialismo do século XXI, mergulhou a Venezuela em uma profunda e perigosa crise econômica, política e social, deixando um rastro de corrupção, tráfico de drogas e criminalidade nas mais altas esferas do poder venezuelano.

O socialismo do século XXI não recomenda a ruptura imediata com a ordem capitalista, mas sim o processo de radicalização democrática, até a completa transformação nas estruturas econômico-sociais do país, substituindo gradativamente o capitalismo pelo socialismo, até chegar ao comunismo. Mas Maduro segue a regra do “faz o que eu mando e não o que eu faço”; por isso as restrições do governo só atingem os que não fazem parte da cúpula do poder. As filhas de Chávez eram acusadas de possuírem bilhões de dólares no exterior, enquanto generais e o presidente da Assembleia Nacional, Desdado Cabelo, também são acusados de acumularem fortunas provenientes do narcotráfico, informação essa que a imprensa ainda livre do país assegura ser absolutamente comprovada e verdadeira.

Em julho de 2014, o general Hugo Carvajal, ex-chefe do Serviço de Inteligência militar da Venezuela, foi detido em Aruba por supostas atividades relacionadas ao tráfico de drogas. Ele havia sido nomeado cônsul-geral daquele país em Aruba, Estado autônomo do Reino da Holanda, e acabou sendo declarado *persona non grata* – um termo usado pelos governos para remover os diplomatas estrangeiros indesejáveis. Voltando ao seu país, Carvajal foi recebido como um “patriota”, título que lhe deu o presidente da Assembleia Nacional Desdado Cabelo, ele próprio acusado de comandar um grande esquema de tráfico de drogas. Maduro disse, na televisão, que se tratava de “um triunfo da revolução”.

Mas o que é mais grave para aquele país é que seu atual dirigente

parece ter sido afetado pelo vírus da corrupção que impregnou a quase totalidade dos governantes latino-americanos do Foro de São Paulo. A mesma estratégia utilizada de pagamento criminoso de propina utilizada no Brasil envolvendo a empresa Odebrecht e partidos políticos também foi usada na Venezuela.

De acordo com reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 25 de março de 2018,^[67] que tinha por base delações de executivos da Odebrecht e documentos no âmbito da Operação Lava Jato, o presidente Nicolás Maduro teria recebido US\$ 35 milhões em propinas pagas por aquela empresa, que realizava 21 obras de infraestrutura naquele país. Maduro teria ordenado pagamentos extraordinários de até US\$ 4 bilhões para obras da Odebrecht em 2013, como retribuição às contribuições da empreiteira à sua campanha presidencial. A liberação desses recursos, que não estavam no orçamento aprovado pelo Legislativo, e que em parte vinham de linhas de crédito do BNDES, fazia parte de um acordo entre Maduro e a construtora.

O jornal afirmou ainda que o Ministério Público obteve parte da informação nos depoimentos do ex-diretor da Odebrecht na Venezuela Euzenando Azevedo e dos assessores Mônica Moura e João Santana, ligados às campanhas de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff. Citando documentos que estariam nas mãos de procuradores de Brasil e Venezuela, a reportagem afirma que Maduro considerou "muito urgente" a execução dos pagamentos, e em troca dos US\$ 35 milhões para sua campanha o presidente daria “prioridade” para que recursos extraorçamentários bancassem obras da Odebrecht.

Um dos primeiros atos de Maduro, segundo os documentos, foi quitar a dívida com a Odebrecht. Menos de um mês depois de ser eleito, em 14 abril de 2013, ele assinou a primeira ordem para liberar o dinheiro. No dia 4 de

maio, seriam US\$ 106 milhões. Em 12 de maio, US\$ 1,1 bilhão e outros 503 milhões de euros. O jornal também cita a delação do publicitário João Santana, em dois de agosto de 2017, na sede da Procuradoria da República, em Salvador, que em seu depoimento disse que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva lhe pediu, por telefone, que colaborasse com Hugo Chávez na campanha de 2012.

Enquanto mais de um milhão de pessoas fogem daquele país em busca de uma vida melhor, e uma comitiva de oito senadores brasileiros liderada por Aécio Neves (PSDB-MG) viu frustrado seu intento de visitar presos políticos naquele país, sofrendo toda sorte de hostilidades, os parceiros ideológicos de Chávez e Maduro do Foro de São Paulo e do Partido dos Trabalhadores, por intermédio da sua atual presidente Gleisi Hoffmann, aplaudem o aprendiz de ditador que humilha seus colegas do Senado da República do Brasil.

Infelizmente os dois últimos presidentes da Venezuela lançaram aquele país em um dos períodos mais sombrios de sua história recente. Caminhando a passos largos para um regime ditatorial, Nicolás Maduro acabou com os últimos recursos que poderiam permitir a existência de um contrapoder na política do país. Anulou na prática o Parlamento eleito em dezembro de 2015, de maioria oposicionista, e convocou a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte, uma câmara sem representantes críticos ao chavismo, que se transformou em um mero cumpridor das ordens partidas do Poder Executivo.

A despeito da rejeição internacional e da oposição venezuelana, que a qualifica como "uma ameaça à democracia", em quatro de agosto de 2017, a Assembleia foi instalada, mesmo sem o reconhecimento de diversos governos latino-americanos, Estados Unidos e União Europeia, que denunciavam a

utilização de fraudes por meio das quais Maduro procura perpetuar-se no poder.

Em uma clara tentativa de imitar o líder soviético Vladimir Lenin quando tentava conquistar o apoio das massas trabalhadoras para que apoiassem sua revolução, proferindo a célebre frase “Todo poder aos *soviets*”, o presidente da Venezuela declarou no programa "Em contato com Maduro": "Eu vou dar todo o poder ao Parlamento Comunal, e esse Parlamento será uma instância legislativa do povo desde a sua base", uma forma de prostituir o que restava de democracia no país.

Maduro afirmou que a nova entidade já possuía 600 legisladores "de todos os parlamentos comunais de base" para fortalecer as instituições "em direção ao Estado comunal", ou seja, dito em outras palavras para o bom entendedor, para a criação da “República Socialista Soviética da Venezuela”, como fez Lenin em relação à criação da União Soviética. A oposição rejeitou participar dessas eleições e desencadeou quatro meses de protestos de rua ininterruptos, que deixaram mais de 120 mortos. A hiperinflação, a incompetente gestão da política monetária, a repressão, a corrupção e o afundamento da petroleira estatal, a PDVSA, é o grande legado de Hugo Chávez.

Analisando o agravamento da situação política na Venezuela, o então presidente Michel Temer afirmou no encontro de cúpula dos chefes de Estado do MERCOSUL, realizado em 21 de julho de 2017, em Mendoza/Argentina, que os países que integram aquela entidade reconheciam ter ocorrido uma “ruptura” democrática naquele país. Reconhecendo a morte da democracia na Venezuela, Temer acrescentou: “Nossa mensagem é clara: conquistamos a democracia, em nossa região, com grande sacrifício, e não nos calaremos, não nos omitiremos frente a eventuais retrocessos”.

A despeito disso, em 19 de julho 2017, os três principais partidos de esquerda do Brasil – PT, PC do B e PDT – subscreveram em Manágua, capital de Nicarágua, a resolução final do 23º Encontro do Foro de São Paulo, em defesa do regime de Maduro, o que deixa bem claro o viés ditatorial desses partidos. O texto defendia uma nova Constituição que ampliaria os poderes de Maduro, exaltando o “triunfo das forças revolucionárias na Venezuela”, uma vez que a “revolução bolivariana é alvo de ataques do imperialismo e de seus lacaios”, jargões típicos sempre repetidos pelos “idiotas úteis”.

Segundo noticiou o *Estadão* de 22 de julho, Ana Prestes, da Fundação Maurício Grabois e uma das representantes do PC do B, afirmou: “Nosso apoio ao Maduro é total. O Foro foi bem unificado em relação à Venezuela. Não houve omissão, porque a virulência da oposição está grande e conta com muito apoio externo.” Tal tipo de conduta só demonstra a completa cegueira ideológica em apoiar, naqueles que comungam do mesmo credo religioso, aquilo que combatem em seu próprio país, ou seja, um total desprezo pela democracia.

Dias depois, em cinco de agosto, o MERCOSUL suspendeu os direitos políticos da Venezuela por “ruptura da ordem democrática”, uma decisão aprovada por unanimidade pelos ministros das relações exteriores do MERCOSUL após uma reunião daquela entidade realizada em São Paulo e da qual participaram representantes do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Paraguai. A Venezuela já havia sido suspensa do exercício de membro do MERCOSUL em dezembro 2016, por descumprir obrigações com as quais havia se comprometido em 2012.

A decisão foi tomada logo depois que a Assembleia Constituinte destituiu a procuradora-geral daquele país, Luiza Ortega, que vinha

denunciando casos de desrespeito aos direitos humanos e corrupção no país. A volta da Venezuela ficaria condicionada ao retorno da ordem democrática e à adoção de algumas medidas, como a libertação dos presos políticos, o retorno ao calendário eleitoral e a anulação da Assembleia Constituinte.

O chanceler brasileiro Aloysio Nunes afirmou que: “Desde que o governo venezuelano enveredou por um caminho que o levou a se afastar cada vez mais da democracia, nossos países, em diversas instâncias, manifestaram preocupação.” Já o chanceler argentino Jorge Faurie foi ainda mais duro, dizendo: "Não importa o que se perca de comércio. O que estamos a dizer aqui é: você não pode matar seu povo, não pode cassar direito".

Embora o totalitarismo fascista ronde aquele país, seus sócios brasileiros do Foro de São Paulo dizem que é um exemplo de democracia, como atesta a manifestação da presidente do PT Gleisi Hoffmann, que ao abrir o 23º Encontro do Foro de São Paulo, dia 16 de julho de 2017, na Nicarágua, manifestou, em nome do partido, apoio e solidariedade ao governo do PSUV (Partido Socialista Unido da Venezuela), seus aliados, e ao presidente Maduro, solidarizando-se com Cuba e saudando as vitórias da esquerda na Nicarágua e Equador.

É assim que agem os que se dizem “progressistas”, mas que só deixam o atraso, o desemprego, o ódio, a desesperança e a frustração nos países onde se estabelecem. Acredite nos progressista e repita seus chavões, e depois vá se queixar da falta de liberdade, falta de alimento, falta de emprego etc. Aí então já será tarde; você foi apenas mais um “idiota útil”.

São esses mesmos progressistas que insistem em demonizar o regime militar, enquanto este acabou por realizar muitas das pretensões da esquerda, conforme analisa o sociólogo Francisco de Oliveira em interessante análise na *Revista Piauí*, em que diz:

O golpe de Estado de 1964, que derrubou o governo João Goulart e terminou com a precária democratização em curso desde 1945, pintou-se com as cores do atraso, mas na realidade realizou o programa capitalista em suas formas mais violentas. Não foi um conflito entre o atraso e o progresso, mas entre duas modalidades de avanço capitalista. O vencedor fez seu o programa do vencido, radicalizando-o e ultrapassando-o. Fincou os novos limites à acumulação de capital muito além do que os vencidos teriam ousado, na esteira da evolução do regime chamado varguista-desenvolvimentista. A estatização promovida pela ditadura militar significou a utilização do poder estatal coercitivo para vencer as resistências não do atraso, mas das burguesias mais ‘avançadas’. Nunca a divisa da bandeira foi levada tão ao pé da letra quanto naqueles anos: ‘ordem e progresso’. Poderosas empresas estatais se fortaleceram nos setores produtivos, fusões bancárias foram financiadas por impostos pesados, recursos públicos foram usados sem ambiguidades não para preservar o velho, mas para produzir o novo – como a Aeronáutica e o ITA criando a Embraer. Avanço ou atraso?

Cabe ao leitor responder a essa questão.

Por fim, Oliveira concluiu que o regime militar sucumbiu não ao seu fracasso, mas ao seu êxito em construir uma ordem capitalista avassaladora, ao mesmo tempo em que relegou a burguesia nacional ao papel de coadjuvante, submetendo a classe trabalhadora a pesadas intervenções. Por fim, o articulista deixa uma questão, referindo-se ao governo que à época era do PT: “Quem governa, o atraso ou o avanço?” Ele mesmo responde: “O

lulismo é uma regressão política, a vanguarda do atraso e o atraso da vanguarda.”

Implicações para a segurança e para a paz social

É um fato evidente que nos dezessete anos desde a assunção de Lula e do PT ao governo do Brasil, os valores da sociedade brasileira modificaram-se bastante, sendo perceptíveis os sinais de um maciço e contínuo processo de endoutrinação de parcela significativa da sociedade por meio de conceitos totalitários, marxistas e gramscianos. O que é trágico nesse processo é que grande parte da população não tem ideia de como esses gênios do mal agem, não sabem para onde os estão conduzindo aqueles que, embebedados por essas ideologias, sonham com uma ditadura comunista em nosso país. Isso não é sonho, nem miragem, nem teoria conspiratória: está nos estatutos dos partidos de esquerda e nos documentos do PT, todos com base nas orientações de Marx, Engels e Gramsci.

Os velhacos de ideologias espúrias e já superadas pelas sociedades mais avançadas aproveitaram-se da ignorância da maioria e do silêncio amedrontado da minoria esclarecida que receia os ataques virulentos e destrutivos da ignominiosa esquerda decadente e corrupta, como ficou comprovado nos diversos inquéritos e nas condenações dos grandes heróis da esquerda como Lula e José Dirceu. Aproveitando-se das liberdades que a democracia oferece, e da inocência das pessoas mais carentes, procuram arregimentar essa população para o que eles chamam de democracia popular, que em última análise pressupõe a ditadura do proletariado, para executar seu projeto de conquista e manutenção do poder.

Enrolando-se na bandeira da democracia, prostituíram-na. Para essa classe de aventureiros políticos, democracia é apenas aquilo que serve aos seus propósitos; usam esse termo à exaustão, enquanto trabalham para aboli-

la, conforme se pode constatar no famigerado Programa Nacional dos Direitos Humanos-3, que além de desejar calar e sufocar a liberdade de imprensa, também colocava o assassinato de bebês indefesos como um dos mais fundamentais direitos humanos. Com arrogância e por meio de uma capa de santidade e de elevação moral, procuram sobrepor-se aos demais membros da sociedade como os paladinos da ética e da defesa dos direitos humanos e dos mais pobres.

“Dividir para conquistar” é um clássico nas estratégias de guerra para enfraquecer e subjugar os povos. Cunhado pelo imperador romano Júlio César, em seu livro *De Bello Gallico* (Guerra das Gálias), na política ele é usado como uma estratégia para manter um território ou uma população dividida. Para Maquiavel, em *O Príncipe*, essa era a melhor estratégia para se obter poder e semear intriga entre aqueles que governam, ou que podem vir a governar; depois de dividi-los, podemos buscar alianças com grupos individuais, sejam eles raciais, sociais, ideológicos etc. O que interessa é repetir o jargão de “defesa das minorias” como forma de utilizá-los para chegar ao poder.

De repente, passamos a ver conflitos eclodindo a todo momento: negros contra brancos, ricos contra pobres, mulheres contra homens, letrados contra iletrados, enfim, diferenças que eram normais nas sociedades e que sempre foram superados pelo próprio processo de evolução de consciência, educação e melhoria das condições socioeconômicas passaram a ser motivos para vitimização e exploração política.

De repente, aparecem denúncias fantasiosas e claramente de incitação à luta de classe, segundo as quais os ricos e a chamada burguesia orgulhosa não admitem a ascensão dos pobres à nova classe média; casos isolados e estúpidos de pessoas que fazem pilheria sobre o fato de pobres viajarem de

avião são tratados como prova da intolerância dos mais abastados; acusações de que nas universidades os filhos da burguesia se sentem prejudicados pelo acesso facilitado dos filhos das classes trabalhadoras procuram levar conflitos artificiais para dentro das universidades. Enfim, são tantas asneiras e sandices que fica difícil enumerá-las. Mas o pior é que, por meio das *Fake News*, divulgadas instantaneamente pelas redes sociais, novos conflitos sociais criados artificialmente surgem e se espalham com a velocidade da luz.

O que é mais preocupante é que essa estratégia de criar antagonismos entre raças – por mais que a ideia de raça esteja em baixa hoje pela ciência –, ricos e pobres, etc., foi utilizada por Hitler para desunir a Alemanha e permitir a ascensão do nazismo. Hitler percebeu que não era forte o suficiente para dominar a Alemanha unificada; sua estratégia, então, foi a de separar a população em pequenos grupos a serem explorados, utilizando o preconceito e a divisão interna como arma para enfraquecer o país. Essa mesma ideia vem sendo utilizada pelas esquerdas, seguindo os ensinamentos de Antônio Gramsci, que criam o caos para depois surgirem como a solução para o caos que criaram, uma ideia essencialmente destrutiva sobre o poder criativo do mal que diz: destrua, pois da destruição surgirá a ordem; faça o mal e dele surgirá o bem.

O comandante do Exército, General Eduardo Villas Boas Correa, em palestra que realizou no Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 2018, lançou um grave alerta sobre os perigos que rondam nosso país, admitindo que seria um retrocesso se houvesse uma intervenção militar no governo federal, mas ressaltando que o apoio popular a essa ideia dava uma ideia dos problemas existentes no país, haja vista o elevado percentual de 43% da população que apoiariam uma intervenção militar, conforme pesquisas de opinião.

Falando sobre essas ameaças à paz social, disse o general:

A sociedade brasileira corre o risco de uma fragmentação social devido à incorporação passiva de ideologias. Incorporamos tanto ideologias políticas quanto ideologias sociais que estão nos desfigurando como nação e alterando nossa identidade. Todos os problemas se tornam ideologia e, quando o foco fica nas ideologias, os resultados e a busca de soluções ficam de lado.

Assim, quanto mais ambientalismo, mais problemas ambientais; quanto mais indigenismo, mais os coitados dos nossos índios ficam abandonados; quanto mais luta contra o preconceito racial, mais racismo; quanto mais se discutem as questões de gênero, mais preconceito nessa área se verifica.

Por incrível que pareça, até mesmo, está surgindo no nosso País intolerância religiosa! Por trás disso tudo está a falta de disciplina social na sociedade brasileira e a falta de limites relacionada com as carências da nossa educação e com a perda da presunção da autoridade, não só dos agentes públicos, mas até mesmo dos professores em sala de aula. Essa falta de limites está fazendo com que a nossa sociedade vá se desagregando paulatinamente.

O comandante do Exército disse ainda que a sociedade está perdendo os seus valores correndo o risco de uma fragmentação. “Se não uma fragmentação territorial, já está a caminho uma fragmentação social”, disse Villas Bôas na palestra. Em outras palavras, o general está referindo-se ao resultado da massificação das ideias originadas na Escola de Frankfurt, que analisaremos em outra parte deste livro.

Tendo por obrigação uma visão estratégica sobre o futuro do país, e sendo um dos responsáveis pela manutenção da paz social, o que o general está tentando dizer à sociedade é que um trabalho de orientação marxista-leninista-gramsciana está em plena execução, e que visa à desagregação da sociedade, o que, em termos políticos ideológicos, significa fomentar a luta de classes visando a uma revolução que transforme a estrutura socioeconômica do país, conforme atestam os documentos e os discursos de antigos próceres do PT.

Isso foi afirmado por uma das antigas lideranças do PT, o jornalista e dirigente da esquerda marxista do PT, Serge Goulart, fundador e candidato à presidência do partido em 2009, que disse:

O povo brasileiro precisa é de outras instituições, de outra classe dominante, a classe trabalhadora, de outra política, a política revolucionária do marxismo, do socialismo. O que o Brasil e o mundo precisam é pôr fim ao regime da propriedade privada dos grandes meios de produção e estabelecer um regime de propriedade coletiva das fábricas, das terras, das empresas, dos bancos, enfim, estabelecer uma economia política dos trabalhadores.

Pode parecer estarrecedor, mas esse é o socialismo pregado por ele, que pelo menos tem a coragem de declarar, sem sofismas e sem as máscaras da enganação, que futuro a sua facção no partido pretende para o país. Crítico e desiludido com os rumos que o partido tomou, abandonando esses ideais de revolução, Serge abandonou o partido.

Mas, se no *front* interno podemos divisar nuvens escuras, nosso entorno no continente não são flores. Se consultamos os documentos sobre políticas de defesa do Brasil, vamos encontrar sempre a afirmação de que

nosso país vive em paz com seus vizinhos, tendo suas fronteiras bem assentadas e sem disputas. Essa assertiva era válida antes da ascensão de governos de orientação marxista-leninista do Foro de São Paulo em diversos países da região, principalmente Venezuela e Bolívia. Por ocasião do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, o que vimos foram declarações contundentes dos governantes desses países, ameaçando o Brasil com base na união e no compromisso ideológico que une os participantes daquela entidade, que Lula se orgulhava de ter criado.

Em 19 de abril de 2016, a Agência Lusa distribuiu comunicado em que o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, afirmava que o processo de destituição de Dilma Rousseff, no Brasil, fazia parte de uma ofensiva imperialista para acabar com os governos populares e que esse processo ameaçava toda a América Latina. Maduro ofereceu todo apoio à presidente brasileira afirmando: "Fomos testemunhas de um evento que, sem lugar para dúvidas, constitui um golpe de Estado parlamentar contra a legítima presidente do Brasil, Dilma Rousseff".

Maduro foi mais além, afirmando que o processo de destituição de Dilma Rousseff “faz parte de uma ofensiva imperialista para acabar com os governos populares e para implementar outra vez um modelo neoliberal repressivo. Estão brincando com a vontade do povo”, disse. “A Venezuela bolivariana solidariza-se com a presidente Dilma, com o povo do Brasil e condena o golpe de Estado”, acrescentou. Ao mesmo tempo, ele pediu aos venezuelanos para estarem em alerta e defenderem a causa independentista e reivindicarem o projeto de integração latino-americana de Simón Bolívar, o militar e líder político que teve um papel destacado na independência de vários países sul-americanos.

A preocupação de Maduro deve-se à importância do Brasil no

contexto do processo de marxização do continente latino-americano, pois, conforme afirmou o próprio Maduro, sua presença era fundamental para o sucesso do plano, detalhado no Foro de São Paulo. Disse ele:

Eu disse à Presidenta Dilma, e também disse ao presidente Lula hoje, o presidente do Brasil um querido companheiro de nosso comandante Chaves. Eu lhes disse que a vitória do Brasil conseguiu a consolidação para a nova etapa de avanços, das transformações e das mudanças na América Latina. É um passo gigantesco do gigante Brasil, que vem reforçar toda a nossa força revolucionária no continente.

Mais agressivo e desrespeitoso foi o presidente da Bolívia, Evo Morales, que em tom ameaçador dirigiu-se aos militares brasileiros nos seguintes termos:

Ouvi dizer que no Brasil há um golpe de Estado contra a companheira Dilma, contra Lula e o PT. Irmãos comandantes, oficiais das Forças Armadas do Brasil, diga em meu nome ao seu comandante que não permitiremos golpes de Estado no Brasil nem na América do Sul ou na América Latina. Vamos defender as democracias, e pessoalmente agiremos para defender Dilma, presidente do Brasil, vamos defender o Partido dos Trabalhadores.

A situação da Colômbia em relação ao Brasil só ficará clara depois da eleição presidencial que será realizada em maio de 2018, e da qual dependerá, em boa medida, a consolidação, ou não, do difícil processo de paz com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que tinha o apoio total do Foro de São Paulo. O acordo fechado em novembro de 2016, pelo governo de Juan Manuel Santos, apesar de ter dado fim ao conflito armado com

aquela organização narcoguerrilheira recebeu uma dura oposição de boa parte da sociedade, uma vez que os ex-combatentes terão uma representação garantida no Parlamento – uma das cláusulas dos acordos de paz –, e seu máximo líder, Rodrigo Londoño, “Timochenko”, pretende disputar com os candidatos dos partidos tradicionais.

Depois de meio século de guerra interna no país, essa eleição terá implicações no futuro da América Latina, em especial para o Brasil, pois poderá atenuar o problema do narcotráfico que por anos foi exercido pelas Farc, amenizando as preocupações com a infiltração de guerrilheiros através da fronteira entre os dois países. Mas, enquanto se aguarda pelo futuro, novas preocupações surgem no presente.

Em três de novembro de 2014, a imprensa publicou que o ministro para Comunas e Movimentos sociais da Venezuela, Elias Jaua, havia assinado um convênio com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), do Brasil, que segundo ele serviria “para incrementar a capacidade de intercâmbio de experiências, de formação, para fortalecer o que é fundamental em uma revolução socialista, que é a formação da consciência e da organização do povo para defender o que já foi conquistado e seguir avançando na construção de uma sociedade socialista”. As palavras de Jaua dispensam explicações.

O acordo foi firmado na sede da Escola Nacional Florestan Fernandes, do Movimento Sem Terra, em Guararema, São Paulo, que promove cursos de formação política e técnica para movimentos sociais do Brasil e da América Latina. Seguramente esse convênio com o MST não deve ser algo tão inocente, como ensinar a plantar, já que até hoje o MST não mostrou o resultado dos investimentos que o governo petista fez a eles. Pelo contrário, Lula ameaçou a sociedade brasileira com o exército do Stédile, seja

lá o que isso quer dizer.

O Foro de São Paulo, conforme foi denunciado por vários especialistas e diplomatas, funciona como uma espécie de diplomacia informal que serve para ocultar da sociedade o que seus governos estão tramando nas sombras. O Itamaraty, que nada sabia sobre esse convênio, pressionado por deputados da oposição, cobrou explicações da Venezuela, enquanto seu ministro Jaua saía do país às pressas, depois que uma pretensa “babá” que fora contratada por sua família foi presa no dia 24 de outubro, ao tentar passar pela imigração com uma arma, que pertencia ao ministro, fato que o venezuelano considerou apenas um engano.

O líder do PSDB na Câmara, Antônio Imbassahy, considerou o episódio uma possível prática de crime contra a segurança nacional e contra a ordem política e social cometido pelo ministro venezuelano, solicitando ao Ministério da Justiça e à Procuradoria Regional de São Paulo que investigasse o assunto. O então ministro das Relações Exteriores, Luiz Alberto Figueiredo, convocou o encarregado de negócios da embaixada da Venezuela no Brasil, Reinaldo Segovia, para pedir explicações sobre o convênio firmado pelo governo de seu país com o MST, alertando-o, em termos diplomáticos, que esse tipo de atitude "não se coaduna com o excelente nível das relações com a Venezuela".

A possibilidade de venezuelização do Brasil é um assunto que interessa a toda a sociedade, e o fato de uma autoridade daquele país realizar um convênio com uma entidade brasileira radical, possivelmente com a aquiescência do Palácio do Planalto, mas com o desconhecimento do Ministério das Relações Exteriores, mostra o nível de cumplicidade entre os governos marxista-leninistas da América Latina, dentro da concepção do Foro de São Paulo. Esse acordo poderia ser interpretado como uma

ingerência em assuntos internos do Brasil.

PARTE V

PT – Um partido multifacetado

É muito difundida uma frase que é atribuída a Vladimir Lênin, mas que aparentemente ele não pronunciou. Não importa o autor da frase, mas sim a precisão com que ela se encaixa perfeitamente ao *modus operandi* das esquerdas, principalmente do Partido dos Trabalhadores por intermédio do seu gênio maior Luiz Inácio Lula da Silva. A referida frase diz o seguinte: “Acuse os adversários do que você faz, chame-os do que você é.” Existe uma outra variante que vai no mesmo sentido: “Xingue-os do que você é, acuse-os do que você faz”.

Uma das formas de identificar imediatamente um esquerdista de orientação marxista-leninista-trotskista-gramsciano é quando você, por qualquer razão, discorda ou combate a cartilha marxista da evolução das espécies, e ele, ou ela, logo o acusa de ser fascista ou direitista. Ora, fascismo foi uma experiência política, social e humana exatamente como o comunismo, o nazismo, o Maoísmo, e outros *ismos* que a esquerda de diversas orientações segue e aprecia, e que deram errado por colocar o Estado acima de tudo e o ser humano em um segundo plano, embora a proposta enganosa promettesse o contrário.

Dizem alguns comentaristas que uma parcela influente da sociedade brasileira está aproximando-se cada vez mais dos valores totalitários específicos do fascismo. Tudo que é produzido hoje no país e que contrarie os interesses de um grupo de cleptocratas do Estado brasileiro é logo acusado de ser obra de fascistas, não importando que seja uma decisão judicial, uma peça de teatro, a letra de uma música, um simples posicionamento político

que não se enquadre no pensamento marxista-leninista, ou simplesmente pelo fato de alguém ser defensor do liberalismo econômico.

A questão importante, portanto, é analisar efetivamente o que esse termo que está tão banalizado e foi tornado tão abjeto representa, e quem efetivamente, na arena política, pode ser enquadrado como fascista. Muita gente da esquerda considera Donald Trump fascista; ele pode ser tudo menos fascista, se nos guiarmos pelas características apresentadas pela maioria dos cientistas políticos. Vamos tentar elucidar o exato significado do termo para desmascarar aqueles que, embora o sendo, acusam o próximo de o ser.

Fascismo, em seu conceito mais simples, é um substantivo masculino que significa: movimento político e filosófico ou regime (como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922) que faz prevalecer os conceitos de nação e raça sobre os valores individuais, e que é representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador. O fascismo desenvolveu-se em alguns países europeus após a Primeira Guerra Mundial, principalmente naqueles que enfrentavam graves crises econômicas dela decorrentes, como a Itália e a Alemanha.

De acordo com o *Dicionário de Política* de Norberto Bobbio, Nicola Matteuci e Gianfranco Pasquino, existe um grande problema em definir o termo *fascismo*, haja vista a vastíssima literatura referente ao assunto, em que nos depararmos com definições diversas e frequentemente contraditórias, como também pela pluralidade de enfoques, cada um privilegiando um ou outro traço considerado particularmente significativo para a descrição ou explicação do fenômeno.

De um modo geral, o fascismo pode ser analisado por meio de um enfoque histórico como o fascismo italiano, referindo-se ao modelo criado por Benito Mussolini, o político que liderou o Partido Nacional Fascista e

responsável pela criação do fascismo, e o chamado fascismo alemão, no caso do nacional-socialismo que se consolidou na Alemanha. No entanto existem muitas outras linhas diferentes, mas que se originam do fascismo histórico, podendo apresentar diversos significados, dependendo do enfoque escolhido e das suas características principais, não existindo um conceito de fascismo universalmente aceito.

Segundo o *Dicionário de Política* editado pela Universidade de Brasília,

[...] se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo.

O fascismo também pode caracterizar-se por ter objetivos de expansionismo imperialista, pela mobilização das massas, pela eliminação da oposição mediante o uso da violência e do terror, pela existência de um aparato de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa, pelo crescente dirigismo estatal, mas em uma economia do tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, o conjunto das relações econômicas, sociais, políticas e culturais.

Talvez por apresentar uma variedade de interpretações e por ser fenômeno de muitas faces, em que cada uma delas capta apenas um aspecto

parcial do todo, é que esse termo é usado tão amplamente, quando se quer atingir negativamente um oponente político-ideológico. Como ainda não existe uma definição universal sobre o fascismo, e como é difícil enquadrá-lo dentro do espectro ideológico usual, o termo deve ser analisado por meio das características comuns encontradas nas experiências fascistas ocorridas na história. Tentaremos realizar essa análise com alguns exemplos, deixando de lado o fascismo italiano, por ser já um modelo-padrão consagrado.

Tanto os governos de esquerda como os de direita podem enquadrar-se na categoria de fascista. Por exemplo, se considerarmos que o fascismo se caracteriza por ser um regime autoritário com concentração total do poder nas mãos do líder do governo, podemos dizer que os governos da União Soviética, da Alemanha e de Cuba foram e são fascistas. Já o governo militar que se instalou no Brasil, por ter sido exercido de maneira autoritária e por grande perseguição aos inimigos do regime, também é considerado como fascista por alguns cientistas políticos.

Por defender e exaltar uma determinada coletividade nacional em detrimento das culturas de outros países e pelas tentativas de expandir seu território por meio de conquistas bélicas, realizando altos investimentos na produção de armas e equipamentos de guerra, novamente podemos enquadrar os dois sistemas gêmeos europeus – o comunismo e o nazismo – como fascistas. Cuba poderia ser enquadrada nesse padrão, já que instaurou um regime ditatorial baseado no culto do chefe, tentando exportar o seu modelo para os países da América Latina nas décadas de 60 e 70.

Outra característica do fascismo é controlar os meios de comunicação de massa, por onde divulgavam sua ideologia e controlavam todas as informações disseminadas, eliminando qualquer crítica ao governo mesmo que seja por meio da violência e do terror. A Rússia de hoje segue a tradição

da União Soviética, da Alemanha nazista e de Cuba. A Venezuela, a cada dia que passa, enquadra-se cada vez mais em um Estado fascista, e o governo petista tem tentado amordaçar a imprensa em várias oportunidades, e Lula promete que se eleito novamente irá fazê-lo.

Por essas características, poderíamos dizer que o PT é um partido fascista, se levarmos em consideração a conduta de seu líder maior e de muitos dos políticos que o cercam ou que o idolatram, mas principalmente pelas medidas antidemocráticas que eles tentam impingir à sociedade, como o malfadado Plano Nacional de Direitos Humanos-3, uma verdadeira cartilha de como se instaura o comunismo em um país sem que a sociedade o perceba.

O PT – É fascista?

Em um documento produzido originalmente para uma conferência que seria proferida na Universidade Columbia, em abril de 1995, em uma celebração da liberação da Europa, o renomado filósofo e escritor Umberto Eco, autor de *O pêndulo de Foucault* e *O Nome da Rosa*, falecido em 2016, apresentou as características do que ele chamou de "Ur-Fascismo" ou "fascismo eterno".^[68] Eco estava autorizado a falar sobre o tema, pois, além de ter experimentado na pele o que é o fascismo, foi um vigoroso defensor da importância do pensamento crítico, além de possuir uma aguda lucidez analítica. Foi munido dessas qualidades que dedicou parte da vida estudando o fascismo, tentando entendê-lo e, mais importante, denunciá-lo.

Eco sempre ressaltou a importância do pensamento crítico, dizendo: "Os livros não são feitos para acreditarmos neles mas para os questionarmos. Quando pensamos num livro não devemos perguntar-nos o que é que diz, mas sim o que é que significa." Entendo que muitas pessoas têm dificuldades para realizar grandes questionamentos, mesmo sobre questões triviais, muitas

vezes repetindo refrãos instrumentalizados, sem entender o seu real significado, o que me parece absolutamente aplicável aos atuais debates sobre política que se realizam em nosso país.

Na sociedade da internet, as estatísticas mostram que, no Brasil, apenas 8% das pessoas têm plenas condições de compreender e se expressar. [\[69\]](#) Por outro lado, o país tem 27% de sua população entre 15 e 64 anos de analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que não conseguem realizar tarefas simples envolvendo leitura de palavras e frases. Daí a dificuldade de entender o significado mais profundo de diversas questões políticas atuais e as implicações das diversas ideologias, sendo, portanto, mais fáceis de serem manipulados politicamente.

No Brasil, nos últimos anos, uma palavra se tornou comum na boca de pessoas geralmente ligadas a partidos políticos e que não entendem seu significado, sendo utilizada mais com um sentido ofensivo para desqualificar o oponente: fascista! Segundo o professor Francisco Martinho, do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP): "Toda banalização é perigosa. O fascismo é um fenômeno específico, de molde nacionalista e mobilizador", disse ele em entrevista. "Qualquer adjetivação que defina o adversário como fascista sem apreciação mais aprofundada de seus valores e formas de atuação pode ter efeito político imediato. Mas de nada serve para sua compreensão."

Por sua vez, o professor de história Frederico Alexandre Hecker, em entrevista publicada no *UOL Notícias*, de 29 de março de 2018, explica que certas atitudes têm características que se aproximam do conceito clássico de fascismo. Alerta o professor Hecker:

Na democracia, as pessoas debatem, desafiam-se com ideias e buscam o convencimento por meio da lógica. Já no

fascismo, os outros são inimigos, não adversários”, diz o professor, fazendo lembrar certos documentos do PT, que consideram os que não concordam com eles como inimigos. “Por outro lado, os próprios defensores do Lula também se aproximam de atitudes fascistas quando ignoram a estrutura jurídica-política brasileira. Ela é legítima, há um processo de direito do Estado democrático.

Outra característica que Hecker vê presente no Brasil de hoje é que há muito “misticismo” no atual debate político e pouco uso da razão. “Lembra aqueles discursos de Hitler em que a massa ficava entregue? Era algo quase religioso – e isso é ruim porque significa que não há raciocínio”, provoca Hecker. “O fascista aceita essa aura mística e fica contra a razão, contra os argumentos. E temos visto umas pitadas disso por aí.” Finalmente, referindo-se àqueles que xingam os outros sem nem entender o que estão dizendo, o professor é taxativo: “Ficar só no xingamento é ser fascista, assim como partir para a violência e fugir do debate. Fazer isso é pegar toda a história que construímos e jogar no lixo. Aí mora o fascismo.” Ele parece estar referindo-se precisamente aos discursos incongruentes de Lula à sua fiel plateia petista e ao comportamento de seus seguidores.

Em palestra realizada na abertura do 2º Encontro do Fórum Nacional dos Juízes Criminais (Fonajuc), em Brasília, em 15 de março de 2018, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), afirmou que o tratamento rigoroso contra a criminalidade no Brasil é confundido como uma medida ditatorial. “Se você quer aplicar a lei, você é, no mínimo, chamado de fascista. Isso é um pós-conceito absurdo.” Criticando o atual estado de coisas e inversão de valores vigentes no país o ministro acrescenta: “Se você é molenga, você é amado pela mídia, e é progressista. Se você quer aplicar a lei, quer fazer justiça, você no mínimo é chamado de fascista. Esse é

um pós-conceito absurdo, que até se justificaria logo após ditadura militar”, enfatizou.

Por outro lado, as mídias sociais amplificam as ofensas e minimizam o debate. É como disse o psicanalista filósofo e professor universitário Mario Sergio Cortella, em entrevista à *DW Brasil*: “A instantaneidade e conectividade das mídias sociais fomentam um ambiente hostil em que todos têm alguma opinião sobre algo, mas poucos têm fundamentos refletidos e ponderados para iluminar as opiniões”. Diz Cortella:

A instantaneidade e a conectividade digital permitiram que um ambiente reciprocamente hostil encontrasse um meio de expressão mais veloz e disponível, quase sem restrição de uso e permitindo que tudo o que estava aprisionado no campo do indivíduo revoltado pudesse emergir como expressão de discordância virulenta e de vingança repressiva.

Umberto Eco explica que “O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social”, por isso uma das características dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos. De fato, os estudiosos são unânimes em afirmar que o surgimento do fascismo na Itália e na Alemanha foi motivado pela difícil situação econômica a que ficaram relegados esses países depois da Primeira Guerra Mundial.

Essa preocupação com a classe média está presente em todos os discursos de Lula e do PT, haja vista que ele considera que retirou mais de 30 milhões de pessoas da pobreza, elevando-os à classe média, e que essas pessoas estão retornando à posição anterior em razão da caótica situação

econômica a que o país ficou relegado depois da desastrada gestão econômica de Dilma Rousseff. São essas pessoas, que se julgam traídas e abandonadas, os alvos principais do canto de sereia daqueles que as colocaram nessa situação, mas que jogam a culpa nos ombros alheios, tornando-as um alvo fácil para os verdadeiros fascistas.

Em sua apresentação Umberto Eco advertia: “Cada vez que um político põe em dúvida a legitimidade do Parlamento por não representar mais a ‘voz do povo’, pode-se sentir o cheiro de Ur-Fascismo.” Essa declaração acerta em cheio o governo de Nicolás Maduro, que tudo tem feito para eliminar o Parlamento da Venezuela quando este passou a ser dominado pela oposição. Nesse sentido, Maduro apoiou a criação do Parlamento Comunal com o qual o Legislativo chavista esperava esvaziar os poderes da nova Assembleia Nacional antes da posse da nova maioria opositora, em cinco de janeiro.

Umberto Eco manifestou também a sua crença de que seria difícil que o tipo de governos totalitários que dominaram a Europa antes da Segunda Guerra Mundial retornasse sob a mesma forma, em circunstâncias históricas diversas. Dizia ele que

[...] o fascismo de Mussolini se baseava na ideia de um líder carismático, no corporativismo, na utopia do “destino fatal de Roma”, em uma vontade imperialista de conquistar novas terras, em um nacionalismo exacerbado, no ideal de uma nação inteira arregimentada sob a camisa negra, na recusa da democracia parlamentar.

Mesmo preocupado com os vários movimentos neonazistas ativos aqui e ali na Europa, inclusive na Rússia, não penso que o nazismo, e sua forma original, esteja ressurgindo como movimento capaz de mobilizar uma

nação inteira. O nazismo talvez não, mas o comunismo fascista, sim.

Um fascista no Foro de São Paulo

Tomando por base as observações de Umberto Eco, podemos traçar algumas similitudes entre o fascismo e o pensamento das esquerdas, relacionando-o com o pensamento do líder absoluto do PT Luiz Inácio Lula da Silva.

Eco dizia que Mussolini não tinha qualquer filosofia própria: tinha apenas uma retórica. Embora muitos analistas políticos queiram cunhar o termo “Lulismo” como se fosse um termo que expressasse algum tipo de filosofia ou ideologia política, vamos constatar, por tudo que foi apresentado até agora, que a única coisa cultivada pelo ex-torneiro mecânico que se jactava de sua própria ignorância – estou dizendo apenas o que ele próprio dizia a seu respeito – era a sua retórica chula, vazia, mas que agradava ao povo, deixando transparecer a total ausência de fundamentos filosóficos ou ideológicos.

É conhecido o grande esforço realizado pelos intelectuais do PT de criar o mito Lula, o novo pai dos pobres. O filme *Lula, o Filho do Brasil* fez parte desse esforço em mostrar o menino pobre do interior de Pernambuco que venceu todos os obstáculos e se tornou presidente da República. Mas o que interessa a um presidente são as suas ideias sobre como desenvolver um país e promover o progresso social. Analise todos os discursos de Lula feitos de improviso – não aqueles escritos por sua assessoria – e verá que é um desastre. No entanto dê a ele um microfone e ele se agiganta, mesmo não dizendo coisa com coisa, e repetindo as mesmas frases de efeito que ecoam muito bem nos ouvidos dos descamisados.

Celso Amorim, que foi seu ministro das relações exteriores, fazia questão de elogiar a capacidade de comunicação do chefe, dizendo: “ele tem

essa capacidade de comunicação com o povo que é a única coisa que dá força suficiente para enfrentar o poder econômico nacional e internacional e também a grande mídia”.

Em setembro de 2017, em sua carta de desfiliação do Partido dos Trabalhadores, o ex-ministro de Lula e um dos esteios do seu governo, Antônio Palocci, desferiu o mais duro golpe ao seu ex-chefe. Nela Palocci atacou o “mito” de Lula. “Somos um partido político sob a liderança de pessoas de carne e osso ou uma seita guiada por uma pretensa divindade?”, questionou, referindo-se à cegueira dos petistas em enxergar os crimes dos quais era acusado o ex-presidente. Palocci está na verdade desmistificando o rei, mostrando que ele está nu, que o PT viveu à sombra de um líder único, arbitrário, demagogo, mas que vencida eleições.

Eco afirma que o fascismo italiano convenceu muitos líderes liberais europeus de que o novo regime estava realizando interessantes reformas sociais, capazes de fornecer uma alternativa moderadamente revolucionária à ameaça comunista. No Brasil, Lula tenta passar a mentira de que jamais, em toda a história do país, foi realizada qualquer reforma ou medida que pudesse beneficiar os pobres; ele se arrogava ser o primeiro e grande construtor do Estado de bem-estar social no Brasil, o que é desmentido pelos fatos e pelas estatísticas.

Muitos politicólogos tentam atribuir a Lula a ideia de que ele teria um pensamento político próprio que o tornaria uma alternativa ao comunismo no meio sindical do país, que sempre foi disputado pelos marxistas. Mas o que ele próprio diz é diferente: ele não tinha qualquer pensamento político e suas únicas preocupações eram as mulheres, o futebol e a pinga.

Seguimos o pensamento do ilustre intelectual italiano quando ele diz que o fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de

diversos ideais políticas e filosóficas, uma colmeia de contradições que juntava monarquia e revolução, exército real e milícia pessoal de Mussolini, os privilégios concedidos à Igreja e uma educação estatal que exaltava a violência e o livre mercado. Essa colagem de diferentes ideais políticos e filosóficos ajusta-se perfeitamente ao PT, e ao petismo, que junta em suas fileiras as mais diferentes correntes do marxismo, do anarquismo e do trotskismo, com algumas pitadas do bolivarianismo de Chávez e do foquismo de Fidel: um verdadeiro balaio de gatos.^[70]

O fascismo italiano não era tolerante, haja vista que Antonio Gramsci foi mantido na prisão até a morte; a liberdade de imprensa foi suspensa; os sindicatos, desmantelados; os dissidentes políticos; confinados em ilhas remotas. O poder legislativo tornou-se pura ficção, e o executivo (que controlava o judiciário, assim como a mídia) emanava diretamente as novas leis, entre as quais a da defesa da raça, diz Umberto Eco em seu trabalho.^[71] Ora, tudo isso vemos hoje ocorrer na Venezuela, cujo figurino, o PNDH3, os gênios da desfaçatez fizeram Lula assinar “sem saber” o que estava assinando. Também não há dúvidas: o PT é intolerante e não aceita outro pensamento que não o seu.

Umberto Eco relacionou uma lista de características típicas daquilo que ele chamava de “Ur-Fascismo”, esclarecendo que essas características podiam não estar reunidas em um só sistema, e muitas delas se contradiziam entre si, mas era suficiente que uma delas se apresente para ativar o alerta da formação de uma nebulosa fascista. Analise o leitor se essa topologia de Eco se aplica ao PT e o enquadraria como um partido fascista:

UE – Culto da tradição, dos saberes arcaicos, da revelação recebida no alvorecer da história humana, dos hieróglifos egípcios às runas dos celtas e aos textos sagrados, ainda desconhecidos, de algumas religiões asiáticas.

Comentário – A única tradição que uma boa parte dos intelectuais do PT cultuam são as “revelações” de Karl Marx, Friedrich Engels, e o catecismo de Vladimir Lenin e Antonio Gramsci. O socialismo científico preconiza que a passagem do capitalismo ao socialismo não se efetuará fatalmente ou automaticamente. Ao contrário, ela só poderá efetuar-se se o proletariado tomar nas mãos seus interesses revolucionários e assumir a direção do processo histórico de sua libertação. Esse dogma ainda permeia o pensamento das esquerdas.

UE – *Rechaço do modernismo. O Iluminismo, a idade da Razão, são vistos como o princípio da depravação moderna. Neste sentido, o Ur-Fascismo pode se definir como irracionalismo.*

Comentário – Os valores do iluminismo são deixados de lado porque são vistos como valores de uma burguesia decadente que se nutre do sangue e suor do trabalhador.

UE – *Culto da ação pela ação. Pensar é uma forma de castração. Por isso a cultura é suspeita, à medida que é identificada com atitudes críticas.*

De uma forma geral, para as esquerdas, a única verdade é a da sua ideologia, nada mais interessando. O líder maior do PT sempre demonstrou seu desprezo pela instrução e pela cultura. É célebre – porém mentirosa – a frase que proferiu por ocasião de sua diplomação como presidente da República, em 14 de dezembro de 2002, no Tribunal Superior Eleitoral, quando disse:

Se havia alguém no Brasil que duvidava que um torneiro mecânico, saído de uma fábrica, chegasse à Presidência, 2002 provou o contrário. E eu, que durante tantas vezes fui criticado por não ter um diploma de nível superior, recebo

agora o meu primeiro diploma: o de presidente da República do meu país.

UE – *Rechaço do pensamento crítico. O espírito crítico opera distinções e distinguir é sinal de modernidade. Para o Ur-Fascismo, estar em desacordo é traição.*

Comentário – Comportamento típico das ditaduras de esquerda ou de direita é sua ojeriza pelo pensamento crítico. No livro *O Que Fazer*, Lenin defende a ideia do centralismo democrático baseado na premissa de que o proletariado não alcançaria a consciência revolucionária sem a contribuição de um grupo de intelectuais que teriam a tarefa de edificar um partido revolucionário apto a desempenhar um papel de vanguarda. Para ser aceito no partido, o candidato deveria comprometer-se a respeitar os seus princípios e a sua disciplina, bem como as decisões adotadas pela maioria, depois de livre discussão. O centralismo democrático seria, então, a estrita subordinação da base à cúpula do partido.

Existem no PT inúmeras correntes de pensamento, desde as mais radicais e ainda revolucionárias até as mais moderadas, que, nos congressos do partido, defendem suas ideias, muitas vezes antagônicas, mas, uma vez tomada uma decisão pela cúpula, esta é que prepondera, sem apelação.

UE – *Medo ao diferente. O primeiro chamamento de um movimento fascista, ou prematuramente fascista, é contra os intrusos. O Ur-Fascismo é, pois, racista por definição.*

Comentário – Os ideólogos do PT não admitem qualquer novidade que fuja aos seus postulados já consagrados. Daí as constantes defecções de militantes que passam a criar outros partidos.

UE – *Apelo às classes médias frustradas. Em nossa época, o fascismo*

encontrará seu público nesta nova maioria.

Comentário – Apesar de a senhora Marilena Chauí, uma das mais importantes próceres do PT, berrar que odeia a classe média, o governo daquele partido se vangloria de ter colocado o maior número de pessoas nessa classe, por mais que tenha sido por meio de artifícios estatísticos. Lula ufanava-se de ter conseguido transferir milhões de pessoas para a classe média – que em boa parte voltaram à classe anterior após o desastre do governo Dilma Rousseff, em que milhões perderam o emprego.

Apesar de a classe média não ter uma identidade política, na busca de um novo contingente de votantes, o PT busca desesperadamente atrair essa massa de trabalhadores frustrados, mas aí tem um problema: a intelectual petista Chauí, em um destempero verbal poucas vezes visto, vociferou em um encontro, em 13 de maio de 2013:

Eu odeio a classe média; a classe média é o atraso de vida; a classe média é a estupidez; é o que tem de reacionário, conservador; ignorante, petulante, e arrogante, terrorista, é uma coisa fora do comum a classe média... a classe média é uma abominação política, porque é fascista, é uma abominação ética porque é violenta, e é uma abominação cognitiva porque é ignorante.

O mais incompreensível foi que Lula, que se orgulhava de ter elevado milhões de pessoas à classe média, estava presente nesse encontro e aplaudiu efusivamente essa manifestação de Marilena Chauí. Durma-se com um barulho desses.

UE – *Nacionalismo e xenofobia. Obsessão pelo complô. Os seguidores têm de se sentir ameaçados.*

Comentário – O nacionalismo está no DNA dos partidos de esquerda e de direita. No entanto a ameaça que é sempre denunciada pelas esquerdas é a do grande inimigo do Norte, a besta-fera capitalista, os Estados Unidos, que sempre é culpado de impedir o desenvolvimento dos coitados latino-americanos. Jamais os derrotados governos das esquerdas admitem seus erros de gestão e sua incompetência; são os EUA que sempre estão planejando golpes e fazendo complôs contra esses coitadinhos. Sem apelar sempre para essa pseudoameaça, nem Fidel Castro, a seu tempo, nem Nicolás Maduro, na atualidade, teriam resistido muito tempo.

UE – *Inveja e medo do “inimigo”.*

Comentário – A tônica dentro do PT, bem como dos seus sócios do Foro de São Paulo, é o “grande satã”, um epíteto depreciativo para os Estados Unidos da América. Todos os males do mundo, e particularmente da América Latina, devem-se a eles, por liderarem a maior economia do mundo, disporem dos melhores “cérebros do mundo” e disporem do maior capital do mundo. O ódio visceral aos EUA por ser o maior país capitalista do mundo está no cerne do pensamento dos socialistas marxistas daquele partido.

UE – *Princípio de guerra permanente, antipacifismo.*

Comentário – Mal genético do marxistas-leninistas-trotskistas e gramscianos.

UE – *Elitismo, desprezo pelos fracos.*

Comentário – Ao contrário, os fracos e pobres são a matéria-prima para os discursos de todo populista. Para Eco, o Ur-Fascismo não pode deixar de pregar um “elitismo popular” em que os membros do partido são os melhores cidadãos; todo cidadão pode (ou deve) tornar-se membro do partido. O líder sabe que sua força se baseia na debilidade das massas, que têm necessidade de um “dominador”. Esse é o grande problema do PT, que vive aprisionado a

uma só liderança dominadora: Lula, o líder absoluto e intocável, o homem que melhor conhece o povo bem como a solução para os seus problemas.

UE – *Heroísmo, culto à morte.*

Comentário – Além do culto aos tradicionais heróis do comunismo mundial, em nosso pedaço da América Latina pseudo-heróis guerrilheiros – em verdade assassinos – são cultuados pelas esquerdas, como é o caso de Fidel Castro e Ernesto Che Guevara.

UE – *Transferência da vontade de poder às questões sexuais. Machismo, ódio à homossexualidade etc.*

Comentário – Nesse particular, ocorre exatamente o contrário. A ideologia de gênero é o carro-chefe nas políticas das esquerdas.

UE – *Populismo qualitativo, oposição aos apodrecidos governos parlamentares. Toda vez que um político lança dúvidas sobre a legitimidade do parlamento porque já não representa a voz do povo, podemos perceber o cheiro do Ur-Fascismo.*

Comentário – O PT encaixa-se inteiramente nessa característica, a começar pela denúncia de Lula quando disse, em setembro de 1993, referindo-se à Câmara dos Deputados: “Há uma maioria de 300 picaretas que defendem apenas seus próprios interesses.” Além de lançar dúvidas sobre a legitimidade do parlamento, sempre que decisões judiciais contrariam as suas pretensões, Lula e a cúpula petista investem contra a legitimidade do Poder Judiciário, como é possível constatar nos escândalos do Mensalão e do Petrolão, e nas condenações de Lula, José Dirceu e demais membros da confraria.

UE – *Novilíngua. Todos os textos escolares nazis ou fascistas se baseavam em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com a finalidade de limitar os instrumentos para o raciocínio complexo e crítico. Devemos*

estar preparados para identificar outras formas de novilíngua, inclusive quando adotam a forma inocente de um popular reality show.

Comentário – Durante os governos do PT, as cartilhas e livros escolares distribuídos nas escolas eram eivados de conteúdo marxista-leninista. O PNDH-3 contemplava uma completa adaptação dos textos escolares aos objetivos do partido.

Por todas essas razões, Umberto Eco recomenda que devemos ficar atentos, pois o Ur-Fascismo poderá estar sempre rondando ao nosso redor, disfarçado de anjo do Senhor. Diz ele:

Seria muito confortável para nós se alguém surgisse na boca de cena do mundo para dizer: ‘Quero reabrir Auschwitz, quero que os camisas-negras [referindo-se às tropas paramilitares do fascismo] desfilem outra vez pelas praças italianas!’. Ai de mim, a vida não é fácil assim! O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o indicador para cada uma de suas novas formas – a cada dia, em cada lugar do mundo.

Um partido para tempos de guerra

O general que avança sem cobiçar fama e se retira sem temer a desgraça, cujo único pensamento é para proteger seu país e dar um bom serviço ao seu soberano, é a joia do reino.

(Sun-Tzu em *A Arte da Guerra*)

Referi-me, em outro capítulo, à estratégia atribuída ao general Golbery do

Couto e Silva, de criar uma nova liderança sindical que afastasse esse segmento da sociedade das garras dos setores mais radicais do Partido Comunista Brasileiro, em sua estratégia de tomada de poder. Essa estratégia estava ancorada no fato de que Lula, o então jovem sindicalista, não tinha nenhuma ideologia – o que é afirmado pelos seus antigos colegas de sindicato – e que seu objetivo era apenas de desfrutar um pouco dos prazeres da vida e de tudo que o poder pudesse proporcionar.

Por outro lado, vários setores do sindicalismo marxista-leninista uniram seus esforços ao clero marxista agrupados na Teologia da Libertação, comunidades eclesiais de base e outras facções, que também viram naquele sindicalista simplório e que não desejava nada além do que jogar futebol, conquistar as mulheres e tomar sua cachaça – segundo ele próprio declarou e que são coisas absolutamente normais para um cidadão comum – a capacidade para se tornar um grande líder sindical em São Bernardo do Campo. Sua rápida ascensão constituiu-se em um dos mais importantes fatos no desenvolvimento do trabalhismo pela influência que os trabalhadores passariam a exercer no cenário nacional por meio da criação do Partido dos Trabalhadores, o PT e, anos depois, no comando da nação.

Embora criado e estruturado por intelectuais marxistas, o desenvolvimento do partido mostrou um trabalhismo mais maduro e realista em relação ao que poderia fazer. Não se sabe se por influência do general Golbery, como afirmam alguns, ou não, Lula procurou manter-se afastado das inclinações políticas e ideológicas com o marxismo-leninismo, ao contrário das velhas lideranças sindicais. Essa posição moderada prometia atrair um grande capital político para o partido, aproveitando a distensão apresentada pelo regime militar, o que de fato acabou acontecendo.

Muitos desses intelectuais, provavelmente baseados nas ideias de

Rousseau, acreditavam que Lula, o operário pobre e sem estudos, seria aquela pessoa ainda em estágio natural, ainda não corrompido pela sociedade podre, que, se chegasse ao poder, poderia redimir a política e a sociedade: esse seria o seu capital moral e político. Dessa forma, o PT cresceu, trabalhou as bases políticas ligadas ao sindicalismo e ampliou sua esfera de influência para outros setores da sociedade, passando a conquistar, aos poucos, cargos no legislativo e no executivo de municípios e cidades médias.

Com esse crescimento, seu líder maior disputou e perdeu o governo do estado de São Paulo. Elegeu-se deputado federal, mas seu sonho inicialmente limitado passou a vislumbrar uma possibilidade mais além: chegar à presidência da República, que inicialmente ele via como uma miragem. Depois de ser derrotado por três vezes, Lula venceu as eleições de outubro de 2002, mas, para isso, teve que renunciar aos propósitos da ala mais radical do partido, que desejava rápidas e profundas transformações que incluíam a destruição do capitalismo e a implantação da ditadura do proletariado.

O PT nasceu em um momento de grandes discussões sobre os rumos do marxismo no mundo, principalmente nos anos 1970. Discutia-se qual deveria ser a estratégia – revolucionária ou reformista – que o socialismo deveria seguir, um problema antigo que já se apresentava mesmo antes da revolução bolchevista na Rússia. Os intelectuais europeus discutiam o Eurocomunismo, que vinha conquistando o apoio da classe operária e desestimulando-a a um rompimento com o sistema democrático-parlamentar. Afinal, ressoava nos ouvidos dos europeus as denúncias sobre os crimes do comunismo praticados por Stalin. No Brasil, a revolução de 1964 aproveitou o receio da classe média em relação ao comunismo e procurou ampliá-lo.

Não podemos esquecer que o PT foi criado sob a inspiração de muitos

marxistas ligados à Quarta Internacional, uma organização comunista composta por seguidores de Leon Trotsky (trotskistas), fundada na França em 1938. Como sempre acontece nas organizações da esquerda, Trotsky rompeu com Stalin e com o apoio de seus seguidores – chamados trotskistas – passou a criticar o líder soviético, tendo por isso fugido da União Soviética. Considerava o Comentar, ou Terceira Internacional, como “perdida para o stalinismo” e incapaz de levar a classe trabalhadora internacional ao poder político, e por essa razão, os trotskistas decidiram criar a sua própria organização, influenciando muito marxistas pelo mundo afora, inclusive muitos criadores do PT. É possível que o fato de Trotsky defender a teoria da revolução permanente tenha influenciado esses trotskistas brasileiros, haja vista seu esforço em fazer a revolução socialista em toda a América Latina, como vimos acontecer em relação ao Foro de São Paulo.

Para atenuar esses receios, Lula e seus assessores mais próximos, entre eles o hoje condenado ex-ministro José Dirceu, elaboraram a famosa “Carta aos Brasileiros”, na qual o então candidato prometia respeitar as regras democráticas em vigor e não alterar o sistema econômico, ou seja, renunciava temporariamente ao comunismo. Dessa forma, Lula conseguiu vencer as resistências e assumiu a presidência de um país que estava com sua economia estabilizada graças ao Plano Real e em plena vigência do Estado Democrático de Direito. Diferentemente do que fez Hugo Chávez na Venezuela, Lula buscou aproximação com os grandes empresários do país, cooptando-os para seu projeto por meio das portas abertas dos bancos oficiais. Ao invés de procurar destruir o grande capital, Lula o cooptou e fortaleceu.

Discordo daqueles que dizem que finalmente a esquerda chegou ao poder, porque ela já estava no poder desde que Fernando Henrique Cardoso foi eleito presidente, embora governasse como se fosse da direita. Mas o problema original do PT é tentar ser hegemônico e pensar que só eles

representam os setores esquerdistas do país. Sindicalistas já haviam participado do governo de Fernando Collor e de Fernando Henrique, mas não interessa, o PT gosta de escrever sua própria história e criar seus mitos e heróis.

Lula chegou ao poder, mas não o tinha e, para obtê-lo, deu início a uma série de alianças eleitorais com as velhas e calejadas figuras e legendas que conheciam tudo do submundo da política, dando início à sua vergonhosa transformação e tendo seus líderes maiores condenados por formação de quadrilha, corrupção, enriquecimento ilícito e outros crimes que o PT não cansava de imputar a seus adversários, como o deputado federal e ex-governador Paulo Maluf, atualmente condenado pela justiça e cumprindo pena.

O grande problema é que o PT tinha muitos intelectuais e intelectóides, desses que passam a vida no mesmo círculo fechado de tentar reinterpretar Marx e Lênin, e prever quando será a próxima e fatal crise que finalmente destruirá o capitalismo, como eles vêm fazendo há mais de um século. Lula, por outro lado, agora ungido com a Presidência da República, nunca se interessou e sentia verdadeira ojeriza pelos embates políticos ideológicos do partido, preferindo tramar para manter o poder penosamente conquistado.

Lula pensou em ser um novo Getúlio Vargas, um novo “pai dos pobres”, e sua máquina de propaganda trabalhou nesse sentido; é inegável que conseguiu algum sucesso em algumas políticas sociais que auxiliaram as classes menos favorecidas. Lula pensou em ser um grande estadista, mas o seu ministro das Relações Exteriores preocupou-se apenas em inflar o ego do chefe e conduziu uma política completamente equivocada que até hoje é motivo de piadas no Itamaraty.

De fato, para ser um estadista é preciso que se tenha um projeto para o país baseado no interesse nacional, mas o então presidente perseguiu apenas os seus interesses, como se pode verificar na política de hostilização aos Estados Unidos – enquanto se juntava a governos ditatoriais ou que apoiavam o terrorismo – e a submissão aos interesses dos países que compunham o Foro de São Paulo. Nesse contexto, estão os bilionários empréstimos e financiamentos a Cuba, Venezuela etc., além de nada fazer contra a expropriação, a *Manu Militari*, da refinaria da Petrobras na Bolívia.

Já no plano interno, Lula demonstrou sua grande capacidade de cooptar, de corromper, de intimidar e de enganar, como vieram a demonstrar os processos aos quais responde e a condenação unânime que sofreu no TRF-4. Como disse o procurador Maurício Gerum, naquele processo: “Lamentavelmente Lula se corrompeu [...] É essa a conclusão a que se chega com uma análise técnica e isenta da prova, e não com uma visão que se faz míope pela veneração à figura política que foi o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva”. Os juízes foram enfáticos em denunciar que ele recebeu propinas em decorrência da função que exercia e de esquema de corrupção com o qual havia se tornado tolerante e beneficiário.

O chamado *projeto criminoso de poder* implicou a apropriação de toda a máquina do Estado e na distribuição de fatias do poder a todos aqueles grupos que representassem conivência e apoio político ao governo, como os movimentos sindicais e populares, os intelectuais e artistas de esquerda, e uma grande parcela de jornalistas da máquina de propaganda do petismo, que incluía cineastas e os manipuladores da opinião pública. O poder de nomear diretores e presidentes em empresas estatais permitiu a canalização de imensos fundos para o caixa 2 do partido, o que garantia corromper os parlamentares da base aliada irrigando suas contas bancárias, dando a Lula muito mais poder. No entanto alguns segmentos do partido discordavam

dessa direção adotada pelo governo.

Nas propostas apresentadas no 5º Congresso do Partido dos Trabalhadores, realizado de 11 a 13 de junho de 2015, e repetindo o mesmo refrão de encontros anteriores, um grupo do partido fazia um apelo para que o PT retornasse às suas ideias e promessas do passado. Clamavam por um retorno à institucionalidade social e à luta cultural para tentar recuperar o apoio da maioria da classe trabalhadora; neutralizar a burguesia, isolando e derrotando o grande capital transnacional financeiro, o que implicava abandonar a conciliação de classe com aqueles que eles consideram não como adversários, mas sim inimigos. Clamavam por um retorno ao socialismo, que sempre fora o sonho do PT, mas que foi lentamente abandonado na prática – mas presente na retórica –, e que o governo petista abandonasse o seu profícuo apoio ao inimigo capitalista.

Embora tente apresentar uma face de radical nos discursos de campanha que realiza por meio das caravanas pelo interior do país, Lula nunca foi um radical. Ainda nos tempos da ditadura, quando inquirido se era "comunista", respondeu: "não, sou um torneiro mecânico", forma inteligente que encontrou para se manter distante das correntes marxista-leninistas, que naquele momento, queriam recrutá-lo. Na verdade, Lula nunca foi comunista, socialista, trotskista ou qualquer desses “istas”; ele era um prático que não estudou e preferia a ação direta junto ao seu eleitorado à conversa bolorenta dos velhos comunistas do partido que insistiram em nele permanecer, enquanto outros, menos lulistas e mais marxistas, mudavam-se para outros partidos.

Lula jamais pensou, é verdade, em qualquer alteração radical que implicasse uma mudança de direção rumo ao socialismo, como a socialização dos meios de produção, ou transformar o marxismo-leninismo em ideologia

de Estado. Sua proposta mais avançada foi a de introduzir pequenas armadilhas comunizantes por meio do PNDH-3, que visava atender as alas mais radicais do partido, nervosas pela inflexão à direita que ele imprimiu no barco petista.

Em análises apresentadas naquele congresso o partido já identificava o fracasso da estratégia seguida pelos partidos autoproclamados progressistas ou de esquerda, principalmente no Brasil, Argentina e Venezuela. O partido admitia que a crise internacional de 2007-2008 acelerou o esgotamento da estratégia seguida no Brasil, e o país passou a ser o "elo mais fraco" da corrente de governos progressistas e de esquerda na região. Segundo os críticos, eles haviam melhorado a vida das classes trabalhadoras, sem elevar de maneira correspondente seus níveis de politização e organização; queixavam-se também de ter sido mantido intacto o oligopólio da mídia.

Em um ponto eles acertaram: foi quando criticaram não terem colocado a luta contra a corrupção como tarefa permanente. Mas como isso poderia ser feito? O presidente do país e presidente de honra e praticamente dono do partido era corrupto e havia montado toda uma estrutura de corrupção nas empresas estatais, conforme afirmou o desembargador João Pedro Gebran Neto, relator do processo, que disse em seu despacho: "Eu considero no caso a culpabilidade extremamente elevada. Trata-se de ex-presidente que recebeu valores em decorrência de função que exercia e de esquema de corrupção, com o qual se tornara tolerante e beneficiário".

A condenação de seus líderes maiores por corrupção e outros crimes foi um rude golpe para o PT e está a exigir que esse partido realize uma autocrítica e que efetivamente realize sua purificação sem o mito do bom selvagem. É preciso que atenda às demandas de algumas correntes do partido que há décadas vêm clamando por reformas e mudanças de estratégia; não as

mudanças radicais como aquelas que implicam reformas estruturais que segundo seus defensores vão permitir à classe trabalhadora controlar as principais alavancas da economia e da política nacional, dividir e neutralizar a burguesia, isolando e derrotando o grande capital transnacional financeiro, o que implica abandonar a conciliação de classe com seus inimigos. A história nos mostra o que aconteceu com os países que, de forma deliberada ou imposta, adotaram esse tipo de mudança radical chamada *comunismo*.

Diz-se que das grandes crises surgem grandes oportunidades; sempre depois das guerras ocorrem períodos de desenvolvimento. Assim deve ocorrer com o PT: repensar suas propostas, repensar que preço ético está disposto a pagar para retornar ao poder, abandonando a prática da corrupção ideologicamente justificada. Mas temos que admitir que existem aqueles petistas que não aceitam que seus líderes cometeram crimes, que veem em tudo um golpe da direita para tirá-los do poder, daí decorrendo mais revolta, ressentimentos e radicalismos. Por isso me causa muita preocupação uma proposta de mudança do PT apresentada no 5º Congresso do partido, que diz: “O Partido que temos não está à altura dos tempos em que vivemos. Das direções até as bases, é preciso realizar transformações profundas. Precisamos de um partido para tempos de guerra.” A que tipo de guerra os autores se referiam é o que me preocupa. Como eles consideram que ainda estão em uma etapa de estratégia defensiva do socialismo, temo que tentem passar à conhecida fase de ofensiva revolucionária, muito mais agora, fora do poder e açulados pelos radicais, que mostraram ter razão quando condenavam qualquer associação com partidos e políticos tradicionalmente corruptos. De fato, o custo foi alto.

No documento “Um Partido para Tempos de Guerra”, datado de 25 de março de 2015, que está em nome da Direção Nacional da Articulação de Esquerda e assinado por Valter Pomar e outros, seus subscritores admitem

que nos dois mandatos de Lula e no primeiro mandato de Dilma eles fizeram concessões ao grande capital, à oposição de direita e ao oligopólio da comunicação, e que essas concessões faziam parte de uma estratégia que visava melhorar a vida do povo por meio de políticas públicas, não de reformas estruturais. Eles jamais admitem que o que sempre desejaram é o poder, as melhorias para a população é só um detalhe.

Relembrem eles que sua estratégia anterior, chamada *democrático-popular e socialista*, negava a conciliação de classes, considerava que a classe capitalista era inimiga estratégica e afirmava a necessidade de grandes conflitos e rupturas, em que eles só teriam êxito se soubessem combinar atuação partidária, grandes batalhas culturais, luta social e ação institucional, o que significava, em realidade, fazer uma verdadeira revolução socialista.

Essa estratégia havia sido abandonada em 1989 por amplos setores do partido, que passaram a admitir uma aliança com os setores produtivos do grande capital, expressa na “Carta aos Brasileiros” de 2002, que fazia concessões diretas ao capital financeiro e transnacional, preço a pagar para que Lula chegasse ao poder, e que seria um caminho menos conflituoso e que dispensaria rupturas, pois não mais implicava fazer transformações estruturais, isto é, a abolição do capitalismo. Esses petistas julgam que essa estratégia foi equivocada, pois dizem eles: “chegamos ao governo, mas não conquistamos o poder”.

Diz o documento que a estratégia adotada pelo PT, desde 1995,

[...] visava e visa conquistar o governo e mudar as ações de governo. Não é e nunca foi uma estratégia de poder, de disputa de hegemonia e ampliação do apoio político e social para o Partido, de reformas estruturais. Por isto, seguir adotando esta estratégia nos levará, na prática,

inapelavelmente, a administrar o retrocesso do que fizemos desde 2002 e ajudar em nossa própria derrota, nas eleições e/ou fora delas.

Portanto, Pomar e seus pares acreditavam que era necessário sair dessa situação não mais obedecendo aos marcos do capitalismo, mas por meio de “reformas estruturais democrático-populares e de medidas de tipo socialista”. Para o leitor minimamente informado, soa claro o que eles pretendem com essa proposta. Para aqueles que não admitem que o PT seja de orientação marxista-leninista e que muitos dos seus próceres ainda sonham com a abolição do capitalismo e com a instauração da ditadura do proletariado, recomendo que leiam os cadernos do PT.

Nesses documentos, vamos encontrar, ainda, a afirmação já completamente desmoralizada de que a experiência histórica, tanto nacional quanto internacional, vem demonstrando que a continuidade do capitalismo implica sofrimentos cada vez mais intensos e em crises cada vez mais perigosas para a imensa maioria da população de nosso planeta, portanto o capitalismo é o inimigo principal da população brasileira. Encontraremos também as já superadas e fracassadas análises de intelectóides marxistas sobre a criação de um novo tipo de sociedade baseada na produção coletiva e na propriedade social dos meios de produção, em que os trabalhadores decidam democraticamente o que produzir, como produzir e como distribuir as riquezas, acabando com a exploração pela extinção das classes sociais. Utopia total!

O documento reconhece as imensas dificuldades e riscos que se colocam para aqueles que pretendem superar o capitalismo e realizar uma transição ao socialismo. Por isso, seus autores escrevem: “devemos combinar de forma permanente a luta contra o capitalismo com o estudo do

capitalismo, a luta pelo socialismo com o estudo das tentativas de construção do socialismo”. A superação do capitalismo depende da luta das classes trabalhadoras, e o êxito dessa luta depende fundamentalmente do grau de consciência, organização e mobilização da classe trabalhadora explorada pelos capitalistas. Essa luta socialista supõe diferentes formas de organização, de luta e de mobilização, bem como diferentes estratégias, táticas e políticas de aliança; mas sempre exige a presença do partido político.

Por tudo isso, o partido vai preparar-se para se tornar, efetivamente, capaz de ser força política hegemônica na sociedade brasileira e conquistar a direção do poder político como um todo, assumindo a hegemonia entre as esquerdas socialistas, sem abandonar o seu caráter de luta de classe, pela transformação da estrutura econômica do Estado e da implantação da ditadura do proletariado. Essa hegemonia deve ser conquistada por meio de uma política de cultura, educação e comunicação de massas, o que significa, em outras palavras, prepará-las para a revolução transformadora das estruturas sociais do Estado brasileiro, com a eliminação do capitalismo, a extinção das classes sociais e com a implantação de um Estado socialista do tipo Venezuela ou Cuba. Esse tipo de socialismo tão desejado por essa ala do PT chama-se, na verdade, *comunismo*!

Eles não estão escondendo nada. Não podemos ser inocentes, pois o movimento comunista muda de nome a cada estação, e Karl Marx já preconizava isso. Resta-nos acompanhar atentamente e nos preparar para a luta que eles desejam.

PARTE VI

Capítulo 1

A Revolução Cultural de Gramsci

Yuri Bezmenov era um jornalista da agência de notícias *Novosti* e ex-agente do Comitê de Segurança do Estado, o temível KGB (acrônimo em russo de *Komitet Gossudarstvenói Bezopasnosti*), o órgão de inteligência e repressão interna da extinta União Soviética, que defectou para o Ocidente. Ele era responsável pela recrutamento e utilização de jornalistas, educadores, artistas, empresários, religiosos, políticos e todos que pudessem influenciar a comunicação de massa por todo o mundo. Hoje, depois de abandonar o KGB ele realiza palestras através das quais tenta prevenir o Ocidente para a “agenda socialista”, que passa pela desmoralização da sociedade, desconstrução das instituições, podendo levar o país-alvo a uma guerra civil que então seria aproveitada pelos soviéticos para aumentar sua esfera de influência.

Nos anos 80, ele ministrou palestras por todo o mundo – e que hoje se encontram disponíveis na Internet – denunciando as técnicas de subversão implementadas pelo governo soviético por meio do KGB e de toda a estrutura de propaganda daquele país, disseminando o marxismo e o antipatriotismo nas sociedades ocidentais, de forma a desestabilizar, enfraquecer e eventualmente dominar essas nações, “apodrecidas e desmoralizadas”, sem necessidade de partir para uma guerra tradicional que a União Soviética certamente perderia.

Isso pode ser considerada coisa do tempo da Guerra Fria que, para muitos, já acabou, e teria levado o comunismo para o túmulo do

esquecimento, soterrado sob os escombros do Muro de Berlim e da União Soviética; ledor engano. Passados quase quarenta anos, essa estratégia de demolição de uma sociedade está bem viva, e vivemos sob seus efeitos graças ao trabalho de um grupo de intelectuais oriundos da Escola de Frankfurt, na Alemanha, e das ideias disseminadas por um dos maiores responsáveis pela infiltração comunista em vários setores da sociedade, principalmente nos meios acadêmicos: o italiano Antonio Gramsci. Vejamos, então, os fundamentos dessas ideias, que são um dos maiores instrumentos daquela ideologia nos dias de hoje.

Ideologia

Fala-se muito em ideologia, e neste livro esse termo é utilizado bastante. Mas o que é ideologia? Por definição, *ideologia* é o conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, que orientam suas ações sociais e os conduz no rumo de um determinado objetivo político. Elas são, geralmente, criadas por grupos que comungam de determinados valores e visão de mundo, e que, com base nisso, buscam conquistar o poder para realizar seus objetivos.

O grande problema das ideologias é que são criadas por homens, imperfeitos e com uma visão limitada do todo, e que criam as suas verdades de acordo com suas concepções pessoais. Geralmente elas fundamentam-se em meias verdades ou em distorções da verdade, mas que são apresentadas como verdades absolutas, como faz a esquerda socialista com seus postulados, difundindo a ideia de que a única verdade é aquela que serve aos objetivos do partido e da revolução.

Karl Marx dizia que a ideologia era um “instrumento de dominação que age através do convencimento (e não da força), de forma prescritiva, alienando a consciência humana e mascarando a realidade”. Em uma

sociedade capitalista, ele via a ideologia como um instrumento de dominação da burguesia sobre o proletariado, que lhes era imposto pelos intelectuais, por meio de falsas ideias, e que, por lhes criar uma falsa consciência, era prejudicial aos seus interesses.

A ideologia pode ser manipulada de acordo com a visão e os interesses de cada lado. Por exemplo, para a esquerda o proletariado é iludido e condicionado a agir de acordo com os interesses da classe burguesa; para a direita esse mesmo proletariado é manipulado e iludido pelos ideólogos da esquerda para lutar contra os interesses da burguesia. O que se vê nos debates e nas obras acadêmicas é que uma dada realidade é apresentada de forma completamente distorcida de acordo com a ideologia de quem a analisa; assim uma dada situação transmuta-se completamente quando explicada por um marxistas ou por conservadores e liberais.

Mas, seja lá como for as ideologias estão em todos os lugares e por elas somos todos influenciados, saibamos ou não, queiramos ou não, consciente ou inconscientemente. A maioria dos homens seguem suas vidas de forma mecânica, obedecendo aos movimentos dos cordéis e aos interesses de quem os manipula, ainda que isso seja contrário aos seus próprios ideais de vida. É difícil escapar da Matrix.

Nos cursos que ministro sobre hipnose clínica utilizo alguns truques infalíveis para levar os alunos iniciantes a fazerem o que eu desejo e se comportarem da forma que eu quero, o que os faz pensar que eu sou dotado de algum poder paranormal. São truques simples, mas que obedecem a alguns princípios da Psicologia e do condicionamento pavloviano.

O certo é que ao fazê-los agirem de acordo com o que eu queria, procuro mostrar-lhes como é fácil ser manipulado nas mãos de quem conhece um pouco das ciências psicológicas, despertando-lhes a curiosidade para que

estudem de forma que não sejam conduzidos como gado e acabem por atender a interesses econômico-comerciais como vemos acontecer diariamente nos comerciais de determinados produtos, ou sejam explorados por manipuladores inescrupulosos de determinado partido político ou ideologia

Mas, infelizmente, a maioria das pessoas nem faz curso de hipnose nem estuda seus fundamentos, por isso são o *sujet* (sujeito passivo) de qualquer hipnotizador ideológico. Boa parte deste livro tem por objetivo tentar despertar as pessoas para que entendam a realidade em que vivemos e se tornem o sujeito de suas próprias vidas; para que ampliem sua consciência com o conhecimento de coisas que não lhe são reveladas pelos que têm interesse em subjuga-las; estímulo que estudem, raciocinem, analisem e se contraponham a qualquer força do atraso que viva da exploração alheia, disfarçada de boas intenções e de humanitarismo. Um caminho para isso é conhecer as doutrinas e ideologias que são contrárias aos valores que nossa sociedade cultua e por isso tentam derrubá-la.

Na opinião do pensador Olavo de Carvalho, “nos últimos duzentos anos, desde que apareceram as ideologias de massa, muitas pessoas constroem as suas vidas com base em algo que elas acreditam ser o sentido da história” ou seja, a pessoa acredita que a sua vida está contribuindo para a realização do sentido da história.” Preocupante para mim é verificar que algumas ideologias, ou a mistura delas, estão promovendo a desestruturação da sociedade nacional por meio da debilitação da moralidade, da cultura, da educação, da religião, e da família, entre outros itens, achando que esse é o sentido da história. Mas como isso veio a acontecer?

A resposta é simples. Tudo isso começou a acontecer no final do século XIX, por meio das concepções econômico-filosóficas de Karl Marx,

da prática revolucionária de Vladimir Lênin, das orientações do comunista italiano Antonio Gramsci, aceitas e difundidas por uma plêiade de intelectóides que concluíram que o melhor caminho a ser seguido para o êxito do marxismo seria a destruição total dos valores da civilização judaico-cristã ocidental, e a construção de um novo mundo sem os vícios, as falhas e imperfeições do primeiro. Isso trouxe graves implicações no campo religioso, inclusive com o surgimento da Teologia da Libertação, o braço marxista do catolicismo, em que padres e bispos analisam o Novo Testamento de Jesus sob a ótica de Karl Marx, em *O Capital*.

Se fosse falar em termos religiosos, diria que uma plêiade de demônios invadiu o planeta Terra para destruir a obra de Deus, que, nessa linha de raciocínio, mostrou-se falho e equivocado ao criar um mundo de sofrimentos e de infelicidades para a obra-prima de sua criação – o Homem. Esse entendimento está na essência do pensamento de Karl Marx, de Pierre-Joseph Proudhon e dos intelectuais que formaram a Escola de Frankfurt, cujas ideias viriam a influenciar a cultura de nosso país décadas depois.

A Escola de Frankfurt

O instituto de investigações sociais que ficou conhecido como a Escola de Frankfurt foi considerado a principal escola de pensamento e investigação social de caráter marxista e de subversão no Ocidente. Fundada na Universidade de Frankfurt, em 1923, reunia um grupo de intelectuais judeus marxistas que, inspirados no criador do comunismo Karl Marx, desenvolveram a chamada “Teoria Crítica”, cujo objetivo era acabar com os valores da sociedade ocidental.

Com a ascensão de Hitler na Alemanha em 1933, vários deles fugiram para os Estados Unidos, estabelecendo-se em Nova Iorque, na Universidade Columbia, que lhes abriu as portas. A partir daí, suas concepções políticas

alastraram-se pelos Estados Unidos e por outros países, exercendo forte influência nas revoltas estudantis de 1968, na França, nos movimentos de libertação sexual e mesmo no movimento hippie.

No início do século XX, os marxistas acreditavam que a eclosão de uma guerra na Europa acabaria por provocar a tão sonhada revolução do proletariado preconizada por Marx. Mas tal não aconteceu. Com a eclosão da Primeira Guerra os comunistas viram, decepcionados, que essa profecia não havia se concretizado, pois os trabalhadores responderam aos apelos de sua Pátria e do nacionalismo, pegando em armas para lutar contra outros trabalhadores, com exceção da Rússia, onde teve êxito a revolução bolchevista de Vladimir Lênin. O que havia falhado?

Esses teóricos marxistas perceberam que a falha se devia à falta de um elemento que era absolutamente necessário para o êxito da revolução: a erradicação dos valores judaico-cristãos da civilização ocidental.^[72] Assim, passaram a buscar um caminho alternativo para desestabilizar e substituir esses valores. Distante das atrocidades de Hitler e gozando da liberdade nos Estados Unidos, esses pensadores – entre eles, e principalmente Herbert Marcuse – passaram a se utilizar de sua filosofia para minar a confiança nos valores tradicionais e nas hierarquias.

A Teoria Crítica, desenvolvida pelos ideólogos da Escola de Frankfurt, seria o instrumento por meio do qual pretendiam destruir esses valores da sociedade, transformando-os em coisas "repressoras", ao mesmo tempo em que promoviam o feminismo, a emancipação sexual e a normalização do homossexualismo. A sociedade deveria ficar condicionada a aceitar a visão do mundo de acordo com o pensamento da esquerda por meio da infiltração nas instituições, principalmente nas universidades, onde é formada a elite intelectual, na mídia, nas artes, e até mesmo nas igrejas.

Importantes filósofos alemães como Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, que integravam a Escola de Frankfurt, foram os responsáveis pela criação dos termos “cultura de massa” e “Indústria Cultural”, que acabariam se tornando o instrumento por meio do qual a sociedade ocidental iria ser infiltrada.^[73] Em “Dialética do Iluminismo”, um texto escrito em 1947, Adorno e Horkheimer definiram indústria cultural como um sistema político e econômico que tem por finalidade produzir bens de cultura – filmes, livros, música popular, programas de TV, etc. – como mercadorias e como estratégia de controle social. Por isso, era necessário dominá-la para poder passar sua mensagem às classes dominadas e despertar a sua consciência.

Com a ascensão de Hitler, Adorno e Horkheimer fugiram da Alemanha para os Estados Unidos, pois eram judeus, e sentiram na pele o poder que tinha a máquina de propaganda de Paul Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda de Hitler, que pela primeira vez usou em larga escala os meios de comunicação como instrumentos ideológicos do nazismo para escravizar o indivíduo na sociedade moderna. Esse mesmo modelo seria empregado no marxismo e no fascismo.

A Segunda Guerra Mundial mostrou a forma negativa como a recém-criada mídia seria utilizada e como esses novos meios de comunicação iriam dominar a cultura de massa por meio de veículos como o cinema, o rádio e a televisão, que vinham ganhando muita popularidade no início de século XX. Adorno e Horkheimer foram os primeiros a perceber os efeitos nocivos da mídia na formação crítica de uma sociedade. Viram também como a indústria cultural iria se tornar instrumento de dominação política e como os meios de comunicação de massa iriam perverter os ideais iluministas segundo os quais o progresso da razão e da tecnologia iria libertar o homem das crenças

mitológicas e superstições, resultando em uma sociedade mais livre e democrática.

Para aqueles pensadores, essa cultura estava vinculada ao poderoso capitalismo industrial e financeiro e, por estar indissoluvelmente ligada e a serviço desse sistema, ela sobrepunha-se às demais culturas, valorizando tão somente os gostos culturais da massa. Viam ainda um perigo maior nessa cultura de massa, ou indústria cultural: o aprisionamento da alma humana, que passava a ficar hipnotizada e pronta para consumir tudo que essa indústria lhe oferecesse, tornando quase impossível resistir à avalanche de imagens e símbolos que hipnoticamente lhe seria apresentada. Tudo isso exerceria um efeito alienante no espírito do trabalhador, que passaria a obedecer cegamente aos seus apelos.

Outro membro importante daquela escola foi o psicólogo Erich Fromm, conhecido por sua psicologia social marxista e pioneiro no conceito da chamada *libertação sexual e política de gênero*. Para ele, a masculinidade e a feminilidade não eram reflexos de diferenças biológicas, mas sim derivadas de papéis ou funções sociais, podendo ser considerado um dos pioneiros da ideologia de gênero hoje tão em moda. Além da questão da libertação sexual, muitas outras escolhas políticas e culturais que dominam o debate da esquerda não podem ser compreendidas sem o conhecimento da Escola de Frankfurt.

O escritor Michael O'Meara, em seu livro *New Culture, New Right: Anti-Liberalism in Postmodern Europe*, aponta a Escola de Frankfurt e seu conceito de Teoria Crítica como tendo influenciado profundamente a situação que vivemos hoje, pois muitas ideias desenvolvidas por seus intelectuais estão presentes no pensamento da esquerda. Diz O'Meara, sintetizando os graves problemas que atingem a sociedade ocidental:

Os conceitos de ‘direito ao controle de natalidade’ e do feminismo radical parecem feitos sob medida para maximizar o egoísmo de ambos os gêneros e também para reduzir o número de nascimentos a fim de diminuir a reposição social; o ‘patriarcado’ e os ‘papéis tradicionais dos gêneros’ são considerados conceitos perniciosos no debate público.

Outro personagem da Escola de Frankfurt e que muito influenciou os destinos da sociedade ocidental foi Herbert Marcuse. Ele analisou o pensamento de Marx segundo o qual o desenvolvimento da tecnologia e do capitalismo como um todo, em conjunto com uma ação prática-revolucionária da sociedade, poderia alterar as condições sociais e ser determinante na construção de uma nova organização social, que possibilitasse uma vida melhor para as pessoas e, a partir daí, procurou criar novos caminhos que fossem além da organização socioeconômica estudada por Marx.

Em *Eros e Civilização*, Marcuse mistura conceitos marxistas e freudianos concluindo que as pessoas seriam infelizes porque a sociedade bloqueia a realização de seus desejos, uma situação que deveria ser revertida. [74] No lugar de uma sociedade consumista, toda a riqueza e o conhecimento por ela gerados deveriam buscar satisfazer as pulsões vitais humanas. Dessa forma, o homem poderia trabalhar menos e se dedicar mais a uma vida de satisfação de seus desejos e pulsões, vivendo de maneira muito mais plena. O marxismo clássico defendia que no sistema capitalista o trabalhador era oprimido, enquanto a Escola de Frankfurt, utilizando as concepções da psicanálise de Freud, argumentava que a cultura ocidental oprimia psicologicamente toda a sociedade.

Analisando o resultado das duas guerras mundiais e observando a

melhoria das condições do proletariado, Marcuse passa a acreditar que este não é mais o “sujeito revolucionário”, em luta contra a sociedade hegemônica, escolhendo, para substituí-lo, aqueles que a sociedade desprezou ou não conseguiu beneficiar e cuja ascensão é dificultada: os grupos minoritários que viviam à margem da sociedade. Os novos agentes da futura revolução marxista seriam, portanto, os grupos estudantis, os negros, as mulheres feministas – os chamados "grupos-vítima".

Na década seguinte, as ideias relativas ao marxismo cultural ganharam força, e a nova geração passou a rejeitar os valores tradicionais por meio do movimento chamado *contracultura*. Os temas centrais no pensamento de Herbert Marcuse giram em torno da crítica às sociedades capitalistas ocidentais e suas ideias tiveram grande influência nas revoltas estudantis dos anos 60, e no surgimento do movimento hippie. Assim ele se transformou no grande ícone desses movimentos.

Posteriormente, nas décadas de 70 e 80, começaram a surgir muitas críticas aos intelectuais da Escola de Frankfurt, acusados de terem uma visão reducionista, pois as pesquisas demonstravam que as pessoas não eram tão manipuláveis quanto Theodor Adorno pensava. Mas, apesar disso, ele e Horkheimer são considerados os precursores da denúncia de um “totalitarismo eletrônico”, que mistura diversão e assuntos importantes em um só produto, e onde os representantes políticos são escolhidos “como se fossem sabonetes”.

Max Horkheimer pretendia utilizar a Escola de Frankfurt para desenvolver um novo marxismo, que fosse diferente do marxismo da União Soviética. Antes de 1930, a discussão concentrava-se no estudo da infraestrutura econômica, conforme as indicações de Marx, e posteriormente seus interesses principais passaram para a superestrutura cultural. Dessa

forma, esses pensadores conseguiram transformar o marxismo, de termos econômicos, em termos culturais, resultando no marxismo cultural.^[75] No contexto do marxismo cultural, uma figura avulta de importância: Antonio Gramsci.

Antonio Gramsci – o artífice da esquerda marxista

Na obra “Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo”, um ensaio escrito por Lenin e apresentado no III Congresso Comunista realizado em 1921, o líder da revolução bolchevista reconhecia que a onda revolucionária havia regredido na Europa, sendo necessário um trabalho dos comunistas no interior dos sindicatos, dominados por grupos considerados reacionários, além da participação nas eleições instituídas pelo calendário político democrático-burguês, tendo em vista a conquista de cadeiras, pelo movimento operário, nos parlamentos dos países capitalistas.

Lenin havia percebido que os partidos comunistas fora da Rússia Soviética tinham pequena penetração junto às massas, mas insistiam em adotar táticas revolucionárias baseadas na experiência dos bolcheviques e que se mostravam inadequadas à realidade social, econômica e política da Europa capitalista, onde não existiam as mesmas condições que permitiram o sucesso de sua revolução na Rússia.

Era preciso superar a visão de mundo liberal burguesa hegemônica no seio da própria classe trabalhadora, atuando no interior dos aparelhos criados pela burguesia com o objetivo maior de conquistar a adesão da massa explorada ao projeto socialista. Era preciso, em suma, “trabalhar obrigatoriamente onde está a massa”. Um italiano admirador de Lenin anotou essas observações e tratou de estudar como executá-las: era Antonio Gramsci.

No documentário *Entreatos*, uma produção que acompanhou as

últimas semanas de campanha de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002, o então candidato manifestava a sua pressa em tentar conseguir logo a presidência da República, em plena discordância de alguns de seus assessores que pretendiam primeiro organizar as massas populares, conforme preconizado nos manuais marxistas-leninistas-gramscianos. Dizia Lula:

Não havia espaço para a esquerda chegar ao poder via eleitoral, portanto, não tinha de ficar preocupado em ganhar eleição, tinha que se pensar em organizar a sociedade; dali vinte ou trinta anos a gente ia ter 30% por cento da sociedade já socialista e, aí sim, a gente poderia disputar o poder e ganhar.

Mesmo sem saber do que se tratava, Lula estava referindo-se à estratégia gramsciana de tomada do poder conhecida como marxismo cultural, uma estratégia mais perigosa que a simples luta política, porque, sendo mais sutil e dissimulada, é mais difícil de ser percebida, mas cujos resultados são melhores e mais duradouros. É por meio dessa luta político-ideológica de infiltração em setores importantes da sociedade que seus seguidores difundem sua ideologia para a tomada do poder por meio de aspectos de ordem cultural de uma sociedade, em que uma classe ou partido constrói e desenvolve o seu projeto hegemônico de sociedade.^[76]

Analisando as transformações operadas na sociedade capitalista de seu tempo em função da consolidação do capitalismo monopolista e do imperialismo, Antonio Gramsci procurou desenvolver uma teoria que viabilizasse a conquista do poder político pelo proletariado por meio da chamada “guerra de posições”. Essa estratégia revolucionária de longo prazo levaria à construção de uma nova hegemonia – a hegemonia proletária – em substituição à ordem burguesa dominante, por meio de um processo

permanente de lutas e disputa de ideias que tornaria exitoso o projeto socialista.

Antônio Gramsci foi cocriador do Partido Comunista Italiano e um dos filósofos marxistas que mais influenciaram os partidos e movimentos de esquerda no final do século XX, e ainda hoje suas ideias se fazem presentes nos mais diferentes setores da sociedade. Diferentemente da estratégia marxista de tomada do poder por meio da luta armada, Gramsci não acreditava em uma revolução armada que não fosse precedida por uma profunda reforma intelectual e moral, que prepararia o terreno para um novo desenvolvimento da chamada vontade coletiva. É conhecida a sua frase: “Não tomem quartéis, tomem escolas e universidades; não ataquem blindados, ataquem ideias.” Seu trabalho ficou registrado em mais de 30 cadernos conhecidos como "Cadernos do Cárcere" e "Cartas do Cárcere", escritos quando ele se encontrava preso.

Ao indagar por que a revolução comunista tinha sido exitosa na Rússia, mas ao não ter se realizado na Europa, contradizendo a ortodoxia da teoria marxista, Antonio Gramsci e o húngaro Georg Lukács, também pertencente à Escola de Frankfurt, concluíram que a classe trabalhadora havia sido conquistada pelos valores da burguesia. Portanto, para que a revolução marxista tivesse sucesso, era preciso destruir a cultura ocidental burguesa baseada nos valores judaico-cristão.

Gramsci concluiu que, em uma sociedade de capitalismo plenamente desenvolvido, em que ocorrem transformações sociais de vulto, como a formação de grandes sindicatos e partidos políticos de massa, a conquista do sufrágio universal etc., a classe dominante vai tentar exercer seu domínio não apenas por meio da coerção, mas buscando a cooptação de parcelas significativas dos dominados, por meio da hegemonia, que seria a capacidade

de um grupo social em unificar em torno de seu projeto político um bloco mais amplo.

Para atingir a hegemonia, era necessário conquistar a chamada superestrutura, composta pela família, escolas, igrejas, sindicatos e os partidos políticos. Para Gramsci, era necessário corrigir o erro de Marx e trabalhar primeiramente para destruir a família, a igreja, os sindicatos (com exceção do deles), para então tomar o Estado e, a partir daí, eliminar qualquer oposição, conquistando a hegemonia sobre a sociedade inteira, mas sem perder de vista o objetivo final, ou seja, o de promover transformações de estrutura que ponham fim ao sistema econômico-social capitalista.

Gramsci acreditava que o proletariado jamais se tornaria classe dominante se não superasse posturas corporativas e “sindicalistas”, nem manteria sua hegemonia e sua ditadura caso não sacrificasse os interesses imediatos em favor dos interesses gerais e permanentes da classe. Embora nunca tenha lido as obras do filósofo italiano, Lula seguiu intuitivamente essa orientação, desprezando muitas vezes a pressa e o desejo de hegemonia total de seu partido, tornando-se até excessivamente pragmático em seus acordos políticos para conquistar e manter o poder.

No Brasil, os intelectuais de movimentos marxistas-leninistas-trotskistas, que foram derrotados na estratégia de enfrentamento armado contra o governo militar, decidiram adotar a estratégia preconizada por Gramsci para a tomada do poder e deram início a um processo exitoso de infiltração marxistas nas redações de jornais, revistas, universidades, escolas e nas grandes editoras, financiando ou apoiando apenas escritores ligados à causa revolucionária ou que agradasse aos novos censores ideológicos.

O jornalista Reinaldo Azevedo e o filósofo Luiz Felipe Pondé são unânimes ao afirmarem que, nos meios culturais e midiáticos brasileiros, há

muito pouco espaço para uma visão cultural que não seja de esquerda,^[77] e neles os autores conservadores são ignorados e excluídos. Essa ditadura intelectual impede que os alunos, principalmente nas universidades, tenham acesso a uma visão de mundo diferente para que possam concluir entre os contrários. Dessa forma, eles se tornam socialistas sem que percebam. Tenho observado esse tipo de "guerra cultural" em conversas com muito bons amigos que lecionam em universidades brasileiras.

Livros e biografias disponíveis nas principais livrarias apresentam figuras assassinas e abjetas como grandes líderes e benfeitores da humanidade: a história de Stalin está sendo reescrita, e ele não aparece como um dos maiores assassinos da história, pior, em minha opinião, do que o próprio Hitler; Fidel Castro, a quem é atribuído o fuzilamento de quase 20 mil pessoas, sem julgamento, é considerado um dos gênios do “bem” do século XX, e pousava sorridente ao lado de nosso ex-presidente Lula, com quem criou o já abordado Foro de São Paulo. Outro assassino sanguinário, Ernesto Che Guevara, que é acusado de matar pessoalmente quase mil pessoas, é herói para a juventude, pois assim as lendas urbanas da esquerda, os livros e filmes engajados o mostram.

Mesmo que a história registre a falência do modelo socialista do tipo soviético em todo o mundo, seus defensores continuam trabalhando e lutando para implantá-lo em nosso país, disfarçando-o com novos nomes, novos adornos e com novas mentiras, para enganar a sociedade. Lembremo-nos que é verdadeira a afirmação de que a mentira sempre repetida, e com convicção, acaba por se tornar uma grande verdade.

Bertrand Russell, que trabalhou com a Escola de Frankfurt, disse: “Usando técnicas psicológicas para ensinar as crianças, seremos capazes de produzir uma convicção inabalável de que a neve é preta.” Outro membro

dessa escola, Willi Muenzenberg, afirmou que: “Nós vamos fazer o Ocidente tão corrupto a ponto de feder.” Gramsci, por seu turno, também decretou: “Nós vamos destruir o Ocidente, destruindo sua cultura. Vamos nos infiltrar e transformar a sua música, sua arte e sua literatura contra eles próprios.” Frases como essas mostram bem o caráter e os objetivos desses homens.

Até os anos 1950, a cultura europeia e de boa parte do mundo estava fundada no núcleo familiar, considerado a base de uma sociedade, e a questão étnica não era vista como um problema a ser resolvido pela imigração em massa. Passados mais de 60 anos, boa parte dos valores do Ocidente foram completamente invertidos e substituídos por aqueles recomendados por Gramsci, e por membros da Escola de Frankfurt, no sentido de minar a confiança nos valores tradicionais e nas hierarquias, passando as ideias do ideólogo italiano a dominar a educação, a mídia e as instituições governamentais.

Gramsci entendia que a cultura ocidental estava baseada em três pilares básicos: a ética judaico-cristã, a filosofia grega e o direito romano. Esses fatores impediam a realização das revoluções por manterem o proletário alienado; portanto, os elementos dessa cultura teriam que ser destruídos. Filósofos como Hegel, que estudaram o mal, diziam que do mal poderia surgir o bem – ou seja, pratique a maldade e dela deverá surgir algo de bom. Marx entendia que para construir uma ordem superior era necessário trazer abaixo a ordem existente. Por isso, os marxistas insistem tanto na derrubada total da ordem vigente por meio da revolução socialista, para poder se criar a nova sociedade sem classes, sem exploração, sem governo.

Sabendo que o domínio das mentes começa dentro das escolas, Antonio Gramsci imaginou que os professores poderiam ser utilizados como massa de manobra – ou como idiotas úteis, segundo Lenin –, e seu trabalho

nas salas de aula seria manipular os alunos por meio da imposição de uma leitura da história que estivesse de acordo com os objetivos da revolução cultural, pouco importando a verdadeira história.

Alguns autores veem no socioconstrutivismo de Paulo Freire, considerado o patrono da educação no Brasil, um instrumento de implantação desse pensamento único e coletivo de acordo com a teoria de Gramsci. O construtivismo é uma das correntes teóricas derivadas das teorias de Jean Piaget e de Lev Vygotsky, e parte da ideia de que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo à influência do meio, isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada.

Hoje, tanto no Brasil como na Europa, tenta-se convencer a sociedade de que os seus grandes problemas estão ligados ao racismo, ao chamado “direito ao controle de natalidade”, ao feminismo radical, à transformação do papel do “patriarcado” e aos “papéis tradicionais dos gêneros”. Em nome da dignidade, dos direitos humanos, tenta-se a destruição da família. A família deve ser destruída porque, para os marxistas gramscianos, ela é responsável pela perpetuação da propriedade privada por meio da herança e pela opressão patriarcal, em que o homem seria superior à mulher.

Existe um grupo de “intelectuais” gramscianos que trazem um discurso sobre a invenção da família, segundo o qual a estrutura familiar que conhecemos é algo inventado pelo opressor capitalista. A filósofa Marilena Chauí parece pertencer a esse grupo, pois, em uma palestra realizada em setembro de 2016, no colégio Oswald, deixou bem claro a estratégia de destruir a família, afirmando em seu discurso que os pais são déspotas e quem defende a família é uma “besta”.

Segundo Chauí, o conceito de família “conjugal, restrita”, que inclui

apenas os pais, filhos e parentes próximos, tem menos de dois séculos. “Isso que entendemos hoje como família foi uma coisa inventada no final do século 18 e começo do século 19”, disse ela. Em última análise, ela estava referindo-se à concepção marxista de que a família nuclear teria surgido com a Revolução Industrial, ou seja, ela era uma “invenção do capitalismo” para possibilitar a transmissão de capital.

Segundo o que disse essa filósofa em sua apresentação: “Na sociedade da produção industrial, a burguesia precisa da certeza que a transmissão do capital se fará pelas vias legais e legítimas, para evitar perdê-lo para outras classes sociais.” Isso se constitui em um erro histórico de Marilena, pois a família nuclear é o padrão mais comum de agrupamento humano muito antes da Revolução Industrial.

Agentes do marxismo de Gramsci defendem que a instituição familiar burguesa perpetua a ética da repressão sexual, o que é mais um motivo para que seja destruída. Por isso, deveria ser incentivada a união homossexual, que além de quebrar a ética burguesa baseada nos valores judaico-cristãos, quebrariam o patriarcalismo ocidental e, ao mesmo tempo, atingiriam a perpetuação da propriedade privada, já que dois homens não produzem filhos, não havendo, então, herdeiros. Obviamente esse raciocínio não se sustenta, pois a justiça, ao validar a união entre homossexuais, assegura aos filhos adotados a herança dos bens dos pais adotivos.

Nos meios religiosos, principalmente entre os cristãos, a revolução cultural na Igreja deu-se pela adulteração dos ensinamentos de Cristo, por meio da infiltração marxista no seio do clero, gerando um monstrengo anticristão chamado Teologia da Libertação, que envenenou o espírito de muitos padres e bispos que passaram a apresentar Jesus com um revolucionário tipo Che Guevara e que lutava pelas mesmas coisas pelas

quais lutam as esquerdas. Um de seus expoentes no país é Leonardo Boff, que foi assessor de Lula e um dos principais amigos de Fidel Castro. Não podemos esquecer o grande apoio de padres e bispos ligados à Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base a Lula e ao PT.

Quem sintetiza muito bem os males que os filósofos da Escola de Frankfurt causaram é Nivaldo Cordeiro, que em seu excelente artigo “Goethe e a filosofia do mal”, publicado em nove de maio de 2011, afirma:

As ideologias de morte mudam de forma, mas não desistem de seu intento. Por isso ler e compreender FAUSTO, de Goethe, é essencial para que se compreenda o que se passa. O mal opera no cotidiano e está à porta de cada um. Sem perceber o que se passa é impossível buscar o único refúgio capaz de fazer frente ao mal: a tradição. Nas Escrituras estão as profecias e o registro de tudo que se passou e que vai passar. A grande mentira do Maligno é fazer com que as pessoas pensem que ele não existe e que está inerte. Ler os jornais do dia sob a luz de Goethe vai mostrar o quanto essa mentira é grotesca, como o mal é grotesco.^[78]

A teoria de Gramsci e o PT

Quando consultamos os documentos do Partido dos Trabalhadores que orientam suas ações, vamos encontrar uma grande preocupação e uma massiva recomendação sobre a necessidade de formação de quadros de acordo com as concepções ideológicas do Partido. Nas críticas feitas ao partido por seus intelectuais mais destacados, é apontado que o Partido abandonou o trabalho de formação ideológico-cultural para enveredar pelo caminho das benesses políticas.

Eles parecem estar referindo-se claramente às recomendações de Antonio Gramsci quando recorreu ao pensamento de Marx, segundo o qual “a teoria transforma-se em poder material logo que se apodera das massas”, ou seja, uma ideia só se realiza plenamente quando se transforma em ação prática. Gramsci insistia que nenhum projeto de transformação social cumpriria seu objetivo se não fosse acompanhado por uma profunda reforma intelectual e moral. Infelizmente, em relação ao PT, essas duas condições não foram atendidas. Esses erros na execução fiel dos ensinamentos de Gramsci custaram caro ao partido: o poder e a honra.

Os intelectóides podem iludir-se com suas utopias e fechar os olhos para a realidade que os cerca, preferindo manter a crença em ideologias fracassadas e que nada mais têm para contribuir com a complexidade da sociedade atual. Mas quando um partido e seus intelectuais enganam as pessoas mais simples com promessas de que logo entregarão a elas o paraíso e salvarão a humanidade explorada das garras do capitalismo selvagem, aí temos a mentira e a hipocrisia sob a forma de ação política.

Eles aproveitam-se da pouca capacidade das pessoas para compreender, discutir e refutar tais ideias. Mas o pior é quando eles se deixam levar por utopias e vedam os olhos para o horror e a violência das ideologias que apoiam e legitimam? Os intelectuais esquerdistas, após o fracasso do socialismo soviético e diante dos seus próprios fracassos em reconhecer os seus erros e em aplaudir o mal, não se acanham e logo buscam um novo Moisés ideológico a seguir, no deserto de mentes corrompidas e atrasadas.

O ex-primeiro-ministro Deng Xiao Ping modificou o destino da China e transformou milhões de chineses em bilionários, milionários e classe média, quando proferiu a célebre frase: “Pobreza não é socialismo. Ser rico é

glorioso.” Com o reconhecimento simples e honesto de que ainda é o capitalismo que gera riqueza e promove a geração de empregos e a melhoria do padrão de vida das populações, aquele dirigente afastou-se dos postulados marxistas – pelo menos no setor econômico – e deu uma nova direção ao futuro daquela sociedade e do mundo, salvando milhões de vidas de permanecerem na miséria, a mesma miséria que se abateu na URSS e nos diferentes países da Europa Oriental, e que se abate hoje na Venezuela de Nicolás Maduro.

O Terrorismo Intelectual

No seu livro *O Terrorismo Intelectual: De 1945 Aos Nossos Dias*, Jean Sevilleia analisa como escritores como Sartre, Beauvoir, Foucault, Althusser, Deleuze, Derrida, Barthes, Lacan, e inúmeros outros que influenciaram as redações de todos os jornais, moldaram os atuais currículos das ciências humanas em todas as universidades do mundo, deram o tom nas discussões e militâncias políticas e deixaram milhares de admiradores e seguidores, se equivocarem tão fortemente em suas escolhas ideológicas ao apoiar, apaixonadamente, os maiores déspotas e regimes totalitários surgidos após a Segunda Guerra.

Sevilleia critica os intelectuais que sabiam dos crimes de Stalin, de Mao ou de Pol Pot, Fidel Castro, e outros; que sabiam que o mito da ruptura revolucionária não havia provocado senão catástrofes históricas; que sabiam que nações, tradições, culturas e religiões não podem ser eliminadas da noite para o dia com um simples golpe, mas que, apesar de saberem tudo isso, mantiveram-se intransigentes em sua crença durante mais de cinquenta anos e, pior ainda, lançaram mão de um mecanismo singular para destruir quem deles discordasse: o “terrorismo intelectual”.

Segundo Jean Sevilleia, o terrorismo intelectual inicialmente procura

transformar a vítima a ser abatida em um arquétipo do mal, que pode ser chamado de fascista, capitalista, imperialista, colonialista, xenófobo, racista e moralista. Deformando a realidade, esses rótulos, quando usados por mãos experientes, revestem-se de um sentido vago, cuja elasticidade permite que se englobe tudo o que os ideólogos pretendem expor à desonra pública. A acusação, explícita ou insinuada, avisa que todo oponente pode ser atacado não só pelo que ele pensa, mas pelas ideias que lhe são atribuídas. Não se trata de convencer, mas de intimidar, de acusar, de desqualificar.

Hoje, decorridos mais de meio século da predominância dos “terroristas intelectuais” dos anos 60 e 70, Sevilla acusa-os de serem os responsáveis pela desgraça que se abateu sobre a sociedade ocidental ao propagaram as suas ideias aos gritos “para milhões de ouvidos entupidos da cera da ignorância e da cegueira coletiva que não percebe que os intelectuais que preconizavam o paraíso, nos levaram para o inferno”. São esses intelectuais que, achando-se dotados de inspiração cósmica, tentaram mudar o mundo e só conseguiram destruí-lo.

Para esse verdadeiro intelectual, continuamos refugiando-nos nas drogas, quebrando os tabus, dando lugares ao relativismo moral, ao sexo, destruindo valores e enaltecendo narcisos. “Nada mudou. Se em 1968, toda uma juventude desperdiçou a mocidade com tantas bobagens anárquicas, hoje a juventude vagueia como zumbi nas ruas e vielas da sociedade alternativa, monstruosa e sem sentido”, avalia brilhantemente Jean Sevilla.

Gramsci recomendava que o partido político fosse o lugar por excelência para a atuação dos intelectuais orgânicos, já que a função de um partido é de direção e organização, o que significa educar, uma função intelectual. Os intelectuais, não somente da cultura francesa, mas também no Brasil, acreditaram que a construção ideológica hegemônica de um partido

implicava a destruição dos valores tradicionais de uma sociedade para substituí-los por outros, mais adequados à concepção do novo grupo que pretende assumir o poder.

No entanto o que a realidade vem mostrando é que essa nova hegemonia não pode violentar tudo aquilo que é próprio do senso comum; este representa o que o povo pensa. Por isso, é necessário manter um vínculo permanente entre o pensamento dos intelectuais com as aspirações populares, de forma a que as novas ideias se enraízem na consciência do povo com a mesma força das crenças tradicionais. No caso brasileiro, parece que faltou ao PT acertar isso com a sociedade, pois o seu projeto de hegemonia fracassou. Isso é o que acontece quando uns poucos, que se acham dotados de inspiração divina, e com uma boa dose de vaidade, tentam mudar o mundo, mas só conseguem piorá-lo.

O partido que achava que melhor representava o povo mostrou que não o conhecia, muito menos os valores que ele preza e cultua. Dirigido por um líder messiânico, vaidoso e egocêntrico, deixou-se conduzir para os ralos da corrupção e do atraso político, esquecendo o que deles o povo esperava; esqueceram, enfim, a importância da reforma moral. Ao se preocuparem em resolver apenas os seus problemas, esqueceram que sua responsabilidade era estudar quais eram os problemas do povo e tentar resolvê-los, preferindo dedicar-se apenas ao proselitismo barato e ao pensamento de que eram entes superiores aos mortais comuns.

Os intelectuais e intelectóides do PT não entenderam porque em dois momentos especiais da história recente do partido, o povo não correu às ruas para apoiá-los, como no *impeachment* de Dilma Rousseff e na condenação de Lula. Talvez tenham imaginado que, ao conquistarem a presidência da República e ocuparem boa parte dos cargos no parlamento e na administração

pública, tivessem conquistado a chamada sociedade civil, mas isso não aconteceu. Eles a tinham abandonado pensando que já tivessem conquistado a hegemonia sobre ela. E, aparentemente, o mesmo vai dar-se no futuro: o povo cansou de PT, de sua intransigência, de seu orgulho e de sua empulhação. Agora é um partido igualzinho aos outros, ou, talvez, um pouco pior.

O futuro é da direita?

Em seu livro *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*, publicada em 1994, o falecido cientista político italiano Norberto Bobbio refuta a afirmação dos críticos de que a dicotomia esquerda-direita teria deixado de existir ou fazer sentido, mostrando que direita e esquerda nunca deixaram de existir desde a Revolução Francesa, mesmo com os eventos bombásticos da ascensão nazifascista e da desintegração soviética.

Utilizei, até aqui, os termos *direita* e *esquerda* para me referir às correntes de pensamento que norteiam a conduta dos movimentos e partidos políticos em boa parte do mundo. Faço isso mais para manter os termos ainda usados nos debates políticos no Brasil, e não porque acredite ainda nessa divisão que durou mais de um século.

Com o desaparecimento da URSS da cena política mundial, a doutrina que se costumava chamar de “teoria marxista” perdeu também a sua importância e relevância social. A União Soviética era uma referência da aplicação prática do marxismo, e sua falência decretou também a falência do dito “socialismo real”, um título que pretende manter a farsa de que o socialismo continua sendo o melhor sistema para a humanidade; o que falhou foi aquele outro socialismo, o “real”, que falhou apenas porque foi mal conduzido.

Nas linhas acima, abordei, sinteticamente, as ideias de Antonio

Gramsci e como elas influenciaram e continuam influenciando o pensamento cultural das esquerdas no Brasil. Parece incrível que as ideias desse homem, que foi um admirador incondicional de Lenin e de sua revolução, não tenham ido para a cova com o comunismo soviético. Mais incrível ainda é que Gramsci está sendo ressuscitado, dessa feita pela direita, que, depois de décadas de retraimento diante do avanço de uma esquerda cada vez mais agressiva, agora retorna em grande estilo à cena política europeia e também no Brasil.

Em um artigo publicado na revista mensal *Junge Frechei* (Liberdade Jovem), com uma tiragem atual de mais de 35.000 exemplares, intitulado “O Renascimento Milagroso de Antônio Gramsci”, seu autor, Robert Bosch, avaliando a adaptação de Gramsci ao pensamento da “Nova Direita” alemã, comentava, em referência direta a Gramsci, que a direita deveria recuperar a “hegemonia social” que havia perdido para a esquerda, ou seja, a discussão continua sendo em torno de se conquistar a hegemonia, o poder para submeter o povo, e não para servi-lo. Como dizia o brilhante jornalista William Waack, o debate no Brasil não pode ser mais entre questões da direita e esquerda, mas sim sobre a posição do indivíduo em relação ao Estado.

Nas condições do capitalismo contemporâneo, uma classe mantém a dominação se for capaz de exercer uma liderança moral e intelectual, um papel que deveria ter sido perseguido pelos dirigentes do Partido dos Trabalhadores, que diziam exercer o monopólio da virtude e da moralidade no Brasil, até que eclodiram os escândalos em que se envolveram as lideranças do Partido. Esperemos para ver se o surgimento de uma nova direita não imite a velha esquerda e troque a busca pela hegemonia social pela busca da virtude, do amor ao próximo, servindo-o, e não se servindo do que a ele pertence.

Michael Kazin, professor de Movimentos Sociais e Políticos na Universidade de Georgetown e editor da Revista Dissent, não é muito otimista em relação ao futuro da esquerda, no mundo. Para ele as tradicionais bandeiras da esquerda como igualdade, moradia decente, boa educação, saúde de qualidade, etc. continuam sendo populares como sempre, mas o ceticismo é sobre como a esquerda pode implementá-las. Ele acredita que este é um momento em que os cidadãos de esquerda em todo o mundo encontram-se na defensiva e as instituições que costumavam ser fundamentais para eles, como os sindicatos, não estão indo muito bem em nenhum lugar do mundo industrializado.

Para Kazin os partidos de esquerda estão piores em todo o mundo, embora suas bandeiras ainda sejam vitais. Um dos motivos para isso é que o tradicional nicho que apoiava as esquerdas e que historicamente, foi a classe trabalhadora, agora está se voltando muito mais para partidos conservadores e para o populismo de direita. Outro problema é que a esquerda também ganhou a imagem de ser representada mais por intelectuais e artistas a chamada “Esquerda Caviar”, do que por trabalhadores comuns.

Para ele, a ideia de que a esquerda é formada por uma elite se torna um problema, pois ela passa a ser vista como mais interessada nos interesses do capital global do que nos das pessoas comuns. Nos Estados Unidos, por exemplo, o ex-presidente Barack Obama não tentou colocar os banqueiros na prisão por causa da crise imobiliária e também não pressionou para expandir os direitos sindicais.

Em toda a Europa, o populismo está crescendo tanto à esquerda quanto à direita - mas tem muito mais força à direita. Em um sinal dos tempos políticos, o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, usou seu discurso do Estado da União para denunciar o “nacionalismo

doentio. Mas, de acordo com Kazin, constatação é que nos últimos anos, os partidos de extrema direita na Europa parecem estar ganhando terreno inexoravelmente

Capítulo 2

A força criativa do mal

Ao longo deste livro, abordei a força destrutiva do mal, representada nas ideologias ateístas, principalmente o marxismo, responsável, em última análise, pelo rastro de sangue, dor, e sofrimento representado pelos milhões de mortos do comunismo, conforme analisamos ao longo deste livro.

Considero-me um espiritualista cristão, pois vejo nos ensinamentos do mestre galileu um caminho perfeito para a superação dos grandes males que afligem a humanidade: a exploração do próximo e a indiferença ao seu sofrimento; o orgulho, a vaidade, o ódio, a hipocrisia, a separatividade. Os ensinamentos de Cristo, conforme apresentados no Novo Testamento, representam um guia de comportamento que tornaria a humanidade mais fraterna, mais feliz, exatamente como prometem as ideologias de esquerda de cunho marxista-leninista, mas que trazem no seu DNA o ateísmo.

Embora alguns amigos tenham me recomendado não tratar de questões filosófico-religiosas neste livro, creio que seria uma covardia intelectual de minha parte não fazê-lo, principalmente porque, em outras obras, tenho tentado aproximar ideias religiosas dos ensinamentos científicos na neurociência e da psicologia. Assim sendo, ao encerrar este livro, com forte componente político, não posso deixar de traçar um paralelo entre o momento atual que atravessamos e o que alguns teólogos e espiritualistas classificam como a temida transição que se convencionou chamar de Apocalipse, o último livro do Novo Testamento, e que representa um momento de grande aflição, mas também de renovação.

Em tal livro, estaria profetizado os destinos da humanidade nos

próximos dois mil anos após a vinda de Jesus sobre a Terra, e seria um alerta para que o homem tentasse fazer a sua transformação moral para padrões superiores de consciência antes do fechamento de um ciclo planetário conhecido como “Juízo Final”,^[79] no qual seria travada a batalha final do Armagedom, a ser travada entre as forças do bem e do mal, ou, falando em um sentido popular, entre as forças da ordem e do progresso contra as forças do atraso; a grande batalha pela renovação moral e da elevação do nível de consciência de cada pessoa, independente de religião.

O capítulo 12 do Apocalipse^[80] desperta em mim um interesse especial, porque trata especialmente desse embate entre essas duas forças antagônicas, desde o momento em que as chamadas forças das trevas – chamadas de Dragão, Serpente, Satanás e Diabo –, que tinham a capacidade de enganar o mundo inteiro, tentaram evitar o nascimento de Jesus e sua mensagem renovadora e, como não conseguiram êxito nesse intento, passaram a perseguir a sua obra: o cristianismo.

Apesar de todo o Livro – e esse capítulo em especial – ser bastante inquietante, os versículos 12 e 17 do capítulo 12 parecem retratar bem o espírito de perseguição e destruição dos pilares da doutrina judaico-cristã, na qual se ampara a nossa civilização ocidental, quando diz:

Sendo assim, celebrai, ó céus, e vós os que neles habitais! Entretanto, ai da terra e do mar, pois o Diabo desceu até vós, e ele está totalmente encolerizado, porquanto sabe que pouco tempo lhe resta para seu fim. O Dragão persegue a Mulher (Ap 12:12).

Então, irou-se tremendamente o Dragão contra a mulher e partiu para atacar o restante da sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao

testemunho de Jesus. E assim, o Dragão se colocou em pé sobre a areia do mar (Ap 12:17).

A filosofia da destruição

O Renascimento teve profundas repercussões no pensamento religioso da Europa entre os séculos XIII e XVII. O pensamento teológico judaico-cristão, que colocava Deus como a origem de todas as coisas, e o homem, um ser criado por ele, passa a sofrer sérias contestações, e para muitos filósofos não passa de uma história infantil para conformar as mentes primitivas em conhecimento. A célebre frase do sofista grego Protágoras, acusado de ateísmo, “o homem é a medida de todas as coisas”, passa a influenciar o pensamento filosófico europeu.

No já citado artigo “Goethe e a filosofia do mal”, Nivaldo Cordeiro sustenta que homens renascentistas talvez não tivessem a exata dimensão espiritual e filosófica do que faziam, mas fizeram.

Tudo que era sagrado foi conspurcado, tudo que era sólido desmanchou no ar. No plano teológico o mal se introduziu como força motora da história, o mal derivado do pecado no sentido exato como entendido por Santo Agostinho: ‘Amor de si mesmo até o desprezo de Deus’, como escreveu na Cidade de Deus.

Para Cordeiro, *Fausto*, uma das obras do escritor Johann Wolfgang von Goethe, representa o ponto alto de todo um processo de negação de Deus e que encontrou em filósofos como Descartes, Rousseau, Kant, Hegel e Marx seus agentes criadores. O filósofo e matemático francês René Descartes, com a sua máxima “Penso, logo existo”, deixou Deus de lado, levando o pensamento humano a se tornar o lócus da criação e o homem como o autor dessa criação. “A dialética hegeliana e, depois, a marxista, dá foro filosófico

e teológico a esse princípio de que a negação é o motor da história e o homem é o elemento que permite a síntese criadora.” Essa filosofia, afirma Cordeiro, “dará origem a todas as ideologias: Nazismo, marxismo, abortismo e gayzismo são todas variações desse tema, e enquanto ideologias, foram colocadas no mesmo patamar destrutivo por João Paulo II”.

Goethe foi um entusiasta com a suposta capacidade criativa do mal, uma tese segundo a qual o mal é capaz de criar e ajudar o homem. Diz Cordeiro que Goethe deu voz às ideias dominantes do seu tempo, e que ainda são dominantes até os dias de hoje, nas quais as gerações sucessivas tentam reafirmar a sua rebelião contra Deus. Cordeiro vai mais além e diz que a modernidade é a negação de Deus, pois tenta, em tudo e por tudo, matar a Revelação, conspurcar as coisas tidas como sagradas e negar a verdade.

A Revolução Francesa demonstrou, desde o seu início, que era pelo menos hostil à Igreja Católica, colocando-a em uma difícil situação, pois uma das primeiras medidas dos revolucionários foi a supressão do dízimo e o confisco dos bens do clero. A situação piorou com a Constituição Civil do Clero e o juramento dos padres, em que parte da Igreja era contrária aos revolucionários, pois havia perdido o controle sobre o clero francês e suas possessões territoriais francesas na cidade de Avignon. A subordinação do clero ao Estado, rompendo os seus vínculos com o papa, no entanto, foi o que teria estimulado a contrarrevolução na Vendeia, segundo dizem alguns autores.

Com o chamado período do Terror instaurado por Maximilien de Robespierre, tem início um movimento violento contra a Igreja Católica: as igrejas são apedrejadas; padres são forçados a romper com seus vínculos religiosos; imagens religiosas são destruídas; e o culto religioso passa a ser proibido. Além disso, os novos donos do poder substituíram o culto religioso

por um culto revolucionário, no qual a razão era exaltada como Ser Supremo, a deusa Razão.

Mas os séculos XVIII e XIX seriam pródigos no surgimento de pensadores e filósofos que tinham por objetivo destruir as religiões e a fé das pessoas em um Ser Supremo, embora muitas vezes edulcorado com justificativas de que pretendiam libertar o homem. Surgem assim Darwin, Marx, Nietzsche e Freud, que são considerados como os responsáveis por tentarem perpetrar “a morte de Deus”.

Charles Darwin, em sua obra *A Origem das Espécies*, defendia que os seres vivos evoluíam por meio da seleção natural e da variabilidade genética, e não por obra de desejos divinos. Na carta que enviou para um advogado, ele escreveu: “Eu não acredito na Bíblia como uma revelação divina e, portanto, também não acredito em Jesus como o filho de Deus.” Em outras obras, escreveu que religião nada mais é que “estratégia tribal de sobrevivência”.

O filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche, em suas obras, mostrou ser um dos maiores críticos da religião, especialmente do cristianismo, procurando demonstrar que a moral cristã havia causado prejuízos à humanidade, pois a forma como os cristãos conceberam o homem e o mundo causou-lhe grande prejuízo, impossibilitando-o de atingir de maneira mais rápida um alto estágio de desenvolvimento. Ao longo de sua vida e nos seus diversos escritos, ele criticava a forma de vida dos que se diziam cristãos, mas o ponto alto de sua crítica foi quando proclamou a “morte de Deus”, pois só assim o homem poderia reconstruir-se por sua própria conta, livre da posição de submissão a um ser superior e de rebaixamento em relação aos outros.

Na obra *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche compara a religião cristã com um lento suicídio da razão, afirmando:

A fé cristã é, desde seus primórdios, sacrifício, sacrifício de toda liberdade, de toda independência do espírito; ao mesmo tempo, escravização e escárnio de si mesmo, mutilação de si. Deseja-se a crueldade religiosa para impor essa fé a uma consciência enfraquecida, complicada e viciada.

Outro assassino de Deus foi Sigmund Freud,^[81] que dizia: “A religião é uma ilusão dispensável.” Em *O futuro de uma ilusão*, Freud propõe-se a explicar a origem da religião por meio de uma aplicação histórico-social de suas descobertas psicanalíticas e, nesse sentido, a religião era uma ilusão que tinha as suas raízes profundas no psiquismo humano. Diante da sensação de insegurança e a necessidade de proteção e de amparo, a religião surge como um mecanismo de defesa perante as ameaças da natureza e as dificuldades das relações sociais. “Religião é comparável a uma neurose infantil”, dizia o pai da Psicanálise.

Na obra *O Futuro de uma Ilusão*, Freud diz respeitar certas doutrinas religiosas, mas isso não invalida a sua proposta de que elas devem deixar de ser apresentadas como as razões para os preceitos da civilização. Ele diagnosticou:

Pelo contrário! Esses resíduos históricos têm nos ajudado a ver os ensinamentos religiosos, por assim dizer, como relíquias neuróticas, e agora podemos argumentar que o tempo, provavelmente virá, como faz em um tratamento analítico, para substituir os efeitos da repressão pelos resultados da operação racional do intelecto.

Assim, seguindo seus conceitos psicanalíticos, Freud conclui que a religião e as ideias religiosas seriam ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade, e que poderiam ser dispensáveis,

pois o homem deveria aceitar as dificuldades da vida e enfrentar a realidade sem recorrer à proteção divina, o que poderia ser obtido por meio de uma educação que não produzisse doentes que depois precisem do narcótico religioso para entorpecer e anestesiar a angústia e a ansiedade. Ele acrescenta que "a crença em Deus subsiste, devido ao desejo de imortalidade, ou ao desejo de um pai protetor, ou ainda como um ópio contra a miséria e o sofrimento". Portanto, quando Freud diz que a religião é a neurose obsessiva da humanidade, ele está colocando-a como uma muleta psicológica para os fracos e ignorantes.

Finalmente, e mais relacionado com o enfoque deste livro, considero que um dos mais importantes pensadores alemães que contribuíram decisivamente para a atual indiferença dos europeus em relação a Deus e à religiosidade foi Karl Marx, o gênio do mal disfarçado de anjo bom, que por detrás do marxismo conseguiu levar o ateísmo a uma boa parte do mundo graças à sua doutrina. Embora esse autor alemão descendesse de uma família judaica, com o passar dos anos optou pelo ateísmo, que iria impregnar sua análise e sua obra.

Para Marx, a religião não passava de uma projeção de nossa realidade terrena para um plano superior metafísico. Ela consistia em um mundo fantástico, criado pela mente humana que tenta dar a certos fenômenos naturais um ar sobrenatural, o que significava, em última análise, que Deus e as religiões não passavam de uma pura ilusão, e na qual não se deveria acreditar.

Marx era um admirador do filósofo alemão Ludwig Andreas Furbach, que ficou conhecido pelo seu ateísmo humanista e por ter influenciado decisivamente o seu pensamento. Furbach afirmava que a criatura inventou o criador e, portanto, era ela o verdadeiro criador; Deus seria apenas um reflexo

do próprio homem, uma projeção, uma inversão dos desejos humanos, um produto no qual o homem finito precário e dependente projeta seus desejos e possibilidades de perfeição, onipotência.

É conhecida a célebre frase de Marx que diz “A religião é o ópio do povo”, contida na introdução à *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, em que ele explicita melhor seu conceito dizendo que: “A religião, por sua natureza e atividade, visa os sofrimentos físicos e mentais da vida, prometendo maior ventura num estado futuro da existência”, porque os efeitos alucinógenos do ópio possuem um efeito sedativo, acalmando os nervos, mas intoxicando a mente, fazendo que seus usuários entrassem em um estado delirante e criassem um mundo imaginário onde eles viveriam as suas fantasias.

Esse efeito da religião era negativo porque consolava os fracos, considerados incapazes de enfrentar suas dificuldades, levando-os a aceitar, com passividade, seu estado de vida, a ter uma atitude passiva e humilde diante de seus opressores, tendo, assim, uma atitude de pseudo-humildade, alienando-os e os fazendo acreditar que tudo aquilo que não conseguiram nesta vida iriam encontrar na eternidade. Dessa forma, a religião deixava os homens sem vontade própria, obediente aos ditames e leis que lhes foram impostas por Deus, pela moral e por uma sociedade decadente.

Se analisarmos com atenção a proposta do marxismo, vamos verificar que, na verdade, quando Marx fala em destruir Deus e as religiões, ele está na verdade querendo dizer que todos os valores da tradição judaico-cristã do Ocidente, principalmente a doutrina de Jesus – que promete a felicidade em outra vida – devem ser destruídos para serem substituídos pelo marxismo, que, por meio da revolução do proletariado, instalaria um reino de paz, de igualdade e de fraternidade na Terra, aqui e agora, e não depois da morte.

Como vemos, há uma perfeita convergência entre o pensamento desses grandes pensadores do Ocidente, em sua maioria alemães, e as ideias dos membros da Escola de Frankfurt, e de Antonio Gramsci, que tanta influência causou nas mentes do Ocidente e que se manifestaram mais fortemente a partir da década de 1950.

Talvez pudéssemos comparar essa ânsia frenética em destruir o legado do Novo e do Velho Testamento, suas normas orientadoras sobre a melhor conduta humana para a evolução espiritual do homem, com um trabalho do Dragão, da Besta, da Serpente, de Satanás, no sentido figurado empregado por João Evangelista, e que representa as forças destrutivas que trabalham contra a humanidade. Portanto, como recomendava o Mestre Nazareno: “Orai e Vigiai.”

LITERATURA RECOMENDADA

Aarão, Daniel et al. Imagens da Revolução – Documentos Políticos das Organizações Clandestina de Esquerda dos Anos 1961-1971. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

Applebaum, Anne. Cortina de Ferro — O Esfacelamento do Leste Europeu: 1944-1956.

Arendt, Hannah. As origens do totalitarismo. Meridian Books, 1958.

Aron, Raymond. O Ópio dos Intelectuais. Editora Universidade de Brasília, 1980.

Ayn, Rand. A Revolta de Atlas.

Azambuja, Carlos I. S. A Hidra Vermelha. Ed. Latino, 2016.

Bawer, Bruce. The Victims' Revolution: The Rise of Identity Studies and the Closing of the Liberal Mind.

Becker, Jasper. Hungry Ghosts: Mao's Secret Famine. 1998.

Bessa, Jorge. A Contra-Espionagem Brasileira na Guerra Fria. Brasília:Thesaurus, 2009.

Bessa, Jorge. O Escândalo da Espionagem no Brasil - O Caso Snowden. Brasília: Thesaurus, 2014.

Bobbio, Norberto. Direita e Esquerda - Razões e Significados de Uma Distinção Política.

Bobbio, Norberto & Pasquino, Gianfranco. Dicionário de política. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

Brzezinski, Zbigniew. O grande fracasso: o nascimento e morte do comunismo no século XX. Tradução Antonio Trânsito. Editora: Biblioteca do

Exército, 1990.

Burke, Edmund. Reflexões Sobre a Revolução na França.

Courtois, Stéphane et al. O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão. 1999.

Coutinho, Carlos Nelson. A Democracia Como Valor Universal.

Duguet, Raymond. Un Bagne En Russie Rouge.

Engerman, David C. The God That Failed. Columbia University Press, 2001.

Foster, William Z. Toward Soviet America. 1932.

Frédéric, Bastiant. Por que A Esquerda Não Funciona? – As Bases do Pensamento Liberal. Faro Editorial.

Goldberg, Jonah. Liberal Fascism: The Secret History of the American Left, From Mussolini to the Politics of Change. 2009.

Gott, J. Richard. Cuba - Uma Nova História.

Hayek, F. A. Os Erros Fatais do Socialismo – Por que a Teoria não Funciona na Prática. Faro Editorial.

Heller, Mikhail & Nekrich, Aleksandr. Utopia in Power: The History of the Soviet Union from 1917 to the Present. 1988.

Hilary, Wainwright. Uma Resposta Ao Neoliberalismo – Argumentos para uma Nova Esquerda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998.

Horowitz, David. The Art of Political War and Other Radical Pursuits.

Kreeft, Peter. Como Vencer a Guerra Cultural.

Le Bom, Gustave. Psicologia Das Revoluções. 1968.

Levitsky, Steven & Ziblatt, Daniel. How Democracies Die. 2018.

Lobaczewski, Andrew. Ponerologia: Psicopatas no Poder

Marcuse, Herbert. A Ideologia da Sociedade Industrial, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1967.

Marcuse, Herbert. O Fim da Utopia. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.

Marcuse, Herbert. Eros e Civilização.

Mir, Luis. A Revolução Impossível. Editora Best-Seller, 1994.

Nogueira, Marco Aurélio et al. O PCB em São Paulo: documentos (1974-1981). Editora Lech, 1981.

Oliveira, Francisco et al. Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão. São Paulo: Boitempo, 2010.

Palmeira, Vladimir & Dirceu, José. Abaixo a ditadura

Paola, Heitor de. O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial. 2015.

Paraná, Denise. A história de Lula: O filho do Brasil

Petry, Jacob. Poder & Manipulação: Como entender o mundo em vinte lições extraídas de "O Príncipe.

Priest, David. The Red Flag: A History of Communism.

Riley, Jason L. Please Stop Helping Us: How Liberals Make It Harder for Blacks to Succeed. 2016.

Roccucci, Adriano. Stalin e o Patriarca: a Igreja Ortodoxa e o Poder Soviético. 2011.

Rossiter, Lyle H. A Mente Esquerdista – As Causas Psicológicas da Loucura Política.

Roszack, Theodore. A Contracultura. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

Rummel R. J. Death by Government: Genocide and Mass Murder Since 1900.

Sanchez, Juan Reinaldo. A vida secreta de Fidel: As revelações de seu guarda-costas pessoal.

Sevillia, Jean. O Terrorismo intelectual – De 1945 Aos Nossos Dias.

Skousen, W. Cleon. The Naked Communist.

Sowell, Thomas. Os Intelectuais e a Sociedade.

Tismaneanu, Vladimir. O Diabo na História – Comunismo, Fascismo e Algumas Lições do Século XX.

Tismăneanu, Vladimir. Do Comunismo. O Destino de Uma Religião Política. 2015.

Tognolli, Claudio & Christiano, Marcio Sergio. Laços de Sangue - A História Secreta do PCC. Matrix Editora.

Trotsky, Leon. Moral e Revolução.

Tuma Jr., Romeu & Tognoli, Claudio. Assassinato de Reputações – um Crime de Estado. Editora Topbooks.

Ventura, Zuenir. 1968, o ano que não acabou Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988

Vivés, Juan. El Magnífico — 20 Ans au Service Secret de Castro. Paris/França: Éditions Hugo et Compagnie, 2005.

Von Mises, Ludwig. O cálculo econômico sob o socialismo. Tradução de Leandro Augusto Gomes Roque. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2012.

Yakovlev, Alexander. A century of violence in Soviet Russia.

[1] Coríntios 11:14.

[2] O termo correto seria intelectualoides..

[3] Disponível em: <<http://www.ceip.org.ar/Los-problemas-de-la-guerra-civil>>. Acesso em: 19 maio 2017.

[4] *Tzar* é o termo russo equivalente para César, do Império Romano, significando *rei* ou *imperador*, como os Césares romanos. É o mesmo que o termo *Kaiser*, usado na Alemanha.

[5] O termo *Rússia tzarista* refere-se ao período em que aquele país foi governado pelos Tzares.

[6] GOMES, Américo apud CARR, E. H. *História da Revolução Soviética: a Revolução Bolchevique*. v. 1. Editora Afrontamento, p. 193. Disponível em: <<https://litci.org/pt/especiais/violencia-revolucionaria/o-terror-vermelho/>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

[7] De acordo com GOMES, Américo apud LENIN. *As Lições da Insurreição de Moscou*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1906/08/29.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

[8] Sigla, em russo, para “Administração Central dos Acampamentos”

[9] Antes já havia ocorrido a criação da Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores em Londres, em 28 de setembro de 1864 (mais tarde conhecida como Primeira Internacional), que elegeu um comitê provisório, que contava com Karl Marx entre os seus membros. A Segunda Internacional (Internacional Operária e Socialista) foi criada em 1889, congregando partidos social-democratas e trabalhistas, e terminou em 1914, quando alguns membros apoiaram seus governos na Primeira Guerra Mundial, o que foi considerado uma falta gravíssima e antirrevolucionária pelos comunistas ortodoxos.

[10] Disponível em: <<https://jopiresobrien4.wordpress.com/2017/06/05/outubro-de-2017-centenario-da-revolucao-bolchevique/>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

[11] Segundo as estimativas dos autores de *O Livro Negro do Comunismo*, as ações dos comunistas teriam causado a morte de cerca de 85 milhões de pessoas: a maioria na China (60 milhões de vítimas); na ex-URSS (20 milhões). Na América Latina, os mortos teriam sido 150 mil, entre Cuba, Nicarágua e Peru. O nazismo seria responsável por um menor número de vítimas, representado por 25 milhões de mortos, neles incluídos os 6 milhões de judeus.

[12] No final da década de 1950 e início dos anos 1960, o povo chinês sofreu o que pode ter sido a pior crise alimentícia da história. Calcula-se que mais de 30 milhões de chineses morreram de fome, não em razão da escassez de grãos provocada por inundações, secas ou infestações, mas pelas ordens insanas e irresponsáveis do então presidente Mao Tsé-Tung (Mao Ze-dong).

[13] Para maiores informações sobre genocídio, ver *Death by Government: Genocide and Mass Murder Since 1900*, de R. J. Rummel, em que o autor analisa o genocídio na China, Alemanha nazista, Japão, Camboja, Turquia, Jugoslávia, Polônia, União Soviética e Paquistão.

[14] Para maiores detalhes sobre o terror da Revolução Chinesa, ver: "China: uma longa marcha na noite", por Jean-Louis Margolin, em *O Livro Negro do Comunismo*, por Stéphane Courtois et al.

[15] Marx e Engels. *História da Revolução Soviética: a Revolução Bolchevique*. v. 1. Editora Afrontamento, p. 179.

[16] Algumas fontes russas afirmam que o número de vítimas das atrocidades bolcheviques no período de 1918-1919 foi de aproximadamente 1.700.000.

[17] Para maiores informações sobre o terror soviético, recomendam-se os seguintes livros: *The Great Terror: A Reassessment*, de Robert Conquest; *Utopia in Power: The History of The Soviet Union from 1917 to the Present*, de Mikhail Heller e Aleksandr Nekrich.

[18] Lenin era contumaz em procurar ocultar suas decisões mais espúrias, por isso recomendou aos membros do Politburo que não fizessem cópias do documento por nenhum motivo.

[19] SERGE, V. *O Ano I da Revolução Russa*. Editora Boitempo.

[20] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fYLSidwXWA>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

[21] Disponível em: <https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=193:dimitrov-e-a-dissolucao-da-iii-internacional&catid=8:biblioteca-comunista>. Acesso em: 5 jan. 2018.

[22] *A Contraespionagem Brasileira na Guerra Fria* (Editora Thesaurus, 2009).

[23] Em *O Zero e o Infinito*, Arthur Koestler faz um relato ficcional baseado em dados reais sobre um líder bolchevista que foi preso pelo regime de Stalin e que, torturado pelo NKVD, confessou ter praticado acusações fantásticas e inexistentes. Alguns sugerem que o romance foi inspirado na vida de Nikolai Ivanovich Bukharin, um revolucionário e intelectual bolchevique que foi amigo próximo de Lenin e que foi perseguido e assassinado por Stalin. Segundo alguns críticos literários, as denúncias de Koestler sobre as purgas soviéticas na década de 1930 serviram para que ele se afastasse do comunismo, desiludido com os crimes de Stalin.

[24] Disponível em: <https://www.terra.com.br/istoegente/07/reportagens/rep_zidirceu.htm>. Acessado em 4 de setembro de 2018.

[25] Maiores detalhem em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/leiam-escandalizem-se-esse-cara-e-um-anistiado-e-um-indenizado-que-mentira-a-comissao-da-verdade-dira-a-respeito/>>. Acesso em: 7 jan. 2018.

[26] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xiSAV1eE3EA>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

[27] Estima-se que Che promulgou mais de 400 sentenças de morte apenas nos primeiros meses em que comandava a prisão de La Cabaña. Outras fontes asseguram que Che pessoalmente ordenou 700

execuções por fuzilamento durante esse período. O jornalista cubano Luis Ortega, que conheceu Che ainda em 1954, assegurava que o número real de pessoas que Guevara mandou fuzilar foi de 1.892.

[28] O Projeto “Cuba Archive”, coordenado por uma ONG de cubanos-americanos e que apresenta dados bem documentados, atribui ao regime de Fidel Castro um total aproximado de 7.326 mortos e desaparecidos nas prisões cubanas, a maioria (quase 6.000) fuzilada ou assassinada extrajudicialmente. Já em *O Livro Negro do Comunismo*, esse número sobe para 17 mil fuzilamentos ao longo dos anos da ditadura de Castro. Embora esses números sejam aparentemente baixos se comparados com a China e a URSS, estudos mostram que a ditadura cubana foi o regime mais sanguinário se levarmos em consideração o total da população, quando comparado com outras ditaduras da América Latina.

[29] Disponível em: <<http://noblat.oglobo.globo.com/geral/noticia/2017/05/adeus-lula-09-05-2017.html>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

[30] Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/11/1544569-na-polonia-conseguimos-nocautear-o-urso-russo-afirma-lech-walesa.shtml>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

[31] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MKhSKE3FkDA>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

[32] Disponível em: <<https://umhistoriador.wordpress.com/tag/lula/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

[33] Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/lula-diz-que-socialismo-beneficiou-mais-paises-capitalistas-do-que-os-socialistas-2920187>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

[34] Disponível em: <<https://youtu.be/fOPCbUcPscg>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

[35] O escândalo dos atos secretos baseou-se em uma série de denúncias sobre a não publicação de atos administrativos, tais como de nepotismo e medidas impopulares; por exemplo, a extensão da assistência odontológica e psicológica vitalícia a cônjuges de ex-parlamentares. Isso violava a Lei 8.429, de 1992, que trata da improbidade no serviço público, classificando como contrária aos princípios da administração pública “qualquer ação ou omissão que viole os deveres de honestidade, imparcialidade, legalidade e lealdade às instituições”, entre eles o de “negar publicidade aos atos oficiais”.

[36] Disponível em: <<http://www.psicologiamsn.com/2015/01/os-3-tipos-de-atos-falhos-na-psicanalise-de-freud.html>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

[37] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NNDC1fTHIA>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

[38] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=22zWep8cBh4>>. Acesso em: 13 set. 2017.

[39] Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimentodopovobrasileiro/videos/941767699308338/>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

[40] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gICSWXGs0d4>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

[41] O aparelhamento existe quando um grupo político procura impor a sua ideologia sobre os outros poderes, comprometendo o cumprimento de seus papéis constitucionais, que ficam subordinados às agendas partidárias e ideológicas do partido que está no poder. Assim, aparelhar o Estado significa colocar um “companheiro” de partido ou ideologia em cargos públicos importantes e com a tarefa de trabalhar apenas para atender aos interesses do partido, seja isso roubar, corromper, ou simplesmente falsear ou modificar informações públicas.

[42] Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaio/o-silencio-de-lula-13873026>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

[43] Segundo a Associação Americana de Psiquiatria, Transtorno de Personalidade Histriônica (TPH) é definido como um transtorno de personalidade caracterizado por um padrão de emocionalidade excessiva e necessidade de chamar atenção para si mesmo, incluindo a procura de aprovação e comportamento inapropriadamente sedutor, normalmente a partir do início da idade adulta. Tais indivíduos são vívidos, dramáticos, animados, flertadores e alternam seus estados entre entusiásticos e pessimistas. Entre as principais características relacionadas, estão egocentrismo, desorganização egoica, autoindulgência, anseio contínuo por admiração e comportamento persistente e manipulativo para suprir suas próprias necessidades.

[44] Ver: *Putin – Um Espião no Poder, A Contraespionagem Brasileira na Guerra Fria, O Escândalo da Espionagem no Brasil e O Apocalipse do Estado Islâmico.*

[45] <https://www.youtube.com/watch?v=CAa9zGxFXWo>

Disponível em: <>. Acesso em: 21 dez. 2017.

[46] Disponível em: <<http://internacionalpress.wordpress.com/2011/01/09/o-lula-secreto/>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

[47] Referência a José Anselmo dos Santos, o “Cabo Anselmo”, o mais conhecido agente duplo durante o regime militar. Um discurso dele durante uma festa de aniversário da associação dos marinheiros irritou a cúpula das Forças Armadas e se tornou um dos motivos para a revolução militar de 1964.

[48] Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10695/10695_5.PDF>, p. 63. Acesso em: 22 dez. 2017.

[49] Publicado no blog *Pelo Anti-imperialismo*, disponível em: <https://peloantimperialismo.wordpress.com/category/documentos-pcb/>. Acesso em: 24 dez. 2017.

[50] Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (Doi-Codi), uma organização de segurança e atividades especiais do Exército brasileiro durante o regime militar.

[51] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D1896PjJMUI>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

[52] *Mensalão* é o nome dado ao escândalo de corrupção política mediante compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional do Brasil, que ocorreu entre 2005 e 2006.

[53] Rezidentura, ou Residência, era o nome que se dava ao setor de uma embaixada soviética no exterior reservada aos Serviços de Inteligência, a que outros funcionários não tinham acesso.

[54] Denis Lerrer Rosenfield, 50, doutor pela Universidade de Paris 1, é professor titular de filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e editor da revista "Filosofia Política". É autor, entre outros livros, de "Política e Liberdade em Hegel" (Ática, 1995).

[55] Companhia das Letras, 1999.

[56] Disponível em: <https://d37iydjzbdkvr9.cloudfront.net/arquivos/2017/09/26/nota_palocci.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2018.

[57] Circula no Youtube um vídeo de 2008, intitulado “Hugo Chávez confessa: Lula e Farc juntos no Foro de 1995”, no qual Hugo Chávez confessa ter conhecido o ex-presidente Lula e um dos comandantes das Farc, Raúl Reyes, na reunião do Foro de São Paulo de 1995, em San Salvador, capital de El Salvador, na América Central.

[58] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BRW-fdcaMfM>. Acesso em: 11 jan. 2018.

[59] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qMqH3DRDjCs>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

[60] Disponível em: <<http://www.puggina.org/artigo/outrosAutores/bloqueando-um-novo-eixo-do-mal/3465>>. Acesso em: 9 jan. 2018.

[61] Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Proposta em 11 de dezembro de 1994 para eliminar ou reduzir as barreiras tarifárias entre todos os países das Américas, com exceção de Cuba.

[62] Em seu livro *O Código da Inteligência*, Augusto Cury explica que “O coitadismo é a arte de ter pena de si mesmo. O coitadismo é o conformismo potencializado, capaz de aprisionar o Eu para que ele não utilize ferramentas para transformar sua história. Vai além do convencimento de que não é capaz, entra na esfera da propaganda do sentimento de incapacidade. Não tem vergonha de dizer: ‘Sou desafortunado!’, ‘Sou um derrotado!’, ‘Nada que faço dá certo!’, ‘Não tenho solução!’, ‘Ninguém gosta de mim!’”

[63] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F_m6enbY6FU>. Acesso em: 12 jan. 2018.

[64] Para melhor compreensão do Plano, é interessante assistir a uma entrevista de Ives Gandra contida em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-Qu52lnMWzw&pbjreload=10>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

[65] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GMyAYgY4ot8>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

[66] A Rede Bandeirantes de televisão produziu uma série de reportagens sobre a situação do país intitulado “Venezuela no fundo do poço”, em que aborda a triste situação para a qual o socialismo do século XXI de Chávez empurrou a população do país. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hZRxkZxaHCI>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

[67] Veja reportagem completa em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,o-elo-entre-maduro-odebrecht-e-bndes,70002241112>>.

[68] O texto completo está disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-licao-de-Umberto-Eco-contra-o-fascismo-eterno/4/15330>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

[69] De acordo com estudo conduzido pelo IPM (Instituto Paulo Montenegro) e pela ONG Ação Educativa. No conjunto, foram entrevistadas 2.002 pessoas entre 15 e 64 anos de idade, residentes em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país. Outras estatísticas elevam esse número para aproximadamente 14 milhões de analfabetos absolutos e um pouco mais de 35 milhões de analfabetos funcionais.

[70] O PT não nasceu apenas pelas mãos das organizações trotskistas, nem mesmo pelas mãos exclusivas de organizações comunistas (não trotskistas), mas a experiência de fragmentação da esquerda brasileira foi um ingrediente importante para a formação inicial de uma espécie de federação de coletivos de esquerda no interior de um amplo guarda-chuva legalizado. Fonte: Rudá Ricci. Recomendo a leitura do artigo “As Origens das tendências no PT”, disponível em: <<http://www.rudaricci.com.br/origens-das-tendencias-pt/>>.

[71] Umberto Eco explica que essa imagem incoerente que descreveu não era em razão da tolerância: era um exemplo de desconjuntamento político e ideológico. Mas era um “desconjuntamento ordenado”, uma confusão estruturada. O fascismo não tinha bases filosóficas, mas, do ponto de vista emocional, era firmemente articulado a alguns arquétipos, algo que se assemelha muito ao balaio de gatos ordenado do PT.

[72] Considerados como a base da civilização ocidental, os valores judaico-cristãos significam os valores fundamentais da sociedade ocidental e que têm como base o judaísmo e o cristianismo. O conjunto mais famoso de valores “judaicos” são os dez mandamentos, enquanto no cristianismo despontam os ensinamentos de Jesus, principalmente aqueles contidos no Sermão da Montanha. Em termos políticos eles se apresentam como uma oposição intransigente ao aborto, na maioria das circunstâncias, certa hostilidade ao matrimônio homossexual especificamente e

a outras formas de direitos civis e humanos para gays e lésbicas e a o desejo de que o criacionismo deve ser ensinado nas escolas ao lado do evolucionismo.

[\[73\]](#) Antes do surgimento da cultura de massas e da linguagem utilizada no cinema, rádio e TV, existia a cultura popular, comum às populações, e a cultura erudita das classes burguesas. A cultura nacional definia a identidade de um povo, enquanto a cultura clássica era composta pelos valores estéticos e morais que vigoravam em uma determinada população. A cultura de massas, pelo seu imenso poder, já que estava ligada ao poder econômico do capital industrial e financeiro, acabou por engolir todas as outras culturas.

[74] A obra de Marcuse, conhecida como “contracultura”, legitima a rebelião como um meio de canalizar as insatisfações contra a formação social capitalista. Suas obras principais são: *Eros e Civilização* (1955), *A ideologia da sociedade industrial* (1964), *Contrarrevolução e revolta* (1972), *A dimensão estética* (1977) e *O fim da utopia* (1980).

[75] Existe muita coisa que se poderia comentar em relação à Escola de Frankfurt, que tanta influência causou à nossa sociedade. Para uma compreensão mais ampla, recomendam-se as obras de seus principais integrantes e fundadores principalmente: Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Erich Fromm.

[76] Para melhor compreensão do pensamento de Gramsci, recomenda-se a leitura de duas obras indispensáveis: *A Nova Era e a Revolução Cultural*, de Olavo de Carvalho, e *A Revolução Gramscista no Ocidente*, de Sérgio Coutinho.

[77] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ab9BRvlassg>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

[78] Disponível em: <<http://midiasemmascara.org/arquivos/goethe-e-a-filosofia-do-mal/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

[79] Para maiores informações sobre esse tema, recomendo os livros *Decifrando as profecias de Daniel – o Juízo Final* e “*Decifrando as Profecias de João – a Batalha Final do Armagedon*”, editados pela Thesaurus Editora, em que abordo com mais profundidade esse tema.

[80] Apocalipse: 12, Bíblia King James, atualizada on-line.

[81] Ao longo de sua vida, Sigmund Freud esforçou-se para compreender a religião e a espiritualidade, acabando por escrever os seguintes livros que tratam desse assunto: *O Futuro de uma Ilusão*, *Totem e Tabu*, *Civilização e seus descontentes*, e *Moisés e o monoteísmo*.